

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**UM “OÁSIS” CHAMADO CARIRI: INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI,
NATUREZA, PAISAGEM E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO SUL
CEARENSE (1950-1970)**

JANE D. S. E SILVA

PORTO ALEGRE

2019

JANE D. S. E SILVA

UM “OÁSIS” CHAMADO CARIRI: INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI,
NATUREZA, PAISAGEM E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO SUL CEARENSE
(1950-1970)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como parte dos requisitos para obtenção do
título de Doutora em História.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila.

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

SILVA, JANE

Um "oásis" chamado Cariri: Instituto Cultural do Cariri, natureza, paisagem e construção identitária do sul cearense (1950-1970) / JANE SILVA. -- 2019.
267 f.

Orientador: Arthur Avila.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Instituto Cultural do Cariri. 2. Cariri cearense. 3. Natureza. 4. Paisagem. 5. Identidade. I. Avila, Arthur, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JANE D. S. E SILVA

UM “OÁSIS” CHAMADO CARIRI: INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI,
NATUREZA, PAISAGEM E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO SUL CEARENSE
(1950-1970)

Tese apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Doutora em História
pelo Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 13/06/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (Orientador)
Programa de Pós-graduação em História/UFRGS

Prof. Dr. Eurípedes Funes
Programa de Pós-graduação em História/UFC

Profa. Dra. Mariana Flores da Cunha Thompson Flores
Programa de Pós-graduação em História/UFSM

Profa. Dra. Mara Rodrigues
Programa de Pós-graduação em História/UFRGS

Prof. Dr. Temístocles Cezar
Programa de Pós-graduação em História/UFRGS

AGRADECIMENTOS

À Universidade Regional do Cariri e ao Departamento de História desta instituição, por terem assegurado minha liberação.

À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa por quatro anos.

Ao Arthur Ávila, pela paciência, confiança e liberdade a mim concedidas, ao longo da escrita deste trabalho.

Aos professores Temístocles César e Mara Rodrigues, que participaram de minha banca de qualificação e me fizeram repensar alguns dos pontos iniciais desta pesquisa.

À minha família, do seio de onde me ausentei tantas e tantas vezes, pela compreensão e apoio nessa longa, cansativa e solitária jornada.

Ao Itamar Freitas, pela compreensão em meus muitos momentos de angústia e recolhimento.

Ao Ítalo Bezerra, Rafael Dias e Maria Soares da Cunha, pela generosidade em me indicarem leituras e doarem algumas de suas fontes.

À Tânia Peixoto, funcionária do Departamento Histórico Diocesano Pe. Antônio Gomes de Araújo, pela gentileza e disposição em me ajudar na consulta ao acervo desta instituição de pesquisa.

As boas amizades que fiz em Porto Alegre: Maíne Lopes, Luciana Coelho, Carolina León e Carlos Moreno, colegas de disciplinas com quem tive o prazer de também partilhar agradáveis momentos de lazer. À Carmem Gil e Maria Amélia, agradeço a boa acolhida em Porto Alegre e os encontros sempre alegres. Saudades!

Aos amigos Sônia Meneses, Egberto Melo, Josinete Lopes e Adriana Cacao, sempre preocupados comigo e dispostos a ajudar no que fosse possível, agradeço as palavras de conforto e os momentos de descontração.

As instituições Biblioteca Pública Menezes Pimentel, Instituto Cultural do Cariri, Centro de Documentação do Cariri-URCA e Departamento Histórico Diocesano Pe. Antônio Gomes de Araújo, pelo atendimento às minhas solicitações de pesquisa.

Boa terra é o Cariri

É terra de agricultura
Tudo que se planta, cria
Jerimum, melão, melancia
Muita laranja madura
E em cima dessa fartura
Mora na serra o pequi
Tem mangaba e cajuí
Corre a água na levada
Grande nascença no Caldas
Boa terra é o Cariri

É terra que coadjuva
Quem ao trabalho se entrega
Planta-se em água de rega
Nasce legume sem chuva
Muitos têm botado luva
Por saber dirigir
Por isso vem para aqui
Cego, aleijado e doente
Bebe-se muita aguardente
Boa terra é o Cariri

É terra da promessa
Terra de muita virtude
Mesmo sem fresco de açude
Planta-se cana em leirão
Há muito homem de ação
Que sabe bem reagir
Dentro até o Piauí
Só vejo o povo dizer:
Boa terra é o Cariri

José de Matos
Poeta popular do século XIX

RESUMO

Em 1953 foi fundado o Instituto Cultural do Cariri (ICC), sociedade civil voltada para o estudo das letras, artes, ciências, geografia política e história do Cariri. Em pouco tempo, a agremiação se tornou espaço importante no fomento de discussões e ações com o objetivo de promover o desenvolvimento regional. A partir de um conjunto de ações que colocavam a região numa relação tanto de identificação quanto de distinção em relação ao restante do Ceará, seus sócios, representantes da elite caririense, especialmente de Crato, também tornaram-no lugar privilegiado na invenção de uma identidade para a região. Esta tese discute a inserção da natureza nos projetos e representações da regionalidade dos fundadores e sócios do Instituto Cultural do Cariri, examinando suas formas de “culturalização” enquanto paisagem na construção de uma representação paisagística identitária para o Cariri cearense, entre os anos 1950 e 1970. Trata de explorar as ações, atributos e valorações formulados a partir de aspectos de sua realidade ambiental como diferenciadora do espaço caririense e constituidora de uma identidade regional.

Palavras-chave: Instituto Cultural do Cariri, Cariri cearense, Natureza, Paisagem, Identidade.

ABSTRACT

In 1953 the Cariri Cultural Institute (ICC) was founded in Crato, a civil society dedicated to the study of letters, arts, sciences, political geography and the history of Cariri. In a short time, the association became an important space in the foment of discussions and actions with the objective of promoting the regional development. Based on a set of actions that placed the region in a relationship of both identification and distinction in relation to the rest of Ceará, its partners, coming especially from the elite cratense, also made it a privileged place in the (re-) invention of an identity for the region. This thesis discusses the insertion of nature in the projects and representations of the regionality of the founders and members of the Instituto Cultural do Cariri, examining their forms of "culturalization" as landscape in the (re) invention of an identity landscape representation for Cariri, from the 1950s and 1970. It tries to explore the actions, attributes and valuations formulated from aspects of its environmental reality as a differentiator of the Caririense space and constituent of a regional identity.

Keywords: Instituto Cultural do Cariri, Cariri Cearense, Nature, landscape, Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Armas do município do Crato.....	40
Figura 02: Região do Cariri de acordo com a primeira formulação dos Estatutos do ICC (1953).....	83
Figura 03: Região do Cariri segundo Irineu Pinheiro.....	89
Figura 04: Divisão Política Administrativa do Ceará e Cariri, em 1872.....	127
Figura 05: Brejo das vizinhanças do Crato.....	180
Figura 06: Casa-Grande e engenho Tupinambá.....	180
Figura 07: Tropa de burros carregada de cana-de-açúcar.....	181
Figura 08: Levada d'água a correr entre bananeiras e pés de babaçu.....	181
Figura 09: Macaubeiras de Crato.....	182
Figura 10: Aspectos dos pés de serra do Araripe, em Crato.....	182

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI: ENTRE PASSADO UTÓPICO E DESEJOS DE MODERNIDADE	28
1.1 - Emergência do Instituto Cultural do Cariri.....	29
1.2 - Disputas intraregionais por hegemonia.....	42
1.3 - Instituto Cultural do Cariri: “verdadeiro departamento de cultura e propaganda do Crato e de toda região sul cearense.....	49
1.4 - “Crato é a terra natal de todo caririense porque aqui o Cariri nasceu para o Brasil”: centralidade da intelectualidade cratense na produção e fixação de representações identitárias para o Cariri.....	69
CAPÍTULO 2 - “O QUE É O CARIRI PROPRIAMENTE DITO?”. DISTINÇÃO GEOGRÁFICA-PAISAGÍSTICA DO SUL CEARENSE	81
2.1 – (In)definições fronteiriças.....	82
2.2 – Re(a)presentando o Cariri geograficamente.....	94
2.2.1 - As tópicas de uma paisagem.....	94
2.2.2 - Inventando uma tradição paisagística.....	113
CAPÍTULO 3: “O CARIRI, UM PRESENTE DO ARARIPE”. NATUREZA E PAISAGEM, TEMPO E ESPAÇO EM NARRATIVAS DA REGIÃO	130
3.1 – Os combates pela História do Cariri.....	130
3.2 – “As raízes geográficas do homem são alimentadas, vitalmente, por sua história”.....	140
3.3 – “O Cariri é lindo e rico, não pode ser sertão”.....	143
3.4 – “O engenho não é só de seu proprietário. Tem alguma coisa que pertence a todos nós”.....	168

CAPÍTULO 4: CARIRI CEARENSE: PAISAGEM EDÊNICA E POTENCIALIDADE ECONÔMICA DA NATUREZA.....	186
4.1 – “Dizer que sóis donos do oásis do Ceará é dizer pouco: sóis donos do paraíso”.....	187
4.2 – “A terra não nega recursos ao homem que a trata com carinho e com trabalho”: potencialidades econômicas do sul cearense.....	209
CONCLUSÃO.....	234
FONTES.....	240
BIBLIOGRAFIA.....	245
ANEXOS.....	262

INTRODUÇÃO

O Cariri cearense, denominação que designa o sul do Ceará.¹ deve seu batismo aos índios *Kariris* que o habitavam antes de sua colonização. Por ser território fronteiriço, com limites que se estendem por Pernambuco, Paraíba e Piauí, sua formação econômica, histórica e cultural deve muito aos fluxos migratórios que datam do século XVIII, quando se iniciou sua colonização. Dentre os municípios que atualmente compõem seu espaço regional, Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha constituem seus principais núcleos urbanos formando, junto com outros seis municípios limítrofes, a recente criada Região Metropolitana do Cariri.²

A interação de condições geográficas, econômicas, políticas, ambientais e socioculturais tornaram a região, ao longo das duas últimas centúrias, a segunda maior em termos de importância política e econômica para o estado, além de dotá-la de algumas características particulares em comparação às outras regiões cearenses. Sua posição geográfica em relação às capitais nordestinas, por exemplo, é um fator enaltecido em textos de história, economia regional, geografia, jornalísticos e até

¹ No Nordeste brasileiro há duas regiões designadas por Cariri, a do sul cearense e a que fica ao centro do estado paraibano. Durante algum tempo foi, comum a referência à região da Paraíba como “Cariris Velhos” e a do Ceará “Cariris Novos” como forma de diferenciar seus processos de ocupação, já que o Cariri cearense foi conhecido e colonizado após o paraibano.

² A RMC foi criada pela Lei Complementar Estadual nº 78 sancionada em 2009. Os municípios que formam a mesorregião geográfica sul cearense, conforme divisão operada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) são: Abaiara, Altaneira, Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Grangeiro, Jati, Jardim, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi, Salitre e Santana do Cariri. Cf: <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/pdf/1.1.4_Reg_Federal_Messorregioes_Microrregioes_Desdobramento.pdf>. Acesso em: 10/09/2014. A regionalização adotada pela Secretaria do Planejamento e Gestão (SEPLAG) do governo estadual, por sua vez, considera as cidades de Lavras da Mangabeira, Várzea Alegre, Antonina do Norte e Tarrafas, que na divisão do IBGE compõem a mesorregião centro-sul, como pertencentes ao Cariri. Cf: <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/images2x/Regioes_Planejamento.jpg>. Acesso em 10/09/2014. Para ambas as instituições, internamente a região está subdividida nas microrregiões Chapada do Araripe, Caririaçu, Barro, Cariri (comumente chamada por Vale do Cariri) e Brejo Santo. Observa-se, porém, que essas distribuições territoriais não são fixas, pois regionalizações diferenciadas são utilizadas por algumas secretarias do próprio governo do Ceará e outras instituições. Em algumas agências, como o BNB e o Programa de Sustentabilidade dos Espaços Sub-regionais (PROMESO), o Cariri ganha, inclusive, uma dimensão supra-estadual, englobando municípios de Pernambuco, Paraíba e Piauí. Cf: CUNHA, Maria Soares da. *Pontos de (re)visão e explorações historiográficas da abordagem regional: exercício a partir do Cariri cearense (séculos XIX e XX)*. Fortaleza: UFC, Tese de Doutorado em Geografia, 2012, p.202-204; DIAS, Audísio Santos. *Região caririense: turismo religioso e manifestações culturais na festa do pau sagrado de Santo Antônio de Barbalha*. Fortaleza: UECE, Dissertação de Mestrado em Geografia, 2012.

propagandísticos, pois teria contribuído para que o Cariri se tornasse um importante polo comercial. Característica que lhe gerou o título de “Coração do Nordeste”.³

A existência da Chapada do Araripe, responsável em grande medida pelo crescimento demográfico e econômico do Cariri, no passado, é outro aspecto que constitui um de seus grandes diferenciais. Cravada nas divisas com os estados de Pernambuco e Piauí, possui superfície tabuliforme e aproximadamente 180 Km de comprimento, no seu eixo leste/oeste, e variação de 30 a 70 Km de largura, no seu eixo norte/sul. Em suas porções mais elevadas, seus níveis de altitude alcançam de 850 a 1000 metros, tendo seu topo uma área de 7.500 Km².⁴ De acordo com Silva Neto, “ela constitui um divisor de águas das bacias dos rios São Francisco, Jaguaribe e Parnaíba”.⁵ De suas encostas brotam várias nascentes que irrigam o sopé da Chapada e seus brejos. Caracterizada por clima tropical úmido, proporciona temperaturas relativamente amenas durante boa parte do ano, se comparadas ao entorno semiárido. Esse fator se reflete também em sua formação vegetal, que abriga os biomas Caatinga, Mata Úmida, Cerrado e Carrasco.

A correlação dessas condições ambientais atraiu os primeiros colonizadores para o sul cearense e levou de imigrantes que procuravam sobreviver às constantes secas que castigaram o Ceará e territórios vizinhos nos séculos XVIII, XIX e XX. Sua ocupação e exploração ao longo dessas centúrias resultaram, no entanto, em sérios danos ao seu ecossistema provocando a adoção, primordialmente de instituições públicas e do poder governamental, de medidas de preservação e proteção ao que hoje é considerado como

³ Se tomarmos por referência as principais cidades da região, Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, a distância média em relação às capitais nordestinas é de aproximadamente 700 Km. Para exemplificar, segue a distância da cidade de Juazeiro do Norte para Aracaju: 702 Km; Fortaleza: 528 Km; João Pessoa: 631 Km; Maceió: 757 Km; Natal: 648 Km; Recife: 658 Km; Salvador: 866 Km; São Luiz: 1.029 Km; Teresina: 593 Km. Cf: Banco do Nordeste. *Documento referencial do polo de desenvolvimento integrado Cariri cearense*. Fortaleza: BNB, 2001, p.18.

⁴ LIMAVERDE, Rosiane. Os registros rupestres da Chapada do Araripe, Ceará, Brasil. In: *I Congresso Internacional da SAB e III Encontro do IPHAN e Arqueólogos*, 2007. Disponível em <<http://www.fundacaocasagrande.org.br/pdf/artigo.pdf>>. Acesso em: 15/02/2012. MAGALHÃES, Aleksandra de Oliveira. *Análise ambiental do alto curso da microbacia do Rio da Batateira no município do Crato/Ce: subsídios ao zoneamento ecológico-econômico*. Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado em Geografia, 2006, p.21. A área total da Chapada do Araripe abrange, em sua parte cimeira, onze municípios cearenses (Abaiara, Araripe, Barbalha, Brejo Santo, Crato, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda, Porteirais, Salitre e Santana do Cariri), sete pernambucanos (Araripina, Bodocó, Exú, Ipubi, Moreilândia, Serrita e Trindade) e quatro piauienses (Caldeirão Grande do Piauí, Curral Novo do Piauí, Francisco Macedo e Simões). Cf: SILVA NETO, Basílio. *Perda da vegetação natural na Chapada do Araripe (1975-2007) no estado do Ceará*. São Paulo: UNESP, Tese de Doutorado em Geografia, 2013, p.69.

⁵ SILVA NETO, Basílio. *Idem*, p.56.

patrimônio natural e cultural do Cariri e da humanidade. A criação da Floresta Nacional do Araripe (1946) e do Geopark Araripe (2006) exemplificam esses esforços.⁶

Estas particularidades climáticas, de vegetação e hídricas possibilitadas pela Chapada do Araripe à região influenciaram, significativamente, suas feições econômicas, políticas, sociais, culturais e práticas de regionalização ao longo dos três últimos séculos. Nesse aspecto, ela foi (e continua sendo) importante vetor de representações identitárias para o sul do Ceará. Sua “culturalização”⁷ enquanto paisagem a partir de percepções estéticas e utilitaristas, de fatores intelectuais, emotivos e da experiência de seus habitantes durante esse período alimentaram processos de produção de sentido e promoveram diversas formas de simbolização do Cariri cearense. Considero dois os momentos chaves nessa trajetória: a segunda metade do século XIX e as décadas de 1950 a 1970, pois foram marcados por ações amplas e sistematizadas de suas elites⁸, embora nem sempre consensuais, que procuraram garantir visibilidade, desenvolvimento econômico, poder e projeção política e cultural aos “Cariris Novos”. Em ambas as temporalidades, a cidade do Crato foi a principal protagonista desse projeto, tornando-se, assim, importante sede promotora e irradiadora de discursos e ações que conformaram uma determinada identidade para o Cariri e os caririenses.

⁶ A Floresta Nacional do Araripe (FLONA) foi instituída pelo governo federal, em 02.05.1946 (Decreto-Lei nº 9.226). Sua área corresponde a 39.262,326ha e abrange as cidades de Missão Velha, Barbalha, Jardim, Crato e Santana do Cariri. O mesmo decreto criou a Área de Proteção Ambiental (APA) da Chapada do Araripe, com 1.063.000ha distribuídos em 38 municípios dos estados do Ceará, Pernambuco e Piauí. O Geopark Araripe, primeiro a ser criado no continente americano, está inserido na Rede Global de Geoparques (Global Geoparks Network – GGN) - sob assistência da UNESCO - e cobre uma área de 3.796 Km², no estado do Ceará. Seu projeto foi desenvolvido pela Universidade Regional do Cariri (URCA) em colaboração com o Museu de Paleontologia de Santana do Cariri e apoio da Universidade de Hamburgo. Sua institucionalização deveu-se, especialmente, à grande riqueza geológica e paleontológica da Chapada do Araripe, que possui uma das maiores reservas fossilíferas do período Cretáceo do planeta. Cf: *Geopark Araripe: história da terra, do meio ambiente e da cultura*. Governo do Estado do Ceará; Secretaria das Cidades; Projeto Cidades do Ceará Cariri Central; Universidade Regional do Cariri, 2012; VIANA, José Ítalo Bezerra. Natureza, identidade, cultura e turismo: questões e tensões constitutivas do patrimônio cultural e natural no Geopark Araripe. In: *Anais do II Seminário Nacional de História e Contemporaneidades*, Crato, 2015, p.626-641.

⁷ O uso desse termo expressa o entendimento de paisagem enquanto representação da natureza, portanto, como componente da cultura, ou seja, como produto de delimitações e ressignificações projetados sobre elementos naturais a partir de estruturas perceptivas. Cf: CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007; MENESES, Ulpiano T. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002, p.29-64; SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁸ Neste trabalho, o termo “elite”, seguindo as considerações de Flávio Heinz, é utilizado em seu sentido amplo e descritivo, ou seja, relaciona-se a “grupos de indivíduos que ocupam posições-chave em uma sociedade e que dispõem de poderes, de influência e de privilégios inacessíveis ao conjunto de seus membros [...]” Se referindo, dessa forma, a uma “minoridade que dispõe, em uma sociedade determinada, em um dado momento, de privilégios decorrentes de qualidades naturais valorizadas socialmente (por exemplo, a raça, o sangue etc.) ou de qualidades adquiridas (cultura, mérito, aptidões etc.)”. HEINZ, Flávio M. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: _____ (Org.). *Por uma história das elites. Ensaios de prosopografia e política*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.7-15.

No que se refere ao século XIX, a atuação das elites política, econômica e intelectual em campanhas pela autonomia da região e criação da Província do Cariri (ou Província dos Cariris Novos), na evocação dos movimentos liberais de 1817 e 1824, promoção de padrões de civilização, publicação de textos na imprensa discutindo os problemas locais (como a questão dos conflitos entre proprietários de lavouras e criadores pela delimitação das terras que deveriam ser destinadas ao plantio e criatório), por exemplo, funcionaram como canais de produção, circulação e consumo de representações sobre a região.⁹ Na segunda metade do século passado, ocorreu novamente uma forte mobilização por parte das elites caririenses empenhadas em trabalhar pela valorização e progresso do Cariri, em que interesses políticos, materiais e o sentimento afirmado de “amor à terra” alinhavaram o projeto de “alevramento moral, intelectual e material da região” levado à cabo pelo Instituto Cultural do Cariri, fundado em 1953.

A criação dessa agremiação, bem como da Faculdade de Filosofia do Crato (1960), ambas responsáveis por grandes investimentos em pesquisas e publicações sobre diversas temáticas relacionadas ao Cariri; o lançamento de revistas de cunho regionalista; as discussões na imprensa sobre as potencialidades econômicas do Cariri; a realização de seminários sobre o desenvolvimento do sul do Ceará e a campanha pela instalação da energia elétrica de Paulo Afonso, entre outras ações desenvolvidas entre os anos de 1950 e 1970, expressam os investimentos de políticos, intelectuais¹⁰, profissionais liberais, representantes de setores da economia e da Igreja em reverter o quadro de estagnação enfrentado pelo sul cearense.¹¹ A ampla participação dos

⁹ A relação dos principais representantes desse estrato da sociedade e as funções que exerciam encontram-se em: CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. *A construção da “cidade da cultura”: Crato (1889-1960)*. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado em História, 2000. Neste trabalho, a autora também relaciona e discute os lugares de produção de discursos por parte dessa elite e seu papel na constituição de uma das imagens símbolo do Crato, a de “Cidade da Cultura”.

¹⁰ Entre as distintas possibilidades de definição de intelectual, adoto, neste trabalho, a perspectiva que ultrapassa sua associação a um campo profissional e o compreende como ator politicamente engajado na arena pública. Ao inclinarem-se sobre os problemas regionais, debatendo e propondo soluções para superá-los, os principais agentes do Instituto Cultural do Cariri engajaram-se politicamente em discussões e projetos que pudessem reabilitar a região. Para uma discussão aprofundada do conceito de intelectual, sua polissemia e instituição, consultar: CHARLE, Christophe. O nascimento dos intelectuais contemporâneos (1860-1898). *História da Educação*, v.7, n.14, 2003, p. 141-156; LECLERC, Gérard. *Sociologia dos intelectuais*. Rio Grande do Sul: Editora UNISINOS, 2005; SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p.231-270.

¹¹ A movimentação observada intraregionalmente na superação de dificuldades que ameaçavam o futuro de uma região que, no passado, considerava-se, teria vívido momentos de glória e prosperidade, respondia ao contexto nacional do pós-guerra, cujas características eram a ideologia do nacionalismo, a política desenvolvimentista e a disseminação da teoria dualista influenciada pelos trabalhos da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina da ONU). A correlação desses fatores expôs mais ainda a problemática das disparidades regionais (norte x sul, centro x periferia, litoral x sertão) motivando discursos e ações

membros do Instituto no espaço público e na construção de narrativas da região durante essas décadas explicam o recorte temporal selecionado. Muito embora ele ainda esteja em funcionamento, aquele foi o momento de maior efervescência e produção intelectual de seus agentes.

Naquele período, foram geradas expectativas positivas de combate às dificuldades diagnosticadas como entraves ao crescimento do Cariri, fazendo surgir a necessidade de articulações políticas entre os municípios para garantir investimentos e financiamentos por parte do governo central, como para a execução de projetos de industrialização, modernização da agricultura, fornecimento de energia elétrica e em favor da cultura. Embora não se tenha alcançado a unidade desejada em função de conflitos e disputas internas por hegemonia, as décadas de 1950 a 1970 foram marcadas por importantes realizações – algumas delas estenderam seus frutos até o tempo presente enquanto outras não vingaram ou sequer saíram do papel – objetivando a materialização de desejos traduzidos pelas noções de progresso e desenvolvimento regional. Entre os mais exaltados, retomou-se, inclusive, a antiga ideia de autonomia do sul cearense, quando um novo projeto de criação do Estado do Cariri foi defendido e apresentado à Assembleia Legislativa do Ceará.

No percurso traçado com tal fim, elaboraram representações sobre a região a partir de seus diversos campos de atuação produzindo, em função de demandas do presente, uma regionalização do Cariri através da reinvenção de tradições e atualização de imagens que circulavam desde o oitocentos. Os investimentos simbólicos mobilizados por seus agentes, como será discutido nesta tese, reinventavam uma identidade caririense produzindo, dessa forma, uma “comunidade imaginada”¹² a partir da regulação de aspectos que identificariam o Cariri ao Nordeste e à Nação, mas que

por parte daqueles que se sentiam desfavorecidos pela balança política do Estado retroalimentando, nessa perspectiva, a ideia de integração nacional e o (re)surgimento de regionalismos. Cf: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O regionalismo nordestino. Existência e consciência da desigualdade*. São Paulo: Editora Moderna, 1984.

¹² Tomo de empréstimo aqui a noção de “comunidade imaginada” de Benedict Anderson para me referir ao Cariri cearense. Da mesma forma que a nação, a região (a partir de práticas regionalistas) também pode ser compreendida como uma comunidade que se inventa em função de determinadas crenças e valores promovendo, assim, sentimentos de pertencimento, solidariedade e comunhão entre seus membros – que “imaginam” estarem unidos uns aos outros por traços comuns não obstante as hierarquias e desigualdades existentes. Assim como a nação (e os nacionalismos), mais que inventada a região (e seus regionalismos) depende da ideia (partilhada) que se faz dela (o que a constitui). Como ele próprio diz, “as comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas”. ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

também o distinguiria. As temáticas da história, cultura (folclore) e natureza forneceram os principais elementos necessários a essa imaginação.

Desta tríade, no entanto, a que interessa diretamente a este trabalho é a apropriação da natureza como matriz para a constituição de uma identidade regional. Como apontado anteriormente, a Chapada do Araripe com seus extensos vales e brejos condicionou, significativamente, a organização social e cultural do Cariri cearense e a produção de representações sobre a região, remontando a princípios do oitocentos os primeiros relatos que a colocavam como aspecto particular do sul cearense. As singularidades ambientais resultantes da existência do altiplano foram, ao longo do tempo, convertidas em numerosas representações de valor estético, utilitarista (como recurso natural a ser explorado) e identitário. Neste sentido, chega-se ao século XXI com uma imagem definida que considero síntese de todas as construções representacionais que envolvem as relações entre caririenses e natureza: a de “oásis”. Esta “imagem síntese”, que concorreu com outra de igual valor, a de natureza edênica, ainda hoje é repetida fortemente, atestando sua eficácia simbólica enquanto tradução de uma essencialidade caririense.

Esta tese, portanto, discute a inserção da natureza nos projetos e representações da regionalidade¹³ dos fundadores e sócios do Instituto Cultural do Cariri, examinando suas formas de “culturalização” enquanto paisagem na construção de uma representação paisagística identitária para o Cariri cearense, entre os anos 1950 e 1970. Trata de explorar as ações, atributos e valorações formulados a partir de aspectos de sua realidade ambiental como diferenciadora do espaço caririense e constituidora de uma identidade regional. Nessa perspectiva, seu plano geral defende a hipótese de que a agremiação exerceu papel crucial na invenção de uma paisagem regional fortemente identificada às imagens de oásis e de natureza edênica fixando, assim, uma representação promissora e exuberante que se instituiu de sua natureza desde o século XIX. O que a tornava, dessa maneira, importante elo de continuidade na instituição de

¹³ Os conceitos de regionalidade e regionalismo pautam-se aqui em Arturo Arriola. O primeiro referindo-se “la cualidad de ser de una región” – suas propriedades distintivas: econômicas, naturais e históricas – e o segundo significando “la identificación consciente, cultural, política y sentimental” desenvolvidas por seus habitantes ao longo do tempo. Acrescenta ele o fato de o regionalismo também implicar em “inventar y reinventar la *región*, apoyándose em fuentes históricas, mitos, leyendas, tradiciones y dimensiones geográficas, y asimismo dirigir y buscar regenerar a la comunidad regional. Es decir, hacerse de un pasado propio y decidir em el presente sue status frente al poder central”. ARRIOLA, Arturo Taracena. Propuesta de definición histórica para región. In: *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México*, n.35, enero-junio, 2008, p.181-204.

uma “tradição paisagística particular”¹⁴ ao Cariri cearense. Sempre em contraste com o “sertão”, as práticas de significação empreendidas por seus acadêmicos produziram eficazes “efeitos de fronteiras”¹⁵ simbólicas para o Cariri difíceis de serem reformuladas, ou mesmo largadas pelas gerações seguintes.¹⁶

A proposta de discutir a culturalização da realidade ambiental caririense no âmbito do Instituto Cultural do Cariri, entre as décadas de 1950 e 1970, e sua relação com a construção identitária do Cariri cearense, situa este trabalho em um campo historiográfico que privilegia a análise cultural das relações entre sociedade e natureza. Nessa confluência, utilizo-me da noção de *paisagem* para pensar as representações resultantes do enquadramento de aspectos da natureza em uma identidade paisagística para a região. Embora a existência do termo esteja presente no vocabulário geral desde a antiguidade, ligando-se, comumente, às artes visuais, como a pintura e fotografia, foi na modernidade que se deu sua incorporação às pesquisas acadêmicas. Sua aplicação, nesta tese, entretanto, liga-se a uma tradição mais recente desenvolvida em fins do século XX, no âmbito da Geografia Cultural e História Ambiental, que possibilitaram ultrapassar os limites de sua compreensão como um conjunto de formas (realidade material, objetiva) que caracterizaria um determinado espaço.¹⁷

O estudo da paisagem passou, então, a considerar tanto a ação humana sobre a natureza quanto as construções representacionais elaboradas pelos indivíduos e grupos sociais através das mais diversas expressões artísticas e culturais. Sob esta ótica, a paisagem pode ser compreendida como “realidade cultural” na medida em que é

¹⁴ SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. *Op. cit.*, p13-30.

¹⁵ HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 15ª ed., 2014, p.106.

¹⁶ MARQUES, Roberto. *Contracultura, tradição e oralidade. (Re)inventando o sertão nordestino na década de 70*. São Paulo: Annablume, 2004, especialmente capítulos III e IV; DIAS, Carlos Rafael. *Da flor da terra aos guerreiros cariris: representações e identidades do Cariri cearense (1855-1980)*. Campina Grande: UFCG, Dissertação de Mestrado em História, 2014. Consultar capítulo IV. Estes autores, especialmente nas seções indicadas, discutem como a geração de jovens artistas e intelectuais dos anos 1970 e 1980, com seu discurso de modernidade e de quebra da tradição, se uniram à geração anterior na manutenção de vários aspectos que se referiam à ideia de uma origem fundadora da região e de uma essencialidade caririense. Alguns desses jovens, inclusive, fizeram parte dos quadros do ICC ou tiveram seu apoio institucional na realização de eventos artísticos.

¹⁷ Consultar, por exemplo: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998; _____ . *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 5ª ed., 2011; DUARTE, Regina Horta. *História e Natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005; SALGUEIRO, Heliana Angotti Salgueiro. *Paisagem e arte. A invenção da natureza, a evolução do olhar*. São Paulo: CBH, CNPq, FAPESP, 2000.

projetada de acordo com os interesses, as necessidades, as relações de poder e o olhar de quem a contempla (percepção). Compartilha-se, dessa maneira, a ideia de que paisagem é “descrição de subjetividades”.¹⁸ No cerne dessa perspectiva relativista, está a noção de que paisagem é “uma forma de ver”, de que sua existência cultural passa pelo filtro da percepção sensorial de seu observador.¹⁹ Nesses termos, portanto, ela:

[...] deve ser considerada como objeto de apropriação estética, sensorial. Consequentemente, não se pode negar que ela tenha uma natureza objetiva, que seja um objeto. É, sem dúvida, uma forma, mas não se define por esse caminho. É material, real, que se dá à percepção. Porém, considerá-la antes de mais nada como objeto (portanto um dado, um *a priori*) é ainda permanecer num horizonte restrito, que não seria suficiente para dar conta de todas as dimensões do fenômeno. A coisa percebida e sua representação (conceitual, visual, verbal etc.) existem simultânea e simbioticamente.²⁰

Nesse aspecto, o deserto, a praia, o sertão e a Chapada do Araripe, por exemplo, são realidades preexistentes que são transformadas em paisagem na medida em que são apropriadas culturalmente pelos sujeitos. O que denota, inclusive, seu caráter histórico. A atribuição de valores e qualidades a essas formas da natureza, aliada aos seus usos pela sociedade, faz com que haja sua transmutação em paisagem, como ocorre, por exemplo, quando mobilizadas para compor e fixar identidades nacionais e regionais. A configuração mesmo de uma paisagem nacional e/ou regional como princípio de diferenciação fez parte de um conjunto de elementos, denominados por Thiesse de “check-list identitária”, que, ao longo do século XIX e princípios do XX, foram sendo reunidos e explorados como matrizes de representações de uma nação ou região.²¹

A partir do entendimento de paisagem como prática e “fato cultural”²², portanto, é que foram consideradas as (re)elaborações postas em circulação pelos membros do ICC acerca da natureza da região na instituição de uma paisagem identitária. Dessa

¹⁸ Expressão tomada de empréstimo a SCHWARCZ, Lilia Moritz. Paisagem e identidade. A construção de um modelo de nacionalidade herdado do período joanino. In: *Acervo*. Rio de Janeiro: 2009, v.22, n.1, p.19-52.

¹⁹ Cf: BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p.84-85; CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. Op. cit. MENESES, Ulpiano. *A paisagem como...* Op. cit.; SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. Op. cit.

²⁰ MENESES, Ulpiano. *A paisagem como...* Op. cit., p.32.

²¹ Os elementos apontados pela autora são: “ancestrais fundadores, uma história que estabeleça a continuidade da nação através das vicissitudes da história, uma galeria de heróis, uma língua, monumentos culturais e históricos, lugares de memória, uma paisagem típica, um folclore, tudo isso sem contar algumas identificações pitorescas: modo de vestir, gastronomia, animal emblemático”. THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. In: *Anos 90*, Porto Alegre, n.15, 2001/2002, p.8-9. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6609/3932>>. Acesso em 10/09/2014.

²² MENESES, Ulpiano. *A paisagem como...* Op. cit.

maneira, a reunião e ordenamento de elementos naturais em uma representação paisagística são compreendidos como expressões das percepções de seus agentes, em que se buscou não perder de vista que os significados que definem simbolicamente a paisagem não podem ser analisados desencarnados das experiências, interesses, valores, linguagem e realidade objetiva. Pois como diz Cauquelin:

Se uma árvore fosse uma árvore e simplesmente uma árvore, se o rochedo fosse apenas uma massa pedregosa de formas atormentadas, se o regato fosse água apenas, não contemplaríamos uma paisagem, mas uma sucessão de objetos justapostos. Ora, nós preenchemos essas formas com conteúdos por meio de um transporte de atributos comumente admitidos.²³

À produção cultural da paisagem relaciona-se outra: a da *identidade regional*. A construção da nação e da identidade nacional foram acompanhadas, de forma geral, pela elaboração de identidades regionais. As particularidades locais, nesse sentido, foram inseridas numa tradição e continuidade histórica nacional que se inventava sem, no entanto, ser-lhes contraditórias. Em seus processos de constituição, seus agentes valeram-se de inúmeros mecanismos políticos e culturais – recolhidos ou inventados – onde todos pudessem se reconhecer e serem reconhecidos garantindo, assim, sua estabilidade e continuidade ao longo do tempo. Uma de suas condições e consequências, no entanto, foi a submissão da diversidade cultural a uma identidade pretensamente unificadora.²⁴ Nesse processo, a natureza, bem como as tradições, a história, a memória, os símbolos cívicos e mitos fundadores, cumpriu a função geradora de sentimentos de identificação, pertencimento e diferenciação. Na relação humano/natureza, portanto, é possível apreender, a partir das representações elaboradas sobre a materialidade do espaço, a própria imagem que os habitantes têm tanto de seu território quanto de si próprios. Ao ter alguns de seus aspectos valorizados, a natureza transmuta-se então em paisagem e torna-se importante suporte de identidade cultural.

²³ CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. *Op. cit.*, p.154. Afirmativa semelhante fez Schama ao argumentar que: “Paisagem é cultura antes de ser natureza; um constructo da imaginação projetado sobre mata, água, rocha. Tal é o argumento deste livro [...]” SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. *Op. cit.*, p.70.

²⁴ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000; SOUZA, Susana Bleil de. O pincel e a pena na construção da nação: pintando e narrando um mito político fundacional. In: *Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM* [En línea], 15/2008, publicado el 30 junio 2009. Disponível em: <<http://alhim.revues.org/2911>>. Acesso em 13/10/2014; SMITH, Anthony D. Identidades nacionais e outras. In: _____. *Identidade Nacional*. Lisboa: Gradiva, 1997, p.13-33; THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. In: *Anos 90*. Porto Alegre, n.15, 2001/2002, p.7-23. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6609/3932>>. Acesso em 10/09/2014.

Nessa perspectiva, ao propor pensar a associação entre natureza, paisagem e identidade para o Cariri cearense a partir da atuação do Instituto Cultural do Cariri, algumas das considerações de Hall, Silva e Woodward sobre identidade orientaram a confecção deste trabalho.²⁵ Parto, assim, da compreensão de identidade regional como “um sistema de representação cultural” que articula um conjunto de componentes (étnico, territorial, político, cultural etc.) e discursos conformadores da concepção que os grupos sociais elaboram para seu espaço. Nesse aspecto, a identidade regional é aqui compreendida como resultado, sobretudo, das representações que os agentes sociais elaboram na articulação entre materialidade e subjetividade e em relação a algo que lhe é exterior, expressando, assim, sua diferença. Por ser prática de significação, como argumenta Hall, ela está então “sujeita ao jogo da *différance*”, requerendo, nesse sentido, “aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui.”²⁶ É somente na relação com o “outro”, na marcação da diferença, na classificação do mundo e das relações sociais que se estabelecem as condições de existência das identidades.

Como se verá nos capítulos a seguir, os atos de identificação/inclusão e de diferenciação/exclusão na produção da identidade regional foram estruturados e sustentados por meio do binarismo Cariri=natureza exuberante X Sertão=natureza árida. Levando em consideração que os elementos que constituem uma determinada identidade só fazem sentido se relacionados a identidades com valores contrastantes, a ideia de sertão associado às imagens de seca, fome e solo ressequido garantiram duração, legitimidade e coerência às representações de “paisagem oásis” e de “paisagem paradisíaca” como paisagens típicas do Cariri.

Ao acionarem e ordenarem os mesmos aspectos naturais que seus antecessores na invenção de uma paisagem identitária caririense, os agentes do ICC criaram condições para sua eficácia enquanto imagens definidoras da região transformando a agremiação, conseqüentemente, em elemento de continuidade na instituição de uma tradição paisagística singular ao Cariri. A articulação entre realidade e formas simbólicas era ajustada pela constante repetição de enunciados descritivos e valorativos, por comparação e contiguidade, que ajudavam a recortar os objetos da percepção e

²⁵ HALL, Stuart. *A identidade cultural na... Op. cit.*, HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 15ª ed., 2014, p.103-133; SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 15ª ed., 2014, p.7-72; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 15ª ed., 2014, p.7-72.

²⁶ HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?... Op. cit.*, p.106.

realizar o transporte de um termo a outro resultando, ao final, em declarações e marcações de fronteiras culturais que repercutiram para além de seu lugar de emissão, assegurando, assim, a existência daquilo que se enunciava.

Nos termos em que aqui vêm sendo consideradas e articuladas identidade, natureza e paisagem, na produção identitária empreendida pelo Instituto Cultural Cariri, a noção de *representação* também oferece contribuições. Neste trabalho, e seguindo os argumentos de Ankersmit sobre sua função primordial para a história e a política, essa categoria é compreendida como a operação lógica necessária a fim de darmos contornos à realidade.²⁷ Esse entendimento pressupõe uma complexa relação de adequação, mas não de confusão, correspondência, neutralidade ou transparência, entre realidade (mundo), representação (aspectos do mundo) e linguagem.

Nessa perspectiva, essa conexão apenas é possível de ser admitida se considerarmos que o mundo não possui um significado *em si*, ou seja, que seus sentidos só são possíveis através do trabalho da linguagem e da representação. Somente dessa forma é que ele pode ser traduzido, explicado e compreendido. O que não significa negar a existência de qualquer objeto que não tenha natureza linguística. Trata-se, isto sim, de questionar como linguagem e realidade extralinguística se relacionam e que função, nesse aspecto, exerce a representação (sob a forma de imagens, metáforas e analogias, por exemplo) nos processos de significação do mundo. O que vincula essas dimensões é o fato de que, se é através da linguagem que as coisas ganham sentido, sua principal forma seria então a da representação.²⁸

Formada por enunciados linguísticos, a representação conduz-nos do que ainda não tem “qualquer significado” (Cariri cearense) para o que “possui um significado” (Cariri: “oásis do sertão”), por isso, de acordo com Ankersmit, ela é “o berço do significado”.²⁹ Para ele, do ponto de vista lógico, a representação consiste em “uma operação de três lugares [...]: uma representação (1) define um representado (2) em termos dos quais o mundo (3) é visto – e devemos evitar a confusão entre (2) e (3)”.³⁰ O

²⁷ ANKERSMIT, F. R. *Historical representation*. Stanford (California). Stanford University Press, 2001, p.270. No original: “Representation is the logical operation that we need [...] in order to give more or less clear contours to either political or historical reality”.

²⁸ *Idem*, p.1-25; ANKERMIST, F. R. Representação e referência. In: *A escrita da história. A natureza da representação histórica*. Londrina: Eduel, 2012.

²⁹ ANKERMIST, F. R. Da linguagem para a experiência. In: *A escrita da história. A natureza da representação histórica*. Londrina: Eduel, 2012, p.169.

³⁰ ANKERMIST, F. R. *Representação e referência... Op. cit.*, p.194.

que faz com que consideremos, nesse caso, a realidade em termos de representação – já que o representado é dependente de como ele é representado por uma representação.³¹

Dessa forma, ele investe contra a ideia de representação como correspondência (substituindo-a pelas de coerência e plausibilidade), pondo abaixo a distinção entre linguagem e realidade, e desmonta o conceito de verdade enquanto propriedade substancial ou metafísica – pois a própria linguagem é compreendida também como produtora de “verdade”. Essas considerações levam a duas importantes constatações: 1- a de que quando se sai do âmbito da realidade objetiva para a representação (*sobre* a realidade) o que importa é analisar como o representado é definido pela representação; 2- consequentemente, a de que a representação não pode ser vista como uma variante da realidade, ou seja, que o significado da coisa representada não está no nível da realidade mesma, mas no da representação. Por esse motivo, Ankersmit reivindica a prioridade da representação sobre a coisa representada, afirmando ser ela “mais forte que a própria realidade”.³²

A metáfora, na relação entre os termos representação e realidade, por ter a mesma semelhança estrutural que o primeiro costuma ser, inclusive, a ela vinculada. Tendo em vista o objeto de investigação desta tese (e substituindo o exemplo da terra como uma espaçonave, usado pelo autor), pensemos na representação “O Cariri é um oásis”. A ideia figurada de “oásis” (1) nos impele a ver o “Cariri” (2) *como* uma “região fértil” e “verde” (3). Em contraste com o entorno semiárido, seu exterior constitutivo, ela atribui certas propriedades ao Cariri (realidade representada) ao funcionar como ligação entre essas duas coisas (Cariri e oásis). Essa representação metafórica, portanto, propõe que vejamos a região em termos daquilo que corresponde à imagem de oásis. Como parte do movimento de atribuição de sentidos, a metáfora orienta então nossas percepções e conhecimento sobre o mundo e a forma como lidamos com ele.³³

A metáfora, observa ainda o autor, empresta coerência e unidade à representação por estabelecer de maneira lógica, relações entre parcelas da realidade e suas representações. Essa característica da metáfora ajudaria a explicar, ainda segundo Ankersmit, o motivo de algumas representações serem mais bem-sucedidas que outras. A representação do Cariri como oásis, em circulação desde o século XIX e largamente

³¹ ANKERSMIT, F. R. *Historical representation... Op. cit.*, p.82-84.

³² ANKERSMIT, F. R. *Historical representation... Op. cit.*, p.20. Tradução da própria autora. No original: “(Historical) representation is clearly stronger than reality itself here”. Ver também ANKERSMIT, F. R. *Representação e referência... Op. cit.*, p.219-223.

³³ ANKERSMIT, F. R. *Historical representation... Op. cit.*, p.13-23; ANKERSMIT, F. R. *Representação e referência... Op. cit.*, p.195-198.

repetida pelo Instituto Cultura do Cariri, por exemplo, traduziria de forma verossímil como seus membros a classificavam em função da equivalência a algumas de suas características naturais e, ato contínuo, de como queriam que ela fosse (re)conhecida – não obstante o fato de nem todo o Cariri, como se verá, ter as mesmas características ambientais de fertilidade.

A noção de representação, em conjunto com as de identidade, natureza e paisagem, constituíram, portanto, as coordenadas de análise do projeto político e cultural dos membros do Instituto de construção de uma identidade paisagística para o Cariri que, como parte de suas intenções, procurava definir sua unidade e distinção geográfica. Esses conceitos nos levaram a interrogar tanto sobre as propriedades constitutivas de suas representações e seus efeitos para a construção da identidade caririense, quanto sobre as práticas/formas de sua delimitação e legitimação enquanto vetor identitário.

Para a empreitada aqui estabelecida, as fontes utilizadas na pesquisa – em seus diversos suportes – compreendem basicamente: 1- material elaborado e divulgado pelo próprio Instituto Cultural do Cariri ou com seu apoio; 2- escritos produzidos individualmente por alguns de seus membros. Algumas fontes, entretanto, antecedem o recorte temporal desta tese. Esse recuo justifica-se não por uma intenção de busca das origens, mas pela necessidade de serem observadas as condições em que o projeto da agremiação foi montado e informado por ideias, (res)sentimentos e imagens acerca da natureza herdadas de gerações anteriores.

A consideração de que a transmutação da natureza em paisagem regional, no período em questão, inseriu-se em uma tradição paisagística que se inventava desde o século XIX reforçou a necessidade de acionar algumas das narrativas e representações produzidas anterior à fundação do Instituto Cultural do Cariri. Algumas delas, inclusive, realizadas por membros da agremiação que já atuavam no espaço público. O que se buscou foi examinar a atualização e eficácia produtiva das representações paisagísticas (re)elaboradas no interior da agremiação no momento em que o Cariri tinha suas fronteiras físicas rapidamente ampliadas e suas elites demandas próprias de seu tempo presente. Sua força em projetar significados para a região exigiu, por outro lado, que elas fossem constantemente posicionadas em relação ao que lhe serviu de contraste – o

sertão semiárido – para que pudessem ser identificadas num jogo de classificações realizado no interior de um conjunto de diferenciações linguísticas e extralinguísticas, às propriedades que lhes garantiriam coerência e legitimidade.

O exame da culturalização da natureza em uma paisagem regional solicitou, do mesmo modo, que se levasse em consideração seus agentes produtores e o lugar dessa produção. Esse procedimento articula-se à ideia de que as representações, como as identidades, são construções empreendidas em meio a lutas de concorrência entre grupos sociais pela imposição e hegemonia de seus interesses e valores, em que fatores de ordem econômica, social e política circunscrevem as práticas e intervenções do(s) sujeito(s) na realidade. Dessa forma, a composição social dos participantes do Instituto Cultural do Cariri, suas estratégias de organização, atuação e seus mecanismos de legitimação foram levados em consideração. Essa preocupação importou na medida em que, como procurei demonstrar, a agremiação exerceu papel central na produção e fixação de representações identitárias para o sul cearense, orientando políticas para a região e as formas como gostariam que ela fosse (re)conhecida. Ela importou também na medida em que foram os interesses e percepções de seus membros sobre o meio ambiente que se projetaram nas marcações de fronteiras culturais para o sul cearense.

A tese está estruturada em quatro capítulos. No primeiro, discuto as condições de emergência do Instituto Cultural do Cariri e seu programa de ação articulando sua fundação às questões políticas e econômicas enfrentadas pela região. Nesse aspecto, destaco o fato da agremiação ter sido criada no contexto de festividades pelos cem anos da cidade do Crato; as disputas internas por hegemonia, especialmente entre as cidades de Juazeiro do Norte e Crato e a centralidade desta na produção, divulgação e fixação de representações sobre o Cariri cearense; o caráter do projeto da agremiação a partir da atualização de discursos regionalistas que incorporaram, entre as décadas de 1950 e 1970, a problemática das disparidades regionais (litoral/interior, Norte/Sul) referendada pela “teoria dualista” de análise das contradições brasileiras. A intenção é discutir, tendo em vista a compreensão de que identidades são construções elaboradas por agentes que ocupam determinadas posições sociais e, nesse sentido, em concorrência com outros grupos, a natureza e os interesses envolvidos no projeto cultural e político proposto pelos idealizadores e organizadores do Instituto.

No segundo capítulo, dividido em duas seções, analiso as (in)definições sobre o que seria espacialmente o Cariri na produção dos membros do Instituto – tendo em vista o contexto de constante alargamento de suas fronteiras políticas-administrativas -,

a recorrência e as formas de apresentação de alguns elementos naturais no enquadramento da paisagem regional na imagem de oásis. Nessa relação, o objetivo é inserir a agremiação em continuidade a uma “tradição paisagística particular” à região que se instituía desde gerações anteriores e orientava olhares e percepções sobre o que seria espacial e identitariamente o Cariri. O que contribuía, dessa maneira, também para a instituição de uma representação geográfica de seu território.

O terceiro capítulo, por sua vez, explora as representações históricas e sociológicas, especialmente as primeiras, de maior repercussão de alguns dos membros do Instituto Cultural do Cariri. Escritos com esse caráter, tornaram-se um dos principais instrumentos de construção e divulgação de representações identitárias e integração do Cariri à história nacional. Anterior a eles, a primeira obra de caráter histórico produzida na região foi “Apontamentos para a história do Cariri”, de João Brígido, lançada em 1888. O livro reuniu diversos textos publicados no jornal *O Araripe*, a partir do ano de 1859 e no *Diário de Pernambuco de Recife*, ao longo do ano de 1861.³⁴ Somente a partir dos anos 1950 é que novos empreendimentos de produção e publicação da História do Cariri com significativa repercussão foram realizados por historiadores locais, bem como os primeiros de teor sociológico, tendo sido alguns membros do Instituto seus principais protagonistas. A intenção, nesta seção, foi analisar a contribuição desta produção para a construção de uma identidade regional a partir da historicização de sua identificação com a terra, em que se relacionavam tempo, espaço e natureza.

No último capítulo, discuto, levando em consideração a forte atuação no espaço público dos agremiados do Instituto Cultural do Cariri, com o fim de contribuir para o “alevramento material” da região, as formas de apropriação da natureza e paisagem como possibilidade de desenvolvimento econômico para a região. Diagnósticos e indicações das potencialidades econômicas do Cariri foram questões recorrentes em alguns periódicos locais. As temáticas da produção rural, especialmente a agrícola, e do turismo foram seus focos centrais. Pensando no objetivo geral desta tese, a ideia foi discutir a contribuição dessas formas na construção e fixação de sentidos para a identidade regional a partir de aspectos de sua condição ambiental. Se em capítulo anterior a imagem de oásis foi destacada, neste, a atualização da ideia de uma natureza e paisagem paradisíaca como recurso natural e esforço para marcar a singularidade da

³⁴ SANTOS, João Brígido dos. *Apontamentos para a História do Cariri*. Crato: Typografia da Gazeta do Norte, 1888. Seu autor foi diretor do jornal *O Araripe* durante todo o período de sua circulação no Cariri (1850-1864), onde primeiro foram divulgados seus escritos.

região em relação a outros espaços ganhou relevância em articulação com o propósito aqui estabelecido.

CAPÍTULO 1

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI: ENTRE PASSADO UTÓPICO E DESEJOS DE MODERNIDADE

Nossos desejos são que o Instituto Cultural do Cariri cumpra seus fins naturais e precípuos para o bem de nossa região, do Ceará e do Brasil.³⁵

O Cariri não pode ser considerado um peso morto no desenvolvimento cultural nordestino e, aliás, de todo o Brasil. O litoral não o conhece porque não o estudou ainda acuradamente. Só agora começa a enxergar-nos, pela evidência dos fatos. Rompeu o Cariri o tabu da civilização do CARANGUEIJO do passado. E, assim, coopera com a máxima eficiência para a valorização do interior, colocando-se em pé de igualdade, nas suas devidas proporções, com o opulento litoral.³⁶

O Instituto Cultural do Cariri³⁷, ao longo dos anos 1950 e 1970, tornou-se uma das instituições que mais fortemente atuou no cenário cultural, político e intelectual caririense contribuindo, dessa forma, para a construção, divulgação e fixação de representações identitárias para a região. Embora ainda em funcionamento, considera-se esse período como o de maior articulação entre seus membros, a sociedade local e os poderes públicos em benefício do desenvolvimento regional. Para melhor compreensão do papel exercido pelo ICC na promoção de imagens acerca do Cariri, especialmente no que se refere à apropriação da natureza e sua transmutação em importante componente da identidade regional, convém reinseri-lo nos debates e interesses que configuraram

³⁵ Excerto do discurso proferido por Irineu Pinheiro na solenidade de posse da primeira diretoria do Instituto Cultural do Cariri. PINHEIRO, Irineu. *Efemérides do Cariri*. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [fac-símile de 1963], p.553. Formado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1910, Irineu Pinheiro foi um dos principais responsáveis pela criação do ICC. Nascido no Crato, em 1881 e morto em 1954, ocupou o cargo de primeiro presidente da agremiação. Além do exercício da medicina, dedicou parte de sua vida às pesquisas históricas sobre o Crato e Cariri tornando-se sócio correspondente do Instituto Histórico do Ceará e da Academia Cearense de Letras. Exerceu também a função de professor de História Geral no Seminário São José e de Inspetor Federal do Colégio Diocesano. Além da obra acima citada, destacam-se ainda as seguintes publicações: *O Juazeiro do Padre Cícero e a revolução de 1914* (1938); *O Cariri - seu descobrimento, povoamento e costume* (1950) e *Cidade do Crato* (1953) – escrito em coautoria com José Alves de Figueiredo Filho.

³⁶ FIGUEIRDO FILHO, José Alves de. *História do Cariri*. Fortaleza: Edições UFC, 2010, v.4, p.19 [fac-símile de 1968]. Em todos os capítulos deste trabalho, as citações retiradas das fontes consultadas tiveram sua ortografia atualizada sem prejuízo às ideias dos autores.

³⁷ Doravante referido apenas pela sigla ICC.

seu programa de ação e o constituíram enquanto importante espaço de sociabilidade entre a elite local.

Neste capítulo, portanto, discuto em que bases, racionais e afetivas, materiais e representacionais, os acadêmicos do ICC executaram e instrumentalizaram seu projeto de “engrandecimento” da região. Ao religarem, a partir de demandas de seu presente, o passado e futuro, experiências e expectativas, a agremiação ocupou lugar central na (re)definição de sentidos para o sul cearense e na transformação de uma realidade que se almejava superar. Dividi, então, esta seção do trabalho em quatro subitens. No primeiro, discuto o momento fundador do Instituto, relacionando-o às expectativas de invenção da identidade cratense, e que muitas vezes se confundiu com a caririense, durante as comemorações dos cem anos da cidade. No segundo e terceiro, analiso o projeto cultural e político do ICC frente às demandas colocadas regional e nacionalmente entre as décadas de 1960 e 1970, destacando as configurações de poder presentes em sua criação e em seu discurso regionalista. No quarto, coloco em relevo a hegemonia cratense na construção de representações identitárias para a região.

1.1 – Emergência do Instituto Cultural do Cariri

No dia 04 de outubro de 1953, foi inaugurado no Crato o ICC, sociedade civil que, segundo seus fundadores, “tem por finalidade o estudo das ciências, letras e artes em geral e, especialmente, da História e da Geografia Política do Cariri”.³⁸ A cerimônia de posse de sua primeira diretoria, entretanto, ocorreu apenas no dia 18 daquele mês, data que passou a ser considerada como a de fundação oficial do Instituto. A escolha imprimiu à solenidade forte significado simbólico, já que inserida nas comemorações pelo aniversário do primeiro centenário de elevação do Crato à categoria de cidade.³⁹

O festejo do centenário, que demandou árduo trabalho das comissões organizadoras em sua preparação, realizou-se entre os dias 11 e 18 de outubro. Os envolvidos em sua organização representavam interesses dos mais diversos setores da atividade econômica, política e cultural da cidade, como agricultura, pecuária, indústria, educação e Igreja. A comemoração mereceu da imprensa ampla cobertura, que veiculou uma série de notícias sobre seus antecedentes e sua realização através de matérias em edições diárias ou suplementares, aumentando a expectativa em torno das festividades e

³⁸ Estatutos do Instituto Cultural do Cariri. In: *Itaytera*, 1955, p.181.

³⁹ Elevado à categoria de Vila em 1764, Crato adquire o status de cidade em 17/10/1853.

alimentando os sentimentos de orgulho e amor à cidade entre os cratenses. Algumas das manchetes publicadas permitem-nos ter uma ideia da repercussão do evento:⁴⁰

Crato prepara-se febrilmente para as grandes festas do seu centenário.

O Povo circula hoje em grande edição especial numa expressiva homenagem à cidade do Crato nas festas do seu primeiro centenário.

Todos os caminhos convergem para o Crato.

Homenagem especial às grandes figuras do centenário do Crato.⁴¹

Ocupando lugar de destaque em colunas e suplementos de jornais da época, inclusive de estados vizinhos, a programação do centenário era constantemente atualizada pelos meios de comunicação. Um de seus principais propagandistas, integrante da comissão de organização dos festejos e sócio fundador do ICC, foi José Alves de Figueiredo Filho.⁴² Membro da Associação Cearense de Imprensa e colaborador dos jornais O Povo e Diário de Pernambuco - importantes periódicos da capital cearense e de Recife, respectivamente -, Folha da Semana e A Ação⁴³ - estes impressos no Crato -, José de Figueiredo Filho utilizou de seu prestígio para garantir publicidade e visibilidade à festa.

Dessa forma, por exemplo, articulou junto ao jornal O Povo a divulgação de um conjunto de matérias relativas ao Crato, aos preparativos da comemoração, seu

⁴⁰ Parte das informações trazidas para cá sobre a festa do bicentenário de Crato foi retirada de VIANA, Ítalo. *O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato...Op. cit.*

⁴¹ Respectivamente: O Povo, 10/09/1953, p.8. Destaques da matéria: “O problema máximo da cidade será o da hospedagem - Ministros, governadores e outras altas personalidades visitarão a Metrópole do Cariri - A Feira de Amostras irá até 31 de dezembro - O ponto alto das celebrações”; O Povo, 15/10/1953, p.1; O Povo, 17/10/1953, p.2. Destaques da matéria: “Verdadeira mole humana se desloca para a “Princesa do Cariri” – A cidade se tornou pequena para receber os visitantes – As comemorações da grande data”; Folha da Semana, Crato, 17/10/1953, Suplemento Especial, Primeiro Caderno, p.2.

⁴² José Alves de Figueiredo Filho (1904-1973) foi um dos grandes nomes da intelectualidade cratense com vários livros e textos publicados em revistas e jornais do Ceará e outros estados. Formado em Farmácia, no ano de 1925, exerceu com mais afinco a atividade de pesquisador e professor de história em escolas e na Faculdade de Filosofia do Crato. Também foi membro da Comissão Estadual do Folclore e da Associação Brasileira do Folclore, sócio correspondente da Academia Cearense de Letras, do Instituto Histórico do Ceará, de Pernambuco e Uruguaiana (RS) e diretor do Núcleo Cearense da ANPUH. Entre suas publicações estão: *Cidade do Crato* (lançado no ano de 1953 em coautoria com Irineu Pinheiro); *Engenhos de rapadura do Cariri* (1958); *O Folclore no Cariri* (1962) e *História do Cariri* (obra em quatro volumes publicados entre 1964-1968). Daqui em diante, me referirei a ele apenas como José de Figueiredo Filho, como ele próprio assinava seus trabalhos.

⁴³ Fundado em Crato, no ano de 1939, o jornal A Ação circulou ininterruptamente até 1985 como porta voz da Igreja, na região. Com tiragem semanal, foi um dos principais veículos de informação na cidade. Infelizmente, os exemplares que se encontram arquivados não cobrem as duas primeiras décadas de sua existência. Certamente, ele seria uma importante fonte para obtermos maiores informações sobre a festa dos cem anos da cidade e outras questões relativas à década de 1950.

desenvolvimento e apreciações posteriores. Ele próprio figurou como autor de alguns dos textos e notas publicadas. A afluência de grande número de pessoas ao município deveu-se, em grande medida, à realização da Feira de Amostras, que contou também com a participação de Fortaleza, Juazeiro do Norte e Sobral, e à Exposição Agropecuária.⁴⁴ Esses espaços serviram de vitrine para os visitantes, exercendo, assim, uma dupla função: informar aos convidados o grau de desenvolvimento econômico da cidade e contribuir para sua prosperidade a partir dos negócios que poderiam ser ampliados e/ou incentivados entre os representantes dos setores econômicos, especialmente da indústria – ainda incipiente – e da agropecuária – grande forte da região caririense.

As potencialidades da economia cratense se constituíram como um dos aspectos mais ressaltados na imprensa, desde as matérias em torno dos preparativos do centenário às edições comemorativas lançadas na véspera ou durante as comemorações. A promessa de transmissão da energia de Paulo Afonso para a região concorria para alimentar grandes expectativas nesse sentido, o que fez o presidente da Associação Cearense de Imprensa, por exemplo, ressaltar a necessidade de nutrir “os vínculos de comunhão sentimental e econômica entre a cidade centenária e o litoral cearense”⁴⁵.

Mas, se através da Feira de Amostras e Exposição Agropecuária, da mesma forma que da divulgação de dados estatísticos sobre o município, os organizadores da celebração procuravam construir e fixar uma narrativa e imagem de prosperidade do Crato, foi em acontecimentos e personagens de seu passado que se buscou referentes para a construção de representações simbólicas legitimadoras de uma identidade cratense. Esforço que se desenhava desde o século XIX como forma de marcar diferenciações e espaços de poder em relação aos outros núcleos urbanos da região e que se ancorava na participação em acontecimentos de caráter nacional e em seu adiantamento cultural.⁴⁶

Nessa perspectiva, contabilizava-se, especialmente, o fato de o município ter sido a primeira vila (1764), cabeça de comarca (1816) e cidade do sul do Ceará (1853); atuado na Revolução de 1817, encabeçada por Pernambuco; participado da Confederação do Equador (1824) e da expedição contra o major Fidié em Caxias, no

⁴⁴ Para maiores detalhes sobre essas exposições, consultar: VIANA, Ítalo. *O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato... Op. cit.*

⁴⁵ SILVA, Perboyre. *O Crato e a imprensa*. In: *O Povo*, 15/10/1953, p.3 e 8. Citado por VIANA, Ítalo. *O Instituto Cultural do Cariri... Op. cit.*, p.105.

⁴⁶ CORTEZ, Otonite. *A construção da “cidade da cultura”: Crato (1889-1960)*. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado em História, 2000.

Maranhão, com o objetivo de consolidar a independência (1823); ter sido pioneiro no estabelecimento de escolas, imprensa, seminário e agremiações literárias. Acontecimentos e realizações que serviram, ao longo de décadas, de fundamento para a definição da psicologia social e de representações identitárias dos cratenses. Em “Cidade do Crato”, livro lançado durante os festejos do centenário, Irineu Pinheiro e José de Figueiredo Filho acrescentaram, ainda, a descendência indígena dos cratenses (índios Cariris), o folclore, a influência dos colonizadores baianos e pernambucanos e o trabalho no campo como “fatos [que] deixaram traços marcantes na alma cratense”.⁴⁷ Afirmaram, nesse sentido, que:

O filho do Crato, já bem radicado à terra, é aparentemente moderado. Possui tom reservado que se exterioriza, principalmente, nos movimentos coletivos. Tem arraigado espírito de hospitalidade, mas sem exageros. Parece mais um misto de qualidades do cearense e do pernambucano. Todavia, é amante do progresso. Criou núcleo de civilização que é prova de que o brasileiro, sem o concurso direto do elemento estrangeiro, é capaz de progredir. É trabalhador por natureza.⁴⁸

Contudo, foram as datas de 1817, 1823 e 1824, retomadas constantemente nas narrativas históricas sobre a cidade e a região, que forneceram os principais elementos de continuidade temporal, traduzidos pelas ideias de tradição cívica, heroísmo, progresso e patriotismo. De seu seio projetaram-se José Martiniano de Alencar, Tristão Gonçalves de Alencar e Bárbara de Alencar, tornados mártires e heróis incontestes de um passado recorrentemente glorificado.

Constando do calendário cívico do município desde a segunda metade do século XIX⁴⁹, a reunião desses acontecimentos orientou, ao longo de décadas, ações e discursos que contribuíram para a construção e fixação de uma memória e identidade cratense. Nos discursos dos organizadores da comemoração do centenário, eles foram recuperados por simbolizarem o destemor, patriotismo e espírito de heroísmo dos filhos de Crato. Agregadas, as datas foram narradas a partir de um valor específico: a liberdade. Em *Apontamentos Históricos da Cidade do Crato*, por exemplo, após abordar

⁴⁷ PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, José de. *A cidade do Crato*. Fortaleza: Edições UFC, 2010, [fac-símile], p.81-86. A obra foi publicada pelo Serviço de Documentação e Cultura do Ministério da Educação por intermédio do deputado federal Antônio de Alencar Araripe, um dos principais membros da comissão organizadora do centenário, ex-prefeito do Crato e sócio do ICC. Cf: VIANA, Ítalo. *O Instituto Cultural do Cariri... Op. cit.*, p.98. O deputado, por sua posição política e descendência (era tetraneto de Bárbara de Alencar), teve sua biografia publicada no suplemento especial do jornal *Folha da Semana* em comemoração ao aniversário do Crato (ver Primeiro Caderno, p.27).

⁴⁸ PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, José de. *A cidade do Crato. Op. cit.*, p.85.

⁴⁹ CORTEZ, Otonite. *A construção da cidade da cultura... Op. cit.*, p.22-26.

as origens de sua fundação, transformação de aldeia em vila e depois cidade, destacar a Revolução de 1817 e a Confederação do Equador como movimentos notáveis, seu autor encerrou a retrospectiva histórica assinalando:

Do seu descobrimento, nos já bem remotos fins do século XVII ou começos do século XVIII, a 17 de outubro de 1853, data de sua elevação à categoria de Cidade, Crato enfechou num livro de ouro as suas batalhadas glórias e os seus assinalados varões, e traçou no calvário dos seus maiores sacrifícios, *em prol da liberdade*, o destino dos seus heroicos filhos. A festa comemorativa do centenário do Crato não pertence de todo aos nossos evos, pois está ligada, de maneira indestrutível, aos nossos gloriosos antepassados.⁵⁰

A mesma semântica narrativa pode ser observada em Irineu Pinheiro e José de Figueiredo Filho que, ao versarem sobre os movimentos liberais do século XIX e a participação do Crato, avaliaram:

No setênio de 1817 a 1824 nenhum município brasileiro, julgamos, excedeu ao do Crato em brilho e lances de patriotismo. Parecerá, à primeira vista, exagerado o que avançamos, mas não o é, a nosso ver. Pelejaram os cratenses, de armas nas mãos, pela Independência, pela República, pela unidade do Brasil. Cratenses os que chefiaram esses movimentos no Ceará, Piauí e Maranhão. Sabemos que alguns, como o Capitão-mor Filgueiras, não nasceram no Crato, nem no Ceará, mas todos aqui viveram, integralmente, sua vida pública, exercendo cargos, contando com a solidariedade da Câmara, de seus amigos e parentes, do povo, em suma, para suas arrojadas empresas patrióticas.⁵¹

“Terra de Barbara de Alencar”, “Berço de Tristão Gonçalves”, “Terra da Liberdade”, cidade “Patriótica”, “Heroica”, “Revolucionária” e “Progressista” foram, portanto, algumas das imagens acionadas durante os preparativos e ao longo dos festejos como qualidades próprias dos filhos de Crato. Dentre as revoltas liberais daquele século, a Revolução Pernambucana de 1817 ocupava lugar proeminente. A proposta política que a sustentou, somada ao caráter e atuação dos que dela participaram, notadamente a família Alencar – sempre referida como exemplo de patriotismo e heroicidade –, foram os aspectos utilizados na conversão do levante em marco fundador do espírito libertário e de pioneirismo dos cratenses.

⁵⁰ Apontamentos Históricos da Cidade do Crato. In: *A Província*, Crato, n.1, 1953, p.10. O texto não traz assinatura. *A Província*, revista de curta circulação, foi lançada durante os festejos em homenagem aos cem anos do Crato. Seu primeiro número traz a data 17 de outubro de 1953, a mesma da elevação do Crato de vila à cidade. Seus diretores, que também participaram da organização do centenário, eram Florival Matos e F. S. Nascimento. Este era funcionário público, escritor, crítico literário, membro da Academia Cearense de Letras e sócio fundador do ICC. *A Província* circulou até o ano de 1955, totalizando três edições. Grifos meus.

⁵¹ PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, José de. *A cidade do Crato*. *Op. cit.*, p.32.

Nessa perspectiva, 1823 e 1824 seriam consequências naturais do que foi germinado em 1817, da mesma forma que outras bandeiras políticas e iniciativas posteriores em benefício do desenvolvimento material, político e intelectual do Crato. Nas comemorações do centenário, a data e seus personagens foram insistentemente evocados nas narrativas históricas publicadas na imprensa, no livro *Cidade do Crato* e revista *A Província*, em discursos políticos, nos cortejos cívicos, nas atividades realizadas na Praça 3 de Maio – referência ao dia em que o subdiácono José Martiniano de Alencar teria lido, na Igreja da Sé, o manifesto da Revolução de 1817 e proclamado a independência e a república do Brasil⁵² - e no “lançamento da Pedra Fundamental do Monumento aos Heróis de 1817”.⁵³

No projeto apresentado à Câmara dos Deputados por Alencar Araripe, em 1953, para obter subsídios para a construção de um monumento comemorativo ao primeiro século do município, a memória da “gloriosa” revolução foi acionada para justificar o recurso pleiteado: “em [18]17, como em [18]23 e [18]24, o patriotismo e a heroica altivez dos cratenses, sublimados com o martirologio de Bárbara Pereira de Alencar e de seu filho Tristão, acham-se registrados na história em páginas indeléveis”. Diante da importância de tal fato para a história do Crato, arremata ele, “resta-nos perpetuar em monumento, para exemplo edificante às gerações presentes e futuras, tão nobres atitudes”.⁵⁴

A simbologia da Revolução de 1817 como mito fundador de aclamadas tradições cívicas, cujo valor primordial seria a liberdade, continuou sendo atualizada pelos intelectuais do ICC como “marco da história cratense”, como demonstrou Viana, porque “representava o despertar político próprio da ‘alma de todos os povos civilizados’”.⁵⁵ Como elo de continuidade entre passado, presente e futuro, a data deveria ser celebrada como referente da memória coletiva e modelo pedagógico, a exemplo do que fizeram os

⁵² Cf: BRÍGIDO, João. *Apontamentos para a História do Cariri*. Typografia da Gazeta do Norte, 1888, p.64-94. FIGUEIREDO FILHO, José de. *História do Cariri*. *Op. cit.*, v.1, 2010, p.61-96; PINHEIRO, Irineu. *Efemérides...Op. cit.*, p.57-59 e 351-358. O livro foi lançado como homenagem póstuma a Irineu Pinheiro, que o tinha finalizado pouco antes de seu falecimento em 1954. Em fins da década de 1940, na imprensa local, como no jornal *Ecos da Semana* (Crato), alguns dos textos do livro foram publicados.

⁵³ O lançamento foi programado para o dia 17 de outubro, conjugado com a inauguração do jardim da Praça da Sé. Cf: *A Província*, *Op. cit.*, p.69. Mais detalhes sobre o calendário de atividades da festa encontra-se em VIANA, Ítalo. *O Instituto Cultural do Cariri... Op. cit.*, p.109 e 110.

⁵⁴ Monumento Comemorativo das Tradições Cívicas de Crato na Data do Centenário da Cidade. Projeto N^o. 3.120 – 1953. In: PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, José de. *Cidade do Crato*. *Op. cit.*, p.108-109.

⁵⁵ VIANA, Ítalo. *O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato... Op. cit.*, p.140-150.

editores do jornal *Vanguarda*, lançado em 12 de maio de 1887, que a tomaram como inspiração para animar a missão de contribuir para o progresso da cidade:

A esta terra que foi berço dos vultos maiores de nossa história, onde primeiro floresceu a árvore da liberdade, onde primeiro germinou a ideia de independência, onde o devotamento e as ações que enobrecem cruzavam-se e sucediam-se, ela [*Vanguarda*] deve ser um estímulo e um exemplo, um esforço e uma garantia.⁵⁶

Nesse aspecto, considero ser possível pensar esse evento e seus protagonistas – D. Bárbara de Alencar e seus filhos Martiniano e Tristão de Alencar – nos termos de uma “imagética universalizante”. Essa noção foi utilizada por Ribeiro ao se referir aos discursos produzidos em torno do Infante D. Henrique, durante os festejos de seu quinto centenário de nascimento.⁵⁷ A celebração, transcorrida no ano de 1894, em Porto, promoveu a figura do Infante a herói nacional por suas qualidades humanas – forte e corajoso, por exemplo – e feitos – como a tomada de Ceuta e o incentivo às grandes navegações. Atributos que o consagraram e converteram-no em representante da valentia portuguesa e “expressão do predomínio da ocidentalização europeia no destino do mundo”.⁵⁸

O Infante corporificaria, assim, uma imagem universalizante, ou seja, o “herói individual” realizaria uma “ideia coletiva”, pois representante das virtudes (autoinvocadas) da nação portuguesa. A mitificação em torno da Revolução de 1817 e dos Alencares correspondeu, da mesma forma que em relação a D. Henrique, à invenção e crença em uma identidade e memória unificadoras. Seu culto exerceria uma função pedagógica e política na medida em que, pela exemplaridade, provocaria sentimentos de orgulho e exaltação patriótica no presente. A recorrência a este fato e a identificação das qualidades e ações de seus personagens a uma essencialidade cratense realizavam, nesse sentido, uma imagética universalizante e transhistórica.

⁵⁶ Jornal *Vanguarda*, 19/05/1887, ano 1, n.2, p.1. Anunciado como órgão neutro, circulava às quintas-feiras. Não foi encontrada informação sobre quando deixou de circular. Consultar: Subsídios para a história do jornalismo cratense. In: *A Província*, 07/07/1955, p.6. Não tem autoria. A mesma imagem, encontramos no jornal *Correio do Cariry* de 26.06.1892, p.2. Em uma crônica que anunciava que a cidade do Crato iria ter um “financeiro” para cuidar das contas do município, afirmava-se: “De feito, desta vez não nos enganamos, um acontecimento notável ia ter lugar na grande terra dos Cariryos novos – a terra de tantos heróis, de grandes talentos e patriotismo. [...] É filho daqui mesmo. Ah, terra feliz! Pertence a uma das mais velhas famílias do lugar. Que glória não é para um lugar ter um filho ilustre?”. Grifos meus.

⁵⁷ RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. Crise de identidade nacional e a festa de rememoração nos anos 90, em Portugal. In: *Anos 90* – Revista do programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, n.13, julho de 2000, p.63-84.

⁵⁸ *Idem*, p.74.

Para José de Figueiredo Filho, apesar do curto tempo de duração da rebelião no Crato - apenas uma semana -, ela “teve, todavia, repercussão extraordinária no tempo e espaço. A vila tornou-se a *cabeça natural* das lutas em prol da independência no Ceará, e seu raio estendeu-se até pelo Maranhão e Piauí [...]”.⁵⁹ Quanto à família Alencar, esta “converteu-se em patrimônio glorioso do país, de norte a sul.”⁶⁰ Em Crato, prossegue o autor mais à frente, o levante “deixou marcas bem profundas [...]. Criou-lhe o espírito de pioneirismo, no decorrer dos tempos futuros. Quase todo o empreendimento benéfico, nascido na vila ou na cidade, que nasceu da Missão do Miranda, tende a derramar-se noutras regiões”.⁶¹

Na exposição do autor, repete-se a convicção de que pioneirismo, heroísmo e patriotismo, por exemplo, seriam características que distinguiriam e justificariam o desenvolvimento e o lugar ocupado pelo Crato na região. Ou seja, sua vocação rumo ao progresso e núcleo irradiador de “adiantamento” social para o Cariri. Essas representações sintetizavam os padrões valorativos que os organizadores do evento procuraram imprimir em todo o conteúdo das comemorações, reservando à História importante papel em sua narrativa. Na “Sessão Magna Comemorativa do Primeiro Centenário do Crato”, ocorrida no dia 17 de outubro, na qual se encontravam importantes figuras da política estadual e nacional, como o governador Raul Barbosa e o vice-presidente da república Café Filho, foi de Irineu Pinheiro a segunda palavra, que “com autoridade de historiador de que desfruta” realizou:

[...] uma síntese da história do Crato citando os lances mais empolgantes da vida desta terra através dos quais se verificam e se constata os sentimentos de civismo dos filhos do Crato, cuja bravura patriótica todos reconhecem e

⁵⁹ FIGUEIREDO FILHO, José de. *História do Cariri. Op. cit.*, v.1, p.68.

⁶⁰ *Idem*, p.68.

⁶¹ *Ibidem*, p.80. O mesmo padrão valorativo repete-se em texto de 1968, escrito por Raimundo de Oliveira Borges, em artigo intitulado “Exaltação ao Crato” para a revista Itaytera: “Vem de [18]17, ainda mal saída do marco primordial do Miranda, essa linha de heroísmo e ascensões que a projeta [a cidade do Crato], hoje, no cenário da Terra da Luz como líder incontestado em variados setores da atividade humana”. In: *Itaytera*, 1968, p.183. Raimundo de Oliveira Borges, que nasceu em 1907 no atual município de Caririaçu, iniciou sua formação acadêmica no curso de medicina, que frequentou por dois anos, mas formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1937. Dentre as várias funções que exerceu, destaca o fato de ter sido sócio efetivo do Instituto Cultural do Cariri e seu presidente na década de 1990; vereador pelo Crato; Presidente do Rotary Club do Crato; da Associação dos Criadores do Crato e da Exposição Agropecuária do Crato; professor; Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato por cinco anos; membro honorário da Academia de Letras de Uruguaiana e integrante da comissão responsável por pleitear junto ao governo de Juscelino Kubitschek a extensão da energia de Paulo Afonso ao Cariri quando exerceu a função de vereador. Informações retiradas do livro de sua autoria: BORGES, Raimundo de Oliveira. *O Crato Intelectual (Dados bio-bibliográficos)*. Crato: Coleção Itaytera, 1995. A “Coleção Itaytera” estava vinculada à Revista Itaytera, produzida pelo ICC.

proclamam. Fez salientar as atividades cívicas dos cratenses na Proclamação da Independência e da República.⁶²

Além da Revolução de 1817 e dos acontecimentos de 1823 e 1824, também foram publicadas sínteses históricas e artigos com temáticas específicas como: “Esboço histórico da cidade do Crato”; “Episódios da Independência”; “Flagrantes da história do Crato”; “Apontamentos históricos da cidade do Crato”; “Aldeamento e catequese de índios, no Cariri”; “Do curral ao ciclo agrícola”, entre outros títulos.⁶³ O livro “Cidade do Crato”, escrito por Irineu Pinheiro e José de Figueiredo Filho, já referido algumas vezes, nesta seção, abordou, em sua primeira parte, os aspectos do passado do município – sua fundação, elevação à categoria de cidade, lutas armadas, partidos políticos, vida cotidiana etc., enquanto na segunda, de autoria de Figueiredo Filho, foi traçado um perfil do Crato no tempo presente – demografia, economia, lazer, imprensa e educação, por exemplo – usando, em alguns momentos, do recurso da comparação entre presente e passado. Essa contraposição, permitida pela própria divisão da obra, traça numa linha temporal progressiva, a “ascensão do Crato”.⁶⁴

Além, portanto, dos aspectos econômicos, ressaltados insistentemente na imprensa e exibidos na Feira de Amostras e Exposição Agropecuária, apresentando o desenvolvimento material da cidade e indicando seu potencial para o futuro, o discurso historiográfico, não diferentemente, inclusive, dos textos memorialísticos publicados, assumia o tom de exaltação. Nesse sentido, a evocação de um passado exemplar cumpria tanto a função de instrução cívica – produzindo sentimentos de pertença e identidade ao religar os indivíduos entre si -,⁶⁵ como atestava o caráter progressista da cidade e os valores morais dos cratenses.

No discurso de posse da diretoria do ICC, seu presidente, Irineu Pinheiro, ao demarcar o lugar que a pesquisa histórica ocuparia nas preocupações da agremiação, atribuiu à História o papel de promover a “unidade pátria” como meio de fortalecer tradições:

⁶² Ata da Sessão Magna Comemorativa do Primeiro Centenário do Crato, Realizada no dia 17 de outubro de 1953. In: *A Província*, nº 2, 02/07/1954, p.30-32.

⁶³ Respectivamente: *Folha da Semana*, Primeiro Caderno, 17/10/1953, p.5 (sem identificação de autoria); MARTINS FILHO, Antônio. In: *O Povo*, 17/03/19953, Segundo Caderno da edição comemorativa do centenário do Crato, p.4; MARTINS FILHO, Antônio. In: *Folha da Semana*, Primeiro Caderno, 17/10/1953, p. 39; *A Província*, 17/10/1953, p.5 (sem identificação de autoria); PINHEIRO, Irineu. In: *A Província*, 17/10/1953, p.12; ARAÚJO, Antônio Gomes. In: *A Província*, 17/10/1953, p.47.

⁶⁴ IRINEU, Pinheiro; FIGUEIREDO FILHO, José de. *Cidade do Crato*. *Op. cit.*, p.29.

⁶⁵ CATROGA, Fernando. *Nação, Mito e Rito. Religião civil e comemoração*. Fortaleza: Edições NUDOC, Museu do Ceará, 2005.

No Brasil, país vasto, de tradições inda frágeis, deve preocupar-nos, de modo especial, a unidade pátria. Não se esqueça que nada apertará mais os laços que nos devem unir, como nação independente, que os estudos históricos, a pesquisa de documentos, sua interpretação, o conhecimento exato do que fizeram nossos antepassados de digno e de heroico, na paz e na guerra.⁶⁶

Como membros da Nação, os caririenses são, então, convocados a seguir o exemplo do historiador francês Guizot, “buscando salvar o que nos resta em arquivos e cartórios e reaver, se possível, o que se acha desaparecido, há tantos anos, por incúria, por questões políticas à mão armada, por interesses particulares”.⁶⁷ A História é compreendida, então, como via de concórdia e unificação. Esse entendimento, de uma forma geral, definiu a função da História nas comemorações cívicas desde meados do século XIX, “conjuntura em que muitos Estados-Nação apoiaram o desenvolvimento de uma religiosidade civil e cívica que teve nas comemorações um dos seus ritos essenciais”.⁶⁸

Como a memória, a História também foi chamada para desempenhar a mesma função pedagógica daquela: a de instrução cívica através do exemplo. Dessa maneira, a evocação do que era “digno” e “heroico” asseguraria a continuidade histórica ao fixar modelos de ação. Enquanto “liturgias cívicas”, as comemorações, portanto, tornaram-se instrumentos essenciais para a produção e reprodução de representações simbólicas, imprescindíveis à interiorização de valores e combate ao esquecimento coletivo.⁶⁹

No que diz respeito aos festejos em Crato, a rememoração dos movimentos liberais ocorridos no século XIX e da família Alencar, por exemplo, orientavam as ações dos cratenses inscrevendo-as numa tradição de patriotismo e pioneirismo que justificavam sua vocação ao progresso. No obelisco, inaugurado durante as comemorações, em cuja base foram depositados documentos referentes à história da cidade⁷⁰, no lançamento da “Pedra Fundamental do Monumento aos Heróis de 1817”, nos discursos políticos e textos jornalísticos ritualizava-se a história como forma de construção da ideia de unidade – o que vale dizer, de uma comunidade imaginada que se reconheceria a partir dos valores de seu passado. No hino elaborado para a cidade, bem

⁶⁶ PINHEIRO, Irineu. *Efeméride... Op. cit.*, p.555.

⁶⁷ *Idem*, p.555.

⁶⁸ CATROGA, Fernando. *Nação, mito... Op. cit.*, p.105. Ver também: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. Crise de identidade... *Op. cit.*; OLIVEIRA, Lucia Lippi. Imaginário histórico e poder cultural: as comemorações do descobrimento. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.14, n.26, 2000, p.183-202.

⁶⁹ CATROGA, Fernando. *Nação, mito... Op. cit.*

⁷⁰ VIANA, Ítalo. *O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato... Op. cit.*, 131-133.

como para o centenário, também se fez uso de imagens que procuravam fortalecer sentimentos de reconhecimento e integração:

[...] No teu céu lindo brilha
A estrela fúlgida
Que há cem anos norteia o teu porvir
Crato amado, idolatrado
Teu destino hás de seguir
Grande e forte como nosso verde mar
Bendita sejas, ó terra de Alencar [...].⁷¹

Salve, Crato, cidade princesa
Desta terra de luz e calor.
Tu conservas a chama acesa
De um passado de fé e amor.

Neste dia em que festejamos
Todo um século passado de glórias
Os teus filhos heroicos saudamos
Que nos deram sobejas vitórias

Estendida ao sopé destes montes
Da Araripe formosa e altaneira
Terás sempre o frescor de tuas fontes.
Do Ceará serás sempre a primeira.

Que o futuro te traga progresso
E mil anos contínuos de paz.⁷²

O brasão de armas do município, divulgado durante os festejos e transformado em lei, no ano de 1955, reuniu um conjunto de elementos que procurava sintetizar os traços distintivos da cidade. Sua concepção, vale ressaltar, foi de Padre Antônio Gomes de Araújo que, como Irineu Pinheiro e José de Figueiredo Filho, dedicou-se às pesquisas históricas da cidade e região e foi um dos importantes nomes do ICC. No topo do escudo, destaca-se um cocar indígena, referência aos índios que deram nome à região: os Cariris. Em seu centro, contornada por uma figura que lembra uma rosácea, está uma referência à bandeira da Revolução de 1817, como pode ser visualizado na Figura 1:

⁷¹ Extraído de VIANA, Ítalo. *Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato... Op. cit.*, p.126.

⁷² *Idem*, p.122.



Figura 1: Armas do Município do Crato. Fonte: <http://crato.ce.gov.br/>

A inspiração foi justificada pelo fato de o Crato ter sido o único município cearense a aderir ao “movimento de emancipação das Cortes Portuguesas, legando à história pátria as figuras lendárias dos heróis José Martiniano de Alencar, sua mãe Dona Bárbara Pereira de Alencar, e seus demais filhos Tristão Gonçalves e o Padre Manoel Carlos”.⁷³ A diferença em relação à bandeira da Revolução está na inversão da posição da cruz e do sol. No brasão cratense, a cruz ficou acima do sol por ser um símbolo espiritual. Assim:

O arco-íris retrata a união de todos os povos que contribuíram para a formação de nossa raça; a Cruz, o simbolismo da fé, que presidiu o nascimento da Pátria; e o sol representa o sentimento de liberdade, incorporado à própria vida de nossa gente, e a fecundidade, na terra em que “plantando tudo dá”.⁷⁴

Circundando-os tem-se a junção de quatro CC, insígnia com a qual se marcava a fogo o gado e que significa “Cidade do Crato, Cabeça de Comarca”. Ela representa, portanto, “a riqueza primitiva de nossa terra”. Nas laterais do escudo, hastes de cana-de-açúcar simbolizavam a então principal economia do município. Unindo suas extremidades, uma fita em formato de laço com a data de elevação do Crato à condição de cidade. Quanto às cores, o azul “revela a limpidez do céu nordestino”, o branco “traduz a pureza e simplicidade da alma boa dos cratenses” e o verde “as encostas verdejantes da Serra do Araripe, a fertilidade do nosso solo, enriquecida pelo trabalho

⁷³ Lei Nº 349, de 15 de setembro de 1955, cria as Armas do Município do Crato. In: *Documentação. Leis Históricas do Município do Crato*. Revista Itaytera, 1980, p.41-42.

⁷⁴ *Idem*.

[...]”.⁷⁵ A natureza, representada pela Chapada do Araripe e seus vales, como pode ser observado em trechos dos hinos e nas armas do município, aspecto que será retomado mais à frente, também foi componente importante das narrativas de integração e identidade cratense.

Embora com menos força, o folclore, que retrataria a “alma popular” dos festejos através de “folguedos populares secularmente tradicionais”, foi inserido na programação como representante do “patrimônio histórico e cultural” do Crato e Cariri. Inclusão que teve como principal responsável José de Figueiredo Filho, então membro da Comissão Estadual do Folclore e da Associação Brasileira do Folclore.⁷⁶ É forçoso observar, entretanto, que a introdução do “bumba-meu-boi”, “maneiro-pau”, da “corrida de cambiteiros”, “música-de-couro”, entre outras manifestações folclóricas, não ocupou, naquele momento, centralidade no discurso de unidade e essencialidade cratense. Havia, na verdade, uma rejeição a essas práticas culturais por parte de sua elite. O próprio José de Figueiredo Filho, em *Folclore do Cariri*, recordou da resistência em levar tais manifestações para fazer parte da celebração. De acordo com ele, “ainda existia certo ranço de prevenção contra os folguedos que nasceram da vida anônima do povo simples, dos brejos e pés-de-serra”.⁷⁷ Fato que teria começado a mudar a partir das apresentações ocorridas durante a festa na Feira de Amostras e o esforço da “gente que lia e escrevia, na tradicional e progressista cidade do Crato”.⁷⁸ Percebe-se, portanto, o privilégio dado aos valores culturais que representavam os filhos ilustres na representação identitária cratense. Mas, ao abrir espaço para os populares participarem da cerimônia, procurava-se demonstrar que o júbilo pelo centenário da cidade atravessava toda a sociedade, mostrando a todos que ela não pertencia apenas à elite, que havia, assim, uma comunhão entre pessoas de diferentes camadas sociais.

A cerimônia pelo centenário do Crato manteve, pois, uma linguagem convencional às festas cívicas que se realizavam desde fins do século XIX, na Europa, e

⁷⁵ *Ibidem*, p.41-42.

⁷⁶ As expressões entre aspas foram retiradas do texto *A alma do povo nos festejos do centenário*, publicado no suplemento especial do jornal *O Povo*, de 15/10/1953, “Segundo Caderno” da edição comemorativa do centenário do Crato, p.1. Seu autor, José de Figueiredo Filho, dedicou-se também a pesquisa e registro das manifestações folclóricas da região, resultando em publicações importantes como *Folguedos infantis caririenses* (1966) e *O folclore no Cariri* (1962). Foi o mais entusiástico defensor da preservação das manifestações folclóricas no Cariri, o que lhe rendeu o título de folclorista. Para mais informações, consultar: VIANA, Ítalo. *O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato... Op. cit.*, p.112-120.

⁷⁷ FIGUEIREDO FILHO, José de. *O Folclore do Cariri*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962, p.7.

⁷⁸ *Idem*.

no Brasil, ou seja, formatada por ritos, símbolos, folclore, heróis e mitos de origem encenados com fins à integração dos indivíduos ao (re)fundar e sedimentar uma identidade pretensamente universal. Dessa maneira, adotou lugares e atos comuns como cortejos, repetição do passado, exposições, inauguração de monumentos, produção de hinos, selos e bandeira.

Todas essas “manifestações da consciência comemorativa”⁷⁹ foram conduzidas por seus organizadores de forma que seus conteúdos apresentassem os termos valorativos sobre os quais se pretendia que fossem reconhecidos os cratenses. Uma espécie de autobiografia coletiva autorizada pelos que da festa se ocuparam, em que a própria comemoração pelo centenário foi transformada em texto auto-referencial.⁸⁰ Representantes da elite letrada, política, econômica e da Igreja esforçaram-se, pois, em enquadrar e perpetuar uma determinada memória e identidade cratense ou, nas palavras de Cortez, uma “cratensidade”.⁸¹

Valendo-se do recurso da rememoração do passado a partir de várias estratégias que garantissem a transmissão de uma memória exemplar, em que publicidade, discursos políticos, imprensa, literatura histórica e as expressões simbólicas eram seus principais meios, procurou-se, ademais, reafirmar e assegurar o pioneirismo e liderança que o Crato exerceria no Cariri desde fins do século XVIII. Sendo a comemoração um momento em que se opera a evocação do passado e desejos de futuro⁸², as expectativas eram as de que no horizonte cratense a cidade continuasse a fazer jus aos epítetos de *Princesa do Cariri*, *Cidade Progressista*, *Pérola do Cariri*, *Metrópole do Cariri* e *Cidade da cultura*. Qualificativos pelos quais passou a ser designada a partir de meado do século XIX.

1.2 - Disputas intraregionais por hegemonia

Iniciei a seção anterior informando que o ICC foi oficialmente fundado na festa dos cem anos de elevação da vila do Crato à categoria de cidade e que tinha por finalidade investir no estudo e pesquisa sobre a região. Essa característica de origem e propósito da instituição são sintomáticos de uma reação intelectual a um contexto de

⁷⁹ Expressão utilizada por RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. *Crise de identidade... Op. cit.*, p.63.

⁸⁰ GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo*. In: _____ (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.7-24.

⁸¹ CORTEZ, Otonite. *A construção da cidade da cultura... Op. cit.*

⁸² CATROGA, Fernando. *Nação, mito... Op. cit.*; RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. *Crise de identidade... Op. cit.*; OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Imaginário histórico e poder cultural... Op. cit.*

crise que tinha seus pontos de tensão na reconfiguração de forças entre os principais municípios do Cariri e da região em relação à Fortaleza.

No que se refere às relações de poder internas ao Cariri, Crato e Juazeiro do Norte, durante o período aqui tratado, ocupavam o posto de cidades mais importantes. Esta última, entretanto, atravessou a primeira metade do século XX colocando em xeque a primazia de Crato na região, acirrando as tensões existentes entre esses dois núcleos urbanos desde fins do século XIX. Juazeiro do Norte, antes distrito de Crato e emancipada da tutela desta, em 1911, crescia demográfica e economicamente em proporções superiores à sua antiga sede.

O desenvolvimento da “Terra do Padre Cícero” foi impulsionado pelas romarias, crescentes após sua morte em 1934, pela indústria artesanal e pelo comércio. Para se ter uma ideia de sua prosperidade, em fins da década de 1940, o município possuía 3.916 unidades industriais e 1.007 comerciais, enquanto Crato contabilizava 768 indústrias e 609 estabelecimentos comerciais.⁸³ À medida que avançava em seu crescimento, a imprensa foi-lhe atribuindo qualificativos como “Cidade que mais cresce no Ceará”; “Cidade-cogumelo” (por crescer da noite para o dia); “Cidade que faz o Ceará tremer”; “Cidade Cosmopolita”; “Cidade do Progresso” e “São Paulo do Cariri”.⁸⁴ Com dificuldades de modernizar suas bases econômicas, centrada predominantemente na agricultura e pecuária - a Exposição Agropecuária durante os festejos significou uma tentativa nesse sentido -, Crato foi rapidamente superada política e economicamente por Juazeiro do Norte – hoje o segundo maior centro urbano e financeiro do Ceará depois de Fortaleza.

Em periódicos locais, algumas queixas rebatiam a imagem de cidade progressista, que desde fins do século XIX classificava o Crato e que foi atualizada durante as comemorações de seu centenário. Em matéria intitulada “Paciência, Crato!”, seu autor, entre reclamações sobre a falta de estradas, a ocupação das ruas pelos animais, o fraco comércio e o abandono “a que seus filhos maiores lhe entregaram”, lamentava que a “metrópole outrora com aparências portentosas” estivesse caminhando “a olhos vistos para o mar parado das coisas esquecidas e sem importância”:

Lá fora ainda brilham com fulgor estranho as lâmpadas que iluminam feericamente o cartaz de nossa cidade; em outros lugares ainda se fala de

⁸³ Informações retiradas de CORTEZ, Otonite. *A construção da... Op. cit.*, p. 67.

⁸⁴ GOMES, Assis Daniel. *Da “Terra do Padre Cícero” à “Cidade do Progresso”*. *Intervenções urbanas em Juazeiro do Norte (1950-1980)*. Salvador: Editora Pontocom, 2015.

Crato com as honras devidas a uma capital e ainda se pinta a Princesa, hoje doente, com o colorido vivo das coisas fortes e robustas. Mas, nós aqui dentro, vamos vendo e acompanhando esta espécie de caminhada para as realizações nulas, a marcha do gigante para o mar morto que destrói lenta e inapelavelmente.⁸⁵

No ano seguinte, em reportagem sobre a miséria, fome e mortalidade que acometiam a população pobre, lê-se, logo no primeiro parágrafo, o diagnóstico de que “é incontestável a descida vertiginosa na escala do progresso que de há muito vem sofrendo a Princesa do Cariri”.⁸⁶ Não obstante estar-se numa região “que de tudo dá, onde os gêneros alimentícios não são lá pelos olhos da cara”, a constatação do abandono em que se encontrava essa parcela dos moradores, gerando “homens esqueléticos, verdadeiros jecas civilizados”, fez seu autor encerrar a matéria com a seguinte afirmativa e interrogação: “Este é o retrato fiel [da cidade] do Crato que dizem civilizada. Que civilização é essa? De amigos da onça, dirá o gaiato. Pobre Crato...”.⁸⁷

A precariedade da estrutura urbana também foi alvo de várias reclamações, produzindo conclusões como a de que “Crato é uma cidade que não pode servir de padrão para nenhum centro civilizado, do ponto de vista material e urbanístico [...]”.⁸⁸ Entre os transtornos apontados, constavam pavimentação irregular, depressão do terreno e falta de saneamento. A lentidão em resolver os problemas que contradiziam a imagem de nobreza do município incentivou, ainda, comparações com a “Terra do Padre Cícero”:

No Juazeiro, cuja renda é inferior à nossa, já se pode verificar um grande adiantamento nas obras beneficiárias das vias públicas. O Juazeiro sendo 2 vezes maior do que o Crato vai tomando nova forma. Não há motivo algum para ficarmos localizados em segundo plano. O nosso terreno oferece mais vantagens e as ruas são pequenas e estreitas, ao contrário do município vizinho.⁸⁹

O responsável pelo texto solicitou, então, rapidez da prefeitura em solucionar o “completo abandono” em que se encontravam as “principais artérias” que se localizavam “no coração da ‘PRINCESA’”, pois o “velho calçamento sem estética,

⁸⁵ MACHADO, Wilson. Paciência, Crato! In: *Ecoss da Semana*, 06/10/1948, p.2.

⁸⁶ ABATH, Edísio. Pobre Crato... In: *Ecoss da Semana*, 01/01/1949, p.7.

⁸⁷ *Idem*.

⁸⁸ MELO, F. Esmeraldo de. Unilateralismo pernicioso. In: *Ecoss da Semana*, 06/10/1948, p.3. Com esse artigo, ele abriu uma série de matérias que versavam sobre os problemas socioeconômicos do Crato e da região. Nascido no Crato e bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife, em 1947, fundou junto com Padre Antônio Gomes de Araújo, o jornal *O Município* em 1950. Cf: BORGES, Raimundo de Oliveira. *O Crato Intelectual... Op. cit.*, p.319-320.

⁸⁹ VIANA, Ulisses. O calçamento. In: *Ecoss da Semana*, 16/01/1949, seção Comentário da Semana, p.2.

construído no século passado, vai furtando a fama de uma cidade que se diz a mais importante do interior cearense”. E não importava que se esgotassem “os cruzeiros do cofre da prefeitura. O povo quer ver o ruído do progresso”.⁹⁰

A velocidade com que Juazeiro do Norte crescia, assumindo uma posição de liderança na região e contrastando com a estagnação econômica e material de Crato acirrou ainda mais a rivalidade entre as duas cidades. Em reação a essa conjuntura, a elite cratense intensificou o investimento na constituição e fixação de representações simbólicas que tinham na metáfora “Cidade da Cultura” sua lógica orientadora. Como disse Cortez:

Superando o poder econômico do Crato na região, e constituindo um forte poder de barganha política junto aos governos estadual e federal, Juazeiro elaborou para si os adjetivos de “cidade da fé e do trabalho”, “metrópole econômica”, mas nunca pôde ser adjetivada de cidade civilizada ou culta. Esses foram atributos do Crato, estratégias discursivas com as quais os “especialistas da produção cultural” passaram a defender, conscientemente, a superioridade do Crato à medida que Juazeiro a superava no plano econômico e político.⁹¹

Analisando a construção cultural do Crato como “cidade da cultura”, cuja gênese estaria nos acontecimentos sócio-religiosos ocorridos em Juazeiro, no ano de 1889, envolvendo Padre Cícero e a beata Maria de Araújo, Cortez argumentou que desde a segunda metade do século XIX, o “Crato se propunha a ser o núcleo disseminador de um projeto civilizador para a região do Cariri”.⁹² As justificativas se baseavam no fato de a cidade ser a mais povoada, possuir maior número de intelectuais e adotar modelos de civilidade. Valores que contrastavam com as imagens de fanatismo, barbárie e ignorância atribuídos aos habitantes de Juazeiro do Norte pela elite cratense e que geraram grandes tensões, conflitos e disputas entre os dois municípios.

A fundação do Seminário São José (1875) e do jornal liberal O Araripe (1855) - acrescido em fins do século XIX e no decorrer da primeira metade do XX pela circulação de outros periódicos -, a criação da Diocese do Crato (1914), de escolas, associações literárias, revistas, teatro etc., testemunhariam o adiantamento do Crato no campo intelectual e das artes. Em artigo do jornal Gazeta do Cariry de 1933, a

⁹⁰ VIANA, Ulisses. O calçamento. In: *Ecos da Semana*, 16/01/1949, seção Comentário da Semana, p.2.

⁹¹ CORTEZ, Otonite. A construção da cidade da cultura... *Op. cit.*, p.67-68. Ver também DIAS, Carlos Rafael. *Da flor da terra aos guerreiros cariris: representações e identidades do Cariri cearense (1855-1980)*. Campina Grande: UFCG, Dissertação de Mestrado, 2014, p. 50-58.

⁹² CORTEZ, Otonite. *A construção da cidade da cultura... Op. cit.*, p.19,

valorização da cultura letrada como característica dos cratenses foi ressaltada ao se informar que:

O Crato, com justa razão, é considerada a 2ª cidade cearense do ponto de vista educacional. E o bom gosto do nosso povo pelas letras não se resume nos estudos nos estabelecimentos de ensino. Os cratenses leem muito. E para prová-lo aí está a Livraria Ramiro, considerada uma das mais completas do Nordeste[...], [que] para satisfazer a curiosidade e o bom gosto de seus fregueses, mantém relações com as principais editoras do Brasil e de Portugal, expondo em suas vitrines semanalmente as novidades literárias, científicas e jurídicas.⁹³

Na década seguinte, no jornal *Ecos da Semana*, foi publicada uma matéria na qual seu autor fez questão de ressaltar que, não obstante o Crato não poder servir de “padrão para nenhum centro civilizado” em função dos problemas urbanos que o afetavam, “o seu povo é ilustre e digno e o seu nível de instrução está acima da média das cidades nordestinas”.⁹⁴ A representação de Crato como “cidade da cultura”, impulsionada em fins do oitocentos em função das questões religiosas envolvendo a figura de Padre Cícero, avançou pelo século seguinte alimentada, pois, pela projeção de Juazeiro do Norte na região.

O cartaz produzido para as comemorações do centenário colocava em destaque esse simbolismo ao reproduzir a página de abertura do primeiro número do jornal *O Araripe*, representativo do propagado espírito liberal dos cratenses. Essa imagem é combinada a outras que, em conjunto, configuravam padrões narrativos balizadores sobre como o Crato deveria ser conhecido e reconhecido, sobre o que faria parte da memória e identidade cratense: a casa de Bárbara de Alencar, Chapada do Araripe, Igreja Matriz e o Pavilhão da Feira de Amostras do Centenário - este indicando a atual fase de desenvolvimento econômico e material da cidade e as expectativas almejadas.⁹⁵

Na celebração, portanto, reivindicou-se tanto uma tradição de heroísmo, patriotismo e progresso material quanto de cultura letrada, todas re(a)presentadas como parte do espírito de pioneirismo dos cratenses. Imagens recorrentes que foram novamente acionadas para reafirmar a diferença diante dos outros núcleos urbanos do Cariri em um contexto delicado para a cidade, a de perda de hegemonia econômica e

⁹³ Citação retirada de: CORTEZ, Otonite. *A construção da cidade da cultura...* Op. cit., p.186.

⁹⁴ MELO, F. Esmeraldo de. *Unilateralismo...* In: *Ecos da Semana*, 06/10/1948, p.3.

⁹⁵ As armas do município, o mapa da cidade e as figuras do prefeito, do primeiro bispo e do bispo em exercício também fazem parte do cartaz, que foi reproduzido em VIANA, Ítalo. *Instituto Cultural do Cariri...* Op. cit., p.127-128. O jornal *Araripe* foi criado em 1855 no Crato e circulou até o ano de 1864. Era de caráter liberal e teve por fundador e diretor, durante todo seu período de circulação, o jornalista João Brígido.

política para a vizinha Juazeiro do Norte. A evocação de um passado glorioso e atualização de representações simbólicas podem ser interpretadas, então, como ações ordenadoras do desejo de continuidade temporal e identitária do grupo social. Ou seja, de uma vontade de conservação.

Nesse sentido, a importância que a festa adquiriu foi proporcional às necessidades impostas pelas preocupações do presente. Ao recordar eventos fundadores, grandes heróis, belezas naturais e valores de cidadania, seus organizadores revelavam, acima de tudo, o esforço político em, tomando de empréstimo as palavras de Ribeiro, “regenerar o presente com vistas a um futuro promissor”.⁹⁶ Essa característica, celebrar o passado segundo as demandas do tempo presente, definiu muitos dos festejos que as sociedades ocidentais produziram, desde o século XIX, como os centenários das revoluções Americanas e Francesa, das viagens de Colombo e Vasco da Gama, da morte de Camões, do nascimento e falecimento do Infante D. Henrique e do IV Centenário do Descobrimento do Brasil.⁹⁷ Desse modo, como afirma Catroga, referindo-se às comemorações nos EUA, França e Portugal, as celebrações “tinham por finalidade representificar o passado, silenciando o facto de a sua evocação ser selectiva, processo mediante o qual o presente paga aos defuntos ilustres a sua dívida de reconhecimento, não por mero prazer necromântico, mas para lhes extorquir uma mais-valia simbólica.”⁹⁸

Por esse motivo, ainda segundo o autor, é que seria equivocado “interpretar as comemorações como se de actos exclusivamente passadistas e passivos se tratasse”.⁹⁹ No caso de Crato, além dos benefícios da instrução cívica e sedimentação de uma memória e identidade coletiva, projetou-se igualmente a luta pela manutenção de sua posição de liderança na região e o favorecimento de seu crescimento econômico. Como escrito no jornal Folha da Semana:

Tranquilamente adormecida em seu berço de progresso e adiantamento, Crato sonha com a sua beleza infinita, com a sua riqueza valorosa, que a tornou, merecidamente, a Princesa do Cariri. [...] Se Crato sonha placidamente, é porque confia nos seus homens e sabe que eles tudo farão pelo seu progresso que jamais deixará de existir. [...] Ao Crato, portanto, os parabéns nossos

⁹⁶ RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. *Crise de identidade... Op. cit.*, p.81.

⁹⁷ CATROGA, Fernando. *Nação, mito... Op. cit.*; RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. *Crise de identidade... Op. cit.*; OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Imaginário histórico e poder cultural... Op. cit.*

⁹⁸ CATROGA, Fernando. *Nação, mito... Op. cit.*, p.103.

⁹⁹ *Idem*, p.111.

pelo seu centenário e pela felicidade de possuir filhos ilustres capazes de velar pelo seu sempre crescente desenvolvimento.¹⁰⁰

No livro em homenagem aos cem anos da cidade, Irineu Pinheiro, ao lembrar que se tinha chegado “à era dos centenários”, momento em que “entrelaçaremos nossas gloriosas datas cívicas e religiosas”, perguntou “como celebrarmos esses acontecimentos que nos devem ser caríssimos?” A resposta, “solenizando-os com obras que embelezem, saneiem, instruem e eduquem, civilizem, enfim, no *âmbito material e espiritual*, nossa cidade e município”.¹⁰¹ Ganhos que, ao tomar o passado como orientação, pudessem mobilizar ações no presente e garantir a continuidade histórica.

O festejo pelo aniversário secular de Crato, portanto, pode ser interpretado como estratégia política de recondução da cidade em sua trajetória progressista. Ameaçada pela projeção de Juazeiro do Norte, o conjunto de discursos e representações simbólicas (re)produzidos por seus organizadores funcionaram como convocatória em defesa da manutenção da hegemonia cratense. Nessa perspectiva, o centenário, da mesma forma que a fundação do ICC, como se verá mais à frente, fez parte de um projeto político das elites cratenses que atribuíram a si essa missão servindo-se, para tanto, de algumas imagens herdadas: Princesa do Cariri, Cidade Progressista, Metrópole do Cariri e Cidade da Cultura, por exemplo.

Ao acionar tais heranças e revivificar datas e personagens considerados notáveis da história cratense, seus agentes procuraram criar um envolvimento emocional como forma de combater o sentimento de estagnação, confessado muitas vezes na imprensa local. A comemoração significou um momento importante no esforço de refundação da pretendida identidade cratense, acontecimento favorável a uma espécie de recomeço simbólico capaz de mobilizar seus filhos ilustres para garantir a representatividade e poder do Crato na região. A reafirmação da ideia de cidade progressista, entre outras, funcionaria, então, como “alento moral”, retomada de ânimo para se contornar uma situação de crise acidamente evidenciada, em plena festa, pela voz discordante do médico Quixadá Felício:

¹⁰⁰ MACEDO, José de Oliveira. O sonho de Crato. In: *Folha da Semana*, Crato, 17/10/1953. Suplemento Especial, 7º Caderno, p.2.

¹⁰¹ PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, José de. *Cidade do Crato. Op. cit.*, p.34. Grifos meus. Os centenários a que o autor aludia são: o primeiro centenário do jornal O Araripe (07/04/1955), bicentenário de criação da vila e município do Crato (21/06/1964) e o segundo século de fundação da freguesia de Nossa Senhora da Penha (04/01/1968).

Ora bolas, chega de centenário. Está ficando chato dizer-se tanto dele, não obstante não haver dito o principal: que o centenário é uma festa com muita gente e nenhuma realização. A não ser que um jardim e uma feira de amostras sejam, a esta altura da falência administrativa, demonstração de capacidade funcional.¹⁰²

Através de representações que transcenderam a semana da festa, inscritas, em alguma medida, no patrimônio cultural do grupo responsável por sua organização, viabilizava-se a interiorização de valores que sublinhavam a unidade, comunhão de sentimentos e solidariedade com vistas a criar uma consciência ético-cívica capaz de estimular o engajamento em projetos coletivos de transformação da realidade, como disse Quixadá Felício, de “falência administrativa”. A instalação do ICC durante a comemoração do centenário, nesse sentido, expressou essa dupla expectativa, além de procurar instrumentalizar reivindicações e afirmações de uma identidade caririense.

A partir daqui, faz-se necessário abordar o outro ponto de tensão mencionado no começo desta seção, o da relação Cariri-litoral, para que esses processos de constituição identitária e seus cruzamentos possam ser mais bem compreendidos em suas dimensões afetiva, simbólica e política.

1.3 - Instituto Cultural do Cariri: “verdadeiro departamento de cultura e propaganda do Crato e de toda região sul cearense”¹⁰³

Como dito anteriormente, o ICC foi criado em 04 de outubro de 1953, mas teve sua oficialização efetivada no último dia (18 de outubro) dos festejos pelos cem anos de elevação da Vila do Crato à cidade. Simbolicamente, tal decisão sinalizou qual seria o

¹⁰² FELÍCIO, Quixadá. Apenas meio centenário. In: Revista *A Província*, 17/10/1953, p.31. Quixadá Felício foi crítico feroz aos problemas do Crato e da região, angariando para si muita antipatia. Em princípio dos anos 1970, por exemplo, escreveu uma matéria para o jornal O Povo de Fortaleza afirmando que Crato estava morrendo em função de sua má administração (08/07/1970), causando forte mobilização de cratenses, no jornal A Ação, nas estações de rádio da cidade e no próprio jornal O Povo para rebater suas críticas (como o fizeram José de Figueiredo Filho e J. Lindemberg de Aquino). Quixadá Felício (1913-1972) era médico e jornalista, tendo colaborado em periódicos de Fortaleza e do Cariri, incluindo a revista Itaytera e a Rádio Educadora do Cariri. Não era caririense, mas adotou a região para iniciar carreira e constituir família juntando-se, assim, a outros familiares que, em Crato, tinham fixado residência há mais tempo. Foi fundador e primeiro presidente do Lions Club do Crato. Cf: BORGES, Raimundo de Oliveira. *O Crato intelectual... Op. cit.*, p.280-284; AQUINO, J. Lindemberg de. Comemorado Jubileu de Prata do Lions Club do Crato. In: *A Ação*, 27/09/1980, p.4.

¹⁰³ Frase retirada de: FIGUEIREDO FILHO, José de. 10 anos de luta. In: *Itaytera*, 1962, p.3. Em outros momentos, encontramos a mesma ideia se referindo ao ICC e à revista Itaytera, por exemplo: A difusão das coisas do Cariri. In: *Itaytera*, 1961, p.189; FIGUEIREDO FILHO, José de. Explicando. In: *Itaytera*, 1969, p.3.

lugar do Instituto no “futuro-passado” do Crato e da região, como indica o discurso de posse de Irineu Pinheiro, seu primeiro presidente:

Não se devem comemorar apenas com festas, fogos, banquetes, manifestações de cunho transitório, datas que nos são caras e gloriosas, mas, também, de modo especial, solenizá-las com algo que seja mais alto e duradouro.¹⁰⁴

Essa coincidência de datas não apenas garantiu visibilidade para a agremiação, haja vista a cobertura da imprensa e presença de convidados ilustres de cidades do Ceará e outros estados, como revela uma estratégia de duplo ganho: 1- agregação de valor simbólico às festividades ao reafirmar a imagem de Crato como “cidade da cultura”, bem como o de espírito pioneiro de seus filhos; 2- garantia de distinção e legitimação para o sodalício já em seu nascimento.

Outro aspecto, sinalizado anteriormente ao levar-se em consideração que sua emergência ocorreu em momento de crise, é que seus idealizadores e sócios assumiram o projeto político de contribuir para a superação dos entraves ao desenvolvimento econômico. Era necessário sair da constatação e lamento à condição de atuantes na busca por soluções para os problemas que se apresentavam. Não apenas discurso, mas também envolvimento, era o que pregavam os organizadores dos cem anos de Crato – como foi exemplificado páginas atrás.

Além do estudo das “ciências, letras e artes em geral”, conforme lê-se nos estatutos como sendo a finalidade da agremiação, o exercício intelectual como atividade política também foi marcante. Embora coexistindo com outras instituições entre os anos de 1950 e 1970, seus agentes conseguiram torná-lo importante espaço de sociabilidade e solidariedade, de efervescência intelectual e de afetividade daqueles interessados no progresso de Crato e do sul cearense. Políticos, religiosos, advogados, historiadores, professores, agrônomos etc., todos investidos de um regionalismo intelectual e imbuídos de tal propósito.

Esse era o ânimo entre seus idealizadores e sócios, como deixa transparecer pequeno trecho do discurso de Renato Alencar, identificado como “intelectual cearense” e “militante da imprensa na capital federal”, e, possivelmente, um dos descendentes da heroica família Alencar, ao parabenizar a iniciativa de fundação do ICC diante da “importância da reeducação do nordestino, no sentido de criar nele o senso da realidade

¹⁰⁴ PINHEIRO, Irineu. *Efemérides...Op. cit.*, p.540.

e o amor à solução dos problemas climatéricos regionais, tomando uma atitude objetiva ante os flagelos que nos afligem, de modo a aprender a ‘agir’ em vez de ‘esperar’”.¹⁰⁵ Infelizmente, não há mais detalhes de seu pronunciamento, mas é interessante observar ter sido, justamente, esse o recorte realizado pelo redator da Ata evidenciando o amálgama político presente na materialização da instituição.

É preciso destacar, entretanto, que anterior a essa congregação de forças, alguns representantes da elite cratense reclamavam, se mobilizavam e refletiam sobre as dificuldades de desenvolvimento econômico e os problemas urbanos da cidade através da imprensa local e de Fortaleza. Algumas vezes, inclusive, assumindo um discurso regionalista, especialmente quando os temas eram agricultura e pecuária, as principais atividades produtivas do Cariri. As saídas indicadas iam desde a criação do Estado do Cariri à mecanização da agricultura e medidas de melhor aproveitamento das águas que corriam das fontes da Chapada do Araripe.

Compreende-se, dessa forma, a convocação feita aos filhos do Crato nos discursos ao longo dos festejos do centenário para que atuassem na resolução dos problemas da cidade, em que a memória dos grandes feitos de homens ilustres do passado, o destaque à atuação de políticos, intelectuais e produtores agrícolas (donos de engenho, especialmente) e às potencialidades econômicas do município e da região – através da Feira de Amostras e da Exposição Agropecuária – funcionaram como estímulo à ação e crença na retomada do progresso.

O primeiro presidente do ICC, Irineu Pinheiro, frisou a necessidade de unir forças em prol de novas conquistas para Crato. Na parte que lhe coube, no livro *Cidade do Crato*, produzido em comemoração ao centenário, o autor vislumbrava um futuro promissor para a cidade desde que, é claro, houvesse esforço dos cratenses nesse sentido:

Quem sabe não reserva o destino ao Crato a glória de atingir através dos tempos a dignidade de capital, isto é, sede de governo, derradeiro degrau de sua ascensão de aldeia à vila, à cabeça de comarca e à cidade? Mas para que bafeje a fortuna é preciso [que] apresente credenciais que superem as de qualquer outra cidade do sul do Ceará e do interior dos Estados vizinhos de Pernambuco e Paraíba. *Tal obteremos, estamos certo, se trabalharmos, desde já, com esforço e tenacidade.*¹⁰⁶

¹⁰⁵ Ata da Sessão Solene de Posse da [Primeira] Diretoria do Instituto Cultural do Cariri. In: *Livro de Atas do Instituto Cultural do Cariri*, v.1, 1953-1957, p.4.

¹⁰⁶ PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, José de. *Cidade do Crato*. Op. cit., p.33.

E após advertir que o amor à “terra natal” não deveria passar a impressão de motivações “descabidas e estreitas razões de bairrismo”, ressaltou que:

Se incitamos o Crato a agir para exceder material e espiritualmente suas irmãs caririenses e as que lhe são próximas nos Estados de Paraíba e Pernambuco, não deixamos, entretanto, de desejar que estas prosperem sempre para o bem delas e da comunidade brasileira a que pertencemos.¹⁰⁷

Cruzaram e integraram-se na inauguração do ICC, portanto, o desejo de que Crato retomasse seu caminho progressista, a recondução da cidade ao posto de irradiadora de civilização e progresso para o Cariri e a necessidade de instituição de uma aliança regionalista capaz de assegurar investimentos para o sul do Ceará junto aos governos - tendo em vista as políticas desenvolvimentistas do governo Vargas e de Juscelino Kubitschek, este com seu Plano de Metas, que reacenderam esperanças de superação da estagnação econômica e a necessidade de configuração de um poder político regional como forma de garantir benefícios para o Cariri nos projetos federais. Nesse aspecto, não apenas a cidade é (re)imaginada a partir de determinados valores e representações simbólicas como a própria região passa a ser redesenhada de acordo com uma série de interesses políticos e culturais dos agentes que movimentaram a instituição entre os anos 1950 e 1970. Como indicou Irineu Pinheiro em trecho de seu discurso de posse da presidência do Instituto, transcrito no começo desta seção, a agremiação seria a continuadora dos anseios expressos durante os festejos. Mais ainda, seria o elo entre o presente, passado e futuro do Crato e Cariri.

A iniciativa dos fundadores do ICC pode ser interpretada, no contexto das disputas internas por hegemonia e de uma conjuntura cujos temas do desenvolvimento, da industrialização, modernização e mudança social vão se impondo nacionalmente¹⁰⁸ - gerando expectativas positivas entre as elites -, como estratégia de manutenção da liderança política, econômica e cultural do Crato no Cariri. Nessa perspectiva, o discurso regional converteu-se em importante suporte legitimador e agregador do Instituto. Em nome da região, se procurou arrefecer a concorrência entre as cidades caririenses e fortalecer a crítica às disparidades entre centro (Sul) e periferia (Norte), litoral e sertão. Dessa maneira, e da mesma forma que em relação ao Crato durante a celebração de seus cem anos, o grupo ligado à agremiação buscou (re)inventar uma

¹⁰⁷ PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, José de. *Cidade do Crato. Op. cit.*, p.34. Grifos meu.

¹⁰⁸ LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2ª ed., 2013; SENA, Custódia Selma. *Interpretações dualistas do Brasil*. Goiânia: Editora UFG, 2003.

identidade caririense a partir das seguintes bases discursivas: mito de origem (História), cultura (folclore) e natureza.

A capitalização de uma conjuntura política nacional com reflexos no sistema fiscal e na distribuição e exercício dos poderes nos estados federativos forneceu, então, condições para a construção de representações e discursos sobre a identidade regional e justificativa para a condição de atraso econômico em que se encontrava o Cariri. No final da década de 1940, por exemplo, o movimento municipalista brasileiro, através da Associação Brasileira dos Municípios (ABM) - criada em 1946 - e sua campanha pela modernização do interior e reversão da condição de abandono das populações rurais¹⁰⁹, contribuíram para a reflexão sobre o conjunto regional e seus problemas na imprensa cratense.

O jornal *Ecos da Semana*, pela pena de F. S. Esmeraldo, publicou, ao longo do segundo semestre de 1948, uma coluna versando, justamente, sobre “Temas Municipalistas” em que o Cariri, especialmente o Crato, evidentemente, foi tematizado. A ideia era “contribuir com uma parcela mínima de esclarecimento para a solução dos magnos e assoberbantes problemas que nos afligem e conturbam neste desprezado rincão cearense – o Cariri”.¹¹⁰ Celebrando o fato de os “problemas municipalistas” estarem na “ordem do dia”, denunciou a antítese entre a fertilidade da região e as dificuldades enfrentadas pelos agricultores:

O Cariri deixa, à primeira vista, antever o contraste mais berrante entre a *pujança da natureza e a tristeza do seu povo*, notadamente da classe rurícola. Há um grande e profundo desajustamento entre a *exuberância da natureza e a miséria atroz dos filhos que povoam este vale* que, dadas as condições lamentáveis, do ponto de vista econômico e social em que se encontra, bem pode, parafraseando a Salve Rainha, ser denominado, sem nenhum exagero, de o “vale de lágrimas” do Cariri ou o “vale das lamentações” [...]. Vemos, no decurso dessas crônicas, examinar devagarinho as múltiplas causas que tem originado o coro de imprecações dos nossos concidadãos, homens dos campos, principalmente, mas também, e em escala bastante elevada, das cidades caririenses.¹¹¹

¹⁰⁹ CAMARGO, Alexandre de Paiva Rio. Municipalismo e ruralismo: o IBGE e a “organização nacional” na Era Vargas. In: *O IBGE na história do municipalismo e sua atuação nos municípios: o pensamento de Teixeira de Freitas e de Rafael Xavier*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008, p.37-48; MELO, Marcos André B. C. de. Municipalismo, *nation building* e a modernização do Estado no Brasil. In: *O IBGE na história do municipalismo e sua atuação nos municípios: o pensamento de Teixeira de Freitas e de Rafael Xavier*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008, p.49-66.

¹¹⁰ ESMERALDO, F. S. Temas Municipalistas. In: *Ecos da Semana*, Crato, 22/08/1948, p.5.

¹¹¹ *Idem*.

Não foram localizadas matérias que indiquem o prosseguimento e fortalecimento dessa temática na imprensa nos anos posteriores, ou mesmo a criação de algum grupo de pessoas interessadas em organizar-se politicamente em torno da ABM. Os poucos números de jornais que circularam em Crato e Juazeiro do Norte, disponíveis para consulta, não permitem uma avaliação taxativa a esse respeito, apesar da constância das denúncias e reclamações sobre problemas sociais e econômicos. De qualquer forma, provavelmente as questões levantadas pelo movimento municipalista brasileiro em fins dos anos 1940, que teve carta convocatória do presidente da ABM expondo os objetivos da associação publicada em *Ecos da Semana*, contribuíram para colocar mais água na fervura dos ressentimentos em relação à imagem de desprezo e abandono do Cariri pelos governos da capital e do Distrito Federal.¹¹²

A frase “O Cariry é uma região suntuosamente protegida pela natureza e miseravelmente abandonada pelos homens”, reproduzida em letras garrafais, na primeira página do referido jornal, em sua edição especial de 07 de setembro de 1948, sintetizava a permanência e revigoramento dessa queixa entre suas elites.¹¹³ Seus ecos remontam ao século XIX, quando setores da elite caririense criticavam a maior atenção dada pela administração provincial ao litoral cearense, fator reiteradamente apontado como causa de entrave do progresso da região. A reclamação serviu como motivação para o projeto elaborado em 1828, pela Câmara do Crato de criação da Província do Cariri, que teria por sede administrativa o Crato em função de seu peso político, econômico e intelectual na região. A proposta foi retomada em 1839 e apresentada ao Senado do Império pelo cratense e senador da Província do Ceará José Martiniano de Alencar, personagem tornado herói com a Revolução de 1817. Em 1846, foi novamente apresentada pela Assembleia Legislativa da Província e reacendida no decênio de 1850 pelo jornal liberal *O Araripe*.¹¹⁴

Atualizado no século XX, o projeto alimentou, novamente, o sonho separatista entre setores da elite caririense, em 1905 e 1957, que reivindicavam a criação do Estado

¹¹² A carta enviada pelo presidente da ABM, Rafael Xavier, foi publicada no jornal *Ecos da Semana*, no dia 04/07/1948, p.5. Destaco o seguinte trecho: “É preciso também criar e estimular o espírito de amor a sua terra, ao seu rincão; preservar e manter as tradições locais; fazer reviver o ânimo de luta para a defesa do homem e da riqueza do interior e lutar contra o parasitismo devorador das capitais, onde se concentram todas as atividades da administração, com a aplicação em obras suntuárias, das rendas auferidas do trabalho do homem no campo”.

¹¹³ *Ecos da Semana*, 07/09/1948, p.1.

¹¹⁴ Cf: ALVES, *Desejos de civilização: representações liberais no jornal O Araripe (1855-1864)*. Fortaleza, Dissertação de Mestrado, 2010, p.66-75; CORTEZ, Otonite. *A construção da... Op. cit.*, p.26-31; DIAS, Carlos Rafael. *Da flor da terra aos guerreiros cariris... Op. cit.*, p.39-45.

do Cariri.¹¹⁵ A indicar pela reprodução no jornal *A Ação* de 1940 do que seriam os limites físicos do “Estado do Araripe”, um recorte de trecho do artigo “Divisão Territorial do Brasil”, do Major João Segadas Viana impresso na *Revista Brasileira de Geografia* em julho daquele mesmo ano, pode-se mesmo presumir que não se desperdiçavam oportunidades de alimentar tal desejo.¹¹⁶

Os argumentos separatistas utilizados para justificar a fundação do Estado do Cariri, de um modo geral, não variaram em relação ao que se argumentava no século XIX. Ou seja, predominou a justificativa de que a região tinha seu progresso econômico e civilizatório atravancado pelo abandono em que se encontrava o sertão pelo governo central, que privilegiava o litoral com recursos financeiros. Entre fins das décadas de 1940 e 1950, assistiu-se a um revigoramento desse debate culminando, como visto linhas acima, na reapresentação da ideia de autonomia como solução salvacionista.

A repercussão do artigo “Algemas no Gigante”, em que seu autor reclamou das consequências econômicas sofridas pelo Crato e Cariri em função do que chamou de “descaso” dos governantes, exemplifica bem o humor de muitos em relação à capital cearense.¹¹⁷ Publicado, primeiramente, no jornal *A Ação*, foi reproduzido em *Ecos da Semana* sob a alegação de que o texto trazia uma “compreensão exata do nível a que descemos economicamente”. O motivo da derrocada seriam os obstáculos na comercialização dos produtos agrícolas em função das dificuldades de comunicação com os estados vizinhos. Retomando a imagem contrastante entre fertilidade da região e crise econômica, denunciou que se estava a morrer de “sede dentro de um açude”, pois “com a ausência de estradas o Cariri se afigura a um gigante algemado”:

O Cariri está insulado. É um leão enjaulado. Perdeu as forças de sua pujante economia. Fortaleza, querendo coibir nossas ligações com Recife, entendeu

¹¹⁵ Em 1957, foi criado, inclusive, um Comitê Central Pró-Estado do Cariri. Na década de 1990, alguns políticos e intelectuais de Juazeiro do Norte realimentaram o desejo de criação do Estado do Cariri através de um movimento denominado *Pacto de Cooperação do Cariri*, mas que não obteve muita repercussão e adesão. Nessa nova tentativa, Juazeiro do Norte, e não mais Crato, seria a capital administrativa do novo estado em função de ter assumido o lugar de principal cidade da região, nas últimas décadas do século XX.

¹¹⁶ VIANA, João Segadas. Divisão territorial do Brasil. In: *Revista Brasileira de Geografia*, 1940, Ano II, Nº 3, p.372-406. Texto originalmente produzido em 1933. Na divisão proposta para a formação do Estado do Araripe, Crato seria sua capital.

¹¹⁷ PRO. Algemas no gigante. In: *Ecos da Semana*, 07/09/1948, p.2. O artigo foi divulgado originalmente na edição do jornal *A Ação* de 05/09/1948. A justificativa usada para sua republicação em *Ecos da Semana* foi de que ele se constituía em “Página de acentuado caráter patriótico, onde seu autor, em linguagem forte, sem atalhos de covardia, deixou transparecer a situação aflitiva em que se encontra o Crato, conseqüente ao descaso a que nos jogaram os atuais governantes, relegando a um criminoso desinteresse os problemas cruciais de uma região que poderia ser o celeiro de todo o Ceará, esse artigo do conhecido articulista está a exigir a mais ampla divulgação”.

de castigar o Cariri, deixando-o isolado do mundo. É bem patente a pressão que nos move o comércio da capital. Vêm cogitando de todas as medidas que nos separem de Pernambuco, Paraíba e Piauí. Quiseram até proibir-nos a exportação do algodão. E porque não puderam desligar-nos com esses Estados, ei-los macumunados para negar-nos *pão e água* em matéria de estrada. [...] O Cariri tem razão em não acreditar nos dirigentes do Estado. Eles prometeram muito nas excursões eleitorais e, agora, como que patrocinam as ciurmadadas do comércio de Fortaleza com Pernambuco. [...] O Cariri, que saudou festivamente a redemocratização do Estado, continua a ser o grande esquecido que está servindo apenas para aumentar as rendas do fisco e aumentar os cocientes eleitorais do situacionismo estadual.¹¹⁸

As reclamações na imprensa sobre a falta de investimento do governo estadual em estradas na região e apoio aos agricultores, à recepção e divulgação das ideias da Associação Brasileira dos Municípios, os longos embates políticos com Fortaleza em relação à distribuição da energia elétrica de Paulo Afonso para o sul cearense - que resultou na criação do Comitê Pró-Eletrificação e Industrialização do Cariri em 1949 e sua reorganização em 1956 -, entre outros fatores, contribuíram para revivificar o discurso do abandono entre a elite caririense, fortalecendo antigas rixas políticas entre o sul do Ceará e o litoral. A recolocação da proposta de fundação do Estado do Cariri, em 1957, representou o transbordamento das insatisfações e queixas aos benefícios fiscais e estruturais concedidos a Fortaleza em prol de seu desenvolvimento, relegando ao esquecimento, segundo o prisma dos queixosos, a região mais próspera do interior do estado.¹¹⁹

¹¹⁸ *PRO. Algemas no gigante... Op. cit.*, p.2.

¹¹⁹ No ano anterior, não coincidentemente, explodiram as disputas entre a capital cearense e o Cariri pela expansão dos fios de energia da hidrelétrica de Paulo Afonso. A garantia dada por Getúlio Vargas, em 1952, de que o Cariri seria beneficiado pelas linhas de transmissão da usina e ratificada, em 1956, pela CHESF, que anunciou oficialmente a inclusão do Cariri nos planos de expansão energética até o fim de 1957, provocou imenso descontentamento ao governo do estado e seus correligionários. O motivo estava no fato de o projeto da companhia estatal não ter incluído todo o território cearense, deixando de fora, inclusive, Fortaleza. A tensão de 132 kV, que seria disponibilizada para o Cariri, impossibilitaria sua extensão para as outras partes do Ceará, informava a CHESF. A notícia fez com que o deputado Virgílio Távora e o governador Paulo Sarasate pedissem a revisão do projeto de forma a poder garantir ao conjunto do estado os benefícios da energia de Paulo Afonso. A ideia, resumidamente, era solicitar a mudança de tensão para 220kV, o que permitiria sua paulatina ampliação para o restante do estado. O pedido, claro, acirrou os ânimos entre a elite caririense, que mais uma vez, sentiu-se ameaçada pela capital em seu desejo de crescimento econômico. A reativação do Comitê Pró-Eletrificação e Industrialização do Cariri, em 1956, foi uma das reações ao plano, denominado de Eletrificação Total do Estado, apresentado pelo deputado Virgílio Távora e pelo governador do Ceará. O receio era de que a mudança provocasse anos de demora na chegada da eletricidade para a região ou mesmo que não se concretizasse por falta de verbas, ao passo que o projeto, originalmente traçado pela CHESF, seria concluído em 18 meses. Nesse contexto de disputas, em que representantes do Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha centralizaram as discussões e ações com o intuito de barrar as modificações propostas, rivalidades intraregionais foram temporariamente suspensas. A ameaça lançada por Fortaleza às pretensões econômicas do Cariri trouxe novamente à tona antigos ressentimentos. A frase do deputado Wilson Roriz, ao afirmar que tudo se devia a “motivações das forças econômicas da capital, que nunca viram com bons olhos o desenvolvimento do Cariri”, é expressiva, nesse sentido. Em dezembro de 1956, o presidente Juscelino Kubitschek autorizou a modificação no projeto inicial da CHESF, saindo vitoriosos

Os embates que se desenrolaram entre o Cariri e Fortaleza, em fins dos anos 1940 e ao longo da década seguinte, malgrado a tentativa, entre outras, de cordialidade promovida pela festa do centenário do Crato, alimentou alguns esforços no sentido de instituir uma mentalidade regionalista capaz de se colocar acima dos interesses particulares dos municípios que formavam administrativamente a região. Não foi outra a intenção pronunciada e defendida por Francisco de Assis Leite que, em 1950, lançou campanha pela criação do Dia do Cariri, com repercussão na imprensa local. Relembrando o episódio trinta e nove anos depois, Raimundo de Oliveira Borges, sócio fundador do ICC, mencionou um artigo seu em que, após “diversas considerações em torno do descaso dos governos quanto ao Cariri e da alta significação do evento como marco inicial para que – olhos fechados à questão dos limites – os municípios caririenses formassem um todo indivisível no tocante às reivindicações comuns”, finalizava dizendo:

Ressalte-se, afinal, que tais comemorações não devem realizar-se apenasmente no Crato, porque o “DIA DO CARIRI” não pertence exclusivamente a qualquer dos seus municípios, mas a todos os que configuram a extensa região meridional do nosso Estado. Verdade é que a criação foi aqui [Crato] ocasionalmente idealizada, mas a efeméride a todos nos irmana, como uma grande e compreensiva família unida pelos laços mais fortes para a defesa das nossas recíprocas aspirações.¹²⁰

O contexto, portanto, de transformações na política brasileira, marcada pelo debate desenvolvimentista do pós-guerra, de integração nacional e de diminuição das disparidades entre Norte e Sul - ideias conduzidas pelo predomínio da teoria dualista em

os defensores do Plano de Eletrificação Total do território cearense. No ano seguinte, Wilson Roriz, que era caririense, apresentou à Assembleia Legislativa seu projeto de criação do Estado do Cariri, atualizando, mais uma vez, o antigo sonho de autonomia política e financeira. Cf: GOMES, Assis Daniel. “Faça-se luz”. *A eletrificação urbana no Cariri cearense (1949-1972)*. Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado em História, 2016; _____. O “Rio civilizador” e o “Vale do Cariri”: a eletrificação urbana do Sul do Ceará (1949-1961). In: *Revista Espacialidades*, 2014, v.7, p.172-195. Disponível em <http://cchla.ufrn.br/espacialidades/v7n1/Espacialidades_v7n1_09.pdf>. Acesso em: 11/01/2016; SILVA FILHO, Antônio Luiz. *Entre o fio e a rede: a energia elétrica no cotidiano de Fortaleza (1945-1965)*. São Paulo: PUC, Tese de Doutorado em História, 2008, p.25-50. A frase do deputado Wilson Roriz, citada nesta nota, foi retirada da tese mencionada (ver p.37).

¹²⁰ Francisco de Assis Leite nasceu em Milagres, cidade caririense, em abril de 1911. Era Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Teresina. No Crato, foi fundador do Almanaque do Cariri. Referências: BORGES, Raimundo de Oliveira. *O Crato intelectual... Op. cit.*, p.288-291. Ver também: PINHEIRO, Irineu. Efemérides... *Op. cit.*, p.233; MARTINS, Cícero. O Dia do Cariri. In: *A Classe*, 15/01/1950, p.3. Nesse jornal, a seção “Notícias da Cidade”, do dia 12/02/1950, p.1, traz relato da votação na Câmara Municipal do Crato para a deliberação do Dia do Cariri. As datas em disputa eram 01 de setembro e 31 de janeiro, tendo sido escolhida a primeira. Alguns autores afirmam que 01/09/1822 marcou um dos mais importantes feitos cívicos da Câmara Municipal do Crato, pois foi nessa data que teria ocorrido o primeiro grito de libertação de Portugal (sete dias antes do grito do Ipiranga). PINHEIRO, Irineu. *Efemérides... Op. cit.*, p.30.

voga até meado dos anos 1960 -, despertou rivalidades na luta pelo poder como forma de garantir parcelas de benefícios dos programas e investimentos federais. No Cariri, além das disputas internas, em que Crato e Juazeiro do Norte foram suas principais protagonistas, assistiu-se também a novos embates com Fortaleza que, de acordo com seus acusadores, vivia a interpor obstáculos ao desenvolvimento da região em defesa de seus interesses econômicos.

Nessa atmosfera, é que se compreende os esforços da elite de Crato em refundar discursivamente a “posição-de-sujeito” deste município, na região, ao (re)afirmar uma identidade cratense a partir da marcação da diferença em relação às demais cidades do Cariri como, no mesmo sentido, as demarcações identitárias que significariam o ser caririense – que como se verá mais à frente, foram conduzidas primordialmente por Crato. Nessa conjuntura, é que se entende, também, as iniciativas políticas e simbólicas de construção de uma unidade e sentimento de pertencimento à região, da qual o ICC é o exemplo mais duradouro.

Afinando objetivos políticos e culturais, a agremiação reuniu jornalistas, advogados, políticos, clérigos, professores, agrônomos, artistas, historiadores entre outros interessados no desenvolvimento material e intelectual da cidade. Inseridos num jogo de disputas, seus fundadores utilizaram-se, justamente, do discurso regionalista como estratégia de adesão, coesão e legitimação. O primeiro número da revista *Itaytera*, lançada em 1955 como órgão oficial do ICC, trouxe, justamente, como “programa definido” a “defesa intransigente da região caririense”. Para tanto, “lutará com empecilhos múltiplos, mas saberá vencê-los, pois conta com o apoio firme e decidido das figuras que integram os quadros do Instituto Cultural do Cariri, sediado em Crato”. Prosseguindo na apresentação da publicação, José de Figueiredo Filho, então presidente da agremiação, afirmou que:

“Itaytera” quer seu lugar ao sol. Já passou a época da preponderância absoluta do litoral em todos os setores da vida. No interior e na região é onde pulsa o verdadeiro coração do Brasil. Seu programa não está fechado em regionalismo estreito. Não podemos mais viver em regiões estanques, sem contato com o Estado, o país e a própria humanidade [...]. “Itaytera” pugnará, sem desfalecimento, pela melhoria do nível cultural e pelo bem-estar da região caririense dentro da comunidade cearense e brasileira, sem esquecermos de que somos parcela bem viva desta humanidade inquieta de hoje.¹²¹

¹²¹ FIGUEIREDO FILHO, José de. “Explicando...”. In: *Itaytera*, Crato, 1955, p.1.

Diferentemente dos discursos regionalistas que emergiram na segunda metade do século XIX, no sul do Ceará - fruto do processo de federalização e consequente centralização política -, caracterizado por preocupações de caráter local, provinciano e de cunho separatista, o regionalismo em elaboração entre os anos 1950-1970 vinculou-se, fortemente, ao “novo regionalismo” surgido na década de 1920 sob orientação de Gilberto Freyre. A distingui-lo estava, grosso modo, a superação da ideia de região como espaço eminentemente político-administrativo e sua concepção a partir de elementos históricos, sociais e culturais que extrapolavam as fronteiras geográficas dos estados e municípios, instituindo, dessa forma, um regionalismo de caráter sociológico e histórico.¹²²

Na concepção sociológica freyreana de região, o Nordeste emergia como espaço instituído de determinadas características culturais e sociais que conformariam sua identidade regional. No mesmo movimento em que estabelecia uma existência cultural para a região, o regionalismo de Freyre defendia a valorização e manutenção de suas particularidades como fundamentais para o fortalecimento da unidade brasileira. A diversidade e a diferença regional seriam, portanto, saudáveis para a constituição da própria identidade nacional, devendo ser assumidas como uma de suas características. Nesse sentido, o discurso regionalista de Freyre entrelaçava a questão da nacionalidade brasileira à integração das regiões ao conjunto nacional:

[...] O conjunto de regiões é que forma verdadeiramente o Brasil. Somos um conjunto de regiões antes de sermos uma coleção arbitrária de “Estado”, uns grandes, outros pequenos, a se guerream economicamente [...] num jogo perigosíssimo para a unidade nacional. Regionalmente é que deve o Brasil ser administrado. É claro que administrado sob uma só bandeira e um só governo, pois regionalismo não quer dizer separatismo, ao contrário do que disseram ao Presidente Artur Bernardes.¹²³

As hierarquias regionais fundadas nas diferenças culturais, sociais, ambientais, econômicas e de desenvolvimento tecnológico, geradoras de preconceitos e rivalidades entre as regiões, deveriam ser diluídas para que fosse possível a conciliação e integração. Assim, o “regionalismo é redefinido de simples representação pitoresca do

¹²² ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 4ª ed., 2009; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O regionalismo nordestino. Existência e consciência da desigualdade*. São Paulo: Editora Moderna, 1984; D’ANDREA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta. O pensamento de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e literárias nordestinas*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2ª ed., 2010.

¹²³ FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 7ª ed., p.51, 1996.

dado local em forma de arte, de luta política em nome de uma província, de um Estado, para um novo discurso em que esses dois aspectos surgem articulados e superados”.¹²⁴

Como elementos motivadores de sua elaboração, expresso, entre outros documentos, no Manifesto Regionalista, estava tanto uma reação ao que era considerado como universalização cultural imposta pelo avanço do capitalismo quanto uma insatisfação com a acentuada centralização e burocratização política montada com a federalização – que concentrou grande parte dos recursos financeiros no centro-sul do país, fazendo existir um Brasil industrializado e desenvolvido e outro arcaico e subdesenvolvido. Em relação ao primeiro aspecto, a proposta era barrar a incorporação da inovação através da conservação dos valores regionais e tradicionais do Nordeste. Nesse ponto, residia, de acordo com alguns autores, o caráter tradicionalista e conservador do regionalismo freyreano, pois defensor da tradição como forma de combater o imperialismo cultural e a modernização que estariam ameaçando costumes tradicionais. Daí o embate com o modernismo paulista de 1922, considerado como um movimento desnacionalizador.¹²⁵

Quanto ao segundo caso, a elaboração do “regionalismo tradicionalista” representou uma outra forma de posicionar-se politicamente contra o que, desde o século XIX, era reclamado pelas elites que estavam, especialmente, localizadas distantes do centro do poder: o descaso e esquecimento por parte do governo central. De acordo com Silveira, a recolocação dessa questão na década de 1920 e, posteriormente, nos anos 1950 com a “incorporação da problemática dos ‘desníveis regionais’ ao discurso político e à tomada de decisões, e que teve por corolário a criação da Sudene”¹²⁶, expressou a consciência de uma realidade em crise em oposição a um outro espaço regional: o Sul do país. Nas palavras da autora, “a ideologia regionalista, tal

¹²⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste... Op. cit.*, p.101.

¹²⁵ *Idem*, p.101; D’ANDREA, Moema Selma. A tradição (re)descoberta... *Op. cit.*; OLIVEN, Ruben George. *O nacional e o regional na construção da identidade brasileira*. In: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_02/rbcs02_07.htm>. Acesso em 18/06/2015; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O regionalismo nordestino... Op. cit.*

¹²⁶ SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O regionalismo nordestino... Op. cit.*, p.16. Em relação à década de 1950, “segundo Wilson Cano, alguns fatos de conjuntura explicam a tomada de consciência das disparidades regionais brasileiras: a agravante das secas nordestinas, a exigir uma ação política para solucionar o problema; e a divulgação das Contas Nacionais do país, a partir de 1951-52, gerando um sistema de pressões políticas de várias regiões sobre o aparelho de Estado, em decorrência das diferenças entre os níveis e ritmos de crescimento regional. Sintomaticamente, multiplicam-se no período, programas institucionais e políticas de incentivos fiscais ao Nordeste, Amazônia, centro-Oeste e Sul”. *Idem*, p.29.

como surge, é, portanto, a representação da crise na organização do espaço do grupo que a elabora”.¹²⁷

A invenção e legitimação do “Nordeste Tradicional” freyreano, ao reagir contra a influência cultural estrangeira e a centralização e burocratização do Estado, tem sido compreendida como produto de valores e modos de vida de uma elite açucareira decadente suplantada pelo domínio econômico do Centro-Sul do país e por uma modernidade alicerçada em “estrangeirices”.¹²⁸ Nesse aspecto, como salientou Albuquerque Júnior:

A perda é o processo pelo qual estes indivíduos tomam consciência da necessidade de construir algo que está se acabando. O fim do caráter regional da estrutura econômica, política e social do país e a crise dos códigos culturais desses espaços fazem pensar e descobrir a região. Um lugar criado de lirismo e saudade. Retrato fantasioso de um lugar que não existe mais, uma fábula espacial.¹²⁹

O Nordeste imaginado pelo Movimento Regionalista Tradicionalista seria, então, fruto de uma representação intelectual esteirada em práticas culturais, tidas como tradicionais, de uma organização social que, no limite, correspondia à própria forma de ler o mundo de uma aristocracia latifundiária ameaçada em seu posto nobiliárquico.¹³⁰ Dessa maneira, discursos e práticas regionalistas colocados em circulação empreenderam uma produção cultural do Nordeste em que uma “dimensão subjetiva” da região foi sendo costurada de forma saudosista em busca de uma pretensa unidade identitária e continuidade histórica.

Os “tradicionalistas”, portanto, entendiam o Nordeste não como uma formação geográfica, territorial. A ideia de região era compreendida como espaço configurado por características históricas e culturais. Nesse aspecto, mais do que uma reunião de Estados, o Brasil seria, sociologicamente, feito de “regiões naturais a que se sobrepuseram regiões sociais”.¹³¹ O sentido e sentimento de regionalidade (“modo de ser regional”), nessa perspectiva, estaria acima do de cearensidade ou paraibanidade, por exemplo, pois “[...] manifestado numa realidade ou expresso numa substância talvez mais histórica que geográfica e certamente mais social do que política”.¹³² Tratava-se,

¹²⁷ SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O regionalismo nordestino... Op. cit.*, p.17.

¹²⁸ Expressão retirada de FREYRE, Gilberto. *Manifesto... Op. cit.*, p.47-75.

¹²⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção... Op. cit.*, p.91.

¹³⁰ D’ANDREA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta.... Op. cit.*

¹³¹ FREYRE, Gilberto. *Manifesto... Op. cit.*, p.50.

¹³² *Idem*, p.48.

em última análise, de uma construção simbólica do Nordeste que tinha o “direito de considerar-se uma região que já grandemente contribuiu para dar à cultura ou à civilização brasileira autenticidade e originalidade”.¹³³

Talvez não haja região no Brasil que exceda o Nordeste em riqueza de tradições ilustres e em nitidez de caráter. Vários dos seus valores regionais tornaram-se nacionais depois de impostos aos outros brasileiros menos pela superioridade econômica que o açúcar deu ao Nordeste durante mais de um século do que pela sedução moral e pela fascinação estética dos mesmos valores.¹³⁴

Essa perspectiva “histórico-cultural” – que realça o que seria autêntico e peculiar (valorização dos modos de vida, costume, caráter, língua, paisagem, crenças, folclore, relações sociais etc.) – e dualista (nacional/estrangeiro, moderno/tradicional, litoral/sertão, Norte/Sul) que se estabeleceu entre intelectuais, literatos, artistas, cientistas, políticos e religiosos para se pensar o Brasil (nacionalidade) e as regiões (regionalismos) tem, como argumentam vários autores, uma tradição que remonta ao século XIX. Dela fizeram parte, além de Gilberto Freyre, Euclides da Cunha, Silvio Romero, Capistrano de Abreu, Alberto Torres, Lima Barreto, Oliveira Vianna, Manuel Diegues Júnior, Gustavo Barroso, Joaquim Alves, entre outros menos ou mais conhecidos que contribuíram com a tarefa de definir uma identidade nacional e/ou regional.¹³⁵

Até fins da primeira metade do século XX, a valorização dos aspectos culturais e históricos no recorte regional se consolidou como perspectiva dominante na atualização dos discursos regionalistas entre os intelectuais. As regiões passaram a ser classificadas, então, como culturais e não puramente geográficas. Nesse sentido, buscou-se o que de original, autêntico caracterizaria a região e costuraria sua unidade identitária sem prejuízo à nacionalidade. Em Freyre, como dito anteriormente, unidade e diversidade, nação e região, longe de se contraporem se complementariam na formação da própria identidade nacional. Em outras palavras, a unidade se daria, justamente, pela diversidade cultural. Ao não opor regionalismo e nacionalismo, e ambos ao

¹³³ FREYRE, Gilberto. *Manifesto...* *Op. cit.*, p.52.

¹³⁴ *Idem*, p.50.

¹³⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Invenção do Nordeste...* *Op. cit.*; DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação e Cultura, p.6, 1960; SENA, Custódia Selma. *Interpretações dualistas do Brasil*. Goiânia: Editora UFG, 2003. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 3ª ed., 1989.

universalismo, ele se defendia das críticas de separatismo lançadas à sua teorização afirmando que:

A maior injustiça que se poderia fazer a um regionalismo como o nosso seria confundi-lo com separatismo ou com bairrismo. Com anti-internacionalismo, anti-universalismo ou anti-nacionalismo. Ele é tão contrário a qualquer espécie de separatismo que, mais unionista que o atual e precário unionismo brasileiro, visa a superação do estadualismo, lamentavelmente desenvolvido aqui pela República – este sim, separatista – para substituí-lo por novo e flexível sistema em que as regiões, mais importantes que os Estados, se completem e se integrem ativa e criadoramente numa verdadeira organização nacional. Pois são modos de ser – os caracterizados no brasileiro por suas formas regionais de expressão – que pedem estudos ou indagações dentro de um critério de inter-relação que [...] articule o que é nordestino em conjunto com o que é geral e difusamente brasileiro ou vagamente americano.¹³⁶

Em *Regiões Culturais do Brasil*, livro de Manuel Diegues Júnior, publicado em 1960, a mesma proposição orientou sua abordagem conceitual de região ao também acionar as ideias de unidade (sociológica e não geográfica) e diversidade:

Esses modos de vida criados, dando expressão regional ao Brasil e, em particular, ao brasileiro, tornaram possível o equilíbrio do seu desenvolvimento, ou seja, a unidade pela diversidade; evidenciaram que a nossa formação cultural não era o produto de uma soma, nem resultava da justaposição de elementos diversos, mas surgia espontânea, naturalmente, pela integração de aspectos diversos, por vezes diferentes, mas entre si relacionados ou estreitados pelo laço comum que lhes deu base; e este laço é justamente o lastro português, sobre o qual vieram juntar-se as outras correntes.¹³⁷

No sul cearense, antes mesmo da fundação do ICC Irineu Pinheiro e José de Figueiredo Filho, os principais responsáveis por imprimir e dar forma ao projeto cultural da agremiação, também procuraram pensar o Cariri a partir do que seriam suas singularidades e contribuições histórico-culturais produzindo um recorte regional a partir da inter-relação entre processo de ocupação e formação histórica, relações com a natureza, configuração social e manifestações da cultura. No caso de José de Figueiredo Filho, isso foi realizado tanto através de pesquisas sobre as manifestações folclóricas, tendo sido ele membro da Comissão Estadual do Folclore e da Associação Brasileira do Folclore, quanto de investigações históricas, enquanto Irineu Pinheiro manteve-se apenas no campo da história.

¹³⁶ FREYRE, Gilberto. *Manifesto... Op. cit.*, p.49-50.

¹³⁷ DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Regiões culturais... Op. cit.*, p.6.

Como esses autores e suas pesquisas serão retomadas em outro capítulo, por enquanto, gostaria apenas de assinalar a convergência entre a preocupação de pensar a região a partir de suas peculiaridades, o ressentimento em relação às disparidades regionais e o discurso da unidade e integração nacional a partir da diversidade regional que orientou o projeto político e intelectual do ICC. O mesmo sentimento expresso por José de Figueiredo Filho na apresentação do primeiro número da revista *Itaytera*, que teve trecho transcrito páginas atrás, esteve presente em muitos outros discursos e projetos de desenvolvimento reivindicado para o sul cearense, como em José Newton Alves de Sousa¹³⁸, diretor da Faculdade de Filosofia do Crato e membro do ICC que, no prefácio de seu livro “Cariri, Nordeste e Universidade”, afirmou:

Hoje, o Nordeste brasileiro já não é uma região de mãos que apenas pedem. Depois da SUDENE, depois das Universidades, o Nordeste brasileiro é, seguramente, uma região em franco desenvolvimento. Mas o Nordeste é um todo. Tem litoral e tem interior. Este e aquele são partes integrantes de uma só unidade geopolítica. As coisas se processam, no Nordeste, de modo que o interior recusa ficar no olvido e na distância. Ou haverá integração litoral-interior ou o Nordeste jamais atingirá o equivalente e a proporção como *totalidade regional*.¹³⁹

Percebe-se que o regionalismo defendido por José de Figueiredo Filho, em *Itaytera*, e pelo diretor da Faculdade de Filosofia, em conformidade com o contexto político e intelectual em que a questão foi recolocada nacionalmente, era de cunho integrador e não separatista. Em função da retomada e repercussão da ideia de criação do Estado do Cariri, em 1957, os editores de *Itaytera*, por exemplo, procuraram deixar

¹³⁸ O professor José Newton Alves de Sousa nasceu no Crato, em 1922, foi diplomado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia da Bahia (1946); primeiro Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato (cargo que ocupou de 1960 a 1972), tendo sido um dos principais articuladores de sua fundação; sócio do ICC e membro do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia e do Instituto Histórico do Ceará. Exerceu também a função de jornalista. Para maiores informações, consultar: BORGES, Raimundo de Oliveira. *O Crato Intelectual... Op. cit.*, p.89-93; Revista *Itaytera*, 1976, p.177-181, onde foi publicado seu “Curriculum Vitae”.

¹³⁹ SOUSA, José Newton Alves de. *Cariri, Nordeste e Universidade*. Crato: Publicação da Faculdade de Filosofia do Crato, 1970, p.13. O livro reúne relatórios e conferências realizadas por ele durante os dez primeiros anos em que esteve à frente de sua direção (1960-1971), A Faculdade, criada em 1959 e instalada no ano seguinte, foi fruto dos esforços da Diocese do Crato e de alguns intelectuais ligados ao Instituto Cultural do Cariri – entre eles o próprio José Newton, Figueiredo Filho, Pe. Antônio Gomes de Araújo e Martins Filho (então Reitor da Universidade Federal do Ceará). Sua criação era compreendida como mais um passo importante para o desenvolvimento regional, juntamente com a chegada da energia de Paulo Afonso: “A hora do Cariri chegou. E chegou marcada pela dupla energia que vai redimir-nos: a dos cabos de Paulo Afonso, na ordem econômica, e a do ensino superior, no plano espiritual” (*Idem*, p.20). Em comunhão com o projeto político e cultural do ICC, visto que grande parte de seus fundadores e professores eram do Instituto, a faculdade contribuiu para dinamizar as pesquisas sobre a região e sua publicidade através das coleções Cadernos de Cultura, Cadernos do Cariri e Estudos e Pesquisas. Sua instalação agregou maior força simbólica à imagem de Crato como Cidade da Cultura e de pioneirismo de seus filhos.

claro que essa não era a posição do Instituto – não obstante alguns de seus membros fossem a favor da separação. Assim, no mesmo número em que foi noticiada a campanha separatista sob o argumento de que a revista estaria apenas cumprindo “uma das principais finalidades da instituição de que é órgão”, ou seja, do “registro dos fatos históricos da região, posto que a história não tem fronteiras entre grupos, sejam eles políticos, sociais ou religiosos”¹⁴⁰, poucas páginas depois, encontra-se um texto contrapondo separatismo a regionalismo. Nele, seu autor destaca a necessidade dos caririenses se congregarem para promover a valorização do Cariri que, apesar de seu “valor” e sua “capacidade”, vivia à míngua:

Aí é o ponto nevrálgico da questão. Aí é que se impõe a campanha de valorização do Cariri, que em todas as nossas cidades vem ganhando tantos adeptos. Essa campanha vem sendo feita cada vez em sentido mais amplo, conseguindo arregimentar os verdadeiros amigos do Cariri. Realizações como o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI e a revista ITAYTERA constituem marcos avançados no sentido da valorização a que me refiro, porque aqui, sobretudo, veem moldando uma mentalidade regionalista de grande envergadura.¹⁴¹

Somente assim, prossegue, “acabaremos com o abandono em que vive a nossa região”:

Porque no Cariri acontece o contrário que se dá no País. O Sul do País é mais favorecido, enquanto o Norte agoniza ou tem o seu progresso emperrado. O caso local é o contrário, pois o norte do Estado se agiganta em realizações enquanto marchamos ainda às tontas, enfrentando toda espécie de inimigos do progresso e da vitalização econômica, social, política e intelectual da zona. [...] A diferença de verbas federais entre a zona norte e o Cariri é criminosamente flagrante. A preferência para a realização de serviços públicos é notoriamente para a zona norte. Tudo conspira contra o Cariri e somente os caririenses, unidos sob a marcha da sua valorização completa, poderão evitar que tenhamos mais tantos anos de abandono e desprestígio.¹⁴²

A construção de uma “consciência própria”, de um “espírito e mentalidade regionalista” foi considerada como caminho seguro para garantir o progresso intelectual

¹⁴⁰ “Estado do Cariri”. In: *Itaytera*, 1957, p.176-180. O texto traz um histórico das propostas de separação, desde o século XIX, até o Projeto de Lei apresentado à Assembleia Legislativa do Ceará pelo Deputado Wilson Roriz, em 21 de maio de 1957. O ICC publicou também uma “separata da Revista Itaytera”, sob o patrocínio do Comitê de Propaganda Pró Estado do Cariri, contendo artigos e discursos “sobre a campanha de libertação do Cariri”.

¹⁴¹ AQUINO, João Lindemberg de. *Valorização do Cariri*. In: *Itaytera*, 1957, p.188. O jornalista Lindemberg de Aquino foi sócio fundador do ICC e compôs sua diretoria ininterruptamente de 1955 a 1976 como secretário e presidente, cargo este que ocupou em 1975 e 1976. Em 1979, retorna à diretoria como vice-presidente.

¹⁴² *Idem*, p.188-189.

e material da região, pois, somente assim, seria possível o conagraçamento em “círculos amplos” em defesa não de interesses particulares, mas de uma “real valorização do Cariri”. Ao apontar o ICC e Itaytera como exemplos nessa direção, o autor deixava bem demarcado o lugar e importância desses espaços na promoção de uma consciência regional.

Em 1961, ao ser relatado nas páginas de Itaytera os trabalhos desenvolvidos durante o Primeiro Congresso de Jornalistas do Interior Cearense organizado pelo ICC, novamente procurou-se dissipar qualquer nuvem de desconfiança relativa ao programa da agremiação e de seu órgão oficial:

O Congresso de Jornalistas do Interior Cearense é, acima de tudo, festa de conagraçamento de todo o Ceará. *Em nosso meio, é preciso que se frize bem, não há ideia de separatismo.* Há apenas *regionalismo construtor* que trabalha intransigentemente pelo engrandecimento da terra cearense e do todo nacional.¹⁴³

O regionalismo apregoadado, portanto, traduzia-se na ideia de valorização de temas caririenses, de trabalho pela terra natal com o objetivo de assegurar-lhe desenvolvimento econômico, intelectual e “*completa integração, em pé de igualdade, com as demais regiões do Estado e do País*”¹⁴⁴. Para tanto, era necessário que uma “mentalidade verdadeiramente regionalista” se firmasse entre a elite local para que a região, desprezada e abandonada pelo litoral, assegurasse seu desenvolvimento através do esforço de seus próprios filhos. Criticados em seu programa “estritamente regionalista”, o presidente do ICC respondeu:

Isso não nos molesta, pois mostra até que o crítico muito se interessa pelo êxito de nossa publicação. Cremos, no entanto, que estamos dentro de nosso verdadeiro papel. *Representamos célula da nacionalidade e antes de encararmos o todo, preocupamo-nos com a pequena parcela que nos toca.* Há muitas penas brilhantes que trabalham a serviço do litoral e dos grandes centros urbanos. O pouco de inteligência que temos e o muito de esforço e boa vontade que possuímos queremos dedicá-los, quase que totalmente, à *terra sofredora, sempre desprezada no passado* e agora em franco progresso pela iniciativa de seus próprios filhos. Supomos que fazendo assim não fugimos da obrigação que nos prende a *todo o conjunto somático nacional, ou mesmo universal. Trabalhamos no raio de ação que julgamos servir melhor ao Estado, ao Nordeste e à Nação Brasileira.*¹⁴⁵

¹⁴³ Foram múltiplas as atividades do Instituto Cultural do Cariri, nos últimos meses. In: *Itaytera*, 1961, p.5. Grifos meus.

¹⁴⁴ AQUINO, João Lindemberg de. Valorização do Cariri. In: *Itaytera*, p.188. Grifos meus.

¹⁴⁵ FIGUEIREDO FILHO, José de. Poucas palavras neste terceiro número.... In: *Itaytera*, 1957, p.1. Grifos meus.

A ideia de “regionalismo construtor” presente nas duas citações acima, bem como na segunda epígrafe que abre este capítulo, está em consonância com o que Gilberto Freyre teorizou sobre o que seria o “bom regionalismo”, ou seja, aquele “cuja ânsia é a defesa das tradições e dos valores locais contra o furor imitativo”¹⁴⁶, do qual a dedicação às pesquisas sobre o folclore caririense é um exemplo. Da mesma forma, coadunava-se com a ideia de articulação entre regionalismo, nacionalismo e universalismo e com a crítica ao chamado “mau regionalismo” - este associado ao separatismo. Muito embora algumas iniciativas de estimular uma “mentalidade regionalista” tenham ocorrido anterior à criação da agremiação, foi com seu surgimento que se produziram coordenadamente, tendo em vista objetivos e interesses bem delimitados, ações e discursos nessa direção que, entre outros desdobramentos, contribuíram para (re)inventar uma identidade regional.

Entre as décadas de 1950 e 1970, portanto, a problemática da região, do regionalismo, nacionalismo e das disparidades regionais brasileiras foi transposta para o Cariri cearense para discutir as desigualdades internas ao Ceará. Estimulados pelo novo fôlego que o debate adquiriu em âmbito nacional durante esse período, a recolocação dessa questão ecoava algumas das queixas e interesses formulados desde o século XIX e que persistiam entre membros da elite caririense. Ao relembrar o Primeiro Encontro de Diretores de Faculdade de Filosofia do Interior do Nordeste, ocorrido em maio de 1968, no Crato, em comemoração ao oitavo ano de funcionamento de sua Faculdade de Filosofia, José Newton relatou que:

Aquela consciência de valor e solidariedade nascida em Crato em maio de 1968 seria reforçada, meses depois, em Campina Grande, onde compareceram Caruaru, Nazaré da Mata, Garanhuns, Sobral, Mossoró e Crato. Desde maio daquele ano sentíamos, ao vivo, a necessidade de UNIÃO PARA A AÇÃO. Convenceramo-nos de que a hinterlândia nordestina não podia mais suportar o estágio amargo do esquecimento, a distância desoladora, a chaga ardente da injustiça”. Era preciso somar sonhos, energias e lutas. Era preciso acreditar no Nordeste como um todo, litoral unido a interior.¹⁴⁷

¹⁴⁶ Citação retirada de GOMES, Renato Pereira. Tradicional-regionalismo freyreano. A trajetória intelectual do autor antes de “Casa Grande e Senzala” (1918-1926). In: *Revista de Teoria da História*, Universidade Federal de Goiás, Ano 5, Nº 10, 2013, p.82. Disponível em: <http://www.revistadeteoria.historia.ufg.br/up/114/o/03_-_Renato_Gomes.pdf>. Acesso em 16.02.2016.

¹⁴⁷ SOUSA, José Newton Alves. Cariri... *Op. cit.*; p.9. Do encontro ocorrido em Crato resultou a fundação do Conselho de Diretores de Faculdades de Filosofia do Nordeste (CODFFINE), que no segundo encontro passou a ser denominado de Conselho de Diretores de Faculdades de Educação do Interior do Nordeste (COFEINE).

Nas disputas políticas entre interior e litoral, portanto, os ressentimentos compartilhados de abandono e desprezo foram fator de cumplicidade e solidariedade no interior de coletividades que se sentiam injustamente desmerecidos por seus centros administrativos. Nessa perspectiva, Peterson define o ressentimento, em seu sentido social, como “a emoção que deriva da percepção de que o grupo ao qual se pertence está em uma posição injustamente subordinada em uma hierarquia de status”.¹⁴⁸ A consciência de que se fazia parte de um grupo preterido pelos governos funcionou, dessa forma, como forte apelo emocional à “união para ação”.

A lógica cultural do programa do ICC, portanto, vinculou-se estreitamente a um projeto amplo de articulação política como forma de reagir à estagnação econômica ocasionada, apontavam, pela reprodução em nível estadual de uma política governamental que beneficiava com recursos o litoral em detrimento do interior. Ao mesmo tempo que, fator de não menos importância, expressava o desejo de seus promotores em manter a hegemonia do Crato sobre as demais cidades do Cariri. Posição ameaçada, como discutido na primeira seção deste capítulo, pelo crescente desenvolvimento econômico de Juazeiro do Norte. Disputas internas que, durante décadas, foram consideradas obstáculos à criação do sentimento de solidariedade entre os municípios e que agora buscavam-se reverter-se pela necessidade de garantir ao Cariri um bom lugar na corrida desenvolvimentista.

A queixa do esquecimento, do desprezo e o discurso da necessidade de valorização da região funcionaram, nesse aspecto, como elementos de coesão regional. O ICC, *locus* de congregação e conagração de membros da elite caririense, firmou-se como lugar de legitimação e legitimador de “fala” sobre a região. Em uma política de identidade, como ressalta Woodward, “o projeto político deve certamente ser reforçado por algum apelo à solidariedade daqueles que ‘pertencem’ a um grupo [que se sente] oprimido ou marginalizado”. E, se uma de suas fontes pode ser fornecida pela biologia, “a busca universal, trans-histórica, de raízes e laços culturais fornece outra”.¹⁴⁹ Nessa perspectiva, os membros do Instituto operaram uma invenção identitária do sul cearense em que se articulavam aspectos históricos, culturais e da natureza que tinham como contraponto o litoral. Aqui, não se trata de subordinar o projeto cultural do ICC ao

¹⁴⁸ Citação retirada de KONSTAN, David. Ressentimento – História de uma emoção. In: BRESCIANE, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004, p.61.

¹⁴⁹ WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 15ª ed., 2014, p.39.

político ou vice-versa, mas de considerar que as representações construídas para a região e que configuraram uma identidade regional não podem desconsiderar as circunstâncias de sua produção.

1.4 - “Crato é a terra natal de todo caririense porque aqui o Cariri nasceu para o Brasil”¹⁵⁰: centralidade da intelectualidade cratense na produção e fixação de representações identitárias para o Cariri

Na primeira seção deste capítulo, situei a fundação do ICC nas comemorações do centenário da cidade do Crato, em 1953, que teve como principais protagonistas, em ambos acontecimentos, membros destacados da sociedade cratense motivados pelos deslocamentos nas relações internas de poder provocados pela ascensão econômica de Juazeiro do Norte. A própria estratégia de inserir a inauguração do Instituto nos festejos, momento em que se revivificava o passado de glória e progresso da cidade, produziu o duplo efeito de, simbolicamente, não só reafirmar a imagem de proeminência de Crato na região como servir de força legitimadora ao ICC ao evocar e associar sua fundação a uma tradição cratense de cidade da cultura, de espírito progressista e de pioneirismo.

O recorte operado na definição de uma essencialidade cratense e caririense, portanto, foi coordenado por uma elite desejosa de garantir a restauração e defesa de antigos valores (tradição) ao mesmo tempo que fundar um projeto de modernidade e progresso para o Crato e Cariri. Diferentemente do que ocorreu no século XIX, em que as particularidades regionais foram submetidas e domesticadas ao projeto de construção da identidade nacional, a proposta agora era a de “valorizar” e dar visibilidade à região a partir de suas singularidades.

As bases discursivas para empreendimento de tamanha envergadura eram: combater a face negativa da modernidade, que seria a ameaça às tradições culturais e costumes do interior - onde estariam as verdadeiras raízes da nacionalidade, daí a necessidade de recuperar tradições tidas como quase perdidas no tempo -, e lutar contra a hegemonia do litoral sobre o sertão. A criação do ICC e de Itaytera tornaram-se importantes armas de combate, nesse sentido. Em relação ao impresso, José de Figueiredo Filho, na apresentação de seu segundo número, assim definiu sua função:

¹⁵⁰ NEVES, Napoleão Tavares. Salve Crato, cidade Princesa, município modelo do Ceará. In: *Itaytera*, 1974, p.184.

ITAYETRA nasceu para defender as coisas e costumes do Cariri. Não tem pretensão de emparelhar-se com as publicações opulentas do opulento litoral brasileiro. Mas luta e quer vencer para a região impor-se como força de renovação da interlândia.¹⁵¹

Antes da institucionalização da agremiação e de sua revista, membros da elite cratense já atuavam em diversos espaços procurando intervir na realidade local. Ressaltei no primeiro subitem deste capítulo, por exemplo, o envolvimento de alguns deles nas discussões sobre os problemas agrícolas e a expansão da energia de Paulo Afonso na região. Muito embora a conformação e manifestação de sentimentos de pertencimento à cidade e da consciência regional não tenham sido exclusivos de um grupo social, seus principais agentes, entretanto, eram originários de sua elite.

Nesse aspecto, as considerações de Albuquerque Júnior sobre a ação dos intelectuais nordestinos na “invenção” do Nordeste, em que o tom de mágoa pela perda de poder no jogo político foi impresso em diversos suportes discursivos e representacionais instituidores da região, podem ser transpostas para se pensar o regionalismo e os traços identitários construídos para o Cariri por aqueles que ocupavam posições de destaque e de distinção social. Ou seja, considerar que:

Uma nova consciência do espaço surge, principalmente, entre intelectuais que se sentem cada vez mais distantes do centro de decisão, do poder, seja no campo político, seja no da cultura e da economia. Uma distância tanto geográfica quanto em termos de capacidade de intervenção. Um intelectual regionalista quase sempre é aquele que se sente longe do centro irradiador de poder e cultura. Ele faz da denúncia dessa distância, dessa carência de poder, dessa vitimização, o motivo de seu discurso.¹⁵²

Em torno da fundação do ICC e de sua revista, reuniram-se importantes intelectuais e outros membros da elite local. Cito, apenas a título de exemplo, os nomes de Celso Gomes de Matos (jornalista e dono de engenho), Antônio de Alencar Araripe (advogado e político), Otacílio Anselmo e Silva (oficial do exército e escritor), Décio Teles Cartaxo (médico oftalmologista e prefeito do Crato na época do centenário da cidade), Oswaldo Alves de Souza (jornalista), Pedro Felício Cavalcante (professor, político, comerciante), Raimundo de Oliveira Borges (advogado, professor, político), Jósio de Alencar Araripe (advogado, político, jornalista), José Newton Alves de Souza

¹⁵¹ FIGUEIREDO FILHO, José de. A jornada prossegue, incentivada pelas primeiras vitórias. In: *Itayetra*, 1956, p.2.

¹⁵² ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste... Op. cit.*, p.63. Consultar também: D'ANDREA, Moema Selma. *A tradição... Op. cit.*; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O regionalismo... Op. cit.*

(diplomado em Ciências Sociais, professor, poeta), Antônio Martins Filho (advogado, professor, foi também Reitor da Universidade do Ceará), J. Lindemberg de Aquino (jornalista), Antônio Gomes de Araújo (padre e historiador), José de Figueiredo Filho (historiador, jornalista, folclorista e farmacêutico) e Irineu Pinheiro (médico e historiador).

Alguns deles eram sócios efetivos, por residirem na sede do Instituto, outros correspondentes. Em sua maioria, entretanto, eram nascidos na região ou nela tendo vivido grande parte de sua vida. Numa cidade de porte pequeno como era o Crato, as relações de parentesco, amizade e institucionais existentes entre eles eram bastante estreitas. O que fazia com que circulassem nos mesmos espaços e estabelecessem entre si vários tipos de vínculos e assumissem, muitas vezes, mais de uma “posição de elite”.

Dentre as personagens citadas, Irineu Pinheiro, Padre Antônio Gomes de Araújo e José de Figueiredo Filho são tidos como os principais agentes na formulação e concretização do projeto de fundação do ICC. Com a morte do primeiro, em 1954, Figueiredo Filho assumiu a presidência da agremiação e prosseguiu na sedimentação do Instituto juntamente com Antônio Gomes de Araújo e outros sócios. A formação intelectual e inserção dos três em uma rede de relações políticas, de amizade e sociais existentes antes da criação do ICC e do lançamento de sua revista são fatores que devem ser considerados para se compreender a longevidade e amplitude que conseguiram imprimir a esses artefatos culturais.

Cada um deles inseriu-se no espaço público da cidade a partir de sua formação inicial. Aos poucos, entretanto, desenvolveram aptidões relacionadas ao campo literário, jornalístico e da pesquisa histórica que os projetou para além das fronteiras caririenses. Em relação à história, publicaram livros e textos sobre o passado do Crato e Cariri em jornais, revistas (como a do Instituto Histórico do Ceará e de Pernambuco) e anais de congresso – como José de Figueiredo Filho, que participou dos encontros da ANPUH, em 1967 (Rio Grande do Sul), 1969 (Campinas) e 1973 (Goiânia). A dedicação às investigações históricas levou-os a exercer também o cargo de professores de História, inicialmente, em escolas secundárias e, com a criação da Faculdade de Filosofia do Crato, em 1959, no ensino superior. Esse foi o caso de Figueiredo Filho e Pe. Antônio Gomes de Araújo, ambos diretamente responsáveis pela fundação da faculdade em campanha empreendida através do ICC e da Igreja.

Os três intelectuais, portanto, já tinham se congregado em torno de um projeto de reescrita da História do Cariri – dando continuidade à iniciativa empreendida no

século XIX pelo jornalista João Brígido. Além das publicações, as cartas trocadas entre Irineu Pinheiro e Pe. Antônio Gomes de Araújo dão-nos uma ideia da dimensão e motivação para tal:

Crato, 4 de agosto de 1948.

Prezado padre Gomes.

Em minhas mãos sua carta, datada de 31 do mês passado, uma das melhores que me escreveu. Caí nas nuvens com a notícia de ser o capitão-mor Filgueiras natural da Bahia e não de Sergipe, como afirmaram o Barão do Rio Branco, Barão de Studart, Oliveira Lima e outros historiadores. [...] Agora uma sugestão, que já lhe fiz verbalmente: por que o padre Gomes não mete ombros à empresa, difícilíssima é certo, mas benemérita, de procurar dissipar as névoas que envolvem as origens da gens cariense? [...] A empresa é árdua, repito, mas gloriosa. *Se sugiro é por que amo muito a terra que nos é comum, tão esquecida até hoje.*

Seu muito admirador,

Irineu Pinheiro

Colégio Diocesano, Crato, 8-4-52

Prezado amigo Dr. Irineu:

O prometido é devido. Remeto-lhe as notas que colherei para um artigo sobre o ilustre cratense padre José Alexandre Corrêa Arnaud Bezerra de Menezes. Resolvi não escrever o artigo, preferindo ceder os dados para o seu ainda inédito *Efemérides do Cariri*. Trabalhamos, ambos, para o mesmo fim: *a exaltação deste rincão, que lateja em nossas veias e vibra em nossas almas.*

[...] Colhi estas notas, pessoalmente, na referida cidade de Cabrobó, cartório de Manuel de Sousa Santos (1951), livro de “Notas”, 1851-1860.¹⁵³

O sentimento declarado de amor à terra e a necessidade de reparar seu esquecimento aproximaram intelectualmente esses homens anos antes da criação do ICC. Politicamente e culturalmente, portanto, o Instituto carregou impressos em sua fundação e realizações esses traços de sensibilidade que foram expressos como batalha pelo “alevramento moral, intelectual e material da região”.¹⁵⁴ Ao reunir na agremiação e em sua revista, pessoas de especialidades diferenciadas, mas que comungavam dos mesmos sentimentos e anseios, deram um caráter coletivo ao projeto expandindo as contribuições para diferentes campos de atividade científica e cultural. O que incluía recrutar pessoas residentes em outras partes do Brasil que tivessem alguma ligação com a região:

¹⁵³ Algumas das cartas trocadas entre os dois foram publicadas no livro *A cidade de Frei Carlos (1971)*, de Padre Antônio Gomes de Araújo. Os trechos aqui reproduzidos encontram-se no vol. I, p.29-30 e p.38, respectivamente (Grifos meus). Sobre João Brígido, ele fundou, em 1850, no Crato, o jornal “Araripe” (que circulou até 1864). Publicou em suas páginas, a partir do ano de 1859, textos sobre os “factos capitaes” da história do Cariri. O material foi reunido em livro, no ano de 1888, sob o título “Apontamentos para a História do Cariri”. Mesmo antes de tornar-se livro, a divulgação dos escritos no “Diário de Pernambuco”, em 1861, abriu-lhe as portas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tornando-se membro dessa instituição em 1862.

¹⁵⁴ FIGUEIREDO FILHO, José de. *A jornada prossegue... Op. cit.*, p.1.

O segundo número de <ITAYTERA> ainda possui maior quantidade de páginas do que o inicial, e sua colaboração está firmada por *valores reais do Cariri*, não só residente nesta *privilegiada região*, como por muitos que se mudaram para outras terras mas que conservam intacto *o amor acendrado à gleba natal*. Um dos pontos principais do programa de ação do Instituto Cultural do Cariri é o contato com os intelectuais caririenses disseminados por esse Brasil a fora. *É a voz da terra que conclama a todos para o trabalho comum de seu engrandecimento.*¹⁵⁵

A conclamação ao engajamento nas questões regionais com vistas a contribuir para o progresso do Cariri vinculava-se ao entendimento que os três autores citados tinham do papel e lugar que ocupariam as elites na sociedade, como deixa entrever José de Figueiredo Filho, em discurso proferido em sua cerimônia de formatura, no ano de 1925:

*É que também foi e é uma elite a fatora por excelência do grau da civilização a que atingimos modernamente, e é de uma verdade irrefutável esta frase do ilustre argentino José Ingenieros - “o progresso é obra de minorias ilustradas e atrevidas”. E, assim, em todos os ramos da atividade humana, seja ela desenvolvida na magnificência das artes, na filantropia das ciências ou nas grandes obras de iniciativa comercial e industrial, vemos sempre um punhado de indivíduos a ocupar o pináculo do mundo [...]. O nosso organismo, campo vastíssimo de lutas, está sobremaneira dependente de uma inteligência que o domina, e é o aproveitamento desta que assegura com precisão a vitória do homem sobre o meio porque, incontestavelmente, o mais inteligente está na escala superior, sobretudo em época em que a força física perdeu a supremacia de outrora.*¹⁵⁶

Em que pese o caráter organicista de seu discurso, a intervenção das “minorias ilustradas e atrevidas” na realidade social era compreendido como um exercício de caráter patriótico. Ao se referir, especificamente, à profissão de farmacêutico, e após discorrer sobre o “péssimo estado sanitário” do Brasil que, juntamente com a instrução pública, seria um dos graves problemas nacionais, atribuiu à categoria importante papel na “solução dessa medida patriótica”, já que “de suas oficinas saem os diversos combatentes capazes de pôr um dique aos nossos misteriosos e terríveis inimigos”.¹⁵⁷ Décadas depois, ao inventariar algumas de suas atividades intelectuais para o progresso e divulgação das pesquisas históricas e valorização do Crato em crônica publicada poucos dias antes de sua morte, demonstrou manter a mesma convicção no que se refere ao papel do intelectual na sociedade. Iniciou-se o escrito afirmando que desejava apenas esclarecer que fez o possível para que sua terra fosse conhecida por aí a fora,

¹⁵⁵ FIGUEIREDO FILHO, José de. *A jornada prossegue... Op. cit.*, p.1.

¹⁵⁶ FIGUEIREDO FILHO, José de. *Meu mundo é uma farmácia*. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1996, p.82-83, grifos meus.

¹⁵⁷ *Idem*, p.84.

“notadamente entre professores universitários de história e meios cultos”, finalizou com uma espécie de chamamento: “Este relato que faço é para servir de exemplo aos outros intelectuais cratenses”.¹⁵⁸

De maneira igualmente conservadora, Irineu Pinheiro, ao comentar em seu discurso de posse, durante a instalação oficial do ICC, sobre a participação do “povo do Cariri”, na Revolução de 1817, apontou a categoria elite como a real condutora de transformações: “Onde, porém, se viram revoluções feitas pelo povo, ele só? Quem as forja e as prepara até o fim são os intelectuais, as elites. O povo, a massa, é o braço que executa o que lhe dita o cérebro de alguns”.¹⁵⁹

Não fazendo nenhuma referência à distinção de classe social, eles estabeleceram, entretanto, uma divisão hierárquica baseada na diferenciação determinada pela aquisição da educação formal, capital social e simbólico indisponível para a grande maioria das pessoas. De acordo com Irineu Pinheiro, depois de 1930, são os liberais que “cada dia mais se impõem pelo estudo e pela cultura adquirida nos colégios e faculdades do país” nos municípios meridionais do Ceará.¹⁶⁰ Em número significativo, eles compuseram o quadro de sócios e colaboradores do ICC desempenhando papel determinante no trabalho de “valorização” do Cariri. Ao colocar a região numa relação de identificação e diferenciação geográfica, histórica e cultural do restante do Ceará e mesmo do Nordeste, produziram e regularam a distribuição e consumo de representações cuja eficácia simbólica se estende aos dias atuais.

As temáticas da história, folclore e natureza foram, então, as chaves de construção de sentidos que atenderam ao projeto de “alevramento moral, intelectual e material da região”¹⁶¹ empreendido por esses intelectuais. Inseridos num contexto de descontinuidade em relação a um passado associado às ideias de progresso e heroísmo, desenvolveram ações e pesquisas nestes campos de conhecimento recortando o que seriam as particularidades do Cariri em relação a outros espaços. Fato comum aos regionalismos, tendo em vista que uma de suas características é justamente destacar as diferenças existentes entre regiões para a construção de identidades próprias.¹⁶²

¹⁵⁸ FIGUEIREDO FILHO, José de. Crato por aí afora. In: *A Ação*, 15/08/1973.

¹⁵⁹ PINHEIRO, Irineu. *Efemérides... Op. cit.*, p.543.

¹⁶⁰ PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, José de. *Cidade do Crato. Op. cit.*, p.33.

¹⁶¹ FIGUEIREDO FILHO, José de. A jornada prossegue incentivada pelas primeiras vitórias. In: *Itaytera*, 1956, p.1.

¹⁶² OLIVIEN, Rubem George. *A parte e o todo. A diversidade cultural no Brasil-nação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2ª ed., 2006.

Dessa forma, singularidades tidas como quase perdidas no tempo, em função da voracidade da modernidade, foram recuperadas, a exemplo das manifestações folclóricas que, segundo José de Figueiredo Filho, haviam sido eliminadas do cenário urbano do Crato porque consideradas “costumes” atrasados, já que “a tradição apresentava-se como inimiga número um do progresso”.¹⁶³ Em sua perspectiva, no entanto, “o que é bom, que nasceu com o povo deve ficar e ser incorporado ao patrimônio do Brasil”.¹⁶⁴ Sintonizado com o movimento folclorista nacional, ele foi o principal responsável por dar visibilidade a esse aspecto da cultura regional antes mesmo da fundação do ICC. A partir de sua iniciativa:

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI consagrou-se à pesquisa e defesa do nosso folclore e preservação dessa riqueza da cultura popular. Nesse sentido, estimulou o aparecimento de conjuntos folclóricos, dantes quase extintos, revitalizando, assim, esse aspecto de nosso desenvolvimento cultural.¹⁶⁵

À História coube o lugar central no programa do ICC. Contribuiu para isso, certamente, o fato de seus principais idealizadores já desenvolverem pesquisas históricas sobre o Crato e a região bem como à função social que atribuíam a esse conhecimento, ou seja, e como ressaltado na primeira seção deste capítulo ao ser abordado a centralidade que a história também teve nos festejos do centenário de Crato, o seu papel de promover a concórdia, unificação e, através da pedagogia do exemplo, garantir a continuidade histórica. Nesse sentido, o passado tornou-se importante campo de disputas por representações e memória sobre o Cariri em que determinados personagens e eventos (A Revolução de 1817 e a família Alencar, por exemplo) foram alçados à condição de ícones fundadores de tradições caririenses. A importância dos estudos históricos e do folclore, bem como dos “costumes” da sociedade caririense nos combates assumidos em prol da região, foi demarcado no projeto de fundação do ICC:

Lembrou-se, então, a criação de uma sociedade que cultivasse nossas letras históricas, estudasse nossos costumes e nosso folclore, averiguasse as origens de nossa gente etc., tudo registrando e interpretando com inteligência e critério.¹⁶⁶

¹⁶³ FIGUEIREDO FILHO, José de. Bandas cabaçais do Cariri. In: *Itaytera*, 1955, p.110.

¹⁶⁴ *Idem*.

¹⁶⁵ Trecho retirado de relatório enviado ao Secretário de Cultura do Estado solicitando financiamento para as atividades do ICC. In: *Itaytera*, 1974, p.160.

¹⁶⁶ PINHEIRO, Irineu. *Efemérides... Op. cit.*, p.540

Da mesma forma, nas ações propostas por seus acadêmicos objetivando cumprir os fins destinados à instituição lemos, no Artigo 2^o do Capítulo I de seus Estatutos, que ela manteria e promoveria:

- e) O culto, por meio de comemorações adequadas, dos feitos de nossa história, especialmente do Cariri;
- f) A restauração e a conservação de arquivos públicos e particulares, de símbolos e monumentos de qualquer natureza ligados à história existentes no Cariri e o estudo dos antigos usos, costumes e tradições regionais.¹⁶⁷

A temática da natureza, a ser abordada mais detidamente nos próximos capítulos, constituiu-se também em importante referencial de singularização e delineamento do espaço regional. O verde da floresta, o clima ameno, a terra fértil e a existência de várias nascentes, entre outras qualidades distintivas, transformaram-se em paisagem representada e simbolizada por expressões como Paraíso Terreal, Oásis do Sertão e Canaã Cearense. No contexto de atualização de queixas e discursos regionalistas, por parte da elite caririense, a exaltação da natureza, evocação de um passado de glórias e recuperação de elementos de uma cultura que representariam as genuínas raízes de uma tradição regional tiveram como um de seus efeitos a invenção de uma identidade caririense.

Ao tomar o Rio Grande do Sul como estudo de caso para discutir como modernidade e tradição, longe de se excluírem, se articulam na constituição de comunidades identitárias, Ruben Olivien mostrou como esse estado “pode ser visto como um caso de regionalismo constantemente evocado, atualizado e repostado em situações históricas, econômicas e políticas novas”. No movimento de “renascimento da tradição gaúcha”, “ênfatar as peculiaridades do estado e simultaneamente afirmar seu pertencimento ao Brasil constitui um dos principais suportes da construção social da identidade gaúcha, que é projetada do passado até nossos dias, informando a ação e criando práticas no presente”.¹⁶⁸

Em escala reduzida (região e não estado), os acadêmicos do ICC, ao elegerem e relatarem determinados acontecimentos históricos, dedicarem números comemorativos de Itaytera a fatos e personagens de destaque da região, promoverem a vitalização do folclore e enfatizarem as particularidades da natureza teceram, a partir da escolha de

¹⁶⁷ Estatutos do Instituto *Op. cit.*, p. 183.

¹⁶⁸ OLIVIEN, Ruben George. *A parte e o todo...* *Op. cit.*, p.13, 90 e 210. De acordo com o autor, o fato desse renascimento ocorrer em um momento de forte industrialização do Rio Grande do Sul mostra como as “tradições florescem em situações de modernização” (p.210).

elementos que ligariam seu presente ao passado, uma determinada identidade caririense. Esse retorno ao passado seguia o modelo estratégico no que se refere às culturas nacionais:

Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele “tempo perdido”, quando a nação era “grande”; são tentadas a restaurar as identidades passadas. Este constitui o elemento regressivo, anacrônico, da estória da cultura nacional. Mas frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as “pessoas” para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os “outros” que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para a frente”.¹⁶⁹

Expressando interesses da elite local, os membros do ICC construíram uma narrativa de coesão em torno de um passado de lutas heroicas, de uma natureza pródiga e de manifestações populares que demonstrariam as particularidades regionais. Embora saibamos que a região não é homogênea – nem todo o Cariri é fértil e de clima ameno, por exemplo -, a consciência regionalista que se desejou construir para a mobilização e superação da realidade de estagnação produziu discursos que carregavam elementos que, em termos representacionais, a homogeneizavam. Mais ainda, produziu um discurso em que Crato fez sobressair muitos de seus valores à região como um todo.

Traçando um paralelo entre o regionalismo desenvolvido por Gilberto Freyre, em que prevaleceu a hegemonia de Pernambuco na representação do Nordeste, pode-se afirmar que, no Cariri, o sentido de “cratensidade” foi, em grande medida, a representação simbólica da região. A própria condição de emergência do ICC e a composição de sua diretoria e sócios atestam a preponderância exercida por Crato nos trabalhos e decisões da agremiação. Em relação à sua fundação, por exemplo, inicialmente, pensou-se na ideia de criar uma academia de letras cratense. Mas em função da impossibilidade de se alcançar o número de sócios suficientes para tal:

Lembrou-se, então, a criação de uma sociedade que cultivasse nossas letras históricas, estudasse nossos costumes e nosso folclore, averiguasse as origens de nossa gente etc., tudo registrando e interpretando com inteligência e critério. Damos-lhe o nome de Instituto Cultural do Cariri por que a ele podem pertencer todos os que nesta nossa região nasceram ou trabalham e quiserem estudar questões que a interessam, ao sabor de suas inclinações em qualquer dos ramos do saber relativos à história, geografia, geologia, etnologia, genealogia etc.¹⁷⁰

¹⁶⁹ HALL, Stuart. *A identidade cultural... Op. cit.*, p.56.

¹⁷⁰ PINHEIRO, Irineu. *Efemérides... Op. cit.*, p. 540.

Da proposta inicial à instalação e funcionamento do Instituto, o projeto garantiu ao Crato a gerência sobre as práticas de significação relativas ao Cariri. De fato, como diz Marques, provavelmente, o ICC tenha sido o “mais bem arranjado projeto de elevação do Crato ao posto de central distribuidora de significados sobre a região. Nele, as elites liberais cujo poder vem da palavra e não da terra legitimam sua importância diante da cidade e da região pelo poder da tradição”.¹⁷¹ A centralidade ocupada pelo Crato nas propostas de ações elaboradas por seus sócios e diretores indica, da mesma forma que em relação às comemorações de seus cem anos, conflitos pela hegemonia regional. Nesse sentido, a emergência do Instituto inseriu-se em um contexto de lutas simbólicas pela reafirmação e manutenção da imagem de superioridade do Crato no Cariri. A própria estratégia de inserir a inauguração oficial da agremiação nas festividades do centenário do município permite essa interpretação por ter evocado e associado sua fundação a uma tradição cratense que teria na cultura letrada um de seus principais traços de identidade.

Essas disputas, aqui entendidas como lutas de classificação no sentido de “lutas pelo monopólio de impor uma visão e divisão do mundo social”, seguindo Bourdieu¹⁷², estiveram no cerne dos processos de marcação de diferenças operadas pelos intelectuais cratenses em relação às demais cidades caririenses, procurando (re)afirmar sua posição-de-sujeito hegemônico na região. Esses conflitos, que assumiram o caráter de lutas representacionais pelo poder de nomear, classificar, dar significado ao “nós” e ao “outro” repercutiram, portanto, na própria construção de fronteiras culturais para o Cariri cearense.

Ao manterem intercâmbio com outras instituições semelhantes, como a Academia Cearense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, de Pernambuco, Paraíba e Uruguaina; receberem estudiosos e “pessoas ilustres”, como Raquel de Queiroz, Gustavo Barroso e Raimundo Girão; proferirem conferências e darem entrevistas pelo Brasil afora, como fez o dirigente do ICC em 1964, José de Figueiredo Filho, que no Rio de Janeiro, na Casa do Ceará, fez palestra sobre o folclore caririense e em São Paulo concedeu entrevista ao escritor e folclorista Alceu Maynard de Araújo na TV Cultura; manterem sócios correspondentes em vários pontos do Brasil;

¹⁷¹ MARQUES, Roberto. *Contracultura, tradição e oralidade. (Re)inventando o sertão nordestino na década de 1970*. São Paulo: Annablume, 2004, p.62. Consultar também VIANA, Ítalo. *O Instituto Cultural do Cariri... Op. cit.*

¹⁷² BOURDIEU, Pierre. A representação política: elementos para uma teoria do campo político. In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/DIFEL, 1989, p.163-207; BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. São Paulo, Papyrus, 1996.

enviarem a revista *Itaytera* para várias bibliotecas, algumas vezes em regime de permuta como com a The Library of Congress (Biblioteca do Congresso de Washington); promoverem comemorações cívicas, criação de lugares de memória (museu, biblioteca e monumentos, por exemplo); participarem e promoverem debates acerca de questões de interesse público (como em relação à expansão da energia de Paulo Afonso para a região, a criação de uma Faculdade de Filosofia e a promoção do I e II Seminários para o Desenvolvimento do Sul do Ceará); receberem escolares para realização de pesquisas em seu acervo; desenvolverem investigações históricas e darem visibilidade ao folclore, entre outras ações, os acadêmicos do ICC construíram para si importante e sólido capital político, intelectual e cultural tornando a agremiação o lugar legítimo de fala sobre a região, de produção de sua história, memória e identidade.

Na avaliação feita por José de Figueiredo Filho sobre os primeiros cinco anos de atuação da agremiação, afirmou ser “hoje o INSTITUTO o centro intelectual onde se abrigam os principais cultivadores da inteligência desta zona e já é procurado pelos pesquisadores de fora como a maior fonte de informações do vale caririense”.¹⁷³ É certo, como assinalado em alguns momentos deste capítulo, que mesmo antes da fundação do ICC alguns de seus sócios já produziam e punham em circulação discursos e imagens que colocavam o Crato numa posição de superioridade em relação às demais cidades.

O movimento que se observa, pois, é o de que falar de Cariri era falar de Crato e de sua predominância cultural sobre as demarcações identitárias regionais. Após abordar os acontecimentos que no século XIX legaram aos cratenses o espírito libertário, como a Revolução de 1817, tão rememorada durante as comemorações do centenário da cidade, Martins Filho afirmou, por exemplo, que:

Tamanhas provas de dedicação à Pátria e de amor à liberdade dificilmente encontraremos registradas na vida política de outra região do Brasil. O povo caririense, afeito aos prélios mais difíceis, soube ao longo dos tempos vender caro a sua bravura, não raro escrevendo com seu próprio sangue as mais belas páginas da história regional. Ao movimento revolucionário de 1817 seguiram-se, como se viu, as clarinadas de independência no dia 1º de setembro de 1822, prosseguindo essa chama de ideal através da Confederação do Equador e de outras aspirações igualmente notáveis.¹⁷⁴

¹⁷³ FIGUEIREDO FILHO, José de. Renasce pujante o rico folclore caririense. In: *Itaytera*, 1958, p.1.

¹⁷⁴ FILHO MARTINS, Antônio. *O Cariri*. In: _____; GIRÃO, Raimundo. *O Ceará*. Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará, 3ª ed., 1966, p. 106. A primeira edição do livro é de 1939. O autor publicou uma “separata” de seu texto em 1940: FILHO MARTINS, Antônio. *O Cariri. Subsídio para a história da região sul-cearense*. Editora Fortaleza, 1940. Antônio Martins Filho era cratense e sócio correspondente do Instituto Cultural do Cariri. Formado em Direito e bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, foi

A atribuição de valores cratenses à região como um todo são, portanto, sintoma e efeito das lutas travadas em seu interior pelo monopólio de impor uma (di)visão de mundo que assentava-se em essencialismos culturais, como a Revolução de 1817 – exemplo de mito fundador –, o heroísmo, o espírito libertário e o cultivo da cultura letrada, que fundamentavam a consciência de superioridade de Crato. A atuação do ICC entre as décadas de 1950 e 1970 fez confundir, a partir da produção e divulgação de pesquisas sobre o Crato e Cariri, de sua articulação com instituições congêneres e do capital simbólico de seus membros, as representações identitárias desses espaços.

professor da Faculdade de Direito do Ceará e um dos principais responsáveis pela criação da Universidade Federal do Ceará, da qual foi Reitor de 1955 (data de sua instalação) a 1967, da Universidade Estadual do Ceará (1977), da Faculdade de Filosofia do Crato (1959) e da Universidade Regional do Cariri (1986) – originada da Faculdade de Filosofia do Crato. Foi sócio do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras.

CAPÍTULO 2

“O QUE É O CARIRI PROPRIAMENTE DITO?”¹⁷⁵ DISTINÇÃO GEOGRÁFICA-PAISAGÍSTICA DO SUL CEARENSE

Desde o tempo de criança que ouço se fazer, em nosso meio, a distinção entre sertão e as terras desta região. Quando estudante, zangava-me ao me chamarem de sertanejo em Fortaleza. *Orgulhava-me de ser filho dos terrenos de verdura perene e de água regadia.*¹⁷⁶

No primeiro capítulo, destaquei que a fundação do ICC inseriu-se no contexto nacional de política desenvolvimentista e desejos de superação do quadro de estagnação que se diagnosticava para o Cariri. Submetida a liderança de intelectuais cratenses, o projeto de “alevramento moral, intelectual e material”, proposto para a região, assentou-se em antigos ressentimentos e em disputas internas pela liderança local. Não obstante este último fato, e em função mesmo do caráter regional impresso em suas finalidades, faz-se necessária a pergunta: afinal, de qual Cariri se estava a falar e defender?

Este capítulo objetiva, portanto, discutir em quais termos foram (re)desenhados os contornos geográficos para a região a partir da seleção e ordenamento de elementos naturais recolhidos de sua realidade ambiental. Procuro compreender a associação desses “dados” da natureza a partir de três perspectivas: em continuidade a uma “tradição paisagística particular” operada desde gerações anteriores, formadora de uma percepção comum do que seria o Cariri geograficamente; como integradora e legitimadora de sua representação como oásis a partir de determinados conteúdos culturais; como conjunto de valores formador de fronteiras culturais para o Cariri. Para tanto, dividi-o em duas seções. Na primeira, procuro evidenciar as (in)definições em relação ao que corresponderia territorialmente o Cariri num cenário de desmembramentos, inclusões e exclusões de municípios por parte do poder político. Na segunda, mais extensa, analiso os lugares comuns que organizaram e conduziram à instituição de um olhar paisagístico que fundamentava a identidade regional.

¹⁷⁵ FIGUEIREDO FILHO, José de. O que é o Cariri propriamente dito? In: *O Município*, 29/03/1950, p.7. Grifos meus.

¹⁷⁶ *Idem*.

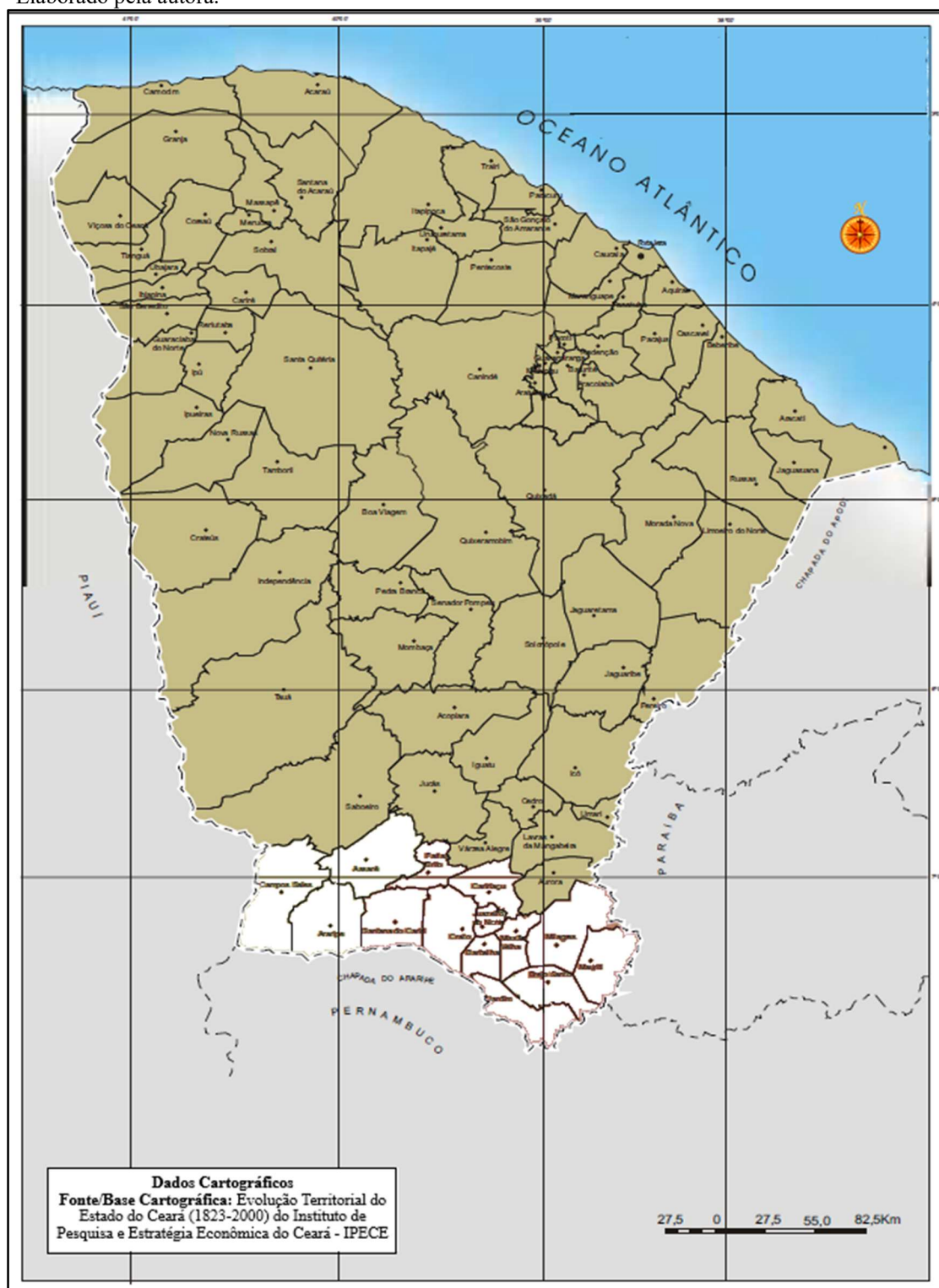
2.1 – (In)definições fronteiriças

A fundação do ICC em 1953, conforme ressaltado no capítulo anterior, nasceu sob a égide do discurso regionalista. Apesar de seu traço cratense e das disputas intraregionais por hegemonia, a agremiação firmou-se no cenário intelectual e político como promotora do desenvolvimento regional, notadamente em seus aspectos culturais, como catalizadora dos anseios por progresso e detentora do poder legítimo de fala sobre a região. Tudo convergindo para a invenção de uma identidade regional.

Montada a instituição, definido seu funcionamento, seus objetivos, programa de ação e arrematados seus sócios, necessário se fazia também delimitar o corte geográfico de sua atuação. Nos Estatutos do ICC, lê-se que o espaço no qual a agremiação teria jurisdição compreenderia os municípios de “Crato, Juazeiro, Barbalha, Missão Velha, Jardim, Santanopole [Santana do Cariri], Milagres, Caririassú, Quixará [Farias Brito], Araripe, Campos Sales, Assaré, Brejo Santo e Mauriti” (ver Figura 2).¹⁷⁷ A preocupação em estabelecer os limites do que se considerava ser o Cariri demonstra a instabilidade de seus contornos regionais, deslocados de acordo com os interesses e as instituições que nele atuavam tornando, dessa forma, sempre necessária a pergunta sobre o que seria a região propriamente dita.

¹⁷⁷ *Estatutos do Instituto Cultural... Op.cit.*, p.181.

Figura 2: Região do Cariri de acordo com a primeira formulação dos Estatutos do ICC (1953).
Elaborado pela autora.



Entre os anos 1930 e 1970, o Brasil sofreu várias revisões territoriais promovidas pelo governo federal com o objetivo de melhor precisar suas fronteiras nacionais e seus limites estaduais e municipais, ficando a cargo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (1936) os reajustamentos do conjunto territorial do país. Com braços administrativos espalhados em inúmeras cidades brasileiras e a incumbência de produzir mapas, censos e cartogramas, o órgão orientou toda uma política de regionalização e distribuição de recursos financeiros pelo governo central para as unidades da federação exercendo, assim, importante função de mediador político entre os diversos poderes governamentais.¹⁷⁸

Além do IBGE, outras instituições, a exemplo da Diocese do Crato, Companhia Hidro Elétrica do São Francisco - CHESF (1945), Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE (1959) e Banco do Nordeste do Brasil - BNB (1952), também redesenharam o sul cearense a partir de critérios administrativos e políticos, reforçando sempre a necessidade de questionamento sobre com qual definição de Cariri se estava a operar. Como chamou atenção Douracy Soares, “quando se diz Cariri, é necessária uma interrogação: **Cariri do Banco do Nordeste, da Diocese, do Sindicato Rural, do Padre ou do IBGE?**”.¹⁷⁹ A arbitrariedade nos métodos de recorte do território caririense, resultando em limites divergentes, é uma característica predominante ainda hoje, o que faz com que a região não possa ser considerada uma unidade territorial fixa.¹⁸⁰

¹⁷⁸ CAMARGO, Alexandre de Paiva Rio. Municipalismo e ruralismo: o IBGE e a “organização nacional” na Era Vargas. In: *O IBGE na história do municipalismo e sua atuação nos municípios: o pensamento de Teixeira de Freitas e de Rafael Xavier*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008, p.37-48; PONTES, Lana Mary Veloso de. *Formação do território e evolução política-administrativa do Ceará. A questão dos limites municipais*. Fortaleza: IPECE, 2010. No Ceará, o desmembramento de municípios concentrou-se, mais fortemente, no interregno de 1950 a 1965, quando seu número saltou de 87 para 141 (contra a criação de apenas uma nova comarca, em 1932). O segundo grande período de fragmentação territorial no estado ocorreu entre as décadas de 1980 e 1990, quando a quantidade de municípios passou de 141 para 184. Cf: PONTES, Lana Mary Veloso de. *Formação do território e evolução política-administrativa do Ceará...* *Op. cit.*

¹⁷⁹ SOARES, Douracy. *O Cariri-Crato-Juazeiro do Norte. Estudo de Geografia Regional*. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, 1967, p.10. O livro é resultado do Curso de Cartografia que o professor veio ministrar aos alunos de Geografia da Faculdade de Filosofia do Crato, solicitada ao Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade Federal da Bahia, no ano de 1966. O trabalho foi apresentado na XXI Assembleia da Associação dos Geógrafos Brasileiros, em julho do referido ano, na cidade de Blumenau. O prefácio da obra ficou a cargo de José de Figueiredo Filho, presidente do ICC à época. Douracy Soares era geógrafo do referido laboratório, professor das Faculdades de Filosofia do Crato e da Universidade Federal da Bahia, da Faculdade Católica de Filosofia de Salvador, da Escola de Sociologia e Política da Bahia e professor livre de geografia econômica.

¹⁸⁰ CUNHA, Maria Soares da. *Pontos de (re)visão e explorações historiográficas da abordagem regional: exercício a partir do Cariri cearense (séculos XIX e XX)*. Fortaleza: UFC, Tese de Doutorado em Geografia, 2012.

Diante desse quadro, é compreensível a preocupação dos fundadores do ICC em demarcar, no artigo terceiro de seus estatutos, o que consideravam corresponder à base geográfica do Cariri cearense. A discussão sobre o que seria o Cariri em termos territoriais, como indica a documentação consultada, começou a ganhar relevância na década de 1940 com a oficialização da primeira regionalização do Brasil empreendida pelo IBGE. Não à toa, José de Figueiredo Filho, em função das discussões sobre o “Dia do Cariri”, referido no capítulo anterior, tematizou a questão de seus limites em matéria de jornal, no ano de 1950. Demonstrando discordância, disse ter estranhado durante a campanha “o grande número de municípios a serem enquadrados na região que eu julgava ser muito menor”.¹⁸¹ Apesar de não os mencionar, contabilizou vinte e uma “comunas”.

Embora não dê detalhes dos critérios nem da origem institucional de tal revisão, é possível verificar certa correspondência em relação ao que foi proposto pelo cariense Joaquim Alves para a “Região Sul do Ceará” em 1942, que, atendendo designação do Diretório Regional de Geografia, procedeu a uma divisão do estado em sete regiões naturais. A do sul cearense, que ficou com 17 municípios, foi fracionada em duas sub-regiões: a do Vale do Cariri (Missão Velha, Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Jardim, Brejo Santo, Araripe, Santanópole [Santana do Cariri], São Pedro [Caririaçu]) e a do Sertões do Sul (Cedro, Várzea Alegre, Assaré, Quixará [Farias Brito], Campos Sales, Saboeiro, Milagres, Mauriti).¹⁸²

¹⁸¹ FIGUEIREDO FILHO, José de. O que é o Cariri propriamente dito? In: *O Município*, 29/03/1950, p.7. A primeira divisão regional do Brasil, cujas normas foram estabelecidas pela Resolução nº 77 de julho de 1941, foi oficializada em 1945 com a seguinte configuração: Grandes Regiões (05), Regiões (30), Sub-regiões (79) e Zonas Fisiográficas (228). Cf: CUNHA, Maria Soares da. *Pontos de (re)visão e explorações...* Op. cit.; GUIMARÃES, Fábio de Macedo Soares. *Divisão Regional do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1942. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/divisaoregionalbrasil.pdf>>.

Acesso em: 21/08/2016.

¹⁸² ALVES, Joaquim. A divisão do Ceará em regiões naturais. In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*. Fortaleza, 1951, p.134-138. A proposta de Alves foi publicada pela revista nove anos após sua conclusão, em maio de 1942. Na elaboração desse trabalho, o geógrafo seguiu as normas definidas e utilizadas pelo Conselho Nacional de Geografia (Resolução nº 77 de julho de 1941) que tomava por critério a noção de Região Natural e que resultou na divisão do país em cinco grandes regiões naturais (Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro-Oeste). De um modo geral, percebe-se que as subseqüentes regionalizações do Cariri cearense, oficiais ou não, gravitaram em torno dessa delimitação até fins dos anos 1970. Joaquim Alves nasceu na cidade de Jardim, no ano de 1894, e faleceu em Fortaleza, em 1952. Formou-se pela Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, foi dentista, Inspetor Regional do Ensino, professor da Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará e do Instituto de Educação Justiniano de Serpa. Participou de alguns grupos literários, pertenceu à Academia Cearense de Letras, Associação Cearense de Imprensa, Associação Cearense de Geografia e História – da qual foi um de seus fundadores e presidente - e do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Transitando entre escritos de caráter geográfico e histórico, publicou vários artigos em jornais e revistas pelo Brasil. Foi autor também do livro “História das Secas. Séculos XVII a XIX”, editado no ano seguinte à sua morte pelo Instituto Histórico do Ceará. O

Com alguns ajustes, as sub-regiões foram transformadas em “zonas fisiográficas” pelo IBGE. Dessa forma, a “Zona do Cariri” aparece no Recenseamento Geral de 1950 composta por onze municípios: Araripe, Barbalha, Brejo Santo, Caririaçu, Crato, Jardim, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha e Santanóple [Santana do Cariri].¹⁸³ Interessa observar que Joaquim Alves não seguiu em seus trabalhos o prescrito pelo IBGE, demonstrando discordância em relação aos critérios de classificação regional estabelecidos por esta instituição para o Cariri. Anterior e posteriormente a oficialização da zona fisiográfica do Cariri, Alves manteve os municípios de Missão Velha, Crato, Caririaçu, Juazeiro do Norte, Barbalha, Jardim e Brejo Santo como correspondendo à região caririense.¹⁸⁴

Essa espécie de jogo de cadeiras que submetia os municípios a esta ou aquela delimitação física, conforme interesses políticos e critérios classificatórios nem sempre anunciados, fez com que os agentes do ICC estabelecessem sua própria configuração territorial em função mesmo do caráter regional impresso em seu projeto político e cultural. É sabido que entre as dinâmicas históricas conformadoras da região, semelhantemente ao que ocorreu às nações modernas ocidentais em seus processos constitutivos, o estabelecimento de bases territoriais também foi componente importante na construção das diversas identidades regionais. As considerações de Anderson sobre a delimitação de fronteiras finitas como característica da nação enquanto “comunidade politicamente imaginada”, posto que “nenhuma delas imagina ter a mesma extensão da humanidade”¹⁸⁵, pode ser estendida para se pensar a região e os processos de identificação que vão sendo elaborados pelos grupos sociais que a habitam.

A instituição de limites fronteiriços, mesmo que elásticos, reais ou imaginários, participa do ato de incluir e excluir característico da produção de identidades nacionais e regionais. Muito embora o sentimento de pertencimento a uma região e suas representações nem sempre coincidam com divisões administrativas organizadas

autor foi referenciado em trabalhos dos intelectuais do ICC e de geógrafos de outras plagas. Cf: SERAINE, Florival. A morte de Joaquim Alves. In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*. Fortaleza, 1952, p.30-35; NOBRE, Geraldo. A História das secas no Ceará. In: ALVES, Joaquim. *História das secas. Séculos XVII a XIX*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2003 [fac-símile da edição de 1953].

¹⁸³ Zona do Cariri de acordo com a Resolução 143/1945 – CNG/IBGE. IBGE. *Censo Demográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, Série Regional, volume XIV, tomo 1, Estado do Ceará, 1955. Disponível em: <<https://archive.org/details/censo1950vol14t1ce>>. Acesso em: 01/10/2016.

¹⁸⁴ ALVES, Joaquim. O Vale do Cariri. In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*. Fortaleza, 1945, p.94-133. _____. O Vale do Cariri. Seu povoamento e desenvolvimento. In: *Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, vol. III, 1952, p.390-424.

¹⁸⁵ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas... Op. cit.*, p.32-34.

tecnicamente pelo poder estatal ou outros órgãos, como foi o caso da regionalização do espaço caririense operada pela elite letrada do ICC, os sentidos de comunidade normalmente vinculam-se a um conjunto de elementos simbólicos e materiais que se referem a uma determinada delimitação espacial. Dito de outra forma, a região e a identidade regional são imaginadas através de um forte sentimento de pertença a um espaço delimitado e estável. Assim, lagos, montanhas, rios, fauna e flora, por exemplo, são tornados fronteiras e/ou paisagem singular do território em que se vive.

O desenvolvimento e interiorização de laços simbólicos e afetivos com a “terra natal” recorre, nesse aspecto, à combinação entre tempo e espaço.¹⁸⁶ Aos antecedentes históricos, heróis, monumentos, lugares de memória, às tradições e lendas combina-se a identificação a um território comum como elemento emotivo de autoidentificação e de unidade regional. Nesse aspecto, ele não pode ser um território qualquer. Como salienta Smith no que se refere à nação, ele “é, e deve ser, a terra ‘histórica’, a ‘terra natal’, o ‘berço’ do nosso povo [...]”, tornando-se, assim, única e cultuada por aqueles que a habitam.¹⁸⁷ Constituída por uma série de elementos interligados, ou “check-list identitária”, na expressão de Thiesse em seus estudos sobre nação e identidade nacional,¹⁸⁸ a região e a identidade regional têm por condição a mobilização de diversos saberes, instituições políticas e culturais, espaços educacionais e agentes sociais na produção e transmissão de uma herança partilhada entre as gerações.

No sul cearense, a elite letrada reunida em torno do ICC desempenhou papel central no inventário e cumprimento de uma “lista identitária” para o Cariri cearense a partir do entrelaçamento de personagens (heróis), acontecimentos históricos, cultura (folclore) e natureza sob o rótulo do peculiar. Motivados politicamente pelo discurso de integração nacional e desenvolvimentista propagado pelo governo central entre as décadas de 1950-1970, pela recolocação da questão das disparidades regionais (Norte X Sul, Litoral X Sertão), por disputas intraregionais por hegemonia e pela fragmentação territorial do Cariri efetuada por diversas instituições, se processou no interior do ICC a construção de um conjunto de representações políticas e culturais que instituíam uma identidade para a região.

¹⁸⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural...* Op. cit. CATROGA, Fernando. Pátria, Nação, Nacionalismo. In: TORGAL, Luís Reis; PIMENTA, Fernando Tavares; SOUSA, Julião Soares (coords.). *Comunidades Imaginadas. Nação e nacionalismos em África*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, p.9-39.

¹⁸⁷ SMITH, Anthony D. *Identidade Nacional*. Lisboa: Gradiva, 1997, p.23.

¹⁸⁸ THIESSE, Anne-Marie. *Ficções criadoras: as identidades nacionais...* Op. cit. _____. “La Petite Patrie enclose dans la grande”: regionalismo e identidade nacional na França durante a Terceira República (1870-1940). In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8, n.15, 1995, p.3-16.

Assim é que, entre desacordos e interferências externas sobre a cartografia regional, seus sócios preocuparam-se em definir o que consideravam ser o Cariri e o que, nesse aspecto, o diferenciava de outras regiões. Entre os critérios de singularização, suas características ambientais forneceram parte significativa do repertório identitário que resultou numa representação geográfica em conflito, quase sempre, com os limites regionais recortados por pesquisadores e técnicos forasteiros. À acusação de Douracy Soares de que em função de “bairrismo ou de interesses políticos”, sua delimitação chegava “ao campo do ridículo” porque, segundo ele, realizada para incluir municípios onde nascera “alguma personalidade”, José de Figueiredo Filho rebateu afirmando que “a ampliação territorial do Cariri não ocorreu por conta do filho da região” e muito menos por “ vaidade de possuir outra personalidade de valor, de renome nacional”, mas sim por “força de sua crescente influência no sul do Ceará”, da ação da Igreja e de algumas instituições governamentais (a exemplo da CHESF e SUDENE).¹⁸⁹

Acrescentou ainda que o Cariri que ele conheceu, remontando à sua relação e percepção do espaço desde a infância, circunscrevia-se apenas aos municípios que ficavam aos “pés-de-serra”. O que territorialmente correspondia às cidades que Irineu Pinheiro elencou na matéria de jornal que deu origem à epígrafe deste capítulo (ver Figura 3): Crato, Missão Velha, Barbalha, Juazeiro do Norte, Caririaçu, Jardim, Milagres, Mauriti, Brejo Santo, Quixará [Farias Brito] e Santanopole [Santana do Cariri].¹⁹⁰ Esse recorte encontra-se também nos livros *O Cariri. Seu descobrimento, povoamento e costumes* e *Efemérides do Cariri*¹⁹¹, e foi adotado tanto por outros membros do ICC – como foi o caso do próprio José de Figueiredo Filho - quanto por pesquisadores estrangeiros - como os geógrafos Pasquale Petrone e Manuel Correia de Andrade.¹⁹²

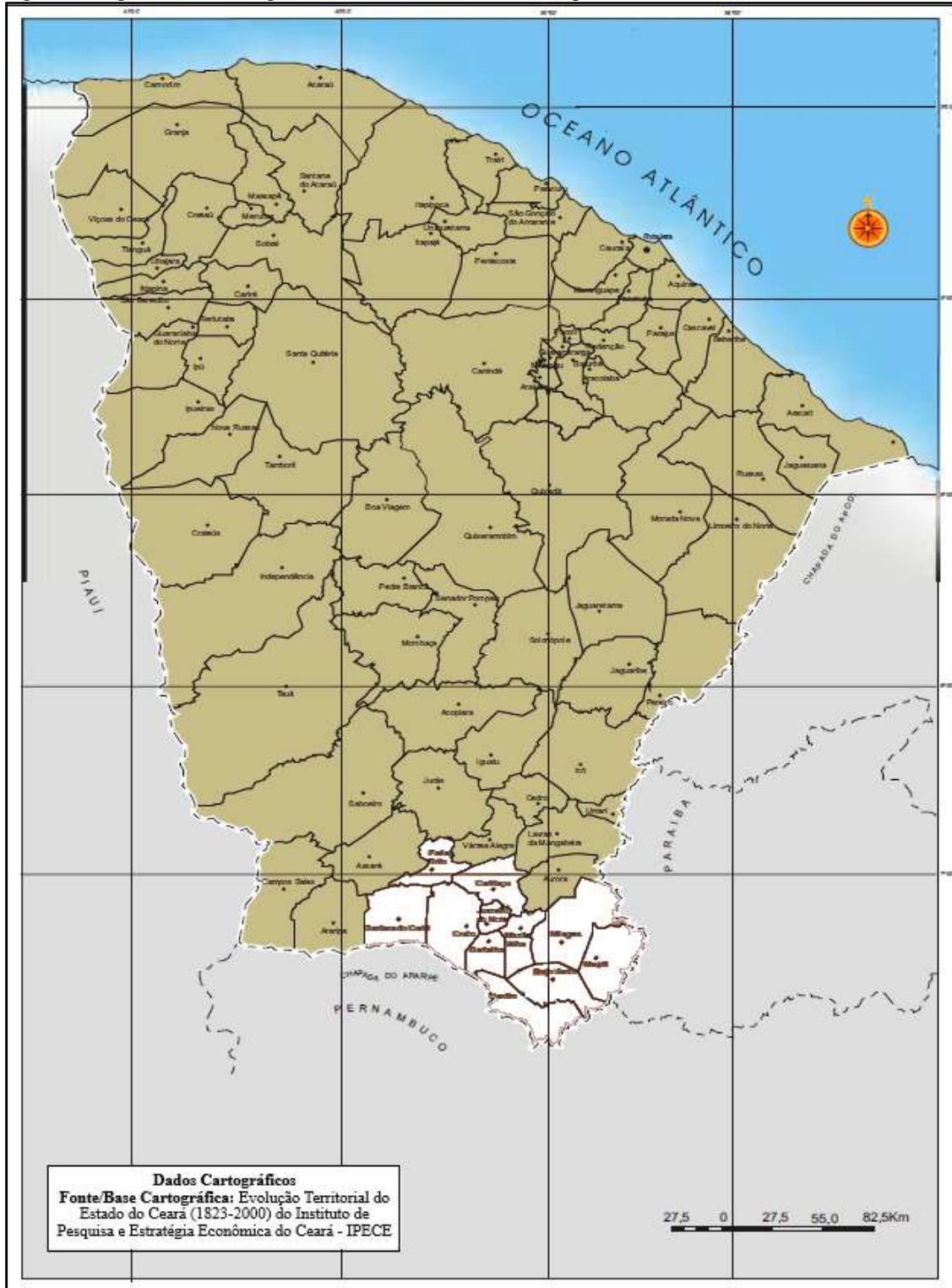
¹⁸⁹ Prefácio do livro de SOARES, Douracy. *O Cariri-Crato-Juazeiro do Norte... Op. cit.*, p.5-6.

¹⁹⁰ FIGUEIREDO FILHO, José de. *O que é o Cariri... Op. cit.*, p.7.

¹⁹¹ PINHEIRO, Irineu. *História do Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.7; _____ . *Efemérides do Cariri... Op. cit.*, p.13.

¹⁹² FIGUEIREDO FILHO, José de. *Engenho de rapadura do Cariri*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. [fac-símile da edição de 1958], p.19. O livro foi publicado pelo Ministério da Agricultura e Serviço de Informação Agrícola (SIA), compondo a coleção “Documentário da Vida Rural”; PETRONE, Pasquale. Crato, “capital” da região do Cariri. In: *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n.20, 1955, p.31-55; _____ . Contribuição ao estudo da região do Cariri, no Ceará. In: *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n.19, 1955, p.03-30. À época da publicação, Petrone era sócio efetivo da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) e seu secretário geral, além de assistente da cadeira de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Os artigos foram fruto de visita à região ocorrida em janeiro de 1953 na companhia de alunos do Colégio Dante Alighieri, de São Paulo. ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste. Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973, p.43 (a primeira edição do livro é de 1963). O autor não relaciona os municípios, apenas diz que são onze - coincidindo com Irineu Pinheiro,

Figura 3: Região do Cariri segundo Irineu Pinheiro. Elaborado pela autora.



citado por Andrade várias vezes. Formado em direito, história e geografia, o pernambucano Manuel Correia de Andrade foi professor de geografia na Faculdade de Filosofia de Recife e na Universidade Federal de Pernambuco. Foi também um dos principais pesquisadores sobre o Nordeste brasileiro, tendo publicado dezenas de livros, alguns deles didáticos, e vários artigos em jornais e revistas. A primeira edição do livro mencionado, sua principal produção, foi prefaciado por Caio Prado Júnior. Sua última edição (5ª) foi lançada em 1986.

Mas como salientou Irineu Pinheiro, em matéria mencionada,¹⁹³ havia quem restringisse ou ampliasse o que ele considerou ser a região caririense. Se voltarmos a Joaquim Alves e aos estatutos do ICC, referidos páginas atrás e situados, respectivamente, em data anterior e posterior à delimitação de Irineu Pinheiro para o Cariri, o movimento de deslocamento dos limites regionais fica mais uma vez evidenciado. Numa comparação com o que ele definiu em seus livros e na entrevista concedida a José de Figueiredo Filho, três anos antes da fundação da agremiação, enquanto nos trabalhos de Joaquim Alves os municípios de Santanópolis, Quixerá, Milagres e Mauriti não são relacionados, no documento que regulamentava o funcionamento do ICC são incluídas as cidades de Araripe, Assaré e Campos Sales.

As transformações territoriais para fins estatísticos e administrativos impostas pela administração federal e estadual ao Cariri, durante as décadas de 1950-1970, resultado tanto do desmembramento de alguns municípios que historicamente faziam parte da região quanto pela inclusão de cidades anteriormente situadas em outras áreas ou zonas, geravam discordâncias e contrariedade entre os sócios do ICC. Além de Irineu Pinheiro, que não adotou em suas obras a classificação estabelecida pelo IBGE através da Resolução 143/1945, o militar e escritor Otacílio Anselmo, em tom de divergência, observou em nota de artigo publicado na revista *Itaytera* de 1959 que, nos “últimos anos houve radical transformação territorial na *maioria dos municípios tradicionais da região* com a criação de sete novas unidades”. De acordo com ele, “todas elas sem expressão geográfica, econômica, política ou social que justificasse sua elevação ao nível municipal”.¹⁹⁴

¹⁹³ FIGUEIREDO FILHO, José de. *O que é o Cariri... Op. cit.*, p.7.

¹⁹⁴ SILVA, Otacílio Anselmo e. A história do Padre Cícero. In: *Itaytera*, 1959, p.107-115. Grifos meus. O artigo foi ampliado e transformado em primeiro capítulo de seu livro *Padre Cícero. Mito e realidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, Coleção Retratos do Brasil, v.66, 1968 (ver p.12). O escritor Otacílio Anselmo nasceu em 1909, na cidade de Jati, então distrito do município de Jardim e deste desmembrado em 1951 (até 1943 Jati denominava-se Macapá). Tornou-se sócio efetivo do ICC em 1954, tendo feito parte de sua diretoria como secretário geral de 1955 a 1958 e empossado na cadeira de n.7 (patrocinada pelo poeta jardinense Barbosa de Freitas), em 1969. Fez carreira no exército nacional alcançando a patente de capitão. Após sua aposentadoria, enveredou pelas pesquisas históricas e pelo jornalismo. Alguns de seus escritos foram divulgados em revistas e jornais da região e de Fortaleza. Foi autor da parte histórica de alguns municípios caririenses presentes na “Enciclopédia dos Municípios Brasileiros”, editado pelo IBGE, em 1959 (v.16). Também foi sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana (RS). Além do livro citado, outra obra de repercussão do autor foi “A Revolução de 1930 no Ceará”, lançado em 1970, pela editora da Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará. Parte da primeira versão deste trabalho também foi publicado na revista *Itaytera* de 1955 (p.118-141). Cf: BORGES, Raimundo de Oliveira. *O Crato intelectual... Op. cit.*, p.219-221; “Solenidade nas posses dos escritores professor José Newton Alves de Sousa e Capitão Otacílio Anselmo e Silva”. In: *Itaytera*, 1969, p.18-19.

No mesmo tom, José de Figueiredo Filho manifestou seu descontentamento pelo fato da cidade de Jardim ter sido retirada da microrregião Cariri e substituída por Várzea Alegre pela equipe técnica do convênio SUDENE/SUDEEC, responsável pela elaboração do “Plano de Desenvolvimento Integrado” para a área. Medida que entrou em desacordo, inclusive, com a própria classificação do IBGE. Numa espécie de pausa em sua narrativa, disse não saber o “critério de tal substituição”, pois “Jardim é integralmente caririense, em zona canavieira, abraçado pela chapada do Araripe e com natureza muito aproximada de Barbalha”.¹⁹⁵

Além dessas manifestações abertas de contrariedade às repartições ordenadas pelos órgãos dos governos, o uso de expressões como “de acordo com o IBGE”, “conforme as últimas divisões municipais do Ceará”, “de conformidade com a atual classificação do IBGE”, precedidas ou sucedidas de descrições, imagens e citações, comumente atribuídas a uma porção menor do território caririense, evidenciam também a resistência em assumir a elasticidade que foi sendo imposta à região ao longo dos anos 1950-1970.

Havia entre os próprios membros do ICC, entretanto, divergências quanto ao que corresponderia ao território caririense. Oscilava-se entre as divisões oficiais, o recorte adotado por Irineu Pinheiro e o dos estatutos da instituição. Assim, se em 1958 José de Figueiredo Filho, em seu livro *Engenhos de Rapadura do Cariri*, baseou-se em Irineu Pinheiro para definir geograficamente o que seria o Cariri, no primeiro volume da coleção *História do Cariri* (1964), em artigo apresentado no IV Simpósio Nacional da ANPUH (1967) e em texto divulgado na revista *Itaytera* (1973), relacionou vinte

¹⁹⁵ FIGUEIREDO FILHO, José de. O Cariri no todo cearense. In: *Itaytera*, 1973, p.148. A partir do ano de 1968, a classificação do IBGE de “Áreas” por “Zonas Fisiográficas” foi substituída pela de “Microrregiões Homogêneas”. O Cariri cearense ficou, então, dividido em: Microrregião do Sertão do Cariri (MRH 76): Abaiara, Aurora, Barro, Brejo Santo, Jati, Mauriti, Milagres, Penaforte e Porteiras; Microrregião da Chapada do Araripe (MRH 77): Araripe, Campos Sales, Nova Olinda, Potengi e Santana do Cariri; Microrregião do Cariri 78 (MRH 78): Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha e Jardim. Para detalhes do Plano de Desenvolvimento Integrado para a microrregião do Cariri, consultar o artigo: Equipe técnica da micro região do Cariri conclui levantamento. In: jornal *A Ação*, 07/10/1972, p.7. A Microrregião Serrana de Caririaçu (MRH 75), integrada pelos municípios de Altaneira, Antonina do Norte, Assaré, Caririaçu, Farias Brito, Granjeiro e Várzea Alegre, alguns deles antes integrados ao Cariri, não foi considerada pelo IBGE como pertencente a “grande região do Cariri cearense”. Cf: IBGE. *Sinopse preliminar do censo demográfico. VIII recenseamento Geral – 1970. Ceará*. Rio de Janeiro: IBGE, 1971, p.19, 20, 29, 30. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/311/cd_1970_sinopse_preliminar_ce.pdf>. Acesso em: 26/11/2016; FAISSOL, Speridião; GALVÃO, Marília Velloso. Divisão regional do Brasil. In: *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 1969, v.31, n.4, p.179-220. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1969_v31_n4.pdf>. Acesso em: 26/11/2016; MAGNANO, Angélica Alves. A divisão regional brasileira. Uma revisão bibliográfica. In: *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v.57, n.4, p.65-92, 1995.

municípios seguindo “a última divisão municipal do Ceará”. A mesma delimitação encontra-se em Otacílio Anselmo, na revista Itaytera de 1959 e no livro “Padre Cícero: mito e realidade”, lançado em 1968.¹⁹⁶ Já na primeira reformulação dos estatutos do ICC (1976), verifica-se uma expansão de quatorze para vinte e quatro os municípios que comporiam a região, aproximando-se do que estabelecia o IBGE como o espaço físico do Cariri cearense.¹⁹⁷

É difícil precisar os critérios adotados pelos sócios do ICC em recortar uma ou outra divisão territorial (interesses políticos, como acusava Douracy Soares, para capitalizar alguma personalidade de destaque?), haja vista que nem sempre eles eram enunciados e a escolha não coincidia exatamente com as divisões dos órgãos oficiais que atuavam na região (IBGE, SUDENE e BNB, por exemplo). A coexistência de várias fronteiras regionais e suas mudanças entre os anos 1950 e 1970 talvez seja, nesse caso, uma chave de entendimento para a ausência de sua representação cartográfica em muitas de suas publicações. Assim, Cariri, Cariri cearense, região do Cariri, zona do Cariri, sul do Ceará e Vale do Cariri, por exemplo, foram frequentemente utilizados de forma indiscriminada como se carregassem por si seu conteúdo enunciativo.

O caráter regional impresso ao Instituto e seu projeto político e cultural, entretanto, não poderia prescindir de uma definição territorial do que seria o Cariri.

¹⁹⁶ FIGUEIREDO FILHO, José de. *Engenhos de... Op. cit.*, p.19; _____ . *História do Cariri. Op. cit.*, p.5; _____ . Sobrevivência portuguesa no Cariri cearense. In: *Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. Colonização e migração*. São Paulo: [FFCL]-USP, 1969, p.311-343. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S04.12.pdf>>. Acesso em: 19/09/2016; _____ . *O Cariri no todo cearense... Op. cit.*, p.148; SILVA, Otacílio Anselmo e. *A história do Padre Cícero... Op. cit.*, p.113; _____ . *Padre Cícero. Mito e realidade... Op. cit.*, p. 12. Os municípios elencados pelos autores são: Abaiara, Araripe, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Grangeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi e Santana do Cariri. No censo do IBGE de 1960, essas mesmas cidades, com exceção de Farias Brito, encontram-se distribuídas nas zonas fisiográficas “Araripe” e “Cariri”. O órgão incluiu Campos Sales, que não aparece nos dois autores, como parte também da região. A ETENE (BNB), por sua vez, considerava esses e mais cinco municípios (Altaneira, Antonina do Norte, Assaré, Campos Sales e Várzea Alegre) como pertencentes ao Cariri. Cf: NORÕES, Edilmar; NASCIMENTO, F. S.; SAMPAIO, Dorian. *Região do Cariri*. Fortaleza: BEL Publicações, 1978, p.23; IBGE. *Censo demográfico de 1960*. Rio de Janeiro: IBGE, Série Regional, volume I, tomo IV, p.78. Disponível em: <<https://archive.org/details/censodem1960rvo11t4>>. Acesso em: 10/10/2016.

¹⁹⁷ “A região na qual o Instituto terá jurisdição compreende os municípios de Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha, Santana do Cariri, Milagres, Caririaçu, Farias Brito, Nova Olinda, Araripe, Campos Sales, Assaré, Brejo Santo, Mauriti, Barro, Aurora, Lavras da Mangabeira, Jardim, Abaiara, Jati, Grangeiro, Penaforte, Altaneira e Porteiras”. Estatutos do Instituto Cultural do Cariri (1976). Disponível em: <<http://icccrato.blogspot.com.br/search?q=estatuto>>. Acesso em: 02/03/2016. Além dessas cidades, o IBGE incluía em sua divisão Potengi, Antonina do Norte e Várzea Alegre e excluía, em relação ao definido pelo ICC, Lavras da Mangabeira. Todas elas distribuídas em quatro microrregiões: Cariri, Chapada do Araripe, Sertão do Cariri e Serrana de Caririaçu. Esta última foi integrada à região do Cariri com o estabelecimento das chamadas Mesorregiões Homogêneas pelo IBGE em 1976. Cf: NORÕES, Edilmar; NASCIMENTO, F. S.; SAMPAIO, Dorian. *Região do Cariri... Op. cit.*, p.23.

Como visto no primeiro capítulo desta tese, a atualização do discurso regionalista pelo ICC funcionou como importante chave na tentativa de superar os interesses particulares em prol do desenvolvimento comum. Embora não se tenha alcançado plenamente esse objetivo, pois as rivalidades entre algumas cidades persistiram por todo o período aqui tratado, a “construção de um espírito e mentalidade regionalista”¹⁹⁸ exigia a identificação de seus destinatários para que a convocatória pela “valorização do Cariri” alcançasse os efeitos desejados.

Mesmo que sujeita a alterações, a tentativa de estabelecer uma unidade territorial tornava mais potente o esforço de interiorização do sentimento de pertencimento à região e de mobilização coletiva cumprindo, dessa maneira, a função de motivar a solidariedade e a ação política-intelectual. Nesse sentido, por exemplo, é que os organizadores de Itaytera, mais fortemente nas décadas de 1960 e 1970, procuraram ampliar a publicação de aspectos da história, política e economia dos municípios caririenses para além do eixo de suas principais cidades. Sem que Crato perdesse, claro, sua centralidade na revista.

Mas se os regionalismos, da mesma maneira que os nacionalismos, precisam estimular a crença em uma unidade regional, como organizar internamente o espaço caririense diante de um quadro de instabilidade de suas fronteiras? Que elementos garantiriam estabilidade e coesão identitária ao Cariri apesar dos deslocamentos de seus limites físicos? Como visto, mesmo entre os sócios do ICC, não obstante o que definia seus estatutos, encontramos discordâncias quanto aos contornos geográficos da região.

A distinção geográfica que se construiu, como será visto, associou-se a aspectos da realidade ambiental de determinada porção do território caririense em função da presença da Chapada do Araripe. Nesse sentido, o contraponto estabelecido com outro espaço, o do “sertão”, forneceu as coordenadas simbólicas e representacionais para o ato de classificação e singularização do Cariri cearense em que a ideia de “oásis” se tornou a principal imagem ordenadora de sua diferenciação. A recusa de um conjunto de avaliações negativas associadas à noção de sertão esteve, assim, no cerne das atribuições de significados operados pelos agentes do ICC. A marcação da diferença através do binarismo oásis/sertão constituiu-se em uma das principais estratégias, ao lado do recurso ao folclore e à escrita da história, de construção e fixação de fronteiras culturais para o Cariri cearense.

¹⁹⁸ AQUINO, João Lindemberg de. *Valorização do Cariri... Op. cit.*, p.188.

Mais do que um exercício arbitrário de adição, subtração e manutenção desse ou daquele município como pertencente ao Cariri, o que estava em jogo era a atualização de determinadas ideias e imagens formadoras e conformadoras de uma identidade e compreensão da região como espaço excepcional a partir da constituição de uma paisagem regional que teve como importante vetor cognitivo, estético e simbólico a Chapada do Araripe. Não à toa, como será discutido adiante, a resistência à distensão de suas “tradicionais” fronteiras.

2.2 – Re(a)presentando o Cariri geograficamente

A indefinição do que seria o Cariri territorialmente não impediu a promoção do projeto político de desenvolvimento regional almejado pelo ICC, tampouco a atribuição de sentidos para a região e para os que nela nasceram. Acompanhando o modelo ocidental de constituição das nações e identidades nacionais, os agentes do ICC também se valeram de estratégias discursivas, de seleção de ingredientes culturais e aspectos da realidade preexistente na determinação do que seriam as particularidades regionais que, inventariadas e articuladas aos propósitos enunciados nos estatutos da agremiação, ganharam força e tornaram-se matrizes de representações conformadoras de uma identidade regional.

Assim, a regionalização do Cariri, que teve como um de seus centros inventivos a imagem de oásis, entrelaçou materialidade, simbolismos e subjetividades (re)alimentados por práticas e discursos regionalistas que instituíram e institucionalizaram representações identitárias para o sul cearense que perduram nos dias atuais. Entre os elementos recorrentes, utilizados para legitimar e garantir sua distinção e unidade diante de limites físicos instáveis, estava o destaque para aspectos de sua natureza.

2.2.1 - As tópicas de uma paisagem

No que se refere mais diretamente ao objeto desta tese, a pretensão de uma identidade unificadora teve na existência de água, que brotava das centenas de nascentes existentes nas encostas da Chapada do Araripe, o principal componente de identificação e coesão que distinguiria e qualificaria a região como excepcional. De seu escoamento, originaram-se rios e riachos que drenavam as terras e convergiam, alguns deles, para o

rio Salgado - um dos principais tributários do rio Jaguaribe. Os rios Batateira, Granjeiro, Salamanca, Missão Velha, Carás e os riachos Olho d'água, São José, Riacho do Meio e dos Porcos são exemplos da riqueza aquífera proporcionada pelo altiplano.¹⁹⁹

Alguns fatores de natureza climática e geológica justificam a origem das numerosas fontes concentradas na parte setentrional da escarpa do Araripe. Por ser “condensadora de umidade”, o nível de pluviosidade costuma ser mais elevado em relação às áreas circunvizinhas.²⁰⁰ Ao caírem sobre o topo plano da Chapada, as águas das chuvas se infiltram “pelas camadas de arenito permeáveis até encontrar porção impermeável. Forma-se o lençol subterrâneo que escoar, devido à inclinação das camadas, em direção ao território cearense, onde volta ao solo através de uma série de fontes com regime permanente”.²⁰¹ Por contribuir para a formação de nuvens e chuvas em volume superior à outras regiões e reter as águas em seu interior, fazendo-as ressurgir em numerosas fontes, a Chapada do Araripe foi considerada, numa linguagem menos rebuscada cientificamente, reservatório natural d'água. Em função dessa característica, Irineu Pinheiro abriu a introdução do seu “Efemérides do Cariri”, finalizado em 1954 mas publicado somente quase dez anos após sua morte, informando ao leitor que “é o Cariri [...] uma região caracterizada por suas águas perenes jorrantes das faldas do planalto do Araripe [...]”.²⁰²

O primeiro presidente do ICC e seus demais membros não foram, claro, os pioneiros a ressaltar esse aspecto da natureza local. Dos relatos de viajantes no século XIX a estudos de caráter científico, documentos produzidos pela Câmara Municipal do Crato para presidentes da província e jornais de circulação local até a data de fundação da agremiação existem referências à quantidade, localização, denominação e, especialmente, à importância das fontes para a produção de alimentos.

Nas memórias escritas pelo ex-governador da capitania do Ceará datada de 1814, Luiz Barba Alardo de Menezes, lemos, por exemplo, que as “preciosas nascentes de águas” da vila do Crato “a fazem muito procurada dos povos nas ocasiões da seca, motivo porque vai sendo muito povoada”. O engenheiro Silva Paulet, em escrito redigido entre 1811-1820, considerou-a como “a mais produtiva” da capitania do Ceará por situar-se ao sopé do Araripe, “aonde há muitas vertentes mais ou menos

¹⁹⁹ Para uma relação mais completa dos rios e riachos então existentes no Cariri, consultar: ALVES, Joaquim. *O Vale do Cariri, seu povoamento...* *Op. cit.*

²⁰⁰ PETRONE, Pasquale. *Contribuição ao estudo da região...* *Op. cit.*, p.27. Ver também ALVES, Joaquim. *O Vale do Cariri, seu povoamento...* *Op. cit.*, p.395.

²⁰¹ ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste...* *Op. cit.*, p.43.

²⁰² PINHEIRO, Irineu. *Efemérides...* *Op. cit.*, p.13.

abundantes”. O naturalista João da Silva Feijó observou, em 1800, que o “País dos Cariris, Termo da Vila do Crato, é tão fértil que permite a cultura dos vegetais em todas as estações pela exuberância de águas de rega”. Antes de sua saída da cidade de Icó rumo ao Crato, no ano de 1838, o botânico George Gardner foi informado que a região do Cariri era “bem irrigada pelos regatos das montanhas”. Avançando em seu texto, entre as citações que faz às águas caririenses Gardner destaca que da “Serra do Araripe [...] brotam numerosas fontes a que se pode atribuir a grande fertilidade desta parte do sertão, cujas correntes de água se diversificam em mil direções para os fins de irrigação”.²⁰³

Na segunda metade do século XIX, Thomaz Pompeu de Sousa Brasil caracterizou a Chapada do Araripe como “abundante d’água em suas faldas e sopés, donde correm abundantes arroios que fertilizam todo o extenso vale do Cariri”. No jornal *O Araripe*, que circulou na região entre 1855 e 1864, termos como “ribeiras e regatos perenes”, “águas nativas e perenes”, “perenes fontes” e “terrenos regadios”, por exemplo, foram utilizados marcando a individualidade do Cariri. O mesmo fez o ex-presidente do Instituto Histórico do Ceará, Thomaz Pompeu Sobrinho, ao afirmar, em fins dos anos 1930, que “o que especifica esta zona privilegiada é certa abundância de água permanente, proveniente das numerosas fontes que jorram das escarpas da serra do Araripe e saturam os arenitos que a tapetam”.²⁰⁴

²⁰³ MENEZES, Luiz Barba Alardo de. Memória sobre a capitania independente do Ceará. In: *Documentação primordial sobre a capitania autônoma do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, p.48 [Edição fac-símile de separatas da Revista do Instituto do Ceará]; PAULET, Antonio Jozé da Silva. Descrição geográfica e abreviada da capitania do Ceará. In: *Documentação primordial sobre a capitania... Op. cit.*, p.25; FEIJÓ, João da Silva. Memória sobre as antigas lavras de ouro da mangabeira da Cappitania do Siará. In: *Memória sobre a capitania do Ceará e outros ensaios*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, p.370 [Edição fac-símile de separatas da Revista do Instituto do Ceará]; GARDNER, George. *Viajem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1975, p.88 e 95. A primeira edição do livro no Brasil foi lançada em 1942, pela Companhia Editora Nacional (São Paulo). O escocês desembarcou no Brasil em 1836, e após percorrer algumas províncias, chegou à cidade de Aracati, no Ceará, em julho de 1838. No início de agosto, partiu a cavalo pela província, instalando-se na vila do Crato, em setembro do mesmo ano, e lá permanecendo por cinco meses, período em que desenvolveu suas pesquisas botânicas, geológicas e observações sobre os costumes locais. O prolongamento de sua estadia no Cariri deu-se em função da “condição deserta da zona entre a Vila e Oeiras, capital da Província do Piauí, durante a estação seca, época e que a água e a grama são tão escassas que só pessoas bem conhecedoras da região emprenderiam tal viagem”. *Idem*, p.99.

²⁰⁴ BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. *Ensaio estatístico da província do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, tomo I, p.141 [Edição fac-símile de 1863]; *Jornal O Araripe*: edições de 14/07/1855, p.2 (A província do Cariri); 17/11/1855, p.3 (Comunicado); 22/09/1855, p.1 (A pedido); 20/02/1858, p.2 (Os gados), respectivamente; BRASIL SOBRINHO, Thomaz Pompeu de Sousa. O Nordeste e as suas feições geográficas mais características. In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*. Fortaleza, 1938, p.134. Disponível em: <<https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev->

Da criação das primeiras freguesias (XVIII) e concessões de datas e sesmarias (XVII) à divulgação de trabalhos histórico-geográficos, até meados do século XX, rios, riachos, lagoas, olhos d'água e cabeceiras também serviram como divisores naturais e orientadores de direção: 1- “no olho d'água da Cana Brava”, “começando nas nascentes do riacho dos Porcos”, “na lagoa Cachié, procurando as cabeceiras do rio Salgado”; 2- “começando do riacho Caiçara, e sua barra no rio Salgado, para cima até as nascentes”; 3- “a parte nuclear do CARIRI é o chamado vale do Cariri, que compreende as cabeceiras do rio Salgado, da barra do riacho dos Porcos para montante [...]”; 4- “a leste Milagres, [...] até encontrar o riacho dos Porcos, donde vai diretamente à foz do riacho Olho d'Água Comprido [...]”.²⁰⁵ O desenvolvimento da economia agropastoril, os conflitos entre proprietários de terra e entre estes e demais moradores da área rural, a disposição das propriedades e as redes de estrada abertas em torno dos cursos d'água indicam igualmente sua centralidade para a vida regional.

Desde os primeiros registros conhecidos sobre o Cariri, portanto, suas nascentes, rios e riachos figuram como um de seus componentes de diferenciação. No Ceará, espaço assolado em alguns períodos pela seca, a água se tornou um recurso precioso provocando sentimentos e práticas de valoração - como denota a expressão “tá bonito para chover”, utilizada quando há grande concentração de nuvens escuras na atmosfera - e de relações de poder. Muitos aspectos da organização socioeconômica, do imaginário religioso e cotidiano do sertanejo sofreram interferências dessa experiência ambiental. Embora historicamente os períodos de chuva tenham sido maiores que os de estiagem, a fome, o desespero, a morte e humilhação constituíram uma memória coletiva sobre a seca que ainda fazem tremer até mesmo aqueles que nunca foram submetidos às suas consequências.

Não à toa, uma das primeiras perguntas que se fazia aos viajantes em véspera ou período de inverno era justamente sobre se chovia por onde passaram, como registrou o botânico Freire Alemão: “Faz grande calor, está tudo muito quente e teme-se muito outro [18]45; está tudo assentado e quando chega algum sujeito a primeira pergunta é:

[apresentacao/RevPorAno/1938/1938-O_Nordeste_e_as_suas_feicoes_geograficas_mais_caracteristicas.pdf](#)>. Acesso em: 30/09/2016.

²⁰⁵ Respectivamente: ALVES, Joaquim. *O Vale do Cariri, seu povoamento...* Op. cit., p.404-408; PINHEIRO, Irineu. *Efemérides...* Op. cit., p.40; POMPEU SOBRINHO, Thomaz. *O Nordeste e suas feições geográficas...* Op. cit., p.134; ALVES, Joaquim. *O Vale do Cariri, seu povoamento...* Op. cit., p.390.

‘Donde vem? Chove por lá?’²⁰⁶ Ainda hoje, a preocupação e a pergunta são recorrentes.

A percepção do espaço caririense e sua simbolização como terra de contraste foi re(a)presentada pelos membros do ICC, portanto, a partir de alguns dos mesmos elementos anteriormente selecionados de sua realidade ambiental. Investidos da missão de valorização da região, realimentaram e redimensionaram imagens sobre o Cariri partilhadas e reproduzidas, inclusive por eles próprios, antes mesmo de se agruparem institucionalmente. É o caso, por exemplo, de Irineu Pinheiro que, em 1950, no início de sua exposição sobre o Cariri, conceituou-o “como uma estreita faixa de terreno sertanejo com *fontes que nunca secam*”.²⁰⁷

Ainda no que diz respeito ao recurso água, em apresentação ao leitor do que seria geograficamente o Cariri, seus municípios e divisas, Padre Antônio Gomes de Araújo, em trabalho apresentado, no ano de 1949, ao Primeiro Congresso de História da Bahia, qualificou-o como de “solo ubertoso”, irrigado “de *inúmeras fontes perenes* que brotam no sopé da serra alimentando canaviais infindos [...]”.²⁰⁸ Vale ressaltar, ainda, o fato de o autor ter utilizado da referência ao rio Salgado e riacho dos Porcos como orientadores dos limites regionais. Em *Potencialidades econômicas do Cariri*, artigo publicado em 1953, no jornal O Povo em comemoração ao centenário do Crato e reproduzido integralmente na Itaytera de 1959, Antônio de Alencar Araripe, então deputado federal, sócio fundador do ICC e colaborador da revista, também ressaltou, no início de seu texto, o alto índice de pluviosidade da região e a “porosidade das terras”,

²⁰⁶ ALEMÃO, Francisco Freire. *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão. Crato-Rio de Janeiro (1859-1860)*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2007, p.102. O naturalista veio ao Ceará, em 1859, com outros pesquisadores brasileiros para realizar exploração científica da província. A chamada Comissão Científica de Exploração desembarcou em Fortaleza no mês de fevereiro e alcançou a comarca do Crato em dezembro daquele mesmo ano, permanecendo no Cariri até princípios de março de 1860. O diário citado refere-se, justamente, ao período em que permaneceu na região e de seu retorno para Fortaleza. _____ . *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão. Fortaleza-Crato (1859)*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006. Cf: CUNHA, Maria Soares da. *Pontos de (re)visão e explorações... Op. cit.*, p.113-129; SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. Nota explicativa. In: *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão. Crato-Rio de Janeiro (1859-1860)*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2007, p.9-40.

²⁰⁷ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.8. Grifos meus.

²⁰⁸ ARAÚJO, Antônio Gomes de. Concurso da Bahia na formação da gens caririense. In: _____ . *Povoamento do Cariri*. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, coleção Estudos e Pesquisas, v.6, 1973, p.18. Grifos meus. O trabalho foi, primeiramente, publicado de acordo com informações do autor, nos anais do referido congresso e em separata no ano de 1950 (com tiragem de 600 exemplares).

combinação favorável para a formação das “tradicionalis fontes ou ‘nascentes’ do Cariri”.²⁰⁹

A expressão “tradicionalis fontes” indica bem a permanência, o reconhecimento e a compreensão da característica hidrográfica da região como uma de suas principais distinções em relação às terras vizinhas. Os autores acima convocados, da mesma forma que outros que vieram a pertencer à rede de colaboradores construída entre as décadas de 1950 e 1970 pelo ICC em prol do desenvolvimento regional, foram tanto produtores como consumidores de classificações identitárias operadas por seus antecessores. Nesse sentido, não podem ser considerados como inauguradores do processo de constituição de uma identidade para a região. Situados no campo da cultura letrada e da política, alguns deles parentes de personagens que exerceram importantes funções públicas, não apenas mantiveram constante diálogo com a produção de viajantes e pesquisadores, como utilizaram-se de traços de subjetividades produzidos pela geração precedente em sua relação com a natureza. Nesse aspecto, adotaram como estratégia política e discursiva para a marcação da diferença regional uma característica ambiental que, como dito anteriormente, desde o século XIX, era ressaltada como peculiar ao Cariri: a abundância de água.

No centro de algumas disputas entre proprietários, de narrativas ressentidas e barganhas políticas largamente registradas em jornais locais, esse recurso natural atravessou a fronteira do oitocentos constituindo-se enquanto propriedade distintiva da região gerando representações paisagísticas-identitárias alimentadas pela imagem de “perenidade” das águas que corriam de suas nascentes. Os membros do ICC, articulando escritos diversos às suas próprias percepções e experiências, retomaram e potencializaram esse aspecto ambiental como componente fundamental na organização

²⁰⁹ ARARIPE, Antônio de Alencar. Possibilidades econômicas do Cariri. In: *O Povo*, 15/10/1953, p.5. O mesmo texto encontra-se em: *Itaytera*, 1959, p. 151-157. Formado em Direito pela Faculdade do Ceará, Alencar Araripe nasceu em 1897 e faleceu em 1989. Não era filho do Crato, mas residiu na cidade por muitas décadas, exercendo a função de prefeito da cidade por duas vezes, entre os anos 1930-1935. Colaborou com a fundação da UDN no Ceará, partido pelo qual se elegeu deputado à Assembleia Nacional Constituinte, nas décadas de 1940 e 1950. Sua principal temática, durante o exercício de seus mandatos, foi a das secas e a busca de soluções (como a construção de açudes) para minorar suas consequências. Foi Presidente do Banco do Nordeste durante o governo de Jânio Quadros e jornalista, tendo colaborado e escrito para jornais e revistas do Ceará – como os periódicos *A Ação*, *O Cariri* (este fundado por ele), *O Povo*, *Gazeta do Cariri* e a revista *Itaytera*. Era proprietário de fazenda no Piauí, pecuarista e agricultor no Cariri. Suas publicações mais importantes são: *Orós*, a redenção do Nordeste (1949) e *Doze anos de Parlamento* (1968). Cf: BORGES, Raimundo de Oliveira. *O Crato intelectual... Op. cit.*, p.46-47; Antônio Alencar de Araripe (verbete). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-alencar-de-araripe>>. Acesso em: 30/03/2017.

e compreensão do espaço caririense dando continuidade à tarefa iniciada por seus predecessores.

Assim, em texto publicado nos Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH), José de Figueiredo Filho, então presidente do ICC e professor da cadeira de História do Cariri da Faculdade de Filosofia do Crato, ao estabelecer filiações portuguesas na organização social e cultural caririense buscou também firmar uma semelhança paisagística entre os dois territórios. O elemento água, na perspectiva do autor, tornava possível traçar tal analogia:

O Cariri cearense parece, pelas descrições de Garret, Eça de Queiroz e Aquilino Ribeiro, um trecho da terra lusa, situado entre o Douro e o Minho. Seus terrenos são irrigáveis, com sítios pitorescos, bicas propícias aos banhos capitosos, fruteiras e essas mil fascinações de terrenos *onde há água regadia em abundância*.²¹⁰

A denominação “fontes perenes”, com variações do tipo “águas perenes” e “águas permanentes”, e o adjetivo “abundante” foram acionados e amplamente utilizados na diversificada produção dos sócios e colaboradores do Instituto em suas descrições sobre as características da região. Compondo o repertório identitário por eles manipulado, seu poder de construção de uma individualidade caririense era tanto maior quanto fosse o contraste oferecido pelas terras em seu entorno. Ou seja, o do sertão carente de água. Nessa lógica do contraste é que encontramos, com algumas variações nos escritos consultados, o enunciado expresso por José de Figueiredo Filho de que, diferentemente do que ocorria “quase sempre nas regiões sertanejas”, “as chuvas não se ausentam por completo do Cariri nos anos de calamidade climática”. Fato que permitia afirmar que mesmo “fora das serras, *a água é sempre fácil no Cariri*”.²¹¹

Essa característica ambiental produziu, inclusive, discussões sobre formas de melhor aproveitamento das águas que brotavam do subterrâneo da Chapada do Araripe, contrariamente ao que ocorria em áreas que sofriam com sua escassez cuja preocupação era com o armazenamento das águas da chuva para enfrentamento dos períodos de estiagem. Projetos de autoria do deputado federal Antônio de Alencar Araripe, publicados na revista Itaytera, nesse sentido, foram elaborados com vistas a sensibilizar o governo para a construção no Cariri de um “sistema de canais para a racional

²¹⁰ FIGUEIREDO FILHO, José de. *Sobrevivência portuguesa no Cariri... Op. cit.*, p.313. O texto foi apresentado em 1967, na cidade de Porto Alegre, sede do IV Simpósio Nacional de História. Grifos meus.

²¹¹ FIGUEIREDO FILHO, José de. *Engenhos de ... Op. cit.*, p.34. Grifos meus.

distribuição” do precioso líquido, desperdiçado em função do “seu permanente contato com a terra e os raios solares”.²¹²

Interessa observar que o primeiro plano de ação do parlamentar foi apresentado ao Congresso Nacional, em 1948, reapresentado em 1951, com algumas emendas, e publicado na revista *Itaytera*, em 1973. Não por coincidência, as duas últimas datas concentraram forte estiagem - momento em que se reacendeu os debates em torno das temáticas água e desenvolvimento econômico do Cariri. Houve quem dissesse, inclusive, que “graças à seca” fosse “provável que agora a serra do Araripe seja redescoberta”.²¹³

Essa ideia de redescobrimto, que traz implícita uma crítica à pouca atenção dada ao Cariri pelos governos centrais em suas demandas, aponta para a excepcionalidade da região em termos de água e, conseqüentemente, poder produtivo mesmo em tempos de escassez de chuva. O que a qualificava, de acordo com os argumentos apresentados nas reivindicações por auxílios financeiros e técnicos, como importante recurso no combate às conseqüências da estiagem. Como enfatizou Antônio de Alencar Araripe, citando Irineu Pinheiro, se um plano de captação e aproveitamento racional das águas se concretizasse seria “o maciço araripano um dos maiores elementos contra os efeitos das secas que assolam imenso trecho do território nacional”.²¹⁴ Pois, “ali realmente se verifica a existência de *fontes perenes, resistentes às mais intensas secas, cujas águas abundantes desde tempos imemoriais* vêm sendo utilizadas para a irrigação[...]”.²¹⁵

Para além de contribuir para a constituição de uma memória política e capital simbólico para o parlamentar, a divulgação dos referidos projetos, bem como de seu artigo citado páginas atrás, insere-se num conjunto de práticas de significação e invenção de fronteiras culturais para o sul cearense que, sob a tutela dos agentes do ICC, fortalecia e organizava uma representação geográfica assentada em apreensões de sua natureza. Tanto em suas produções como nas de José de Figueiredo Filho e Irineu Pinheiro, este último recorrentemente citado pelos associados, a imagem de fontes que nunca secam não apenas sustentava como sedimentava a proposição que atravessou o século XIX de ser o Cariri um oásis.

²¹² ARARIPE, Antônio de Alencar. Vales do sul do estado e a Serra do Araripe. In: *Itaytera*, 1973, p.186.

²¹³ Dep. Kleber Callou está interessado pelo desenvolvimento da serra do Araripe. In: *A Ação*, 27/06/1970, p.6. O texto foi reproduzido do jornal Unitário, editado em Fortaleza.

²¹⁴ ARARIPE, Antônio de Alencar. *Vales do sul... Op. cit.*, p.193.

²¹⁵ *Idem*, p.186. Grifos meus.

A eficácia e resistência desse enunciado, reeditado, inclusive, em novos textos e suportes de vulgarização, teve como um de seus elementos de coerência, portanto, aquilo que faltava em seu “exterior constitutivo”²¹⁶: água em todas as situações climáticas. As designações “perene” e “abundante”, inseridas num jogo de linguagem que, nesse caso, articulava-se em posição contrária à experiência ambiental de áreas circunvizinhas, produziam e comunicavam sentidos para a região transformando suas características ambientais em paisagem, compreendida aqui como forma cultural de percepção da natureza.²¹⁷ O elemento água, nessa perspectiva, funcionou como valor de verdade na adequação de aspectos da realidade física do Cariri à imagem de “ilha úmida” ou de “oásis”.

O próprio nome da revista do ICC, lançada em 1955 como “órgão oficial” da agremiação, alimentava e conduzia o leitor a essa representação. Escolhido por Antônio Gomes de Araújo, um de seus destacados sócios fundadores, seu título refere-se a um dos mais importantes rios da região: o Itaytera. Popularmente conhecido como Batateira, denominação de uma de suas principais nascentes, origina-se no município do Crato e é um dos principais afluentes do Rio Salgado, cuja bacia hidrográfica alcança cerca de 23 municípios do sul cearense. Na capa do primeiro número do impresso, encontra-se o seguinte significado para o vocábulo:

É uma corrução visível (batateira) do termo Itaytera, pelo qual os tupis designaram o maior e mais belo manancial do Araripe, e que se decompõe do seguinte modo: **Ita**, pedra, **Y** ou Yg, água, **têra**, por entre, isto é, água que corre, precipitando-se por entre pedras.²¹⁸

Embora existissem algumas discordâncias quanto à etimologia da palavra, houve quem traduzisse por “rio cuja água mana de pedra” ou “pedra d’água”, o fato é que a adoção desse curso de água como objeto de individualização da revista participou da invenção de um Cariri-oásis. Na apresentação que fez do periódico, José de Figueiredo Filho, então presidente do ICC, explicou os motivos da escolha relacionando-a tanto ao

²¹⁶ Expressão tomada de empréstimo a HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade?* Op. cit., p.110.

²¹⁷ BERQUE, Augustin. *Paisagem-marca, paisagem-matriz...* Op. cit.; CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem.* Op. cit.; SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória.* Op. cit.

²¹⁸ *Itaytera*, 1955. O mesmo texto foi publicado na capa da revista de 1960. O excerto, de autoria de Marcos Antônio de Macedo, magistrado, político e importante pesquisador que viveu na região na primeira metade do XIX - tendo realizado estudos técnicos sobre a viabilidade da transposição do Rio São Francisco para o Ceará (1847) -, foi retirado do “Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Estado do Ceará”, de Álvaro Gurgel de Alencar.

programa regionalista que orientou sua produção, “o da defesa intransigente da região caririense”²¹⁹, quanto ao que se desejava que ela representasse:

É denominação de amplitude bem regional. O Batateira forma dos mais ricos brejos de cana da terra caririense. Suas águas engrossam o Salgadinho que mais adiante se junta ao Salgado, cujos baixios são verdadeiras forjas de riqueza coletiva da zona sul cearense. O antigo Itaytera, agora com nome bem português, alimenta com húmus e umidade a um verdadeiro Cariri, mais ubérrimo, dentro mesmo da privilegiada região caririense.²²⁰

A água que corre pelo leito do Itaytera foi associada, como pode ser observado, a outro importante elemento que remetia à imagem de oásis: o de solo fértil. A combinação água e fertilidade proporcionada pela Chapada do Araripe, em contraste às condições ambientais do semiárido, produzia representações paisagística que eram apresentadas como equivalentes a uma essência caririense fazendo valer a paisagem pela natureza, o percebido pelo “princípio natural”.²²¹ Compreende-se, dessa forma, a transferência de virtudes realizada por José de Figueiredo Filho entre o rio e a revista ao justificar seu nome batismal: se Itaytera era “o símbolo da pujança da natureza caririense”, o impresso seria “o símbolo da opulência intelectual do Cariri”.²²²

A designação funcionou, então, como metáfora elogiosa à sua intelectualidade, pois da mesma maneira que o rio, a revista simbolizava fecundidade para o Cariri. Em trechos de cartas e notícias de jornais publicados nas páginas do periódico como estratégia de propaganda, adjetivações utilizadas em representações da natureza também serviram para expressar as virtudes de Itaytera e de seus intelectuais. Recurso linguístico que construía e reforçava uma autoimagem que diretoria e sócios do ICC empenhavam-se em legitimar desde sua fundação, como o registrado na solenidade de lançamento do segundo número de Itaytera para um público composto por políticos, professores, militares, jornalistas e presidentes de entidades locais e que foi transmitida pela Rádio Araripe. Nessa ocasião um dos oradores, o Tenente Otacílio Anselmo, ao final de seu pronunciamento levantou um “brinde histórico” pelo êxito da publicação e “saudou Itaytera, cuja *perenidade* assegurou para muitos anos *mercê da capacidade de*

²¹⁹ FIGUEIREDO FILHO, José de. *Explicando...* In: *Itaytera*, 1955, p.1.

²²⁰ *Idem*.

²²¹ Expressão tomada de empréstimo a CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem. Op. cit.*

²²² FIGUEIREDO FILHO, José de. *Explicando...* *Op. cit.*, p.2. A segunda frase aparece no rodapé de algumas páginas da revista. Ver, por exemplo: *Itaytera*, 1955, p.142; 1956, p.112.

trabalho, de realização e de cultura de todos os que fazem o Instituto Cultural do Cariri”.²²³

Ao mesmo tempo, portanto, em se que fundava uma imagem da revista como espaço de combate “pela melhoria do nível cultural e pelo bem-estar da região caririense”²²⁴, o gesto de atribuir-lhe o nome Itaytera e vincular parte de sua carga semântica ao impresso orientava uma forma de olhar para o Cariri contribuindo, assim, para traçar os contornos da paisagem-oásis que se desenhava: “[...] Como o *Batateira que corre entre ricos canaviais e belos pomares, Itaytera é o canal da inteligência regional. ITAYTERA nos dá frutos sazonados, também*”.²²⁵

Entre os excertos de missivas e notas recortadas da imprensa transcritas em suas páginas, assinadas por sócios correspondentes ou por intelectuais pertencentes às redes de amizade da diretoria do Instituto, não é raro encontrarmos esta associação:

Itaytera nasceu com a opulência dos verdes canaviais e arrojo das *águas que brotam das entranhas da serra* e se espalham pelos baixios num *lençol de bonança, perene e farto*. [...] iluminado pelo talento e primores intelectuais de uma geração nova, vinculada, pelo amor à gleba e culto patriótico, à terra e ao espírito da gente que se *arrebanha na fertilidade* e na inspiração de uma *natureza privilegiada*. LEITE MARANHÃO. Correio do Ceará – 11.05.55.²²⁶

Já a li do começo ao fim, quase de um só fôlego, tal o ânimo, o vigor que me impele constantemente para as *coisas da nossa terra*. Devo dizer também que, em *Itaytera, encontrei prodigiosa fonte, refrigério da sede ardente da saudade*. PINHEIRO FILHO. (De uma carta dirigida a J. de Figueiredo Filho).²²⁷

[...] O estudioso das coisas brasileiras encontrará nessa publicação, bem cuidada materialmente e bem lançada intelectualmente, um *manancial* de informações para o conhecimento exato do homem e do meio caririense. O leitor sente-se atraído para os assuntos versados e procura ilustra-se cada vez mais à medida que se *dessedenta nessa “água que mana da pedra”*, que é a tradução mais aproximada de “Itaytera”.²²⁸

Essas transposições metafóricas de identificação da revista e seus intelectuais com elementos naturais e paisagísticos foram realizadas também como orientação

²²³ “Flagrante do coquetel comemorativo do lançamento da revista ITAYTERA, em seu segundo número, na Sorveteria Cayrú, na cidade do Crato, às 16 horas do dia 14 de abril de 1956”. In: *Livro de Atas do Instituto Cultural do Cariri*, v.1, 1953-1957, p.36. Grifos meus.

²²⁴ FIGUEIREDO FILHO, José de. *Explicando...Op. cit.*, p.1.

²²⁵ “Auxilia a Câmara a impressão de ‘Itaytera’”. In: *Itaytera*, 1957, p.242. Trecho retirado do Projeto de Lei apresentado pelo vereador José Luís de França, em maio de 1957, à Câmara Municipal do Crato destinado a auxiliar a impressão da revista. Reproduzido na íntegra. Grifos meus.

²²⁶ *Itaytera*, 1956, p.267. Grifos meus.

²²⁷ *Idem*. Grifos meus.

²²⁸ L.S. “Regionalismo Construtor”. In: *Itaytera*, 1958, p.183-184. A matéria foi transcrita do jornal O Nordeste, editado em Fortaleza, e assinada por L.S em 23.10.1957.

argumentativa e perceptiva em outras situações com o mesmo objetivo, ou seja, de distinção regional. Em palestra pronunciada sobre o folclore do Cariri na Casa do Ceará, no Rio de Janeiro em 1964, após discorrer sobre a especificidade do povoamento da região, do “espírito independentista” dos caririenses e ressaltar características ambientais como fator de estabelecimento dos primeiros povoadores não indígenas como “fontes a brotarem da serra do Araripe e matas extensas”, José de Figueiredo Filho afirmou que “em cenário assim, de *belezas múltiplas* e de brasilidade, com gente afeita ao trabalho e às lutas pela liberdade, deveria medrar, como realmente sucedeu, *rico manancial de tradições*”.²²⁹ Dois anos antes, em seu livro sobre folclore, ele se referiu ao Cariri como “*fonte inesgotável* de estudos” e às festas dos padroeiros como “*mananciais sempre renovados* de pesquisas [...]”.²³⁰

Em um momento de intensa (re)elaboração e exportação de discursos sobre as qualidades do Cariri e dos caririenses, em consonância com o projeto de “valorização da região”, empreendido pelo ICC, verificou-se a transposição de formas figuradas que expressavam uma maneira de ver e compreender a natureza para outras singularidades que se buscava construir. Ainda no caso do folclore, que entre as décadas de 1950 e 1970 ganhou destaque entre as ações da agremiação a partir da iniciativa de José de Figueiredo Filho²³¹, acompanhando o movimento nacional de resgate da autêntica cultura nacional capitaneada pela Comissão Nacional do Folclore, encontramos referências à região como “*celeiro do folclore*” a indicar, da mesma forma que em relação à natureza, abundância e fertilidade.

Percebe-se nessas transferências e condução do olhar uma coincidência entre “dado natural” e “percepção sensível”, utilizando-me das expressões de Cauquelin, ou “matéria bruta” e “paisagem”, nas palavras de Schama²³², que estabelecia uma transparência entre natureza e a forma segundo a qual ela era dada a ver. A composição águas/fontes perenes e solo fértil, resultando em imagens como “águas que brotam das

²²⁹ “Apresentando o Cariri, na Casa do Ceará, no Rio de Janeiro. Exórdio da palestra que J. de Figueiredo Filho pronunciou, na Casa do Ceará, com auditório superlotado, a 8 de agosto de 1964”. In: *Itaytera*, 1963-1964, p.55-57. Grifos meus.

²³⁰ FIGUEIREDO FILHO, José de. *O folclore no Cariri*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962, p.108.

²³¹ SEMEÃO, Jane; GOMES, Assis Daniel. Folclore: patrimônio e memória identitária caririense (1953-1980). In: XIII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DO CEARÁ, 2012, Sobral-Ceará. Anais... Ceará: INTA, 2012, p.1-12. Disponível em: <http://www.ce.anpuh.org/1341755672_ARQUIVO_textocompletoparaanpuh-pibic-14.pdf>. Acesso em: 03/06/2013.

²³² CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. Op. cit.; SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. Op. cit.

entranhas da serra”, “forjas de riqueza”, “ubérrimo Cariri”, “solo ubertoso”, “lençol de bonança, perene e farto” e “natureza privilegiada”, vinculava à paisagem que se imprimia ao Cariri uma natureza essencialista. Tanto mais evidente quando confrontada a outra combinação, a de escassez de água e aridez do solo semiárido:

Realmente, a região do Cariri, *em que se integram onze municípios cearenses*, destaca-se pela *prodigiosa riqueza de seu solo e abundância de produção agrícola* em parte assegurada, *mesmo no rigor das crises climatéricas*, em face das *fontes* que surgem nos flancos da precipitada serra e possibilitam a *permanente irrigação*.

Daí a *sua justa e tradicional classificação de legítimo oásis dos sertões* naquele setor do país onde o índice de elevada densidade demográfica atesta a existência de firme apoio econômico à vida das populações ali fixadas.²³³

Trazendo para sua argumentação excertos de engenheiros que escreveram sobre a região e destacaram seu potencial agrícola como estratégia de convencimento dos pares e do governo para aprovação de seu projeto de aproveitamento das águas da chapada araripina, o deputado Antônio de Alencar Araripe recorreu também à sua própria condição de agropecuarista. Por isso, frisou que seu “plano de obras” foi delineado com “*apoio na experiência e nos estudos das peculiaridades locais*”.²³⁴ As palavras “realmente”, “tradicional” e “legítimo” procuravam, assim, atestar para o leitor a veracidade da paisagem regional que, de um ponto de vista enunciativo, era delimitada a partir da combinação fontes perenes e riqueza do solo em oposição ao sertão da seca.

À imagem de fertilidade associou-se, como pode ser observado na citação, a de produção de alimento, derivando daí uma outra representação sobre a região que atestaria sua condição de excepcionalidade. Com pequenas variações, mas se repetindo em diversos dos discursos e narrativas produzidos pelos associados do ICC, a umidade e a característica argilosa das terras irrigadas pelas nascentes e rios, proporcionando tanto uma variedade de frutos silvestres quanto de produtos cultivados em função da existência de propriedades químicas e orgânicas benéficas ao plantio, atualizou a imagem do Cariri como “celeiro”.

Se retomarmos os trabalhos indicados, no início desta seção de Luiz Barba Alardo de Menezes, do engenheiro Silva Paulet, do naturalista João da Silva Feijó e do botânico inglês George Gardner sobre a região, publicados na primeira metade do XIX, observaremos que sua capacidade agrícola se constituiu em um de seus grandes traços

²³³ ARARIPE, Antônio de Alencar. *Vales do sul... Op. cit.*, p.186. Grifos meus.

²³⁴ *Idem*. Grifos meus.

distintivos. Em Gardner, por exemplo, lemos que além das culturas da cana-de-açúcar, mandioca, do arroz e do fumo, a região cultivava frutas tropicais como “a laranja, a lima, o limão, a banana, a manga, o mamão, a jaca, a fruta do pão e o caju; também são comuns as uvas, abacaxis, melões e melancias, todas se vendem barato [...]”.²³⁵ Avançando para o segundo quartel do mesmo século, Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, em seu “Ensaio estatístico da Província do Ceará” (1863), ressaltou igualmente que “todo esse terreno [Vale do Cariri] é bem cultivado, produz canas, legumes, mandiocas e algum café, e passa senão pelo *terreno mais fértil da província*, pelo mais extenso, e *pelo que oferece mais proporções para o desenvolvimento da cultura*”.²³⁶

As condições ambientais favoráveis à agricultura e seu desenvolvimento ao longo do oitocentos, especialmente da cana-de-açúcar, que gerava importantes rendimentos com a produção da rapadura, alimentou entre a elite agrária e política daquele período a ideia de vocação natural da região para a atividade agrícola. Vale ressaltar que tal percepção coadunava-se com uma visão dadivosa e edênica da natureza, questão que retomarei no quarto capítulo, dominante no pensamento intelectual à época que compreendia a fecundidade da terra como providência divina.²³⁷ Perspectiva que fundamentou e orientou ações políticas que procuravam assegurar o crescimento da produção agrícola e sua comercialização. Da mesma forma que em relação à nação, acreditava-se que o “destino de grandeza” do Cariri estaria intimamente ligado às inesgotáveis riquezas do solo, conduzindo à sua exploração exaustiva através da derrubada da floresta e a uma dependência econômica dos proprietários rurais à plantação da cana-de-açúcar.²³⁸

²³⁵ GARDNER, George. *Viajem ao interior do Brasil...* *Op. cit.*, p.95.

²³⁶ BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. *Ensaio Estatístico...* *Op. cit.*, p.141 (Tomo I). Grifos meus.

²³⁷ Para uma leitura sobre a representação idílica e edênica da natureza na constituição da identidade nacional, consultar: ARAÚJO, Hermetes Reis de. Da mecânica ao motor: A ideia de natureza no Brasil no final do século XIX. In: *Projeto História*, São Paulo, n.23, nov. 2001, p.151-167; CHAUÍ, Marilena. *Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000; DA MATTA, Roberto. Em torno da representação de natureza no Brasil: pensamentos, fantasias e divagações. In: *Conta de mentiroso. Sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 2ª ed., 1994, p.93-123; HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 6ª ed., 2004; MURARI, Luciana. *Natureza e cultura no Brasil (1870-1922)*. São Paulo: Alameda, 2009.

²³⁸ Sobre a produção da cana-de-açúcar e sua importância econômica para a região, consultar: FIGUEIREDO FILHO, José de. *Engenhos de ...* *Op. cit.*; OLIVEIRA, Antônio José de. “*Engenhos de rapadura no Cariri*”: trabalho e cotidiano (1790-1850). Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado em História, 2003. Para uma leitura de períodos mais recentes: GONÇALVES, Naudney de Castro. “*O fogo não está morto*”. *Engenhos de rapadura do Cariri cearense como uma referência cultural na perspectiva das políticas públicas do último quartel do século XX*. Belo Horizonte: UFMG, Dissertação de Mestrado em História, 2011; SÁ, Maria Yacê Carleial Feijó de. *Os homens que faziam o Tupinambá moer. Experiência e trabalho em engenhos de rapadura no Cariri (1945-1980)*. Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado em História, 2007.

O edenismo tropical na representação do Cariri ganhava maior poder de simbolização e legitimidade à medida em que demonstrava sua capacidade de fornecer às regiões vizinhas diversos gêneros alimentícios, especialmente nos anos de calamidade climática. A ideia de “torrão abençoado” e a consciência de sua importância para a sobrevivência dos que eram vitimados pela seca, portanto, são fatores que contribuíram para a construção de sua imagem como celeiro. Em uma das tentativas de criação da “Província do Cariri” por suas elites, ainda na primeira metade do XIX, os argumentos apresentados pela Assembleia Provincial do Ceará ao Senado imperial, convencidas da importância política e econômica de tal reivindicação, fundamentava-se tanto na posição geográfica da região quanto em suas características ambientais:

[...] A grande distância que separa as capitais das referidas províncias [Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Piauí] dos lugares conhecidos pela denominação de Cariris Novos faz com que a ação governativa dos presidentes das diversas províncias não seja ali desenvolvida e posta em execução com a prontidão, celeridade e energia indispensáveis, e que muito poderosamente poderiam concorrer para o aumento e progresso, principalmente da agricultura, em tão grande extensão de território que *parece ter sido colocado pela Providência no meio de sertões em extremo áridos para servir como de fornecedor comum de víveres e de toda a casta de cereais* aos numerosos habitantes da vasta porção de território, que apenas se presta à criação dos gados e às escassas plantações de legumes que nascem, crescem e frutificam no curto período das estações chuvosas.

A circunstância, pois, Augustos e Digníssimos Senhores Representantes da Nação, da *disposição e propriedade que tem os Cariris Novos para a agricultura em todas as estações do ano, a doçura de seu clima, a facilidade com que nela produzem todos os gêneros de plantas mesmo exóticas*, tem concorrido para o prodigioso aumento de sua população que todos os dias cresce pela frequente imigração dos povos, que para ali concorrem acossados pelos flagelos de que se vêm perseguidos da fome e da miséria nos estéreis sertões em que habitavam.²³⁹

A existência de água em todas as estações do ano e as características do solo, combinadas a partir de adjetivações como “fontes perenes” e “solo ubertoso” em oposição ao seu “exterior constitutivo”, ou seja, os “estéreis sertões”, conformou, portanto, a representação do Cariri como “celeiro dos sertões” na paisagem regional que se inventava. Nos mesmos termos, referiu-se também ao Cariri uma matéria do jornal O Araripe de julho de 1855, em sua campanha pela criação da “Província do Cariri”, ao lembrar que “no meio das maiores calamidades dos climatéricos anos de [18]25 e

²³⁹ Província dos Cariris-Novos. Representação da Assembleia Legislativa Provincial do Ceará ao Senado e Câmara dos Deputados. In: *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará*. Fortaleza, 1892, p.222-226. Disponível em: <<https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1892/1892-ProvinciadosCaririsNovos.pdf>>. Acesso em: 15/12/2016. O documento foi assinado pelo presidente e secretários da Assembleia em 14 de agosto de 1846. Grifos meus.

[18]45 o Cariri formava exceção”. Enquanto “tudo estava abrasado” e a “fome desolava as comarcas vizinhas”, a região “ministrava ao sertão seus frutos, seus cereais e alimentava massas enormes de populações”. Afirmava, então, que em função de sua “topográfica posição”, “espantosa fertilidade” e “mais que tudo, *essas águas nativas e perenes que a providência criou para abrigo dos sertões por ocasião das secas [...]*”, “o Cariri foi sempre o celeiro de seus vizinhos, a única salvação dos sertões [...]”.²⁴⁰

Tal representação metafórica ultrapassou a fronteira do oitocentos e foi acionada pelos membros do ICC em diversos dos escritos produzidos e divulgados em jornais, revistas e livros. No segundo número da revista *Itaytera*, o sócio José de Figueiredo Brito, ao discorrer sobre a “contribuição dos romeiros na construção econômica do Cariri”, afirmou que em função da ocupação das serras do Araripe e São Pedro [Caririaçu] pelos devotos de Padre Cícero a partir de fins do XIX fugindo das estiagens e movidos pela fé no “padrinho”, as feiras do Cariri “ficaram anualmente abarrotadas de produtos agrícolas que passaram a ser exportados em larga escala” garantindo à região o qualificativo de “celeiro do Estado”.²⁴¹

As possibilidades de enfrentamento da seca, portanto, é um dos fatores que explica a resistência e reforço de tal imagem, constituindo-se em importante capital simbólico e mecanismo de barganha política por recursos para a região. Entre os anos 1950 e 1970, percebe-se forte apelo na imprensa local à “natureza privilegiada” do Cariri como forma de sensibilizar e cobrar dos poderes públicos soluções para a estagnação econômica, como visto no capítulo anterior, e pobreza que a região enfrentava. Discussões relacionadas à eletrificação do Cariri, mecanização da produção agrícola, abertura e pavimentação de estradas, aproveitamento das águas soterrâneas da Chapada e das chuvas com a construção de açudes e a implantação de indústrias na região foram reivindicações que ocuparam diversas edições de jornais, revistas e programas das Rádios Educadora e Araripe.

Os dirigentes e sócios do ICC, em cumprimento ao objetivo traçado de contribuir para o progresso intelectual e material da região foram, pois, agentes importantes no esforço de reconduzi-la ao seu destino de prosperidade sob a liderança,

²⁴⁰ A Província do Cariri. In: *Jornal Araripe*, 14/07/1855, p.2. Grifos meus.

²⁴¹ BRITO, José de Figueiredo. “A contribuição dos romeiros na construção econômica do Cariri”. In: *Itaytera*, 1956, p.228. O autor era primo de José de Figueiredo Filho, tendo participado da diretoria do ICC de 1958 a 1961. Na *Itaytera* de 1959, às páginas 37-57, de sua autoria foi publicado “Maxixe e Malabares. Episódio inédito da história política do Crato”, enfeixado depois em separata pelo ICC. Para aprofundamento sobre a ocupação das terras da Chapada do Araripe e da serra de Caririaçu por incentivo de Padre Cícero, consultar FIGUEIREDO, José Nilton de. *A (con)sagração da vida. Formação das comunidades de pequenos agricultores da Chapada do Araripe*. Crato: Província, 2002.

naturalmente, de Crato. Ocupando posições importantes no espaço público, tomaram parte de debates, propuseram soluções, organizaram e participaram de seminários, juntamente com outras instituições, para discussão dos problemas regionais - como exemplificam os dois seminários “para o desenvolvimento do sul do Ceará” promovidos pelo Instituto e o Rotary Club do Crato, nos anos de 1961 e 1976, respectivamente, e os de “Estudos Caririenses” em parceria com a Faculdade de Filosofia do Crato.²⁴²

Motivados pela política desenvolvimentista e de integração nacional dos governos federais, atualizando antigos ressentimentos quanto ao preterimento do Cariri em benefício da capital por parte do governo central e procurando construir uma consciência regionalista capaz de superar as disputas entre as cidades em prol do desenvolvimento intelectual e material do Cariri, (re)inventaram tradições e destacaram as potencialidades econômicas da região, especialmente em relação às suas “riquezas naturais”, na tentativa de superação das dificuldades econômicas.²⁴³ Entranhada na experiência caririense, a produção de alimentos se constituía, entretanto, na grande esperança para se reverter os problemas econômicos, não obstante as novas

²⁴² Os anais dos referidos seminários foram publicados, em suas partes principais, na revista Itaytera de 1977 às páginas 29 a 48. No jornal A Ação, que noticiou e cobriu os dois eventos, encontram-se detalhes sobre sua programação e desenvolvimento. Existem registros da realização do I, II e III Seminário de Estudos Caririenses, inicialmente planejado para serem cinco encontros, também no periódico A Ação. Para maiores detalhes sobre o primeiro, consultar A Ação nas datas: 15/05/1965, p.6; 14/11/1965, p.1; 21/11/1965, p.1; 28/11/1965, p.3. Para o segundo, organizado pelo Instituto de Estudos Caririenses fundado no primeiro encontro e contando com a participação do ICC e da FFC: 06/06/1965, p.1; 15/08/1965, p.1; 14/11/1965, p.1; 21/11/1965, p.1; 28/11/1965, p.3. Informações sobre o terceiro seminário, ocorrido em Juazeiro do Norte, encontram-se em: 24/03/1966, p.3; 17/04/1966, p.1; 22.05.2016, p.1. Não foram localizadas informações sobre a realização dos outros dois seminários. Em relação ao Rotary Club do Crato, este foi inaugurado em 1937 por sugestão de Thomaz Pompeu de Souza Brasil Sobrinho, importante intelectual pertencente ao Instituto Antropológico, Geográfico e Histórico do Ceará, a Irineu Pinheiro (que foi seu presidente de 1937 a 1938 e 1942 a 1943). Além de Irineu Pinheiro, fundador e primeiro presidente do ICC, Antônio de Alencar Araripe e Jefferson de Albuquerque e Sousa, vice-presidente e segundo secretário da primeira diretoria do clube, respectivamente, foram também sócios fundadores do ICC. Este último ocupou os cargos de presidente (1977-1979, 1981-1982, 1987-1989), vice-presidente (1975-1976), secretário geral (1974-1976) do ICC e fez parte da comissão da revista Itaytera (1990-1991). Outros nomes também foram do quadro de sócios de ambas agremiações. Cf: SOUSA, Jefferson de Albuquerque e. Rotary no Cariri. In: NORÕES, Edilmar; NASCIMENTO, F. S.; SAMPAIO, Dorian. *Região do Cariri... Op. cit.*, p.270; PAIVA, Audir de Araújo. *História do Rotary Club do Crato*. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/17MqBsLyNAdzVv7LrtmiIRoRIf7FcZrI0QjVziBKc50E/edit?hl=pt_BR>. Acesso em: 28/01/2015; Jornal em comemoração aos 75 anos do Rotary Club do Crato. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/386913-Jornal-dos-75-anos-do-Rotary/>>. Acesso em: 28/01/2015.

²⁴³ Em editorial do jornal A Ação de 1965, José de Figueiredo Filho informava da realização, no ICC, de uma mesa redonda em que foram discutidas a substituição da cultura canavieira, a instalação do Colégio Agrícola do Crato e de um Centro de Tratoristas, a educação agropecuária, a conservação da Floresta Nacional do Araripe, a mudança do dia da árvore para o mês chuvoso de março entre outras necessidades. Ressaltou que a reunião foi posteriormente transmitida pela Rádio Educadora do Cariri, a participação do Rotary Clube de Crato e do vice-presidente da Associação dos Usineiros do Cariri. FIGUEIREDO FILHO, José de. O Cariri quer mudar sua estrutura agrícola. In: *A Ação*, 12/12/1965, p.2.

possibilidades que se apresentavam para exploração de sua natureza, como a produção de cerâmica a partir da extração da argila e o turismo. Aspectos a serem tratados no quarto capítulo.

Dessa forma, a imagem de celeiro foi atualizada para se ressaltar a importância da região no cenário econômico cearense e reivindicar a devida atenção que ela mereceria dos governos estadual e federal e barrar qualquer ameaça à concretização de obras de infraestrutura consideradas primordiais para o incremento da economia local. Assim, em matéria que alertava sobre a possível mudança do traçado definido pelo Plano Nacional de Viação para ligar o Cariri a Transamazônica pela BR 230, a partir de modificações sugeridas por autoridades e entidades de classe da cidade de Iguatu, Jósio de Alencar Araripe argumentou que se “esta rodovia tem por objetivo primordial a INTEGRAÇÃO NACIONAL”, seria um contrassenso, verdadeiro absurdo, a marginalização da *região mais produtora e rica do Ceará*, representada pelo sul do Estado, ou seja, o CARIRI”. Afirmava que se a alteração se concretizasse as cidades caririenses ficariam em dificuldades para escoar a “sua alentada produção”, além de afetar também seu “parque industrial”. Rememorou, por fim, a ferida do esquecimento ao chamar a atenção para o fato de estarem “na iminência de *novamente* ficarmos para trás”.²⁴⁴

Na discussão que se desenrolou nas páginas do jornal A Ação, J. Lindemberg de Aquino utilizou os mesmos argumentos que seu colega. Defendia que sendo o Cariri a “*zona mais produtora do Estado*”, não havia justificativa para seu isolamento. Foi mais longe ao dizer que não restaria outra saída que escoar os produtos por Pernambuco, perdendo com isto o Ceará em “milhões e milhões de cruzeiros em impostos diversos”. Da mesma forma que Jósio Araripe, viu nessa “manobra” uma tentativa de obstaculizar o progresso da região.²⁴⁵

²⁴⁴ ARARIPE, Jósio de Alencar. Perigo à vista: Transamazônica pode marginalizar o Cariri! In: *A Ação*, 19/06/1971, p.6. Grifos meus. O autor da matéria era cratense, filho de Antônio Alencar Araripe, já referido, neste trabalho, casado com Eneida Figueiredo, filha do folclorista e historiador José de Figueiredo Filho, formado em advocacia e sócio fundador do ICC. Foi Coordenador da Feira de Amostra do Centenário do Crato (1953), presidente do ICC (1974) e do Rotary Club (1967-1968), cronista da Rádio Educadora do Cariri e vereador da cidade. Alguns de seus textos foram divulgados na revista Itaytera, da qual foi membro da comissão de publicação, nos anos de 1974-1975.

²⁴⁵ AQUINO, J. Lindemberg de. O Cariri e a Transamazônica. In: *A Ação*, 26/06/1971, p.4. Grifos meus. O jornalista e sócio do ICC informou ainda que “A Associação Comercial do Crato já despertou para a matéria e começou a grande campanha para que o Cariri inteiro se levante, inclusive com seus representantes no Governo, o Vice-Governador e o Presidente da Assembleia, além do nosso Senador e dos deputados estaduais e federais”.

Alguns anos antes, ao ser reapresentada à Assembleia Legislativa do Ceará Projeto de Lei retomando a ideia de autonomia do Cariri pelo deputado Wilson Roriz, ressurgida em meio às contendas com Fortaleza em torno da extensão dos fios da energia elétrica de Paulo Afonso, a imagem de celeiro como individualizadora do Cariri é retomada em alguns dos escritos publicados na separata da revista Itaytera de 1957. Como parte da campanha pelo que chamavam de “libertação do Cariri”, buscou-se inserir o desejo de emancipação numa tradição de luta própria aos caririenses – originária no movimento de 1817 – e de abandono da região pelo litoral. Em discurso na Assembleia em defesa da proposta de criação do Estado do Cariri, Wilson Gonçalves, ao frisar a importância política da região, denunciou o estado de “decadência política e administrativa” em que ela se encontrava mesmo sendo “*a mais produtora do Estado, verdadeiro celeiro* não só do Ceará mas de todo Nordeste”. No final de sua fala, a esperança de que com a “libertação” o Cariri continuasse a ser “o mesmo *celeiro do Ceará, a mesma redenção do Nordeste*” na minoração dos males causados pelas “intempéries”.²⁴⁶

O mesmo ressentimento ao secular “abandono administrativo do Cariri” e recurso metafórico como “*grande celeiro do Ceará*” serviram de condutores aos argumentos de Otacílio Anselmo e Silva e P. G. Norões, sócios fundadores do ICC, para apoiar a causa emancipatória. Embora pessimista quanto à concretização do Estado do Cariri, Norões atribuía à campanha o mérito de “alertar os administradores do Ceará para que olhem para esta *privilegiada zona*, sustentáculo do Estado e ‘*celeiro do Ceará seco*’” [...].²⁴⁷

Interessa observar que a atualização da imagem de celeiro, presente também na repetição do enunciado “zona mais produtora do Ceará”, não apenas (re)alimentava a ideia de vocação da região para a agricultura e de sua salvação econômica a partir da

²⁴⁶ “Excertos do importante discurso do Deputado Wilson Roriz, na Assembleia Legislativa do Ceará, ao fim do qual apresentou o Projeto de Lei sobre a criação do ESTADO DO CARIRI”. In: *Estado do Cariri*. Crato: Tipografia Imperial, Separata da Revista Itaytera, 1957, p.10-11. Grifos meus. Os organizadores de Itaytera registraram nas páginas da revista pequena parte do que foi publicado na Separata. Consultar: Estado do Cariri. In: *Itaytera*, 1957, p.176-180. Diferentemente das iniciativas anteriores, esta reuniu apenas cidades do sul e centro sul cearense para formarem o Estado do Cariri. O parlamentar, caririense da cidade de Jardim, apesar de não ter sido sócio do ICC chegou a ajudar a instituição doando parte de suas subvenções parlamentares em seus mandatos de deputado estadual e federal.

²⁴⁷ As duas primeiras citações do parágrafo e a última correspondem, respectivamente, a: SILVA, Otacílio Anselmo e. Reflexões sobre o projeto de criação do Estado do Cariri. In: *Estado do Cariri... Op. cit.*, p.23; NORÕES, P. G. Uma ideia em marcha. *Idem*, p.15. Grifos meus. Além de Otacílio Anselmo e Pedro Gonçalves de Norões, também fizeram parte do Comitê Central Pró Estado do Cariri os seguintes sócios do ICC: Raimundo de Oliveira Borges, José de Figueiredo Brito e João Lindemberg de Aquino. Vale lembrar que a questão não era consenso entre os associados do Instituto, não compartilhando da ideia, por exemplo, José de Figueiredo Filho e Antônio de Alencar Araripe.

exploração racional de sua natureza, como indica que, não obstante os problemas enfrentados por essa atividade, como técnicas rudimentares de plantio, esgotamento do solo e desmatamento, ela ainda era uma constante nas representações sobre o Cariri. Assim, ao expor a defasagem entre crescimento habitacional e produção de alimentos em função do mal aproveitamento das águas da Chapada do Araripe e antigas práticas agrícolas, Antônio de Alencar Araripe chamava atenção para o fato de que o “*tradicional centro abastecedor* de cereais, frutas e verduras dos sertões circunvizinhos” transformava-se em “mero consumidor” de produtos de outros estados. Também relativo aos problemas agrícolas, matéria de José de Figueiredo Filho sobre a demora na conclusão do Colégio Agrícola do Crato denunciava que o sonho de modernização da agricultura do Cariri estava “totalmente esquecido”, e justamente no “pedaço do Ceará” que “deveria ser dos mais importantes celeiros do Nordeste”.²⁴⁸

Numa região em que o cultivo de gêneros alimentícios mantinha-se central para a cultura econômica local, a manutenção da combinação dos elementos água e terra em enunciados como “águas perenes” e “solo ubertoso” na composição da imagem de “celeiro” funcionou como importante capital simbólico nas negociações políticas que se processaram entre as décadas de 1950 e 1970. Mais ainda, levando em consideração que a representação, da mesma forma que a metáfora, propõe tomadas de atitude e maneiras de olhar para o representado²⁴⁹, exerceu importante papel na (re)definição e fixação de fronteiras identitárias para o Cariri, em que a re(a)presentação da natureza na forma de paisagem oásis orientava em quais termos o Cariri deveria ser (re)conhecido.

2.2.2 - Inventando uma tradição paisagística

Tais operações de enquadramento que reforçavam os vínculos região-paisagem na invenção da identidade regional a partir da apropriação da natureza, leva-me a retomar a questão de José de Figueiredo Filho, elaborada num contexto de remodelação das fronteiras regionais por órgãos do governo, sobre o que poderia ser considerado o “Cariri propriamente dito”. A motivação para a interrogação e resposta dada por seu interlocutor, como visto na primeira seção deste capítulo, foram incorporadas às preocupações políticas e culturais dos agentes do ICC.

²⁴⁸ Respectivamente: ARARIPE, Antônio de Alencar. Revolução Agrícola no Cariri. In: *A Ação*, 17/03/1973, p.6; FIGUEIREDO FILHO, José de. Colégio Agrícola do Crato. In: *Itaytera*, 1968, p.219.

²⁴⁹ ANKERSMIT, F. R. Representação e referência. In: *A escrita da história... Op. cit.*, p.187-226; _____ . Introdução. In: *Historical Representation. Op. cit.*, p.1-25.

Como dito anteriormente, as narrativas que constroem e filiam sentimentos de pertença a uma nação e região para demarcar e criar identidades ancoram-se tanto no tempo quanto na apropriação do espaço. Nesse aspecto, a instituição de fronteiras, mesmo que elásticas e imaginárias, como disse Anderson, participa dos processos de constituição dessas comunidades imaginadas.²⁵⁰ O gesto de selecionar traz consigo, assim, referências espaciais de onde foram recolhidos ou inventados seus ingredientes culturais.

Nos processos de construção de identidades regionais, como é o caso da região abordada neste trabalho, as mesmas estratégias discursivas e de inclusão/exclusão dos “objetos” do mundo natural foram adotadas tendo por orientação a marca da particularidade. A chapada do Araripe e sua influência nas condições ambientais, repercutindo na organização socioeconômica e cultural do Cariri cearense, se tornou importante matriz geradora de representações identitárias e de delimitação geográfica. Neste horizonte é que se compreende os questionamentos e resistências observados no interior do ICC em aceitar e incorporar as divisões impostas pelo poder político entre os anos 1950 e 1970, como visto páginas acima.

O projeto de (re)escrita da história, de estudo do folclore e dos problemas socioeconômicos do Cariri, preocupações que promoveram uma espécie de redescoberta da região pelos intelectuais do ICC em sua luta pelo desenvolvimento regional, exigiu uma definição do que espacialmente lhe corresponderia. Pois como afirmou José Newton Alves de Sousa no II Simpósio de História do Nordeste:

[...] é que o homem, mesmo tendendo a uma cidadania universal, mesmo planetarizado ou interplanetarizado, estará sempre a elaborar sua história dentro de coordenadas de tempo-espaço por sua imediata situação em vínculo telúrico. [...] *O homem, quer como indivíduo, quer como povo, é talhado ao jeito do espaço físico humanizado em que se forma.*²⁵¹

Poucos anos antes da fundação do ICC, dois de seus principais intelectuais e parceiros nas pesquisas históricas sobre a região, Irineu Pinheiro e Padre Antônio Gomes de Araújo, este ex-aluno daquele, já haviam divulgado em seus trabalhos o que consideravam ser o Cariri. A diferenciá-los, dois municípios.²⁵² Mas, mais que os

²⁵⁰ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas... Op. cit.*

²⁵¹ SOUSA, José Newton Alves de. Contribuição do Cariri cearense à historiografia do Nordeste. In: *Itaytera*, 1971, p.165. Grifos meus. Texto apresentado no II Simpósio de História do Nordeste realizado no Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Paraíba em 1971.

²⁵² ARAÚJO, Antônio Gomes de. *Concurso da Bahia... Op. cit.*, p.18 e 19. Os municípios por ele relacionados são: Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Santana do Cariri, Missão Velha, Jardim, Brejo

motivos da pequena divergência importa aqui assinalar que à resistência em adotar o recorte estabelecido pelo IBGE sobrepôs-se a escolha pelo que foi chamado de o “Cariri tradicional”, representado por Irineu Pinheiro em suas obras e significativamente forte até meados da década de 1970.

Endereçada a Irineu Pinheiro, a pergunta de José de Figueiredo Filho sobre o que seria o “Cariri propriamente dito” recebeu como resposta uma constelação de onze municípios, conforme destacado na Figura 3. Acompanhava a seleção um conjunto de valores determinadores, em sua visão, do que seria a região:

Que se deve entender por Cariri? Quem nasceu e tem vivido ali sabe e sente que o caracterizam suas águas perenes jorrantes das faldas do planalto do Araripe, sua vegetação verde nos sítios, seus buritis e babaçus de porte tão elegante, seus canaviais ao pé-de-serra do Araripe e dos brejos vizinhos, seus engenhos que moem canas-de-açúcar e cheiram a mel, seus bois tardos e pacientes que ruminam nas bagaceiras ao lado de burros irrequietos que, durante o dia, de sol a sol, cambitam nas moagens num vaivém contínuo dos cortes dos sítios para o pé dos engenhos e vice-versa, suas lindíssimas paisagens vistas das ladeiras da chapada araripina. Pode-se dizer, segundo me parece, que ele compreende *in totum* ou em parte os seguintes municípios: Crato, Missão Velha, Barbalha, Juazeiro do Norte, Caririaçu, Jardim, Milagres, Mauriti, Brejo Santo, Farias Brito (antigo Quixará), Santana do Cariri.²⁵³

Essa descrição pictórica abre a introdução de seu livro “Efemérides do Cariri”.²⁵⁴ Em sua obra anterior, “O Cariri. Seu descobrimento, povoamento, costumes”, encontramos a mesma percepção paisagística:

O Cariri é uma região que compreende *in totum* ou em parte os seguintes municípios no extremo sul do Ceará: Crato, Barbalha, Juazeiro, Missão Velha, Milagres, Mauriti, Brejo Santo, Jardim, Santanópolis [Santana do Cariri], S. Pedro, hoje Caririassú, Quixará. É assim que o povo caririense entende a região em que mora, sem dar-lhe limites exatos de rios, relevos geográficos etc. Sua vegetação sempre verde e suas águas perenes contrastam singularmente com os sertões semiáridos que o circundam. Ufanam-se [os caririenses] de suas águas correntes, suas paisagens verdejantes nos mais rigorosos estios, suas fruteiras, seus brejos, o habitat, por excelência, da cana de açúcar, suas palmeiras eretas como sentinelas em torno de suas cidades e vilas etc.²⁵⁵

Santo, Mauriti, Milagres; PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.7; *Efemérides do Cariri... Op. cit.*, p.14. Na Figura 2, consta mapa com as cidades caririenses relacionadas por Irineu Pinheiro. Em Antônio Gomes de Araújo, não são incluídos os municípios de Quixará [Farias Brito] e Caririaçu.

²⁵³ FIGUEIREDO FILHO, José de. *O que é o Cariri... Op. cit.*, p.7.

²⁵⁴ PINHEIRO, Irineu. *Efemérides... Op. cit.*, p.13.

²⁵⁵ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.7.

De forma textual ou parafraseada, os atributos utilizados por Irineu Pinheiro para nomear o Cariri e ordenar sua paisagem aparecem em vários dos escritos produzidos por membros do ICC contribuindo, dessa forma, para sua durabilidade enquanto características identitárias do sul cearense, como indica o exemplo a seguir:

Caracteriza-se esse Cariri, sobejamente, ainda, por oferecer uma paisagem paradisíaca: com cantar murmurante de suas águas perenes jorrando abundantemente das fontes do sopé da majestosa Chapada do Araripe; com a vegetação gritantemente verdejante dos inúmeros e férteis sítios e pomares; seus perdulariamente aristocráticos e elegantes babaçus e buritis buscando a placidez azul do firmamento; seus farfalhantes canaviais de pé-de-serra e dos ubérrimos brejos circunvizinhos; seus inúmeros engenhos de moer cana de açúcar cheirando apetitosamente a mel, com suas bagaceiras adornadas por bois pacientes e tardos ruminando nos momentos de folga das almanjarras e seus burricos supinamente manhosos e irrequietos, cochilando após a faina contínua do cambitar cana ou sua palha dos ‘cortes’ para o pé das moendas; tudo isso culminando com lindíssimo panorama descortinado das ladeiras das encostas araripanas [...].²⁵⁶

Apesar das transformações ambientais em função da exploração dos recursos naturais – como esgotamento do solo e erosão – e ampliação física do território caririense pelo poder político, a apresentação que Raimundo Teles Pinheiro fez do Cariri resgata, quase três décadas depois, os mesmos elementos naturais de referência e o mesmo enquadramento realizado por Irineu Pinheiro, em 1950. A fidelidade à representação de um Cariri de águas abundantes e solo úbere, apesar da extensão de suas fronteiras para distante dos sopés da Chapada do Araripe, como visto no tópico inicial deste capítulo, indica tanto a validade do compromisso firmado nos estatutos do ICC de valorização da região como a força persuasiva de uma “tradição paisagística particular”²⁵⁷ que se instituiu desde o século XIX conformadora de uma representação geográfica para a região.

Assim, se a produção dos intelectuais reunidos no ICC não pode ser tomada como ponto inaugural da representação do Cariri-oásis, deve ser inserida, contudo, no processo de constituição de um imaginário fundador de uma identidade regional no qual se colocavam em primeiro plano as particularidades e belezas de sua natureza. Ao dar prosseguimento ao expediente iniciado por seus antecessores, dos quais se

²⁵⁶ PINHEIRO, Raimundo Teles. O Cariri cearense. In: *Itaytera*, 1979, p.171. O mesmo texto foi publicado na Revista do Instituto Histórico do Ceará, do ano de 1979, às páginas 399-403. Nasceu no Crato, em 1910, e faleceu em 1987. Tornou-se militar, ascendendo à patente de General, foi sócio fundador do ICC e sócio titular do Instituto Histórico do Ceará. No ICC ocupou a Cadeira de número 12, da qual era patrono Leandro Bezerra de Menezes. Além de *Itaytera*, publicou também em jornais de Fortaleza e na revista do Instituto Histórico do Ceará.

²⁵⁷ Expressão retirada de SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória... Op. cit.*, p.26.

consideravam herdeiros de suas virtudes morais, intelectuais e de compromisso com a terra natal, aprofundaram os alicerces de um repertório no modo de ver a região sintetizado metaforicamente pela imagem síntese de oásis.

Voltando às citações de Irineu Pinheiro, destaco, para melhor compreensão do que foi dito acima, dois aspectos em sua descrição do Cariri que ancoravam-se numa tradição paisagística que se inventava desde o oitocentos. O primeiro deles refere-se ao valor que é dado ao lugar de fala daquele que classifica a região, indicando a experiência dos que nela nasciam e viviam como condição para sua adequada definição. A frase “quem nasceu e tem vivido ali sabe e sente” expõe a resistência em aceitar o olhar técnico-estrangeiro que redesenhava, para fins político-administrativo, o território caririense expandindo-o para além do que se compreendia serem suas fronteiras tradicionais. O não reconhecimento dos limites fisiográficos estabelecidos oficialmente, como demonstrado na primeira seção deste capítulo, tinha por principal ingrediente de recusa o fato de não harmonizar-se com a unidade de visão estabelecida anteriormente: a paisagem-oásis, importante enunciado cultural de singularização e de capital simbólico entre o Cariri e as terras vizinhas.

O uso dos verbos “saber” e “sentir” reforçava a confiabilidade e, portanto, legitimidade da definição do que seria o “Cariri propriamente dito”. O primeiro por indicar conhecimento da região respaldado pela condição de nascimento/origem, e o segundo por conferir, pela via dos sentidos, veracidade à descrição de sua natureza por aqueles que a vivenciavam. Nesse caso, o destaque às percepções sensoriais ressalta a importância das subjetividades no sentido de produzir e fixar os efeitos desejados. Cognição e percepção²⁵⁸ complementando-se, portanto, na associação região-paisagem a partir da interação entre materialidade (vegetação, rios, nascentes, chapada etc.) e subjetividade. Dessa forma, não obstante o fato de Irineu Pinheiro tomar como universal aos caririenses sua própria percepção sensível da natureza, fazendo confusão entre esta e sua forma cultural, sua representação paisagística acionava e encadeava elementos que atravessaram o século XIX demonstrando sua vitalidade nas práticas de constituição de uma identidade regional.

²⁵⁸ A percepção, como adverte Ulpiano Meneses, não se resume a meros processos fisiológicos, “envolve organização e reorganização de dados a partir de modelizações, valores, aspirações, interesses etc. Indo além, envolve igualmente práticas que desfazem a antinomia sujeito/objeto, cultura/natureza”. MENESES, Ulpiano. *A paisagem como... Op. cit.*, p.33.

E como não existe paisagem sem um observador, exercendo, então, a visão papel fundamental na apreensão da natureza²⁵⁹, além das águas perenes, dos buritis, babaçus, canaviais, bois e burros, o verde da vegetação ganhou destaque logo no início de seu texto. Esse aspecto, segundo a ser tratado em sua descrição no que se refere à participação do ICC na invenção de uma tradição paisagística para o Cariri, figurava, ao lado das fontes de água e das características do solo, como importante elemento individualizador da região.

Retomando a epígrafe que abre este capítulo, vemos reforçada a centralidade desse componente paisagístico, quando José de Figueiredo Filho, antes de dar voz ao seu colega e ex-professor para que respondesse à pergunta sobre o que seria o “Cariri propriamente dito”, lembrou que “*desde o tempo de criança*” ouvia “se fazer em nosso meio a distinção entre sertão e as terras desta região”, zangando-se quando o chamavam de sertanejo em sua época de estudante em Fortaleza, pois orgulhava-se de ser filho dos “*terrenos de verdura perene e de água regadia*”.²⁶⁰ Nota-se em sua declaração, bem como na de seu interlocutor, a condução a uma ideia de ancestralidade na forma em que percebiam e definiam a região.

A análise da documentação indica que foram recorrentes duas estratégias enunciativas de realce do verde da vegetação como característica particular ao Cariri: 1- como forma de apresentar/descrever a região; 2- a utilização do modelo de narrativa de travessia do sertão presente em relatos de viagem. Ambas situações exprimiam traços identitários a partir do contraste realizado com o semiárido. Em relação à primeira, recupero citação de Irineu Pinheiro que, após relacionar os municípios que fariam parte do Cariri, ressaltou: a “*vegetação sempre verde e suas águas perenes contrastam singularmente com os sertões semiáridos que o circundam*”.²⁶¹

Não diferentemente, Raimundo Teles Pinheiro, parafraseando Irineu Pinheiro, caracterizou o Cariri como região de “*vegetação gritantemente verdejante*”. Anos antes, em trabalho sobre movimentos político-militares do Crato, classificou-o como “*virente vale dos Cariris Novos*”, como também o fez José de Figueiredo Filho ao afirmar que “sua natureza é pródiga, [...] de *verde constante, contrastando com a caatinga*

²⁵⁹ CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem. Op. cit.*; SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória. Op. cit.*

²⁶⁰ FIGUEIREDO FILHO, José de. *O que é o Cariri... Op. cit.*, p.7. Grifos meus.

²⁶¹ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.7. Grifos meus.

ressequida que o circunda. Mais parece pedaço da zona da mata pernambucana ou dos brejos da Paraíba”.²⁶²

Algumas outras variações, nessa mesma perspectiva, foram localizadas nas fontes. Assim, em discurso proferido em razão do aniversário do Crato, e a convite da Câmara Municipal, Raimundo de Oliveira Borges referiu-se ao religioso que fundou seu núcleo originário como o instrumento de que Deus “se serviu para engastar a cidade que nascia na *moldura verde do Cariri*”. Em exposição comemorativa ao sesquicentenário da Revolução de 1817, realizada no Palácio do Comércio de Crato, Antônio Levi Epitácio Pereira empregou o mesmo recurso elogioso que seus colegas nas vezes em que inseriu a natureza como cenário do movimento: “[...] devemos alegrar-nos de poder situar esta pequena *ilha verde do Ceará* entre os rincões brasileiros que melhor lutaram pela liberdade [...]”. Em outra passagem, disse que o “Ceará representava-se na hora da libertação através deste *pedaço verde* onde as fontes e os riachos saúdam no marulho de suas águas a independência esperada”.²⁶³

A representação metafórica do Cariri como “ilha verde” também figurou em trabalhos de José de Figueiredo Filho. No parágrafo inicial de escrito publicado na Revista de História da Universidade de São Paulo, e posteriormente reproduzido em Itaytera, assim, apresentou a si próprio e a região: “Sou filho autêntico do âmago do Nordeste Brasileiro. Nasci e criei-me em pleno Cariri cearense [...]. É *ilha de verdura no meio da caatinga ressequida*, tão bem descrita esta pelo imortal Euclides da Cunha”.²⁶⁴ A dupla marcação de diferença, o “verdejante” Cariri cearense do Cariri paraibano e do sertão de um modo geral, foi repetida em livro:

²⁶² PINHEIRO, Raimundo Teles. *O Cariri cearense... Op. cit.*, p.171; _____. Movimentos político-militares (do Crato). In: *Itaytera*, 1968, p.49; FIGUEIREDO FILHO, José de. *O Cariri no todo cearense... Op. cit.*, p.148. Grifos meus.

²⁶³ BORGES, Raimundo de Oliveira. 121º anos da cidade do Crato. In: *Itaytera*, 1975, p.103. Discurso proferido em sessão solene da Câmara Municipal do Crato, em 17 de outubro de 1974, em comemoração ao aniversário de elevação do Crato à categoria de cidade. À época, Raimundo Borges também era Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato. PEREIRA, Antônio Levi Epitácio. No dia 3 de maio de 1967. In: *Itaytera*, p.67 e 68. Grifos meus. Caririense de Assaré, Antônio Epitácio finalizou seus estudos no Ginásio do Crato e tornou-se funcionário de agência do Banco do Brasil, na cidade. Quando da fundação do ICC, morava em Iguatu, no centro sul do Ceará, e foi incorporado à instituição como sócio correspondente. Publicou alguns artigos em periódicos locais, chegando a lançar, em 1953, “Notas de uma viagem” – divulgado na revista *Itaytera* de 1955, p.170. Cf: BORGES, Raimundo de Oliveira. *O Crato intelectual... Op. cit.*, p.332.

²⁶⁴ FIGUEIREDO FILHO, José de. Euclides da Cunha, um civilizador do sertão. In: *Revista de História*. São Paulo: USP, 1970, p.169. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/129088/125724>>. Acesso em: 15.09.2016. O mesmo artigo pode ser consultado em *Itaytera*, ano 1971, p.101-108. Grifos meus.

O Cariri do Ceará é uma espécie de zona da mata pernambucana ou dos brejos na Paraíba. É o *verdadeiro oásis cearense*, como muitos o denominam. É uma *ilha verdejante* cercada da zona sertaneja criadora. *No tempo da estiagem é que o contraste da natureza se torna bem flagrante.*²⁶⁵

Como mostram os excertos, a tonalidade verde da vegetação e sua constância em todas as estações do ano foram incorporadas como valor paisagístico identitário, não diferindo em sua forma de apresentação e em seus efeitos, ou seja, a de uma paisagem-oásis, ao que se observa no oitocentos. Pois, como informaram os editores do jornal O Araripe em seu segundo número (julho de 1855), o Cariri “de feito é um *oásis no meio do grande deserto*, quando o sol tem reduzido a pó as aprazíveis campinas do sertão. Aqui, numa *constante verdura*, uma perpétua primavera *faz rir o coração ao emigrante que foge aos abrasados lares*”.²⁶⁶ Mesmo nunca tendo visitado o Cariri, foi essa a imagem utilizada por Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, em seu famoso Ensaio Estatístico da Província do Ceará, para caracterizar a região: “o vale é sem exageração de uma riqueza e vastidão, que faz lembrar o *Oásis da Lybia* para onde correm os árabes do deserto”.²⁶⁷

A sensação de alegria provocada no coração de quem deixava sua terra natal fugindo das consequências das estiagens, como descrito no O Araripe, resultava do prazer confortador proporcionado pela mobilização dos sentidos na apreciação da natureza, condição fundamental de sua existência cultural. A percepção visual, portanto, era a que mais imediatamente estimulava emoções por encher os olhos de uma vegetação e cores contrastantes ao que se observava e era experienciado em áreas de caatinga. Não à toa ter sido a visão, como indica a documentação consultada, fortemente explorada no estabelecimento e legitimação das fronteiras culturais entre o Cariri e regiões vizinhas.

A narrativa de travessia, essa a segunda estratégia enunciativa do verde enquanto “metáfora da paisagem”²⁶⁸ caririense, foi, então, importante modelo discursivo em seu enquadramento. No século XIX, os viajantes George Gardner e Freire Alemão, o

²⁶⁵ FIGUEIREDO FILHO, José de. *Engenhos de...* *Op. cit.*, p.21. Grifos meus.

²⁶⁶ A Província do Cariri.... *Op. cit.*, p.2. A matéria em questão é uma defesa da criação da Província do Cariri, daí a conversão em capital simbólico de elementos de sua natureza. Grifos meus.

²⁶⁷ BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. *Ensaio estatístico da província do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, tomo II, p.102 [Edição fac-símile de 1864]. De acordo com Cunha, na elaboração dos dois tomos de seu Ensaio Estatístico Thomaz Pompeu teve como interlocutores membros da Comissão Científica de Exploração, comandada por Freire Alemão, que visitou o Ceará entre 1859-1861 (ver nota 206 desta tese), e de João Brígido dos Santos - editor do jornal O Araripe em Crato e aqui referido algumas vezes. CUNHA, Maria Soares da. *Pontos de (re)visão e explorações...* *Op. cit.*, p.130-131.

²⁶⁸ Expressão tomada de empréstimo de MENESES, Ulpiano. *A paisagem como...* *Op. cit.*, p.41.

primeiro muito lembrado por membros do ICC, embora não tenham atravessado o Ceará em período de calamidade climática, mas apenas em sua estação não chuvosa, registraram em algumas passagens de seus diários de viagem os contrastes entre Crato/Cariri e os caminhos por eles percorridos.

A aproximação da região e/ou sua observação a partir da colina ou ladeira de algum ponto da Chapada do Araripe foram situações privilegiadas para individualizar o Cariri em seus aspectos naturais. Ao gosto de uma sensibilidade estética/contemplativa romântica, utilizaram-se de expressões como “riqueza da paisagem”, “árvores sempre verdes”, “verde e rica vegetação”, “tudo era verde e viçoso” - em Gardner -, “vigorosa vegetação”, “bonito panorama” e “bela e larga vista” – em Freire Alemão – para exprimir seus sentimentos e impressões. Aspectos que formavam “contraste com o sertão”, de acordo com o botânico brasileiro, ou com partes do Ceará que, na estação seca, “era pouco melhor que um deserto”, segundo o naturalista inglês.²⁶⁹

Antes deles, o relato de outro viajante, este sem pretensões científicas, também realçou, desta feita ao afastar-se do Cariri em direção à Pernambuco, o contraste que também impressionaria mais tarde os dois botânicos. Após onze dias em Crato e cinco em Jardim, entre julho e agosto de 1829, Petroni, sua esposa, escravos e guias puseram-se em direção à província vizinha rumo ao Rio de Janeiro. Escreveu que durante todo “o tempo que durou aquela travessia topamos sempre lugares muito aprazíveis que nos ministravam bons pousos”. No entanto, à medida que se distanciavam do Cariri “sentiam “uma diferença notável em [relação] à Natureza. Que contraste!”. Poucas linhas à frente, prossegue ele fornecendo-nos uma imagem que mais parece ter sido recortada de algum romance regionalista: “A Natureza aqui sempre estéril parece moribunda, nem água nem planta, apenas xique-xique e cabeça de frade, dois arbustos de espinhos que servem de alimento à pobreza e ao gado nos tempos de penúria e seca”.²⁷⁰

²⁶⁹ GARDNER, George. *Viajem ao interior do Brasil... Op. cit.*, p.92. Ver também p.93-104; ALEMÃO, Francisco Freire. *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão. Fortaleza-Crato (1859), Op. cit.*, p.234; *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão. Crato-Rio de Janeiro (1859-1860), Op. cit.*, p.37-60.

²⁷⁰ PARENTE, Filipe Alberto Patroni Martins Maciel. *A viagem de Patroni pelas Províncias Brasileiras. De Ceará, Rio de S. Francisco, Bahia, Minas Geraes e Rio de Janeiro: nos anos de 1829 e 1830.* Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de Brito, 1836, Parte I. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/01424600#page/78/mode/1up>>. Acesso em: 11/08/2016. O autor era Juiz de Fora da Praia Grande e Maricá. Em sua viagem da Província do Pará para o Rio de Janeiro, decidiu desembarcar em Fortaleza e prosseguir com sua esposa e escravos para o Rio de Janeiro por terra em função dos grandes incômodos que sentiu no navio. Patroni percorreu os mesmos caminhos que a comitiva de Freire Alemão ao sair de Fortaleza até o Crato. E da mesma forma que este, fez a

Apesar de não terem, como dito acima, realizado suas viagens pelo Ceará em período de seca-d'água e testemunhado a força de seus efeitos na vegetação e solo, momento em que, como é recorrente na documentação, o contraste entre o Cariri e as áreas atingidas tornavam-se mais “flagrante”, reuniram em seus escritos “dados” da natureza e impressões que conformavam uma representação da região como singular em função de suas condições ambientais. O verde da floresta e das plantações cultivadas, primeiro elemento de contraste percebido pelos sentidos por quem se avizinhava ou se postava de algum ponto alto da Chapada do Araripe, figurou, nesse aspecto, como importante “valor” na subjetivação e construção de representações para o Cariri. O recurso de se posicionar em atitude contemplativa foi transposto dos relatos de viagem para a literatura de ficção e publicações de trabalhos científicos, tendo sido utilizado por membros do ICC como forma de fixar, ao conduzir o olhar do leitor, a ideia de “ilha verdejante” para a região.

Antes de Irineu Pinheiro e sua descrição das “lindíssimas paisagens [cairienses] vistas das ladeiras da chapada Araripina”²⁷¹, José de Figueiredo Filho, em romance lançado em 1937 e que narra a saga de uma família sertaneja que migra para o Cariri fugindo da seca, recorreu aos artifícios da aproximação e do posicionamento de seus personagens em algum lugar escarpado permitindo, assim, um quadro amplo da região:

Depois de algumas horas de enfadonha viagem, pouco a pouco a natureza foi se modificando. *A vegetação tornou-se mais verdejante*, a despeito da quase falta absoluta de chuvas. É que o trem penetrava no Cariri, *região mais aquinhoada pelos recursos naturais* do que a maioria de todo o Estado [...].

Após caminhada de três exaustivos dias, os retirantes penetraram na zona caririense. Muitos respiraram mais desafogadamente em presença da *natureza verdejante*. [...] A chapada do Araripe, sempre majestosa, estendia o manto azulado no horizonte como a envolver protetoramente a região abençoada. *Verdadeiro oásis dos sertões ressequidos*.

[...] *Do alto da ladeira* os sertanejos pararam um instante para admirar o *belíssimo panorama*, nunca até então contemplado pelos olhos habituados à monotonia das caatingas.²⁷²

viagem em ano de inverno. O relato foi publicado em dois volumes e, explica ele, destituído do olhar de naturalista “ou de um visitador encarregado de fazer grandes descobertas” (p.10). O material só foi publicado, de acordo com ele, por insistência de sua esposa.

²⁷¹ PINHEIRO, Irineu. *Efemérides... Op. cit.*, p.14. Da mesma forma: FIGUEIREDO FILHO, José de. *O que é o Cariri... Op. cit.*, p.7.

²⁷² FIGUEIREDO FILHO, José de. *Renovação*. São Paulo: Livraria Odeon, 1937. A obra foi classificada como “Romance de aspectos sociais do Nordeste Brasileiro”. O prefácio é de Gustavo Barroso. As citações encontram-se nas páginas 24, 45 e 57, respectivamente. Grifos meus.

A travessia do sertão durante crises climatéricas constituiu-se, portanto, em recurso privilegiado para construir e marcar as diferenças de paisagem do Cariri em relação às terras em seu entorno.²⁷³ De maneira semelhante, embora não recorrendo à narrativa da seca, Joaquim Alves interrompeu sua descrição científica para, em pinceladas poéticas, compor sua realidade sensível do vale caririense:

Quem rompe os sertões distantes da Bahia, Alagoas e Pernambuco, onde predominam as formações xerófilas com sua vegetação de espinhos, em galgando a chapada do Araripe, pela encosta setentrional, *ao atingir o alto da serra sente logo a mudança da paisagem geográfica*, e mais deslumbrado fica, ao avistar do lado cearense, a natureza ressurgida na *exuberância da flora e no verde dos canaviais* que pontilham a terra com o *verde gaio da sua folhagem*.

A vista do viandante descansa, contemplando a natureza virente de todo o vale do Cariri. *É um oásis em meio das terras adustas dos sertões nordestinos*. Fragmentando-se em altos que se antepõem [...] a serra do Araripe prende em uma *moldura verde* os municípios que se erguem à sua falda.²⁷⁴

O jurista e sociólogo Joaquim Pimenta, em meio ao debate nacional sobre a “Operação Nordeste”, recorreu à sua própria experiência da seca para trazer à lembrança o cotidiano esmagador que sua família e o restante dos habitantes da região de Inhamuns vivenciava em períodos de estiagem e o que muitos consideravam ser a solução, “sem precisar da lição de engenheiros, de agrônomos, de técnicos industriais”, para sobreviver ao “problema das secas”:

²⁷³ O Almanaque do Ceará, impresso em 1904, divulgou em suas páginas trecho de um romance que seria publicado por Soriano de Albuquerque. Não encontrei pistas de continuidade do enredo e se a obra chegou a ser lançada, mas os parágrafos iniciais indicam que na transição do século XIX para o XX o recurso de apresentar o Cariri em oposição a um cenário de seca favorecia à produção dos efeitos desejados: “Os viajantes haviam ultrapassado os limites dos campos mirrados do sertão, das áridas extensões por vezes pedregosas, e entrado na região ubérrima do Cariry. Daquele ponto desdobravam-se terrenos sob a vestidura de vegetação opulenta e varia. [...] O aspecto triste das paisagens encontradas a princípio demudara-se em louçanias viridentes. O inverno nesse ano se prolongava na região. Em mais o Cariry figura um perfeito oásis contrastando consideravelmente com os sertões que o cercam [...]. O ar contemplativo do moço revelava uma alma sonhadora [...]. Ao chegar num alto fez o animal estacar para mais demorada contemplação do vastíssimo cenário que agora o seu olhar abrangia [...]. Viam-se terrenos variados de montes e vales, tratos de terras cultivadas, pondo largas manchas verdes claras no panorama”. ALBUQUERQUE, Soriano. O Cariry. In: *Almanache Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para o ano de 1905*. Fortaleza: Empresa Typographica, 1904, p.167-168. Grifos meus. O autor nasceu em Pernambuco no ano de 1877 e morreu em Fortaleza em 1914. Formou-se em Direito em Recife e em 1899 foi para o Crato exercer a função de juiz substituto. Enquanto residiu na cidade, fundou escola, grupo teatral e literário e jornal. Cf. BORGES, Raimundo de Oliveira. *O Crato intelectual... Op. cit.*, p.202-206.

²⁷⁴ ALVES, Joaquim. _____. *O Vale do Cariri. Seu povoamento... Op. cit.*, p.393-394. A mesma composição encontra-se em publicação de 1945 da Revista do Instituto do Ceará: _____. *O Vale do Cariri. Op. cit.*, p. 98. Grifos meus.

[...] A lição estava estampada nas cinquenta léguas a cavalo, *atravessando rios e terras ressequidas* do município de Inhamuns para tingir a serra do Araripe e descer sobre o vale do Cariri, todo ele cortado de levadas de água cristalina correndo tranquila e permanente sob aquele *imenso tapete de verdura que do alto da montanha eu avistara*, e logo me ocorreu (eu era sacristão e lido no Velho Testamento) compará-lo a Canaan [...].²⁷⁵

A identificação do Cariri à imagem de “verdura”, entre outros qualificativos com o mesmo fim encontrados tanto na forma de apresentação/definição da região quanto no uso do formato de narrativa de travessia do sertão e de construção de “vistas panorâmicas” para caracterizar a excepcionalidade de sua natureza, portanto, foi uma das principais estratégias enunciativas constitutivas de uma paisagem identitária cariense. Nesse processo, a percepção visual, em que o “olhar” adquire o poder de prova de uma realidade, foi um dos principais sentidos explorados. O “nascer” e “viver” na região, ressaltados por Irineu Pinheiro como condição do “saber” e “sentir” o que “se deve entender por Cariri”, tinha na visão importante canal deflagrador de conhecimento e sentimentos de pertença.

Essa experiência visual, em parte partilhada também por aqueles que empreendiam viagens pelos sertões, estabelecia de forma imediata e legítima o contraste entre a região e seu exterior constitutivo. O semiárido, com seus quadros naturais dramaticamente descrito por Euclides da Cunha²⁷⁶ em contraste com a riqueza e variedade da paisagem do centro-sul do país, era apresentado e representado como a antítese do Cariri cearense. O primeiro, incorporado algumas imagens e vocábulos euclidianos, caracterizado como de natureza árida, estéril, monótona, adusta, de vegetação ressequida e de sol abrasador; o segundo, como de vegetação exuberante com matizes diversificados de verde, com fontes perenes e solo fértil. Aquele sertão, este oásis.

A produção dos membros do ICC, ao acionar e atualizar enunciados, imagens e léxicos que atravessaram o século XIX como metáforas da paisagem que se formava,

²⁷⁵ “Não sou engenheiro, agrônomo, nem técnico industrial para discutir o objetivo e alcance desse novo e ruidoso plano do governo, com o nome de **Operação Nordeste**. Tenho, porém, um diploma que me autoriza a falar do problema da seca, ou de quanto o experimentei, e senti e sofri, menino e adolescente, no sertão distante onde nasci e de lá saí, para não mais voltar, aos 18 anos de idade [...]”. PIMENTA, Joaquim. Canaan em terra seca. In: *Itaytera*, 1959, p.94-97. Grifos meus. Nascido em 1886, em Tauá, sertão de Inhamuns, formou-se na Faculdade de Direito de Recife. Sempre envolvido com questões políticas, ganhou destaque nacional com publicações no âmbito da sociologia. Outros textos dele foram publicados em *Itaytera*. Em 1957, Otacílio Anselmo e Silva propôs seu nome para sócio correspondente do ICC. Cf: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PIMENTA,%20Joaquim.pdf>>; Livro de Atas do Instituto Cultural do Cariri, 07/06/1957, p. 45.

²⁷⁶ CUNHA, Euclides. Os Sertões. In: *Euclides da Cunha. Obras completas*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, v.2, 1966.

pode ser tomado, nesse sentido, como testemunho de uma tradição paisagística que se instituiu para o Cariri entre o oitocentos, especialmente, em sua segunda metade, e o século XX. Ao mesmo tempo em que atualizavam e inventavam tradições no que se refere ao seu passado histórico e ao folclore, atendendo ao projeto de valorização da região e criação de uma consciência regionalista, constituíam também uma paisagem identitária que expressava continuidade.

Legada como herança em suas linhas mestras, as representações paisagísticas postas em circulação pelos agentes do ICC sustentavam-se em elementos que reunidos e ordenados formavam uma imagem coerente e verosímil do Cariri como “oásis do sertão”. Nesse aspecto, retomando a questão da distensão dos limites físicos do território caririense abordada na primeira seção deste capítulo, é compreensível a resistência em adotar as divisões oficiais que, à medida que somava novos critérios para efetuar seu recorte, descaracterizava o que tradicionalmente identificava-se, reconheciasse e aceitava-se como sendo o Cariri cearense. Não por acaso, Irineu Pinheiro, em prolongamento de sua descrição pictórica do que seria o Cariri propriamente dito e dos municípios que “*in totum* ou em parte” lhe corresponderiam, afirmou em seu livro “O Cariri. Seu descobrimento, povoamento, costumes” que é “assim que o povo caririense entende a região em que mora, sem dar-lhe limites exatos de rios, relevos geográficos etc.”²⁷⁷

Complementando sua definição, citou como prova de ancestralidade e veracidade desta forma perceptiva trecho retirado do jornal O Araripe que desenhava para os leitores os contornos geográficos da região:

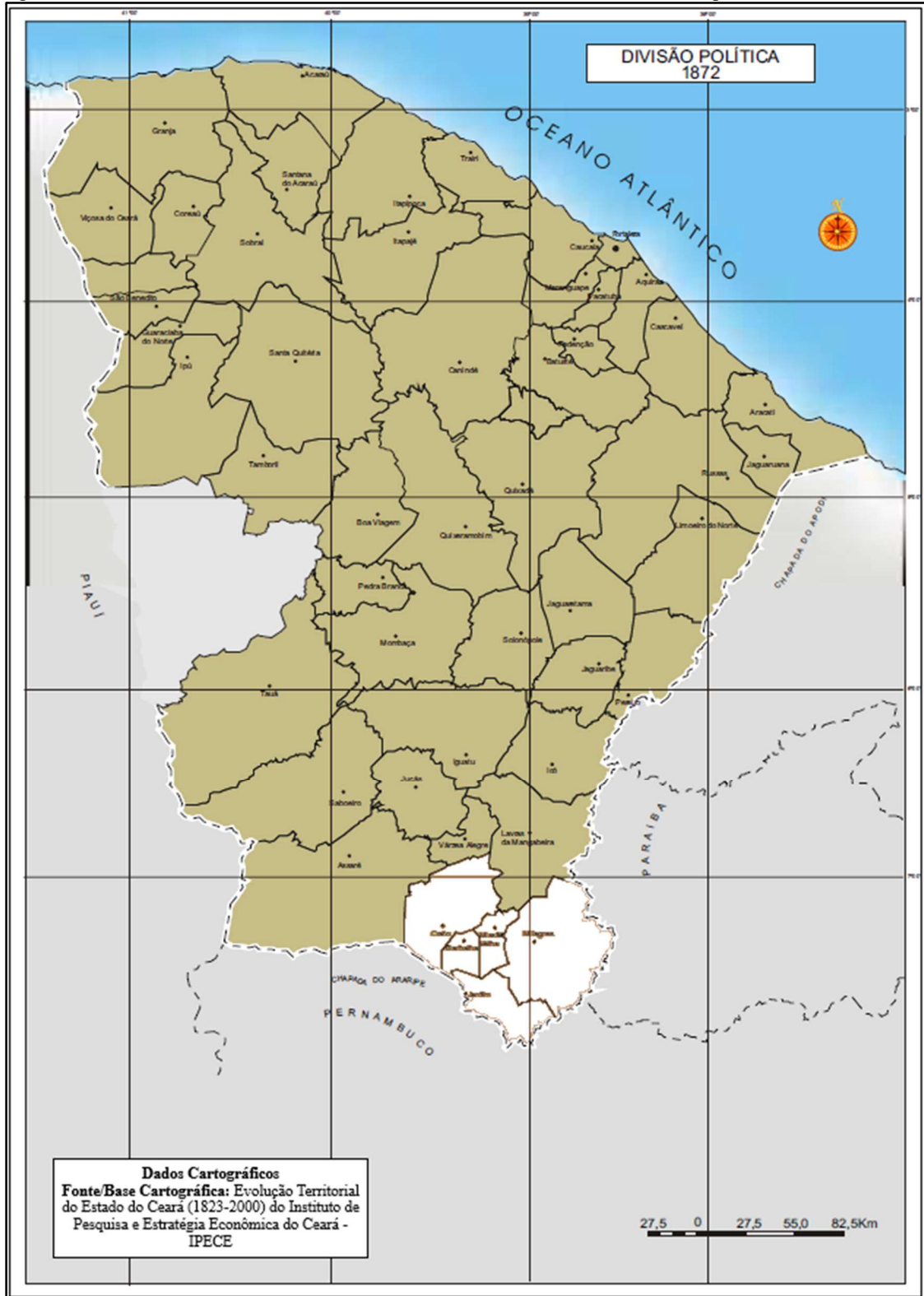
Há quase cem anos, em seu número 2, escreveu o hebdomadário cearense ‘O Araripe’ que o Cariri ‘é uma cinta de mais de sessenta léguas de comprimento sobre 2 ou mais de largura, acompanhando as curvas da montanha do Araripe’. Estas terras, acrescentou ainda o jornal, e ‘os brejos de não menor vastidão e semelhantemente produtivos’, devem reunir-se ‘aos que não são suscetíveis das irrigações, mas servem como aqueles à cultura de cereais e são o sêxtuplo deles’²⁷⁸.

²⁷⁷ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento...* Op. cit., p.7.

²⁷⁸ FIGUEIREDO FILHO, José de. *O que é o Cariri...* Op. cit., p.7. Transcrevo, do jornal O Araripe de 14/07/1855, o parágrafo recortado por Irineu Pinheiro: “Uma cinta de mais de sessenta léguas de comprimento sobre 2 ou mais de largura acompanhando as curvas que descreve a montanha do Araripe e seguindo suas sinuosidades, forma a vasta porção de terras regadias e adaptáveis ao plantio da cana-de-açúcar, que resiste à falta d’água pluviais a mercê da umidade que lhe comunicação as correntes que em multidão dimanão da montanha: este terreno e os brejos de não menor vastidão e semelhantemente produtivos, reunidos aos que não são suscetíveis das irrigações mas servem como aqueles à cultura de cereais e são o sêxtuplo deles, perfazem o complexo conhecido por Cariri, do nome da tribo que o possuiu”. *A Província do Cariri...* Op. cit., p.2.

O traçado corresponde a algumas orientações de caminhos percorridos pelos viajantes e ao que pode ser visualizado no mapa com desenho da divisão política e administrativa do Cariri, em 1872 (Crato, Barbalha, Jardim, Milagres e Missão Velha. Ver Figura 4). Ao comparar-se as Figuras 3 e 4, atualizadas e acrescidas algumas denominações de lugares, percebe-se que elas se aproximam grandemente em seu desenho territorial - mantendo-se praticamente inalterado, até fins dos anos 1940.

Figura 4: Divisão Política Administrativa do Ceará e Cariri, em 1872. Elaborado pela autora.



De meados do oitocentos, período em que as divisões internas do Ceará ainda não tinham adquirido fronteiras espaciais precisas a partir de critérios técnico-científicos, à primeira metade do século XX, portanto, predominou entre os caririenses o critério de identificação da região operado a partir da ordenação de seus elementos naturais. As percepções sensoriais, especialmente a visual, era o que tornavam, tomando emprestada as palavras de Maria Cunha, a “região nítida e sensível” para quem, como disse Irineu Pinheiro, “nasceu e tem vivido ali”.²⁷⁹

Nota-se, como será tratado no próximo capítulo, que a representação geográfica da região ancorava e sustentava-se também na associação entre natureza e formação histórica. Outra chave para compreensão da atitude em manter seus contornos dentro dos limites dos municípios que corresponderiam ao que era considerado o núcleo central do Cariri, ou seja, a parte que, comparando-se mais uma vez as Figuras 3 e 4, o teria originado. O que entrava em desacordo, porque a ultrapassava, inclusive com a própria delimitação estabelecida na primeira formulação dos estatutos do ICC – como mostra a Figura 2. Irineu Pinheiro, José de Figueiredo Filho, Raimundo de Oliveira Borges, Otacílio Anselmo, Raimundo Teles Pinheiro e Antônio de Alencar Araripe recuperavam, assim, modos de ver e sentir a região a partir de códigos culturais e convenções partilhadas, em grande medida, entre sua geração e a anterior que operavam na criação de um “olhar coletivo”.²⁸⁰

As apropriações afetivas e estéticas do espaço organizadas e representadas por meio da imagem síntese de oásis, portanto, arrastavam consigo “camadas de lugar-comum” herdados de enquadramentos anteriores delimitados não pelo traçado de fronteiras impostas pelo poder político, mas pela interiorização dos sentimentos de pertencer a uma região de natureza privilegiada. Nessa perspectiva, ao ativarem em suas percepções sensíveis da paisagem as tópicas fontes perenes, vegetação verdejante, solo fértil - e sua variante celeiro do sertão -, os membros do ICC reforçavam e perpetuavam formas de compreensão e de atribuição de sentidos que orientavam o olhar e conformavam fronteiras identitárias para a região.

²⁷⁹ CUNHA, Maria Soares da. *Pontos de (re)visão e explorações...* *Op. cit.*, p.177; PINHEIRO, Irineu. *Efemérides...* *op. cit.*, p.13. Vale lembrar que, como dito na primeira seção, deste capítulo, nem mesmo o cariense Joaquim Alves, responsável pela divisão do Ceará em regiões naturais, seguindo critérios do Conselho Nacional de Geografia e atendendo à solicitação do Diretório Regional de Geografia, adotou em seus trabalhos o recorte que ele próprio fez da região.

²⁸⁰ CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. *Op. cit.*; SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. *Op. cit.*

Considerando, como o faz Cauquelin e outros autores, que a natureza como paisagem se dá pela “transmissão de olhares”, ao acionarem e atualizarem a representação do Cariri como oásis, os membros do ICC agiam tanto como testemunhos, eles próprios educados por meio das experiências de seus antecessores, quanto doadores dessa mesma realidade sensível que fundamentava a identidade regional - atribuindo-lhe uma forma “natural” de existência. Sua recorrência, portanto, não pode ser compreendida como cumprimento frio de uma meta política traçada pelos fundadores e mantenedores do ICC de valorização da região, mas como expressão de afetividades ancestrais que (re)criavam vínculos de pertencimento e (re)conhecimento da região por sua paisagem singular.²⁸¹

Compreende-se, então, a atitude de resistência, como visto na primeira seção deste capítulo, frente às intervenções política-administrativas que entre as décadas de 1950 e 1970 tornavam elásticas as fronteiras caririenses ao incorporar parcelas de terra tradicionalmente identificadas às áreas sertanejas. A inclusão de municípios que desarmonizavam a representação geográfica-paisagística fundada em seus elementos naturais, já que quanto mais distante dos sopés da Chapada e de seus vales mais entra-se no semiárido, gerava sentimentos de não identificação com o que se “sabia” e “sentia” ser o Cariri - lembrando mais uma vez Irineu Pinheiro. Afinal, ufanavam-se os caririenses “de suas águas correntes, suas paisagens verdejantes nos mais rigorosos estios [...]”.²⁸² Esta imagem virente e de fertilidade é a que se desejou dar continuidade, não obstante a elasticidade territorial a que foi submetido o Cariri.

²⁸¹ CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem. Op. cit.* Foram consultados também: CATROGA, Fernando. *Pátria, Nação... Op. cit.*; MURARI, Luciana. *Natureza e cultura... Op. cit.*; NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Cientificismo e sensibilidade romântica. Em busca de um sentido explicativo para o Brasil do século XIX.* Brasília: Editora UNB, 2004; SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória. Op. cit.*

²⁸² PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.7.

CAPÍTULO 3

“O CARIRI, UM PRESENTE DO ARARIPE”. NATUREZA E PAISAGEM, TEMPO E ESPAÇO EM NARRATIVAS DA REGIÃO

A princípio éramos terra deserta coberta de luxuriante vegetação, cheia de águas que brotavam das nascentes do planalto do Araripe, rica de caça e mel e frutos silvestres. Pasmaram os primeiros povoadores [...] da imponência e da beleza da região que, de futuro, tomaria o nome de Cariri.²⁸³

Dentro do projeto político e cultural do ICC de valorização e visibilidade do sul cearense, a (re)escrita da História do Cariri ocupou lugar de honra entre as preocupações e ações de seus intelectuais. Como indicado no capítulo primeiro, atribuía-se à História a função de promover a união pátria, garantir a continuidade histórica e, nesse sentido, alimentar o “espírito” e a “mentalidade regionalista”. Tendo em vista esta compreensão, alguns dos principais nomes da instituição dedicaram-se a revisitar o passado caririense a fim de melhor integrá-lo à história nacional, explorando as especificidades da experiência local. O que incluiu, também, alguns trabalhos de caráter histórico-sociológico.

Neste capítulo, procuro analisar em algumas dessas produções de maior repercussão como uma espacialização da região, a partir da historicização de sua identificação com a terra, foi operacionalizada na invenção de uma identidade paisagística regional em que se relacionavam tempo e espaço na produção de uma representação “geográfica” da história.

3.1 – Os combates pela História do Cariri

Como visto no primeiro capítulo, em bases centrais, a fundação do ICC assentou-se em interesses políticos e culturais com fins à reversão de um quadro de estagnação econômica diagnosticado para o Cariri, desejo de real integração da região ao conjunto da nação e na instituição do inventário de suas peculiaridades. Com esse intuito, seus idealizadores mobilizaram um conjunto de intelectuais e outros

²⁸³ PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, José de. *Cidade do Crato. Op. cit.*, p.29.

representantes da elite local para que, a partir de suas especialidades, atuassem em favor do “engrandecimento” e “valorização” do sul cearense.

Em meio a disputas internas e externas por espaços de poder e lutas de classificação em que se buscava garantir determinadas formas de (re)conhecimento do que seria o Cariri ou, em outros termos, de sua identidade regional, a conjunção de elementos da natureza em um quadro paisagístico que representasse sua singularidade em relação ao restante do Ceará pode ser observada em muitas das produções dos agentes do ICC, como indicam as fontes utilizadas no capítulo anterior. Dentre elas, destacam-se, por sua repercussão e centralidade para o cumprimento de seus propósitos, os trabalhos de caráter historiográfico.

É forçoso ressaltar que a escrita da história caririense foi pauta principal no projeto do ICC, como pode ser percebido em seus estatutos, nas ações de pesquisa, publicação e ensino empreendidas entre as décadas de 1950 e 1970. O próprio discurso pronunciado por Irineu Pinheiro, em sua posse como primeiro presidente da instituição, expôs essa bandeira ao destacar, exclusivamente, a necessidade de se (re)escrever a história do sul cearense. Utilizando-se de alguns exemplos, como a imprecisão em torno da “data de nosso descobrimento”, demonstrou e argumentou em sua longa exposição que havia “muito que se rever e corrigir” sobre alguns dos episódios e principais personagens históricos do Cariri.²⁸⁴

Da mesma forma, e como condição para a realização das investigações no campo de Clio, invocou Seignobos, Guizot e José Honório Rodrigues para ressaltar a importância dos documentos históricos e lastimar o estado em que se encontravam os locais de seu armazenamento na cidade do Crato. O que levou-o a prescrever, ao final e em tom convocatório, a urgência em reunir, organizar e preservar o que ainda restava em arquivos e cartórios da região, tentar reaver o que tinha sido transferido para outras instituições congêneres e resgatar o que estava em mãos de particulares. Medidas, em parte, definidas no regulamento que disciplinava o funcionamento do Instituto e que orientou algumas ações nesse sentido, como em relação aos papéis que estavam sendo consumidos pelo tempo e descuido no almoxarifado da prefeitura do Crato:

²⁸⁴ PINHEIRO, Irineu. *Efemérides... Op. cit.*, p.539-555. Sobre a importância da escrita de uma história regional como meta estabelecida pela agremiação, consultar: CORTEZ, Otonite. *A construção da... Op. cit.*, p.26-31; DIAS, Carlos Rafael. *Da flor da terra aos guerreiros cariris... Op. cit.*; VIANA, Ítalo. *O Instituto Cultural do Cariri... Op. cit.*

O Instituto Cultural do Cariri, que tem por finalidade a guarda e a preservação de nossa documentação histórica, sua divulgação, catalogação e ordenação, tem apelado para a Prefeitura Municipal para mandar colecionar e arquivar tudo aquilo em estantes condignas. *Um povo que despreza as suas tradições, seus documentos, seu passado histórico, é um povo fadado a não ter História.*²⁸⁵

A preocupação com o destino dessa “riqueza histórica” era alimentada pelo valor de prova atribuída às fontes histórica, portanto, de garantia de legitimidade às interpretações sobre o passado, e pela crença no papel unificador e pedagógico da História - capaz de gerar sentimentos de identificação regional ao estabelecer pontos de articulação entre passado, presente e futuro e de criar amor à terra de nascimento. Nesse aspecto, os membros do ICC seguiram, em suas linhas mestras, homólogos protocolos de constituição das identidades nacionais no que se refere à apropriação e usos do passado. Assim, escrever a história da região estabelecendo a “versão” “mais ajustada à verdade dos fatos”²⁸⁶ corresponderia, também, a eleger e ajustar, numa ordem temporal, o quê de sua realidade passada produziria e reforçaria “sentimentos de comunhão e identificação”.²⁸⁷ As representações históricas sobre o Cariri cearense, difundidas nos mais diversos suportes de vulgarização, funcionariam, então, como fundamento ao princípio coesivo necessário à invenção de sua identidade enquanto região: uma experiência e memória históricas que, ao conectar os indivíduos a um passado comum, lhes dariam existência e sentido enquanto comunidade imaginada.

No prólogo do livro “Efemérides do Cariri”, que em sua primeira parte reúne um inventário de datas e documentos históricos, um dos argumentos utilizados por Irineu Pinheiro para justificar a importância de sua obra e das pesquisas sobre a região foi desenvolvido justamente a partir dessa compreensão, já que “pela leitura das principais datas históricas do Cariri veremos a *evolução de sua vida coletiva*, em que se revezam triunfos e derrotas, à semelhança do que acontece em todos os aglomerados humanos”.²⁸⁸ Por este motivo:

²⁸⁵ AQUINO, João Lindemberg de. Advertência: Patrimônio histórico desaparecendo no Crato. In: *Itaytera*, p.167, 1976. O texto foi originalmente publicado no jornal Correio do Ceará, impresso em Fortaleza, no dia 30/09/1975. Grifos meus. Segundo o reclamante, centenas de “documentos de nossa história cívica, política e religiosa” estavam desaparecendo, “patrimônio histórico” que deveria ser abrigado, sugere, no Arquivo Público do Crato, a ser criado pela prefeitura, e ficar à disposição dos historiadores.

²⁸⁶ PINHEIRO, Irineu. *Efemérides...* Op. cit., p.548.

²⁸⁷ CATROGA, Fernando. *Nação, mito...* Op. cit.

²⁸⁸ PINHEIRO, Irineu. *Efemérides...* Op. cit., p.29. Grifos meus.

Não basta que os estudiosos saibam que, em nossa província, pertence ao Cariri a prioridade no movimento de nossa independência nacional. Por que não *ensinar-se aos nossos patrícios, desde as escolas primárias*, que em 1º de setembro de 1822 mandou a câmara do Crato, em obediência ao decreto de 3 de junho daquele ano, se fizessem eleições para deputados à nossa Constituinte, verdadeiro ato de emancipação política, e que vereadores e autoridades marcaram para o pleito o dia 7 de setembro, o qual por coincidência seria o do grito do Ipiranga? [...]Tudo isso honra o Cariri e o Estado de que participamos e nos faz cooperar na nossa História Geral, brilhantemente.

*Compete-nos vulgarizar os feitos dos nossos heróis.*²⁸⁹

Almejava, então, o autor, que sua obra, expressão de seu amor à região onde nasceu, despertasse nos jovens “o desejo de bem conhecer nosso passado”, pois é “verdade que examinando o pretérito e nele meditando, melhor compreenderemos o presente e mais seguramente nos orientaremos sobre o futuro”.²⁹⁰ Não foi outra a compreensão que fez Lindemberg de Aquino, seguindo sugestão do Pe. Antônio Gomes de Araújo, defender que deveria o governo do Crato mandar elaborar “uma pequena história da revolução de 1817” para suas escolas municipais, já que “devemos render culto ao nosso passado histórico *despertando nas novas gerações o sentimento nativista de entranhado amor à terra e às suas tradições*”.²⁹¹

As citações acima exemplificam o engajamento dos intelectuais do ICC no projeto de (re)escrita de seu passado, guiados pelo entendimento do valor da História como chave importante para criar e alimentar o sentimento de pertença à região, compreender o presente e como orientadora de ações no futuro. Seguindo, nesse aspecto, uma cultura histórica oitocentista e protocolos de construção da história nacional, concentraram-se com afinco sobre o tema das “origens” e na instituição de uma representação heroica e progressista para marcar a singularidade do Cariri e dos carirenses no conjunto nacional.

A preocupação com a preservação da documentação, a seleção de objetos da história política (especialmente o descobrimento, povoamento e revoluções de 1817 e 1824), a atualização e fixação de mitos fundacionais - que incluíam como estratégias vivificativas e rememorativas a instituição de comemorações e ritualizações do passado e seu ensino escolar -, foram procedimentos que tiveram por modelo a prática historiográfica dos Institutos Históricos e da política do Estado no processo de invenção

²⁸⁹ PINHEIRO, Irineu. *Efemérides... Op. cit.*, p.32 e 33. Grifos meus.

²⁹⁰ *Idem*, p.33.

²⁹¹ AQUINO, Lindemberg João. Revolução de 1817. In: *Itaytera*, 1967, p.115-119. Grifos meus.

da Nação, como indicou Joaquim Pimenta, sócio colaborador do ICC, em elogio ao órgão oficial da agremiação:

“Itaytera”, revista do Instituto Cultural do Cariri, não difere em orientação de outras congêneres, como a do tradicionalíssimo Instituto do Ceará, sempre preocupada em pesquisas históricas, a buscar, em cada recanto da terra amada, documentos ou vestígios de como as nossas brancas praias e os nossos sertões adustos se abriram à colonização lusa, desde a ponta do Mucuripe à serra da Ibiapaba. “Itaytera” não investiga menos a origem remota do grande vale a que se deu o nome de Canaan do Nordeste, desde as gerações aborígenes, embaladas pelo suave marulhar dos seus mananciais de água cristalina, aos primeiros homens de tabuco que ali foram implantar o seu domínio. [...] A exemplo da revista do Instituto do Ceará, nela é perene o culto do passado através de feitos memoráveis e dos personagens que os dramatizaram no teatro da História. Mas não é um culto frio, lúgubre e sem eco, como o silêncio das catacumbas; ele está vinculado, como depósito de experiências e de ensinamentos, à visão contemporânea da vida que continua a ser vivida com os mesmos problemas humanos, com o mesmo cenário de vezes que não terminam [...].²⁹²

A abordagem, discussão e difusão de temáticas históricas relacionadas ao Crato e Cariri em jornais, livros, rádio, revistas – em *Itaytera*, por exemplo, todos os números analisados trazem algum registro nesse sentido, seja em forma de artigo ou de trechos de fontes, em algumas de suas páginas e/ou capa -, em comemorações de efemérides e na disciplina de História do Cariri da Faculdade de Filosofia do Crato indicam o investimento e sucesso, pode-se dizer, da empreitada historiográfica levada à cabo pelos fundadores do ICC. Os esforços empregados em pesquisas e sua publicização pelo Cariri a fora, somado ao estabelecimento de uma rede de contatos com instituições congêneres e intelectuais de outros estados, além de intervenções em favor da fixação de uma memória histórica – como em torno da data de 1817 e da família Alencar -, tornaram em pouco tempo a agremiação e alguns de seus membros referências obrigatórias para os que buscavam informações e conhecimento sobre a região. Nesse sentido, repetimo-lo, em legítimos portadores de fala sobre o sul cearense.

No campo das investigações históricas, como já frisado, seus principais nomes, em função do volume de pesquisas e sua divulgação, foram Irineu Pinheiro, Padre Antônio Gomes de Araújo e José de Figueiredo Filho que, não coincidentemente, estavam entre os maiores responsáveis pela criação do ICC e seu direcionamento às preocupações de ordem histórica. Com formações iniciais diferenciadas, médico e padre, respectivamente, os dois primeiros intelectuais (auto)legitimaram-se enquanto

²⁹² PIMENTA, Joaquim. *Itaytera*. In: *Itaytera*, 1961, p.122. O texto foi reproduzido novamente na revista em 1976, p.166-167.

historiadores antes mesmo de se congregar no Instituto, enquanto Figueiredo Filho, diplomado farmacêutico, consagrou-se historiador somente ao longo de sua permanência na instituição.²⁹³

De fato, as ações sistematizadas de (re)escrita e vulgarização da história do Cariri promovidas por esses agentes, especialmente, repercutiram significativamente durante e para além das décadas aqui recortadas. O que contribuiu para a cristalização de uma identidade regional que combinava tanto a recolha de ingredientes já consagrados - como os acontecimentos e personagens relacionados às agitações de 1817 e 1824, cujo intervalo entre essas datas, e numa linha temporal evolutiva, fora classificado como de “período heroico”²⁹⁴ -, quanto a inclusão de aspectos, até então, menosprezados pela elite intelectual - como foi o caso do folclore, que de “atraso bisonho” passou a ser alimentado por investigações de caráter histórico-folclórico²⁹⁵ em conformidade com o movimento nacional de valorização do “povo” e de suas manifestações culturais.²⁹⁶

Ao trabalharem sob o signo do característico, influenciados pela perspectiva do “bom regionalismo” freyreano e seguindo o projeto de valorização da região traçado

²⁹³ Com anterior atuação no espaço público, através do exercício de suas atividades intelectuais, que incluía também funções como jornalista, literato, professor e folclorista, foram presença assídua em festejos de rememoração de datas históricas, entre outros atos que ritualizavam a identidade regional, proferindo discursos, escrevendo na imprensa e, às vezes, participando de sua organização – a exemplo da festa do centenário da cidade do Crato. Um dos resultados do trabalho desses homens de letras repercutiu, inclusive, na forma como as escolas participavam das comemorações do dia do município, como a realizada em 1967, em que “os desfiles escolares se caracterizaram pela representação de motivos históricos dos principais feitos de Crato no passado”. De acordo com a nota, era a “a prova de que já estão amadurecidas as sementes plantadas pelos nossos historiadores, a exemplo de Irineu Pinheiro, Pe. Antônio Gomes de Araújo e J. de Figueiredo Filho. Crato começa a sentir a influência decisiva de seus maiores em sua formação”. In: *Itaytera*, 1967, p.160.

²⁹⁴ Cf: ALEXANDRE, Juciêdo Ferreira. Notícias do Crato: política, sociedade e imprensa em meados do século XIX. In: *Quando o “anjo do extermínio” se aproxima de nós. Representações sobre o cólera no semanário cratense O Araripe (1855-1864)*. João Pessoa: UFPB, Dissertação de Mestrado em História, p.67-117, 2010; VIANA, Ítalo. *O Instituto Cultural do Cariri... Op. cit.*; PINHEIRO, Irineu. *Efemérides... Op. cit.*, p.549.

²⁹⁵ Nas palavras de José de Figueiredo Filho, “mesmo com o progresso que começou a penetrar no Cariri, e após longos períodos de menosprezo pelas elites por tudo quanto era genuinamente nosso, o folclore deste pedaço importante da terra cearense continua bem vivo, sendo até mesmo dos mais característicos do Nordeste brasileiro.” In: FIGUEIREDO FILHO, José de. *O folclore no Cariri. Op. cit.*, p.9.

²⁹⁶ Consultar, por exemplo: FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. Entre História e Folclore: reflexões sobre a (re)construção da identidade fluminense nas décadas de 1940-1950. In: *XXIII Simpósio Nacional de História*, 2005, Londrina-Paraná. Anais... Londrina: ANPUH, 2005, p.1-8. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0919.pdf>>. Acesso em: 04/06/2017; NEDEL, Leticia Borges. *Um passado novo para uma história em crise. Regionalismo e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*. Brasília: UNB, Tese de Doutorado em História, 2005; SEMEÃO, Jane; GOMES, Assis Daniel. Folclore: patrimônio e memória identitária caririense. In: *XIII Encontro Estadual de História do Ceará*, 2012, Sobral-Ceará. Anais... Ceará: INTA, 2012, p.1-12. Disponível em: <http://www.ce.anpuh.org/1341755672_ARQUIVO_textocompletoparaanpuh-pibic-14.pdf>. Acesso em: 03/06/2013; VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e missão. O movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro: FUNARTE/FGV, 1997.

pelo ICC, como visto no primeiro capítulo, eles costuraram, cada um a partir de seus interesses temáticos e de forma comunicativa, uma unidade identitária para o sul cearense. Nessa perspectiva, e da mesma maneira que no processo de construção da nação e da identidade nacional²⁹⁷, a história assumiu papel relevante na escrita do passado e elaboração da identidade regional por possibilitar a individualização das regiões entre si, distinguindo-as a partir do que seriam suas qualidades particulares e funcionando, assim, como importante mecanismo de autenticação das identidades regionais.

Narrar a experiência histórica da pátria menor não significava, contudo, contrapor-se à grande pátria. Longe de estabelecer uma oposição entre o regional e o nacional, entre o particular e o geral, o que se intentava era expor e reforçar a filiação que se reconhecia existir entre essas instâncias, reivindicando e garantindo ao Cariri sua contribuição e seu lugar na representação da nação:

Esforcemo-nos, os caririenses, por conhecer com as possíveis minúcias qual tem sido nossa cooperação nos sucessos da história do Ceará e nos da história nacional, tanto mais quanto temos sido infelizes os cearenses com os historiadores gerais, na justa expressão de Araripe Júnior, em seu excelente prefácio à segunda edição [ano 1901] da História do Brasil, de João Ribeiro. Em 1817 foram os caririenses, sobretudo os cratenses, os únicos que na nossa Capitania acompanharam Pernambuco proclamando a independência e a República. Á frente da revolução, entre outros, - coisa singular! - a primeira mulher republicana, no Brasil, dona Bárbara Pereira de Alencar.²⁹⁸

Acontecimentos que, ainda de acordo com o autor da citação, honravam o Cariri “e o Estado de que participamos e nos faz cooperar na nossa História Geral brilhantemente”.²⁹⁹ A menção a Araripe Júnior revestia, portanto, de maior autoridade o

²⁹⁷ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e Nação no Brasil (1838-1857)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença... Op. cit.*

²⁹⁸ PINHEIRO, Irineu. *Efemérides... Op. cit.*, p.30. Perspectiva semelhante expressou José Denizard Macedo de Alcântara, sócio correspondente do ICC, em discurso que pronunciou na Academia Cearense de Letras ao tomar posse da cadeira que pertenceu a José de Figueiredo Filho e ressaltar deste seu regionalismo: “Ora, não há incompatibilidade mas perfeita concordância entre um vero nacionalismo, quando compreendido em sua legítima e correta acepção, e o sentimento regionalista, quando igualmente configurado em limites adequados. O sentimento da Pátria *chica*, da Pátria menor não se conflita em absoluto com o da Pátria maior. [...] *O regionalismo, como ensina Gilberto Freyre, “não deve ser confundido – acentue-se bem – nem com o separatismo, nem com o anti-nacionalismo”.* *A Nação é uma pela herança comum e pelo destino histórico como é vária pelas suas peculiaridades locais e regionais [...]*”. ALCÂNTARA, José Denizard Macedo. A regionalidade de Figueiredo Filho. In: *Itaytera*, 1975, p.95. Grifos meus.

²⁹⁹ PINHEIRO, Irineu. *Efemérides... Op. cit.*, p.33. A referência a Araripe Júnior diz respeito a uma “retificação” que fez o neto de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe à participação de seu ascendente na Confederação do Equador. Discordando da interpretação de João Brígido de que as adesões ao movimento no Ceará teriam sido “mais palavrosas do que efetivas”, o bisneto de Bárbara de Alencar não só afirmou que “as coisas não se passaram precisamente como diz o historiador”, pontuando então alguns

discurso sobre a necessidade de conhecer e dar a conhecer o passado cariense na medida em que expunha o desconhecimento, gerador de equívocos e desmerecimentos, de sua honrosa contribuição à narrativa da nação. Incômodo sentido também em relação à produção historiográfica estadual, em que a inserção do Cariri na história do Ceará, acusava F. S. Nascimento, cristalizara-se em torno de João Brígido e de algumas poucas obras produzidas em fins do século XIX pelos “historiadores do litoral” - sem que alguns de seus aspectos e interpretações tivessem sido revistos posteriormente, não obstante a descoberta de novos documentos acerca do passado da região.³⁰⁰

Membro colaborador do ICC, Nascimento localizou na instituição, citando especialmente Padre Antônio Gomes de Araújo e José de Figueiredo Filho, o ponto de inflexão do que ele chamou de “monotonia dessa comodidade histórica em torno de tão importante região do Ceará” a fim de “determinar uma época para o reconhecimento do vale, seguindo-se de uma pesquisa ininterrupta sobre os fundamentos de seu povoamento”.³⁰¹ Em texto publicado na Revista de História da Universidade de São Paulo, José de Figueiredo Filho utilizou de forma análoga os mesmos argumentos para justificar a criação da cadeira de História do Cariri na Faculdade de Filosofia do Crato. Relembrando a participação da região nos movimentos de independência no XIX e citando, como o fez Irineu Pinheiro, o historiador João Ribeiro, argumentou que a “história oficial” por pouco não silenciou esses e outros fatos regionais provocando, inclusive no meio cariense, quase que totalmente seu esquecimento.³⁰²

“A própria História do Ceará”, como podia ser observado nos “compêndios didáticos”, fazia crer que a colonização do estado teria ocorrido apenas do litoral para o interior, desconsiderando as pesquisas de Padre Antônio Gomes de Araújo que provava ter sido o Cariri povoado por “elementos étnicos vindos pelo caminho natural do São Francisco e afluentes”. Aos “historiadores locais”, referindo-se José de Figueiredo Filho a si próprio, a Irineu Pinheiro e Antônio Gomes de Araújo, atribuiu então a impressão

de seus desdobramentos na província e consequências sofridas por seu avó, como reclamava do Ceará ser pouco aludido pelos “historiadores gerais” e ter sua participação na história nacional secundarizada - não obstante os “sacrifícios” de muitos de seus filhos. In: ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. João Ribeiro, filólogo e historiador. In: RIBEIRO, João. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, Coleção Biblioteca Básica Brasileira, n.36, 2013, p.13. Disponível em: <<http://www.fundar.org.br/bbb/index.php/project/historia-do-brasil-joao-ribeiro/>>. Acesso em: 14.08.2017.

³⁰⁰ NASCIMENTO, F. S. A conquista do Cariri. In: *Itaytera*, 1961, ano 7, p.119-121.

³⁰¹ *Idem*, p.119.

³⁰² FIGUEIREDO FILHO, José de. História Regional como parte integrante do ensino universitário. In: *Revista de História*. São Paulo: USP, v.36, n.74, 1968, p.472. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/127399/124570>>. Acesso em: 14.04.2017.

de “novos rumos aos conhecimentos históricos nesta zona”. Um dos resultados da empreitada dessa tríade de historiadores, ressaltou ainda ele, foi que “hoje as datas históricas caririenses são comemoradas com tanto entusiasmo quanto às de caráter nacional”.³⁰³

A condição de quase invisibilidade da região nas narrativas históricas gerais e o desconhecimento dos fatos regionais entre os próprios caririenses, ferindo, inclusive, os brios daqueles cujos ascendentes participaram dos movimentos políticos no oitocentos e que teriam contribuído para o progresso da região, definiu então grande parte dos traços do projeto político e cultural do ICC e da ação de seus associados. A (re)escrita da História do Cariri cumpriria então um duplo papel: 1- o de marcar e firmar o devido lugar da região na historiografia estadual e nacional; 2- o de função cívica-pedagógica, em que a mitificação do passado servia tanto para orientar ações no presente quanto para projetar o futuro. Ambos papéis a serviço do desejo de “alevramento moral” e combate ao sentimento de preterimento em relação ao litoral e de decadência que tanto incomodavam à elite local.

Os “combates pela história” caririense comandados pelo ICC e em sintonia com as demandas de criação de uma consciência regionalista em favor da valorização e soerguimento da região, que não raro confundia-se com a da cidade Crato, atualizavam, então, antigos ressentimentos quanto às discrepâncias valorativas do passado entre litoral e interior. Pois, embora, segundo José de Figueiredo Filho, existissem fatos que demonstrassem o contrário, “é acusação corriqueira no Brasil que os acontecimentos marcantes de sua história iniciaram-se de cima para baixo, isto é, das metrópoles para o interior”.³⁰⁴

³⁰³ FIGUEIREDO FILHO, José de. História Regional como parte integrante do ensino universitário. In: *Revista de História*. São Paulo: USP, v.36, n.74, 1968, p.472. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/127399/124570>>. Acesso em: 14.04.2017.

³⁰⁴ FIGUEIREDO FILHO, José de. A Vila Real do Crato nas lutas da Independência. In: *Itaytera*, 1972, p.3. Em relação ao 7 de setembro, por exemplo, diz ele que em muitos lugares o movimento nasceu no interior e se disseminou “pelo resto da província através de mil sacrifícios, *prova evidente de que o espírito de liberdade não era monopólio do litoral*”. Se na Bahia “o foco de irradiação foi Cachoeira”, na “então Vila Real do Crato, no sul cearense, nos limites de Pernambuco, de onde sempre recebeu influência, coube o papel principal no movimento que incorporou o Ceará ao organismo nacional”. Nesse texto, Figueiredo Filho refere-se, novamente, a João Ribeiro e à reação de Araripe Júnior ante a abordagem do historiador, em seu livro *História do Brasil*, ao envolvimento do sul cearense em “prol da independência”. Grifos meus. Em seu livro *História do Cariri* o autor, ao tratar do movimento de 1817, mais uma vez expressa o ressentimento compartilhado entre seus pares pela atitude depreciadora do litoral em relação aos acontecimentos desenrolados no interior ao afirmar que “são injustos os historiadores que menosprezam o movimento do Cariri, só porque não medrou em capital litorânea”. FIGUEIREDO FILHO, José de. *História do Cariri*. Op. cit., vol. I, p.68.

O exercício intelectual de escrita da história empreendido pelos agentes do ICC, nesse aspecto, carregava a ambição política de influir na historiografia local e nacional, nas relações entre o Cariri e o restante do Brasil e na formação cívica dos caririenses através da instituição e vulgarização de uma narrativa histórica que fosse capaz de produzir nos indivíduos o sentimento de união, de compartilhamento e pertencimento a uma comunidade identitária a partir da interiorização de determinadas crenças e valores que se acreditava enraizadas na tradição e na história. Perspectiva que naturalizava seu processo constitutivo e fazia crer, da mesma forma que em relação à nação, num destino regional preexistente que conectaria todos os indivíduos³⁰⁵ revelando, dessa forma, um “essencialismo identitário” fundamentado na “verdade da tradição e nas raízes da história, fazendo um apelo à ‘realidade’ de um passado possivelmente reprimido e obscurecido, no qual a identidade proclamada no presente é revelada como um produto da história”.³⁰⁶

Para dar, então, contornos ao que se queria definir como Cariri cearense, sistematizaram uma produção historiográfica em que, além dos acontecimentos políticos do “período heroico”, aspectos de seu povoamento, organização econômica-social, cultura e natureza compuseram seus quadros representativos - o que tornava a escrita da história regional *locus* privilegiado para a construção de representações sobre o Cariri. A partir da inversão do projeto que guiou a integração do Ceará a uma ideia de nação no século XIX, em que as particularidades regionais foram submetidas e adequadas a uma pretensa unidade histórica e territorial, os acadêmicos do ICC propuseram pensar, justamente, a individualidade regional proclamando, na esteira do discurso de “valorização do interior” em voga naquelas décadas, pela “valorização do Cariri”. Investimento intelectual que constituiu suas representações históricas em conhecimento e reconhecimento do que seria o Cariri cearense tornando-os, dessa forma, em inventores da região.

Mas não apenas a História orientou os trabalhos dos acadêmicos do ICC em sua missão de trabalhar em conjunto pelo engrandecimento da “gleba natal”. Outro domínio, embora secundarizado, também foi acionado para marcar a “posição de sujeito particular”³⁰⁷ do Cariri: a geografia. Nos estatutos da entidade lê-se, como já mencionado, que umas de suas principais finalidades seria o estudo, especialmente, da

³⁰⁵ Baseado, no que diz respeito à identidade nacional, nas considerações de: HALL, Stuart. *A identidade cultural...* Op. cit., p.52 e 53.

³⁰⁶ WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença...* Op. cit., p.38.

³⁰⁷ *Idem.*

“História e Geografia Política do Cariri”.³⁰⁸ Tal atitude não diferiu, em termos de proposta organizativa e escopo político envolvendo esses dois campos, da instituição que lhes serviu de modelo – os institutos históricos – no que se refere a construção da identidade nacional. Um dos fatores que marcou as duas ciências de forma relacional no oitocentos, como informam alguns autores, foi justamente o contexto de formação dos Estados nacionais por implicar a vinculação de um Estado a um território e, portanto, à produção de conhecimento e sentimento patriótico.³⁰⁹

O ICC, com seu projeto traçado de progresso, valorização e projeção da região, ao assumir por modelo os repertórios de constituição da Nação, como os regionalismos de forma geral, utilizou-se também da conjunção entre história e geografia. A representação histórica do Cariri foi construída, dessa forma, através de uma historicização de sua identificação com a terra que implicou, simultaneamente, numa espacialização – pensada por eles em termos de expressão cultural - da história regional. Como se configurou essa relação e de que forma(s) ela foi produtiva para a invenção e afirmação de uma identidade regional a partir da transfiguração da natureza em paisagem, é o que tentarei desenvolver a seguir.

3.2 – “As raízes geográficas do homem são alimentadas, vitalmente, por sua história”³¹⁰

Deriva-se [o bairrismo] do fato de *cada pessoa nascer situada no tempo e no espaço. A continuidade vertical dos dias insere-se na experiência histórica, enquanto a vinculação ao território dá-lhe segurança física e fá-la criar raízes espirituais de amor ao chão do berço.*³¹¹

³⁰⁸ *Estatutos do Instituto Cultural... Op. cit.*, p.181.

³⁰⁹ Consultar, por exemplo: CARLOS, Lilian Beatriz. *Uma relação a dois. A história e a geografia nos primeiros anos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Dissertação de Mestrado em História, 2008; PEIXOTO, Renato Amado. *A máscara da Medusa. A construção do espaço nacional brasileiro através das corografias e da cartografia no século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, Tese de Doutorado em História, 2005. GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e Nação... Op. cit.*; OLIVEIRA, Almir Leal de. *O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Memória, representações e pensamento social (1887-1914)*. São Paulo: PUC, Tese de Doutorado em História, 2001.

³¹⁰ SOUSA, José Newton Alves de. Contribuição do Cariri cearense à historiografia... *Op. cit.*, p.165.

³¹¹ SOUSA, José Newton Alves de. Álvaro Bomilcar da Cunha. Discurso de posse na Cadeira n.8 – Seção de Letras, do Instituto Cultural do Cariri. In: *Itaytera*, 1969, p.32. Grifos meus. O patrono da cadeira nasceu no Crato, em 1874, e morreu em 1957, no Rio de Janeiro, para onde mudou-se aos 14 anos de idade. Foi jornalista, poeta, contista e sociólogo. Entre suas produções estão: O preconceito de raça no Brasil, Poemas Sentidos, Graciosa (conto), A política no Brasil e Lágrimas de Ouro. Cf: BORGES, Raimundo de Oliveira. *O Crato intelectual... Op. cit.*, p.15-16.

Foi assim que o cratense José Newton Alves de Sousa, sócio do ICC, iniciou seu discurso de posse da cadeira de número 8 da “Seção de Letras do Instituto” após ser apresentado por seu consócio Raimundo de Oliveira Borges, que em tom laudatório frisou suas qualidades e competências intelectuais ao destacar sua atuação à frente da Faculdade de Filosofia do Crato e no magistério, exercido em sua cidade natal e em Salvador, como professor de filosofia, antropologia, sociologia, língua e literatura brasileira, história e geografia. O motivo que fez José Newton Alves de Sousa principiar pelo tema do sentimento de afeição à terra de nascimento foi o de ressaltar, na obra, a atuação política de seu patrono, o cratense Álvaro Bomílcar da Cunha, o que teria sido uma “ideia-força” constante em suas preocupações: a de Pátria.

Por essa razão argumentava, na primeira parte de seu discurso, que da pátria maior à pátria menor, que é “nosso rincão, nossa vila, cidade ou município”, entrelaçam-se tempo e espaço, individualidade e coletividade. Fato que envolveria sempre “elementos definidores de uma fisionomia particular, realmente inconfundível”, a países, regiões e cidades. Suas considerações preliminares expõem uma relação de estreitamento entre os conceitos de pátria e nação efetivada entre o oitocentos e princípios do século XX com as experiências dos Estados-nação europeus e que serviram de modelo para o Brasil, em que se fez combinar, como lembra Catroga, população e território. De acordo com o historiador português, apesar de terem origem e significados distintos, posto que pátria “supõe o acto de concepção”, enquanto nação “indica o de nascimento”, em seu processo de mutação semântica eles se cruzaram resultando na compreensão de que “a nação *está* na pátria, pelo que exige um *território* (real ou imaginário) e uma *população*”.³¹²

Em José Newton, a noção de “pátria menor” apoiava-se na de “Pátria”, numa perspectiva de complementaridade e não de oposição que coadunava com a postura de integração assumida pelo ICC - em que o regionalismo apregoado de valorização da diversidade do território não contrariava a ideia de unidade nacional. Transposta para o nível regional, a ideia de pátria por ele evocada cumpria, assim, a mesma força apelativa de enraizamento, filiação e identificação que, desde a antiguidade clássica, desempenha papel “nuclear na mobilização dos sentimentos e fidelidades mais coletivos”.³¹³ O antigo elo entre pátria e patriotismo, atualizado para as demandas históricas e políticas da modernidade e contemporaneidade de constituição de identidades nacionais, locais e

³¹² CATROGA, Fernando. *Pátria, Nação... Op. cit.*, p.21.

³¹³ *Idem*, p.24.

regionais, se sustentaria ainda fortemente em vínculos de pertencimento suscitados por “sentimentos quentes”, na expressão de Catroga, provocados por valores que remeteriam a origens “naturais” e culturais considerados comuns.³¹⁴ Entre eles, o de enraizamento a um território, como deixa entrever nosso empossado, ao ressaltar que “ser filho desta ou daquela urbe pode ser motivo de maior ou menor ufanía, mas sempre é grato recordar o pedaço de chão que ouviu nossos vagidos”. Afirmou, então, no parágrafo seguinte, ser uma “glória”, “felicidade” e “insigne honra” ter nascido no Crato.³¹⁵

E foi justamente o apelo à origem natalícia uma das estratégias utilizadas pelos agentes do ICC e organizadores de Itaytera para convocar os caririenses residentes na região e em outras plagas, mas que conservariam “íntacto o amor acendrado à gleba natal”³¹⁶, para trabalharem conjuntamente em prol do Cariri. “É a voz da terra que conclama a todos para o trabalho comum de seu engrandecimento”, como disse José de Figueiredo Filho na apresentação do segundo número da revista Itaytera.³¹⁷ Tanto José Newton quanto Figueiredo Filho sinalizaram para a ideia de dever cívico alimentado por laços que teriam na ancestralidade – que remete a uma herança partilhada – e no “torrão natal” importantes elementos agregadores à ação em benefício da valorização e progresso do Cariri.

É a partir da referência a uma origem comum e vinculação a um território, elementos suscitadores de forte carga afetiva, como demonstrou Catroga, que se promovem, então, atos de reconhecimento e de relação identitária entre os indivíduos e o espaço habitado. A ideia e sentimento de pátria, assim, organizam as narrativas que buscam sedimentar filiações espaciais e temporais agindo na criação de identidades nacionais e regionais. Compreende-se, portanto, o valor que o entrelaçamento tempo/espaço, configurados na linguagem da história e geografia, assumiu nos processos de invenção das comunidades imaginadas nação e região ao longo dos séculos XIX e XX. As citações de José Newton e José de Figueiredo Filho exemplificam, para o caso caririense, a consciência da importância dessa relação para a construção identitária do sul cearense.

É necessário ressaltar, entretanto, que houve uma clara preferência pela História (tempo) em detrimento da Geografia (espaço), como demonstra a predominância de

³¹⁴ CATROGA, Fernando. *Pátria, Nação... Op. cit.*, p 24.

³¹⁵ SOUSA, José Newton Alves de. *Álvaro Bomilcar da Cunha. Discurso de posse... Op. cit.*, p.33.

³¹⁶ FIGUEIREDO FILHO, José de. *A jornada prossegue incentivada... Op. cit.*, p.1.

³¹⁷ *Idem.*

publicações narrando as experiências históricas da região. O que se observa é que a institucionalização de uma história regional não correspondeu, na mesma proporção, a de uma geografia regional. À exceção de alguns poucos trabalhos realizados por geógrafos que visitaram a região³¹⁸ e das publicações e ações política-administrativas de regionalização por parte de órgãos governamentais, entre as décadas de 1950 e 1970, a exemplo do IBGE, não se verificou investimentos substanciais que tenham resultado na constituição de uma “Geografia do Cariri”.

Em relatório produzido em 1965 prestando contas das atividades desenvolvidas naquele ano pela Faculdade de Filosofia do Crato, integrada em boa medida por professores associados ao ICC, José Newton Alves de Sousa pôs em contraste justamente o avançado das pesquisas em História em relação a outras áreas. Ao salientar o “caso da História do Cariri, em que se tem distinguido os professor Pe. Antônio Gomes de Araújo e Dr. José Alves de Figueiredo Filho”, frisou, contudo, que a “Geografia, a História Natural, a Pedagogia e Letras muito têm que fazer no domínio da pesquisa regional. É todo um vasto campo que se lhes abre, desafiando mestres e alunos para uma contribuição cultural e científica [...]”.³¹⁹

Não tendo recebido a mesma atenção intelectual que as pesquisas históricas, o conhecimento geográfico da região ficou secundarizado no projeto do ICC. Assim, foi sob o domínio do saber histórico, especialmente, que seus principais agentes operaram uma espacialização do Cariri cearense. Dessa forma, as representações históricas por eles produzidas, ordenando presente e passado na configuração e validação de uma fisionomia particular para o Cariri, recorreram ao domínio geográfico como recurso de legitimação para a identidade regional. Nessa perspectiva, como se deu a combinação entre tempo (História) e espaço (Geografia) nos escritos históricos sobre o Cariri, (re)criando imagens da natureza identificadas com a “fácies” da região, é o que se tentará discutir a partir de agora.

3.3 – “O Cariri é lindo e rico, não pode ser sertão”³²⁰

³¹⁸ São eles: BARROS, Haidine da Silva. O Cariri cearense. O quadro agrário e a vida urbana. In: *Revista Brasileira de Geografia*, v.26, n.24, p.549-592, 1964; PETRONE, Pasquale. *Contribuição ao estudo da região... Op. cit.*; _____ . Crato, “capital” da região do Cariri... *Op. cit.*; SOARES, Douracy. *O Cariri-Crato-Juazeiro do Norte... Op. cit.*

³¹⁹ SOUSA, José Newton Alves de. Relatório de 1965. In: *Cariri, Nordeste... Op. cit.* p.195.

³²⁰ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.7.

Em 1950, Irineu Pinheiro lançou “O Cariri. Seu descobrimento, povoamento, costumes”, após alguns anos de trabalho e pequenas publicações em jornais locais de partes de seu conteúdo. O livro foi considerado referência para a escrita de uma história regional, como indicou o próprio autor em seu preâmbulo: “tudo o que escrevi, julgo, é um subsídio modestíssimo, mas útil, certamente, aos que se aventurarem a construir nossa História”.³²¹ E escrever a “História do Cariri”, como visto anteriormente, foi uma das importantes tarefas das quais se encarregaram os principais responsáveis pela fundação do ICC.

Apesar de o lançamento ter ocorrido em data anterior à criação da agremiação, três aspectos justificam sua presença entre as obras que aqui serão tratadas: 1- a repercussão e influência em produções posteriores de intelectuais da região e de outras partes do Brasil, tendo sido referenciada várias vezes quando se buscava operacionalizar uma definição e cartografia do espaço regional; 2- a abordagem das interações entre habitantes e a natureza nos processos de povoamento e formação social, política, econômica e cultural da região; 3- por ser a materialização narrativa de algumas das ideias e anseios que estiveram na base da construção do ICC e que persistiram fortemente durante as décadas recortadas, neste trabalho. Em sua relação e em conjunto com outras produções, portanto, considero que o livro do primeiro presidente do ICC exerceu forte influência na atualização e fixação de representações paisagísticas para o sul do Ceará.

Na apresentação, consta sua classificação pelo próprio autor como trabalho “puramente regional”. Mas apesar de seu conteúdo referir-se a um recorte espacial específico do território brasileiro, ressaltou acreditar “que não desinteressará o leitor do norte, do sul ou do centro do Brasil” já que, afirmou ele, “é um grande todo indiviso a nossa Pátria, ligada pela mesma língua, pela mesma religião, pelas mesmas tradições, pelos mesmos costumes que, aqui e ali, bem poucas vezes, se poderão diferenciar”.³²² Integrado o Cariri ao Brasil, enquanto pertencente a uma unidade pátria, o movimento seguinte de Irineu Pinheiro foi o de, em consonância com o discurso regionalista em voga de valorização das particularidades regionais - sustentado na ideia do nacional/universal pelo regional, como visto no primeiro capítulo -, marcar as singularidades da região:

³²¹ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.5.

³²² *Idem.*

Neste meu livro procurei narrar o descobrimento e o povoamento *de um dos mais característicos trechos do nordeste brasileiro, o Cariri*, no extremo meridional do Ceará, sua principal agricultura, sua criação na serra do Araripe, sua pequena indústria, alguns hábitos de sua gente, algo de seu folclore.³²³

E o faz iniciando, justamente, por sua inscrição no espaço a partir da valorização de sua natureza. Nesse sentido, realizou, nos três primeiros capítulos, uma descrição de aspectos concernentes à sua geografia, detendo-se em características de seu solo, vegetação, hidrografia, clima e de seus limites ao relacionar os municípios que o comporiam. Dedicou especial atenção ao acidente geográfico que singularizaria a região, a Chapada do Araripe, fornecendo a etimologia de seu nome e suas características geológicas recorrendo, para tanto, a trabalhos de geólogos e naturalistas. Inseriu também nesse momento inicial de sua narrativa a ocupação do território pelos índios, seu processo de “descobrimto e povoamento”, sua formação econômica-social e alguns dos “costumes” de seus primeiros colonizadores relacionados às economias agrícola e pecuária - estes dois últimos tópicos foram abordados também em outros capítulos. Deteve-se, assim, por exemplo, na descrição das práticas agrícolas e criatórias, nas formas de tratamento da terra e dos animais, no trabalho e hábitos dos criadores e vaqueiros.³²⁴

É perceptível a preocupação do autor em abordar as condições ambientais como mecanismo explicativo na formação histórica da sociedade caririense e da identidade regional. Dessa maneira, destacou, por exemplo, a importância dos rios e das nascentes para o estabelecimento dos primeiros núcleos populacionais, a “uberidade do solo do Cariri” como fator de atração de correntes migratórias, a sobreposição da pecuária pela agricultura em função da fertilidade das terras – mais propícias, segundo ele, à primeira cultura –, a alimentação dos habitantes, a posse e divisão das propriedades rurais. Em uma das passagens mais famosas de seu livro, situada em capítulo que trata da Chapada do Araripe – onde ressalta a origem de seu nome, suas características geológicas e nascentes, sua importância para a sobrevivência dos que vinham dos sertões vizinhos em tempos de estiagem, a devastação a que estava submetida pelas técnicas agrícola e de criação -, Irineu Pinheiro acentuou o caráter condicionador da natureza:

³²³ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.5.

³²⁴ O livro contém 44 capítulos distribuídos em 283 páginas. Cada seção possui certa autonomia em relação à precedente e à posterior, já que não estão organizadas na perspectiva de um tempo linear.

Lê-se em Heródoto que o Egito é um produto do Nilo e egípcios são os que bebem as águas do grande rio.

Parodiando o historiador grego, podemos dizer *que o Cariri é um presente da Chapada do Araripe e caririenses os que lhe bebem as águas das nascentes*, as quais, em número de cento e tantas, originaram as cidades do extremo sul do Estado *e as têm feito progredir*.³²⁵

O meio natural teria, assim, atuado no sentido de proporcionar a civilização e o progresso ao “Cariri Novo”, uma vez que a distância e os limites de comunicação com os governos centrais, concentrados no litoral, teriam relegado ao abandono a região. A combinação terra e água concentrava toda capacidade de condicionamento do ambiente e dos caracteres humanos, algumas vezes explicitado em pontos de vista determinista: “a fertilidade do solo do Cariri e suas águas perenes o fadaram à agricultura”.³²⁶ Mas, o que se percebe de sua narrativa, no entanto, é que o papel que ele atribuiu à natureza na conformação da sociedade e de seu espaço regional não assumiu uma perspectiva evolucionista-darwinista - que teve como uma de suas variáveis explicativas o determinismo do meio físico-geográfico sobre a cultura.

Apesar da prodigalidade da natureza, é o domínio do meio pelo homem que ganha força em sua narrativa. É a transformação e humanização das terras ocupadas, resultando em estradas, povoados, vilas, plantações, comercialização de produtos, costumes e na produção de uma cultura material, a composição principal de seu enredo. Ou seja, de “terra deserta, coberta de luxuriante vegetação”, como escrito na epígrafe que abre este capítulo, a território “que de futuro tomaria o nome de Cariri” em função da ação civilizadora de seus colonizadores e das gerações seguintes. Intervenção humana no espaço em que se “revezam triunfos e derrotas” na “evolução de sua vida coletiva” e não subjugaçã, acomodação ou primitivismo, como poderiam sugerir teorias científicas marcadas pela ideia de dominância do meio natural sobre o homem.³²⁷

O enfrentamento entre o homem e o meio e o aproveitamento de suas singularidades influíram, como Irineu Pinheiro procurou demonstrar, no

³²⁵ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento...* *Op. cit.*, p.21. Grifos meus.

³²⁶ *Idem*, p.45.

³²⁷ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento...* *Op. cit.*, p.30. Para enfrentar o problema da ausência de água no topo da Chapada do Araripe em função da grande porosidade da terra, característica explicitada no primeiro capítulo, deste trabalho, Irineu Pinheiro descreve, por exemplo, a construção de “barreiros” pelos sertanejos junto às suas moradias como solução para reter água da chuva e, assim, dar de beber aos animais e produzir alimentos para consumo e venda nas feiras. Engenhosidade que possibilitou ao Araripe, ainda segundo ele, tornar-se lugar de veraneio para algumas famílias caririenses. O autor descreve os barreiros como lagos formados por “grandes buracos cavados no chão, impermeabilizados à força de malho, cheios até as bordas pelas chuvas do inverno”. *Idem*.

desenvolvimento da economia, na organização social e no curso histórico da região, produzindo uma espacialização do Cariri. Leitor de Capistrano de Abreu, reteve de Capítulos de História Colonial, na abordagem e estruturação de sua história do Cariri, dois dos principais aspectos ordenadores da narrativa daquele: a relação homem-natureza e a perspectiva de uma história socioeconômica e dos costumes, adentrando o cotidiano de homens e mulheres comuns no processo de conquista e ocupação do espaço.³²⁸ Não à toa, iniciou pela valorização da natureza, inserindo também o índio nesse primeiro momento de sua exposição, para em seguida tratar da interação do homem com o meio a partir de algumas atividades econômicas e de aspectos sociais e culturais (religiosidade e festas religiosas, lazer, trabalho feminino, casamento, família, organização do trabalho, doenças e seus tratamentos, imigração, alimentação, mobiliário etc.).

Referência inspiradora relevante a de Capistrano de Abreu, certamente, por tratar-se da primeira tentativa de síntese da história da região, no século XX, e centrar-se numa proposta de história mais social, econômica e da vida cultural que política – diferentemente do que fez em seu Efemérides do Cariri, de viés eminentemente político. Mas, mais importante ainda para os propósitos deste trabalho, por ter estabelecido, como Capistrano de Abreu, no que se refere ao Brasil, a (re)construção e afirmação de uma identidade genuinamente regional como um dos principais fios condutores de sua narrativa. A obra “O Cariri. Seu descobrimento, povoamento e costumes”, portanto, pode ser considerado como a materialização de uma ideia, em termos de uma representação identitária, do que seria o Cariri e os caririenses.

Sugestionado pelo famoso historiador cearense, o idealizador e futuro presidente do ICC optou, então, por começar sua história do Cariri não com a chegada dos primeiros descobridores e povoadores – que ocupa os dois últimos tópicos de seu primeiro capítulo e os capítulos que abordam a introdução do criatório e agricultura na

³²⁸ ABREU, Capistrano. *Capítulos de história colonial (1500-1800)*. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, Coleção Biblioteca Básica Brasileira, 1998. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1022/201089.pdf>>. Acesso em 22/05/2017; BARROS, Assunção. Duas fases de Capistrano de Abreu. Notas em torno de uma produção historiográfica. In: *Projeto História*, São Paulo, n.41, 2010, p.455-489. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6549/4748>>. Acesso em 17/11/2017; REIS, Carlos. Anos 1900: Capistrano de Abreu. O surgimento de um povo novo: o brasileiro. In: _____ . *As identidades do Brasil. De Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 5ª ed., 2002, p.85-114; VAINFAS, Ronaldo. Capistrano de Abreu. Capítulos de história colonial. In: MOTA, Lourenço Dantas. *Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico*. São Paulo: Editora SENAC, v.1, 3ª ed., 2001, p.171-189; WELING, Arno. Capistrano de Abreu e a História do Brasil. In: *Trajetos*, Fortaleza, v.3, n.5, 2004, p.49-63.

região -, mas sim com o delineamento, embora não tão rico em detalhes quanto o fez Capistrano de Abreu, de um panorama ambiental e humano que precede a ocupação da terra pelos colonos que vieram margeando os caminhos do São Francisco pela Bahia, Sergipe e Pernambuco. Assim, o parágrafo que principia sua representação histórica, e que leva o título principal do livro, apresenta imediatamente ao leitor os onze municípios que corresponderiam, “*in totum* ou em parte”, à região. Mais ainda, atribui um sentido coletivo e consensual à sua inteligência do espaço caririense ao afirmar ser “assim que *o povo caririense entende a região em que mora*, sem dar-lhe limites exatos de rios, relevos geográficos etc.”³²⁹

Mas, se as fronteiras não estavam definidas de forma geométrica, as cidades elencadas participavam do mesmo recorte espacial pela combinação de elementos naturais que lhes davam unidade e particularidade: “sua vegetação sempre verde e suas águas perenes” que, como visto no capítulo anterior, compunham o repertório sensorial instituidor da paisagem caririense e de sua representação geográfica. Para garantir a valorização desses elementos como força simbólica e sentido diferenciador, completou a frase frisando o quanto eles “contrastam singularmente” o Cariri “com os sertões semiáridos que o circundam”.³³⁰ Mais ainda, utilizou no parágrafo seguinte as impressões do viajante naturalista George Gardner como recurso de legitimação à sua descrição, retirando dele excerto, escrito sob o prisma de uma sensibilidade romântica, atravessado por sentimentos e emoções que expressariam a especificidade da região - conforme indicado pelo uso dos qualificativos “beleza da tarde”, “frescura vivificante da atmosfera” e “opulência da paisagem”. Nas palavras do escocês, que permaneceu no Cariri entre setembro de 1838 e janeiro de 1839, “tudo tendia a produzir uma alacridade de espírito que só o amante da natureza pode experimentar”.³³¹

A estetização da natureza e o deleite experimentado por Gardner, bem como por outros viajantes que visitaram o Cariri, no século XIX, como visto no segundo capítulo, foram proporcionados pelo contato e observação, ao longo de sua travessia pela província do Ceará, da realidade ambiental do semiárido. Como acentuou Irineu Pinheiro: “Tanto mais lhe deleitaram os olhos as paisagens caririenses quanto acabara ele de viajar do Aracati ao Crato, numa distância de cerca de 300 milhas, através de uma

³²⁹ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.7. Grifos meus. Os municípios citados, também transcritos no capítulo anterior, são: “Crato, Barbalha, Juazeiro, Missão Velha, Milagres, Mauriti, Brejo Santo, Jardim, Santanópolis [atualmente Santana do Cariri], S. Pedro, hoje Caririassú, Quixerá [atualmente Farias Brito]”.

³³⁰ *Idem.*

³³¹ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.7.

região que naquela época [estação seca] era pouco melhor que um deserto”. Sendo assim, concluiu o historiador cratense, “é verdade podermos considerar o Cariri uma zona à parte no interior do Nordeste”.³³²

Ao colar o ponto de vista do “povo caririense” ao de Gardner e ao seu próprio, como é possível supor pela aplicação do infinitivo pessoal “podermos” na frase acima, inserindo-se, dessa maneira, na narrativa, Irineu Pinheiro não apenas apropriou-se das descrições do viajante para firmar a veracidade de sua própria descrição como para certificar ao leitor que a beleza e prodigalidade da região descrita não seria mero fruto de patriotismo, mas corresponderia à realidade, ou seja, que o que se afirmava era “verdade” - realidade ambiental responsável por gerar entre os caririenses, inclusive, o sentimento de não pertencer ao sertão:

Por isso, em geral, *se não julgam sertanejos os caririenses.*

Em virtude de um certo orgulho nativista, talvez porque *o termo sertão lhes dê a ideia de zona seca e estéril*, acham que sua terra, muito bonita e fértil, não deve incluir-se naquela designação. *O Cariri é lindo e rico, não pode ser sertão*”.

Ufanam-se de suas águas correntes, suas paisagens verdejantes nos mais rigorosos estios, suas fruteiras, seus brejos, o *habitat*, por excelência, da cana-de-açúcar, suas palmeiras eretas como sentinelas em torno de suas cidades e vilas etc.³³³

O espaço denominado “sertão” representava, portanto, a antítese daquilo que se conhecia e reconhecia como distintivo e constitutivo de uma identidade regional caririense. Esse “outro” território imaginado, sobre o qual se atribuiu ao longo do tempo diversos valores simbólicos que o transfiguraram em muitos sertões, foi o principal vetor orientador e de consistência interna aos enunciados que metaforizaram o Cariri como “oásis do sertão” e, como se verá, no capítulo seguinte, “paraíso terreal”.

Oscilando entre apreciações positivas e negativas, os vários significados atribuídos à palavra “sertão” carregam, em alguma medida, qualidades geográficas, culturais, demográficas e sociais.³³⁴ De acordo com alguns autores, no início da

³³² PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento...* Op. cit., p.7. Grifos meus.

³³³ *Idem*, p.7. Grifos meus.

³³⁴ As considerações realizadas neste e nos dois próximos parágrafos em torno da palavra “sertão” e seus significados apoiam-se nos seguintes autores: AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8, n.15, 1995, p.145-151; BARROSO, Gustavo. Vida e história da palavra sertão. In: *_____*. *À margem da história do Ceará*. Rio de Janeiro; São Paulo; Fortaleza: ABC Editora, 2004, p.9-12; CRISTOVÃO, Fernando. A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito (A Divina Comédia do Sertão). In: *Revista USP*, São Paulo, n.20, 1994, p.42-53. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26899/28679>>. Acesso em: 04/06/2017; LIMA, Nívia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2ª.ed., 2013; OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. In: *História, Ciências e Saúde* –

colonização, os portugueses que aqui aportaram a usavam para designar uma dupla ideia: 1- a de terra distante, longe da costa, mas sem que precisasse, apesar de sua conotação espacial de interior, um espaço físico delimitado; 2- a de terra isolada, ignota e de população rarefeita, tendo sido, por esse motivo, associada à noção de deserto.

No século XIX, as duas definições de sertão permaneciam no universo linguístico dos habitantes do Brasil, adquirindo aos poucos também o sentido de área semiárida que corresponderia ao Nordeste brasileiro. Até fins daquele século, operou-se, desse modo, uma equivalência entre sertão e deserto em função de algumas semelhanças ambientais entre ambos. Na transição do século XIX para o XX, outra significância cultural veio somar-se às demais, a de sua caracterização como organização social relacionada ao estabelecimento da pecuária - uma visão do sertão como “civilização pastoril” ou “civilização do couro”, conforme Capistrano de Abreu.³³⁵ Apesar da plasticidade do léxico, de forma geral, pode-se considerar que o que se realiza em seus variados sentidos é a instituição de um imaginário espacial em que convergem natureza e homem, terra e formas particulares de organização social – a sociedade sertaneja.

Nos debates em que se buscou formular um projeto de nação para o Brasil de fins do século XIX a meados do XX, a categoria sertão marcou o pensamento intelectual brasileiro a partir de seu outro referente geográfico: o litoral. O dualismo sertão/litoral esteve na base das diversas interpretações que deram corpo teórico à imagem de um Brasil repartido em dois, em que se interpunha tanto uma distância geográfica quanto temporal. Sertão, nessa perspectiva, representaria o lugar em que a natureza, o atraso e a barbárie dominavam, enquanto litoral seria o espaço da urbanidade, modernidade e civilização. Oposições que precisavam ser solucionadas com a proposta de integração efetiva do interior a um projeto nacional. Numa inversão de valores realizada a partir de uma tradição romântica, porém, o primeiro passou a ser identificado como o ventre de uma cultura autenticamente nacional em contraposição ao artificialismo reinante na costa brasileira (alcanhada de “civilização de copistas”).

Manguinhos, Rio de Janeiro, v.5, 1998, p.195-215; SENA, Custódia Selma; SUAREZ, Mireya. Apresentação. In: *Sentidos do sertão*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011, p.7-22; SENA, Custódia Selma. Uma narrativa mítica do sertão. In: *Sentidos do sertão*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011, p.101-122; SOUZA, Candice Vidal e. A pátria geográfica: o espaço vazio e a nacionalidade. In: *Sentidos do sertão*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011, p.211-238.

³³⁵ ABREU, Capistrano. *Capítulos de... Op. cit.*

Na narrativa de Irineu Pinheiro, o corte realizado entre sertão e Cariri toma, de forma evidente, as “condições geográficas meta-históricas”³³⁶ de ambos espaços como marcadores de diferenciação. Nessa perspectiva, a Chapada do Araripe, as águas correntes e o verde da vegetação, por exemplo, são aspectos de uma realidade ambiental não reconhecidamente associados à ideia de sertão, ou seja, de semiárido com suas imagens recorrentes de vegetação ressequida, sol escaldante, terras estéreis, paisagens monótonas e melancólicas tão profundamente descritas em obras como *Os Sertões*, *O Sertanejo*, *A Fome*, *O quinze* e *Grande Sertão Veredas* e onde se desenrolam cenas dramáticas de êxodo, abandono, fome e miséria durante os períodos de seca.³³⁷ O Cariri, nesse aspecto, não seria sertão. O sertão seria o *outro*.

Ao fazer sobressair em seu livro os elementos naturais e seu papel definidor de uma geografia e sentimento regional, Irineu Pinheiro reforçava, portanto, representações do espaço firmadas em divisores ambientais e geográficos que desde meados do século XIX, empírica e metaforicamente, estabeleciam distinções entre Cariri e sertão. A configuração linguística “oásis do sertão” utilizada desde o oitocentos, como visto no segundo capítulo, carregava ao mesmo tempo um sentido de exclusão e inclusão. Exclusão porque as categorias “oásis” e “sertão” opunham-se aquilo que as tornavam identificáveis e legítimas sentimental e imagetivamente. Inclusão porque o uso da preposição “do” entre os termos indica lugar de pertencimento, revelando o significado implícito de sertão como terras distantes do litoral.

Tal duplicidade foi recuperada após apoiar-se nos dicionários de Moraiz e frei Domingos Vieira e na História do Brasil de frei Vicente do Salvador para afirmar que “quer queiram ou não, o Cariri é puro sertão. Apenas um trato mais feliz de nosso *hinterland*.” Pois “se consultarmos nossos dicionários, veremos que o vocábulo sertão significa ‘floresta, mato, longe da costa, no interior de um continente’”.³³⁸ Considerando, então, a palavra em seu sentido positivo é que Irineu Pinheiro pôde consentir ser “o cariri uma estreita faixa de terreno sertanejo, com fontes que nunca

³³⁶ KOSELLECK, Reinhart. *Espaço e história... Op. cit.*

³³⁷ Respectivamente: CUNHA, Euclides. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, v.2, 1966; ALENCAR, José de. *O sertanejo*. São Paulo: Ática, 1975; TEÓFILO, Rodolfo. *A fome*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, v.2, 1979; QUEIROZ, Raquel. *O quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2012; ROSA, José Guimarães. *Grande sertão veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 22^a ed., 2015.

³³⁸ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.8. As obras por ele referidas são: SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1889. SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Empreza Litteraria Fluminense, 1890. VIEIRA, Frei Domingos. *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Língua Portuguesa*. Porto: E. Charron e Bartholomeu H. de Moraes, 1873.

secam”.³³⁹ Portanto, apenas destituído de sua carga negativa é que sertão e Cariri coincidiriam.

A configuração geográfica do Cariri enquanto região, dessa maneira, foi desenhada em sua narrativa, primeiramente, por oposição à significância cultural de sertão enquanto lugar submetido a condições climáticas e hídricas propícias às estiagens, conferindo uma homogeneidade paisagística diferenciada ao sul cearense. Bem marcada essa diferença, somente em seguida é que ele identificou o Cariri ao sertão, mas apenas por sua posição em relação ao litoral. Nessa perspectiva é que, ao longo dos quarenta e quatro capítulos de seu livro, ora toma o Cariri por sertão ora torna-o distinto deste. Vejamos os exemplos a seguir:

Na época das crises climáticas sobem o Araripe *centenas de emigrantes dos sertões*, e ali arraidos em ranchos de teto de capim ou à sombra de árvores colhem o fruto preciosos [o pequi], dele se alimentam [...].

Antes da via férrea e da época dos automóveis, exportava-se toda a safra dos engenhos caririenses em costas de animais [...]. De longe, nos caminhos, ouvia-se naquele tempo, como inda hoje se ouve muito menos, o estalo seco das linhas dos tangedores dos comboios. [...] Prolongavam-se os estalidos vibrantes dessas linhas por dezenas de metros *através do silêncio das caatingas, dos tabuleiros alpestres dos sertões, ou pelas estradas do Cariri cheias de fruteiras que, de manhãzinha, parece cantarem, tanto os pássaros que as povoam.*

As recepções dos hóspedes distintos, dos políticos locais faziam-se a cavalo, em plena estrada, em sítios mais ou menos distantes das cidades, das vilas, dos povoados. A essas recepções chamavam encontros. [...] Encontrado aquele que esperavam, agrupavam-se todos em sua volta e regressavam em meio a uma densa e escura nuvem de pó. À entrada da rua, baterias de foguetes de bombas de macaúba e morteiros que explodiam abalando os ares. Deste modo as homenagens *nos sertões cearenses* antes da época dos automóveis e trens de ferro.

Como se vê, *no Cariri, também nos sertões*, entre os proprietários agrícolas e seus arrendatários transaciona-se, geralmente, em espécie, mui raro em dinheiro.

Todos sabem que nossa gente [refere-se a Crato], em sua maioria, *especialmente no sertão*, não registra nos cartórios, por incultura, nem os nascimentos de seus filhos nem seus casamentos.³⁴⁰

De modo geral o que se observa, levando também em conta outras passagens do livro, é que as distinções são realizadas, predominantemente, para afirmar o contraste entre a paisagem sertaneja e a carirense, como no caso das duas primeiras citações. Em

³³⁹ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.8.

³⁴⁰ *Idem.* Respectivamente: p.20; p.109; p.109-110; p.122; p.281.

relação ao segundo excerto, por exemplo, percebe-se que o viajante sai do cenário da caatinga para as estradas do Cariri repletas de fruteiras e pássaros a cantarem. O que o difere do sertão, marcado por seu silêncio e tabuleiros alpestres. Quanto às situações de identificação, essas são comuns nas descrições dos costumes caririenses. Nesses casos, o Cariri não se distinguiria radicalmente do restante do interior cearense ou mesmo do Brasil, pois seus aspectos sociais e culturais, apesar de alguns traços genuinamente caririenses, integrava a região à unidade pátria não constituindo-a, como em relação à sua natureza, em uma “zona à parte”. Em seu sentido de terra distante do litoral e de lugar que guardava a autêntica identidade nacional, ou seja, em seu caráter valorativo, o Cariri seria então sertão.

O historiador cratense recuperava, portanto, formas de percepção paisagística que desde o século XIX vinham sendo construídas e educavam olhares, como o dele próprio, sobre essas duas espacialidades. Sua contribuição foi o de tornar as condições espaciais meta-históricas da realidade ambiental do Cariri, e os enunciados que as metaforizavam, em elementos de uma representação histórica sobre a região e seus patrícios. Tempo e espaço são, então, entrelaçados na construção de uma paisagem identitária para o Cariri em que se cruzam processos subjetivos e conhecimento objetivo. Nos termos dessa relação, foi que José Newton Alves de Sousa frisou a inseparabilidade entre essas instâncias de atuação humana:

Cada região geográfica repousa, primariamente, numa base física. Só depois é que se humaniza. [...] A base física é o âmbito espacial onde opera o homem em termos culturais. Por isso mesmo, a cultura do homem, se é cumulativa na ordem cronológica, é especializada na sua operatividade expansiva.

A região molda a cultura pela fixidez dos limites e pelo inevitável relacionamento homem-meio.

O homem, porém, responde a essas influências pela dominância de sua natureza específica a que, por outro lado, modela, quanto pode, a região. No dia a dia desse comércio realiza-se a história, que não comporta matéria apenas temporal. Os acontecimentos ocorrem sempre num determinado espaço e num determinado tempo. Suas repercussões é que podem ultrapassar, e ultrapassam, essas fronteiras.

[...] Isto não quer dizer que seja [o homem] um joguete das forças de localização. Luta ele contra o espaço em mais de um sentido, e pode hoje dizer-se que, até certo ponto, já o venceu.

[...] As raízes geográficas do homem são alimentadas, vitalmente, por sua história. Essa história nunca é do indivíduo sozinho, como tal considerado, mas dele num contexto sócio-habitacional de que é elemento cooperante.

O homem, quer como indivíduo, quer como povo, é talhado ao jeito do espaço físico humanizado em que se forma.³⁴¹

³⁴¹ SOUSA, José Newton Alves de. Contribuição do Cariri cearense à historiografia... *Op. cit.*, p.165.

Não diferentemente, se expressou outro sócio do ICC que, ao abordar os temas da cultura e do desenvolvimento nacional, atribuiu às diferenças geográficas o fato de não ter sido possível em nosso país uma padronização da cultura brasileira, pois ela “há de refletir as expressões do meio ambiente”. Prosseguiu afirmando que embora o ser humano não fosse, “de modo geral, produto do meio físico”, este, “porém, exerce larga influência sobre o homem, as sociedades e as nações”.³⁴² Nas histórias sobre a região confeccionadas pelos acadêmicos da agremiação, foram produzidas, nesse sentido, tanto uma espacialização do tempo, na medida em que as ações humanas e os acontecimentos foram situados em um conjunto geográfico, quanto uma historicização do espaço, na medida em que situações meta-históricas foram transformadas em condições históricas ou, como diz Koselleck, em espaço histórico resultante da interação entre os sujeitos e o ambiente em que estavam inseridos.³⁴³

Da relação entre homem e meio e dos condicionamentos que acreditavam daí serem resultantes é que se praticou uma regionalização do Cariri fundamentada em aspectos de sua natureza, levando Irineu Pinheiro, ao parodiar Heródoto, à seguinte formulação: se o Egito seria um “produto” do Nilo e egípcios os que bebem suas águas, poder-se-ia dizer que o Cariri seria “um presente do Araripe e caririenses os que lhe bebem as águas das nascentes”³⁴⁴ Nas narrativas históricas a referência à natureza assumia, então, o sentido de marca de origem e, assim sendo, em fator de unidade e coesão. Como se expressou em outro momento José Newton Alves de Souza: “*O homem caririense é o nordestino que se plantou entre a chapada e o sertão, ao longo do vale ubertoso, nuclearmente instalado com relação às circunvizinhanças e áreas periféricas integrantes da mesma vivência regional*”.³⁴⁵

³⁴² MATOS, Pedro Gomes de. A cultura brasileira e o desenvolvimento nacional. In: *Itaytera*, 1972, p.161. Para exemplificar sua afirmativa, na mesma página, ele diz: “Como ocorre no Norte e Nordeste brasileiro, o indivíduo ora é agredido pelo meio, ora este lhe facilita o passo e a ação, como foi o caso da colonização nos Estados Unidos. Se o Egito é uma dádiva do Nilo, como já o dizia Heródoto, Israel [...] é uma conquista da técnica, através do vasto sistema de irrigação artificial que tornou cultiváveis as suas terras desérticas”. Pedro Gomes de Matos nasceu em Crato no ano de 1909 e faleceu, em 1986, na cidade de Maranguape, região metropolitana de Fortaleza, onde passou a residir após sua formatura pela Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará. Colaborou em alguns jornais e revistas do estado e do Cariri e foi sócio, entre outras agremiações, do ICC, Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana (RS), da Associação Cearense de Imprensa e Academia Cearense de Letras. Algumas de suas produções: Capistrano de Abreu. Vida e obra do grande historiador; O ensino nos destinos da nacionalidade; Maranguape. Aspectos históricos e geográficos; Síntese histórica da vida do Padre Cícero. Cf: BORGES, Raimundo de Oliveira. O Crato intelectual... Op. cit., p.52-53.

³⁴³ KOSELLECK, Reinhart. *Espaço e história...* Op. cit.

³⁴⁴ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento...* Op. cit., p.21.

³⁴⁵ SOUZA, José Newton Alves de. Aos concluintes da primeira turma. In: *Cariri, Nordeste...* Op. cit., p.56. Discurso pronunciado durante a solenidade de formatura da primeira turma de alunos da Faculdade de Filosofia do Crato. Grifos meus.

A configuração geográfica e identitária da região vinculou-se, portanto, a um conjunto de elementos naturais que, incorporados às explicações das condições históricas propiciadoras da sociedade caririense, definiram a particularidade regional e as qualidades de seus habitantes. A percepção do Cariri como região e povo caracterizados por condições geográficas especiais ganhou então reforço nos trabalhos de seus historiadores. A instrumentalização da natureza como vetor de identidade pelo discurso historiográfico tornou, dessa maneira, quase que obrigatória sua descrição – como visto em Irineu Pinheiro -, funcionando como operação de demarcação de fronteiras e importante mecanismo de fixação de significados sobre a região.

Dessa forma, transpor o sentimento de alteridade e distanciamento em relação ao sertão para os textos históricos seguiu, basicamente, duas estratégias: 1- destaque às relações seculares entre sociedade e natureza explicando e validando, assim, o passado e presente em termos de território e formação social; 2- como recurso para caracterizar o Cariri, identificando aquilo que o singularizaria antes do relato historiográfico propriamente. Neste caso, o uso recorrente de “É o Cariri...” ou “O Cariri é...” principia a narrativa de sua fisionomia singular. Em *Efemérides do Cariri* Irineu Pinheiro iniciou a introdução de seu livro justamente indicando que “*é o Cariri*, no sul do Ceará, uma região caracterizada por suas águas perenes jorantes das faldas do planalto do Araripe, sua vegetação verde nos sítios [...]”.³⁴⁶ Relacionou então no parágrafo seguinte os municípios que dele faziam parte, os mesmos que estão em “O Cariri. Seu descobrimento, povoamento, costumes” (ver Figura 3).

O “exercício descritivo-paisagístico”³⁴⁷ da fisionomia regional também está presente em uma coleção que teve grande repercussão: *História do Cariri*, de José de Figueiredo Filho, cujos dois primeiros volumes foram lançados em 1964 e seguidos pelos demais em 1966 e 1968. A publicação, alijada de seu quinto volume em função da morte de seu autor, teve apoio da Faculdade de Filosofia do Crato através da “Coleção Estudos e Pesquisa”, que visava “a publicação de trabalhos culturais e científicos de autoria, principalmente, dos que lidam na Faculdade de Filosofia do Crato, sejam professores, sejam alunos”.³⁴⁸ Orientada pela perspectiva da história política e seguindo o modelo tripartite da história do Brasil, a obra foi idealizada com o intuito de suprir a

³⁴⁶ PINHEIRO, Irineu. *Efemérides...* Op. cit., p.13.

³⁴⁷ Expressão tomada de empréstimo a SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

³⁴⁸ SOUSA, José Newton Alves de. Apresentação. In: FIGUEIREDO FILHO, José de. *História do Cariri*. Op. cit., v.1, p.3.

falta de compêndios que pudessem ser utilizados nas aulas sobre o Cariri abrigadas na disciplina “História do Cariri e do Ceará”, ofertada pelo Departamento de Geografia e História e ministrada pelo próprio autor. O professor e historiador destinou a coleção aos alunos da referida faculdade, mas explicou, externando o desejo de que sua função pedagógica fosse estendida, que ela também pudesse servir “como orientação ao ensino da história regional nos estabelecimentos secundários, nos grupos escolares e escolas isoladas”.³⁴⁹

Classificando seu trabalho como “de compilação”, cujo maior mérito, avaliou, seria o de ter concatenado “o muito que estava escrito e esparsos em torno da heroica e movimentada história do Vale caririense”, disse ser devedor de “ensinamentos” sorvidos “em muitas fontes puras, entre as quais as dos pesquisadores eméritos Irineu Pinheiro, já falecido, e o Padre Antônio Gomes de Araújo, incansável e inteligente pesquisador de nosso passado.”³⁵⁰ Além de uma atitude de reverência a esses autores, com quem manteve relações de amizade e de colaboração intelectual, tendo sido, inclusive, aluno do primeiro, filiou sua narrativa, da mesma forma que seus colegas também o fizeram, a um repertório regular de imagens que, repetidas e gravadas sob diversos gêneros e suportes textuais, como visto no capítulo dois, teve em suas representações históricas do passado e da natureza caririense importante vetor de consistência e fixação.

A coleção, que nasceu então com o objetivo de servir de apoio didático ao aprendizado da história regional, foi mais um ganho no esforço empreendido pela intelectualidade que gravitava em torno do ICC, e também da Faculdade de Filosofia do Crato, em seu trabalho coletivo de fixar e perpetuar imagens sobre o sul cearense. Nesse aspecto, e da mesma forma que outros produtos lançados durante o mesmo período, expressava percepções paisagísticas do autor e do grupo ao qual pertencia. Por esse motivo, pode ser considerada como um dos suportes de construção de uma paisagem identitária para o Cariri ao capturar e potencializar em sua narrativa, levando em conta texto principal, citações e notas localizadas ao final dos capítulos, as peculiaridades naturais e sua importância para a formação histórica da região e sua representação geográfica. Nesses termos é que José de Figueiredo Filho reedita, logo no parágrafo

³⁴⁹ FIGUEIREDO FILHO, José de. *História do Cariri. Op. cit.*, v.1, p.1.

³⁵⁰ *Idem.* Para uma discussão mais ampla sobre José de Figueiredo Filho e sua escrita histórica, consultar: ALVES, Hildebrando Maciel. *A face historiadora de J. de Figueiredo Filho e a construção do Cariri cearense.* Porto Alegre: UFRGS, Dissertação de Mestrado em História, 2017.

inicial do volume I de sua História do Cariri, as marcas de identificação e distinção geográfica da região em relação às terras circunvizinhas:

*O Cariri é região do sul do Ceará situada ao sopé do Araripe. É irrigado, em grande parte, por dezenas e dezenas de fontes perenes brotadas daquela serra que o separa de Pernambuco e causa principal da situação privilegiada, que sua natureza desfruta, em contraste com a caatinga ressequida que o circunda.*³⁵¹

Para respaldar sua descrição, recorreu a artigo de Thomaz Pompeu Sobrinho, acadêmico e presidente do Instituto Histórico do Ceará, que iniciou sua abordagem sobre a importância econômica do Cariri destacando, justamente, a “feição original e bem caracterizada” de “sua fácies geográfica” em oposição ao “sertão circundante”. Validando, assim, seu relato, Figueiredo Filho, seguindo seu colega Irineu Pinheiro, frisou o sentimento dos caririenses de não pertencer ao sertão: “A diferença entre a sua natureza e a da circunvizinhança é bem flagrante. Daí o filho do Cariri, apesar de bem interiorano, *sentir que sua região é inteiramente fora do sertão propriamente dito*”.³⁵² Sentimento externado por ele próprio em outros momentos, a exemplo da epígrafe que abre o segundo capítulo desta tese.

Em trabalhos posteriores, encontramos exatamente a mesma composição descritiva, como no artigo apresentado no encontro da ANPUH de 1966 e que abordou o tema “Sobrevivência portuguesa no Cariri cearense”. Nele, após sete curtos parágrafos em que ressaltou a influência da cultura portuguesa sobre a formação da nação Brasil e o povoamento do Cariri, fez um corte em sua narrativa com a transcrição da mesma citação de Thomaz Pompeu Sobrinho e a distinção sentida pelos caririenses de sua terra em relação ao sertão.³⁵³ Em outra publicação, desta vez para a revista História da USP em que aborda a inserção da história regional no ensino universitário, transcreveu todo o primeiro capítulo de sua História do Cariri I como tópico inicial. Embora ela não se constituísse em trabalho de pesquisa histórica, efetivamente, recorreu a escrito seu com

³⁵¹ FIGUEIREDO FILHO, José de. *História do Cariri. Op. cit.*, v.1, p.5.

³⁵² *Idem*, p.5. Grifos meus. O trecho do artigo de Thomaz Pompeu Sobrinho transcrito por Figueiredo Filho é: “O Cariri cearense oferece uma feição original e bem caracterizada, quer se considere a sua fácies geográfica, quer as suas origens e sobrevivências étnicas, quer o seu aspecto social. Esta curiosa diferenciação, no seu conjunto, bem acentuada quanto ao resto do Ceará e dos vizinhos, o é igualmente em relação a todo o país. O mais frisante contraste observa-se entre o pequeno vale do Batateira com os seus tributários, ainda menores, e o sertão circundante. Mas, interposta entre aquele e este, uma zona de transição que se estende, subdividida em trechos transversais, mais ou menos bem definidos, que, daquele vale, se irradiam, perdendo progressivamente as qualidades especiais que sobremodo singularizam a parte nuclear”.

³⁵³ FIGUEIREDO FILHO, José de. *Sobrevivência portuguesa no Cariri... Op. cit.*, p.312-313.

esse caráter com o objetivo de responder à pergunta “O que vem a ser o Cariri cearense?” com a intenção de “melhor retratá-lo” aos leitores. Antes, porém, fez a ressalva de que “pouca gente” estaria escrevendo tanto quanto ele “em jornais, revistas e livros em torno deste dadivoso pedaço de terra do sul cearense, zona úmida, de vegetação exuberante, encravada em meio de sertões adustos, de áspera caatinga do Nordeste brasileiro”.³⁵⁴ Atribuiu a si mesmo, dessa forma, o discurso de autoridade sobre o tema Cariri e o esforço de dar a (re)conhecê-lo.

Ainda nos volumes de História do Cariri, algumas das notas lançadas também contribuíam para reforçar e dar credibilidade à imagem de contraste que distinguiria o Cariri cearense de outras regiões nordestinas. Uma das mais expressivas, nesse sentido, foi a lançada junto à expressão “Cariris Novos”, como também era comumente referida a região sul do Ceará no século XIX. Se, em capítulo anterior, é dada a informação de que a denominação surgiu para diferenciar a faixa de terra cearense da paraibana que também se chama Cariri - que por ter sido colonizada, primeiramente, teve acrescentado o substantivo “Velho” -, desta vez José de Figueiredo Filho reproduziu artigo do engenheiro agrônomo Pimentel Gomes, ex-diretor do Serviço Florestal do Ministério de Agricultura no governo Vargas, que os caracterizava e diferenciava em função de seu meio ambiente:

Conheci primeiro o Cariri Velho na chapada da Borborema [...]. É chato, áspero, poeirento, coberto de caatinga raquítica e rala [...]. Rios de leitos rasos, quase sempre secos. [...] Águas raras e ruins. [...] O Cariri Velho, quase um semideserto, vive da cabra, do algodoeiro mocó, do caroa e do sisal [...].

O Cariri Novo é muito diferente. Quando o avião atinge a serra de São Pedro percebe-se o vale extenso e fecundo cavado entre esta e a chapada do Araripe, que se ergue além, extensa e tabulada. No período chuvoso há no vale e nas serras todas as tonalidades de verde. As águas dos rios faíscam entre coqueiros e babaçus e desenham meandros nos canaviais [...]. É, incontestavelmente, uma zona ecológica diferente [...]. A geografia e a geologia explicam o Cariri Novo – região bastante diferente das que a cercam.³⁵⁵

Assim como em Irineu Pinheiro, embora com pinceladas mais rápidas, um quadro ambiental precede a abordagem da colonização do Cariri como estratégia de

³⁵⁴ FIGUEIREDO FILHO, José de. *História regional como... Op. cit.*, p.1.

³⁵⁵ FIGUEIREDO FILHO, José de. *História do Cariri... Op. cit.*, v.1, p.40-44. Foi durante a gestão de Pimentel Gomes no Serviço Florestal que foi criada em 1946, a Floresta Nacional Araripe-Apodi – FLONA, mencionada no primeiro capítulo. O artigo copiado por Figueiredo Filho foi publicado no jornal O Povo de Fortaleza de 17/10/1953, em edição especial comemorativa do primeiro centenário da cidade do Crato.

classificação e constituição de uma representação espacial da região, autenticado em diversos outros pontos por citações e referência de autores que se repetem entre os textos e da prática de autocitação. De igual modo, e em situações semelhantes de valoração dos elementos naturais e da cultura, ora Figueiredo Filho faz distinção entre Cariri e sertão, ora confunde-os:

[...] Além disso, há o entrelaçamento secular entre caririenses e sertanejos pernambucanos.

O sistema de vida primitivo entre os aborígenes Cariri [...], sem necessidade do nomadismo constante do ameríndio que vivia na caatinga ressequida dos sertões limítrofes.

[...] Há ainda o acúmulo de população adventícia que procura as terras mais frescas do Cariri, acoçadas pelo flagelo mais temível no sertão sem água.

[...] Com o fim de melhorar o meio e para a educação do povo caririense, fundou o Seminário S. José do Crato [...]. Sua influência foi tão decisiva quanto o colégio dos Franciscanos, em Canindé, em pleno sertão cearense.

[...] Em suma, até os repentistas e cantadores dos pés de serra e de violas, que tanto decantam os motivos sertanejos, têm raízes aprofundadas na Península Ibérica [...].

No Cariri, nos Inhamus, no Jaguaribe ainda podemos ver o tipo bem lusitano com suas características, apenas com o sotaque sertanejo. São as famílias insuladas em sítios e fazendas, conservando hábitos bem antigos e casando-se com gente da mesma estirpe.

O habitante do Cariri leva desvantagem na alimentação habitual ao comparar-se com o morador das zonas criadoras, onde abundam o leite e seus derivados. Tanto assim que a dentadura do caririense é estragada, muito ao contrário do sertanejo legítimo dos Inhamuns ou do Jaguaribe. Na importante região sul cearense, que se abriga ao aconchego da majestosa Serra do Araripe, o morador cultiva seu trato de terra com mandioca, feijão e milho no inverno, andu e algumas fruteiras.³⁵⁶

Com poucas variações, as publicações de cunho histórico-sociológico também utilizaram do recurso da descrição da natureza e de sua comparação com a aridez do sertão como forma de demarcar o espaço regional e, desta maneira, fornecer a fisionomia da região. Em seu livro “Padre Cícero. Mito e realidade”, que traça uma biografia e análise da expressão política e social do sacerdote de Juazeiro do Norte, Otacílio Anselmo abriu o capítulo primeiro – intitulado “O Meio” – compondo uma síntese do meio físico caririense utilizando-se também da fórmula “O Cariri é...”:

³⁵⁶ Respectivamente: FIGUEIREDO FILHO, José de. *História do Cariri. Op. cit.*, v.1, p.23; v.3, p.105; v.3, p.120; v.4, p.11; FIGUEIREDO FILHO, José de. *Sobrevivência portuguesa no Cariri... Op. cit.*, p.321; p.336; FIGUEIREDO FILHO, José de. *Engenhos de rapadura... Op. cit.*, p.28.

O Cariri, cuja área territorial abrange vinte municípios da região meridional do Ceará, é um contraste surpreendente na paisagem comburida do Nordeste. Pela sua configuração fisiográfica, fertilidade do solo e amenidade do clima é a antítese da vasta zona que o circunda, verdadeiro oásis cujas terras verdejantes têm sido, no decorrer dos tempos, refúgio e asilo dos fugitivos das secas periódicas.

A sua dessemelhança com as terras áridas do sertão provém da Serra do Araripe, singular montanha de formação arenítica de cuja base brotam fontes perenes que irrigam os sítios adjacentes e que outrora banhavam os vales.³⁵⁷

Vale lembrar que o capítulo fora inicialmente publicado na revista *Itaytera* de 1959³⁵⁸ e sofreu pequenas modificações em sua versão final, mas sem alteração alguma na representação geográfica do Cariri. Outro fator de destaque é que embora valorize a natureza como marca de distinção ao abordar a formação histórica da região, especialmente, em seus aspectos sociais e econômicos, e traçar considerações sobre o processo de “devastação” da Chapada do Araripe ocasionada por fatores geológicos e pela ação humana, o texto não dialoga com as outras seções do livro. O que o tornaria, por si só, prescindível em relação ao tema principal da obra e aos demais capítulos.

Visto por outro ângulo, entretanto, é possível pensar que, enquanto seção de recepção ao leitor, ela cumpre duas funções importantes: 1- dar a ver e (re)conhecer a região proporcionando sua visibilidade, especialmente para aqueles que não a conheciam (em função mesmo do caráter nacional da publicação); 2- marcar sua diferença em relação ao sertão no que diz respeito às suas condições naturais:

À exceção da exuberância prodigiosa de suas terras, o Cariri apresenta as mesmas características das outras regiões nordestinas onde a civilização nasceu e evoluiu através de cruentas lutas, ora em defesa da propriedade, ora pelo domínio político. Portanto, a sua paisagem social é idêntica à do São Francisco, do Pajeú ou dos Inhamuns com os quais, segundo observa Joaquim Pimenta, forma “uma só comunidade, cimentada em um passado de sofrimentos heroicos, de tradições comuns, de interesses e ideias que se confundem na unidade etnocultural de um dos povos mais característicos entre os que a antropogeografia pôde fixar por fatores telúricos que se tornaram decisivos na sua formação e evolver histórico”.

Assim se explica a proliferação em terras caririenses dos tipos comuns àqueles rincões sertanejos, como o vaqueiro e o “coronel”, o beato e o cangaceiro com todo o seu acervo de hábitos e costumes, crenças e tradições hoje integrados definitivamente na literatura nacional.³⁵⁹

Se a “paisagem social” conferia então unidade entre a região caririense e o Nordeste, a natureza, por sua vez, seria seu principal elemento singularizador.

³⁵⁷ SILVA, Otacílio Anselmo e. *Padre Cícero... Op. cit.*, p.3. Grifos meus.

³⁵⁸ SILVA, Otacílio Anselmo e. *A história do Padre Cícero. Op. cit.*, p.107-115.

³⁵⁹ SILVA, Otacílio Anselmo e. *Padre Cícero... Op. cit.*, p.6. Grifos meus.

Demonstrando o mesmo entendimento em trabalho histórico-sociológico sobre os engenhos de rapadura no Cariri, José de Figueiredo Filho, após utilizar-se mais uma vez de Irineu Pinheiro e Thomaz Pompeu Sobrinho para caracterizar geograficamente a região, afirmou que:

Não fica satisfeito o caririense quando alguém o chama de sertanejo, o seu Cariri de sertão. [...] o Cariri do Ceará é uma espécie de zona da mata pernambucana ou dos brejos na Paraíba. É o verdadeiro oásis cearense, como muitos o denominam. É uma ilha verdejante cercada da zona sertaneja criadora. No tempo de estiagem é que o contraste da natureza se torna bem flagrante. Dos pés de serra do Araripe brotam dezenas e dezenas de fontes perenes que derramam a fertilidade na região. As quedas pluviométricas, graças também à proteção carinhosa do Araripe, são das melhores do Nordeste.³⁶⁰

Nos trabalhos mencionados, da mesma forma que em outros que não tiveram a mesma repercussão, o movimento demarcatório e de entrelaçamento do tempo (História) e espaço (Geografia) regionais como estratégias de (re)invenção de uma paisagem identitária para o Cariri a partir da apropriação da natureza ancorou-se no uso simultâneo das ideias de “meio” e “paisagem” como delimitadoras de uma representação geográfica regional. Em relação à primeira, reconhece-se a importância do ambiente físico como elemento condicionador da formação histórica da região. Como visto, fatores de ordem climática, hídrica, de solo e vegetação compuseram recorrentemente as narrativas históricas (e históricas-sociológicas) sobre o sul cearense.

Apesar de em alguns momentos identificarmos tendências à perspectiva determinista da natureza sobre o homem, aproximando-se do determinismo geográfico que serviu de guia à análise da realidade brasileira em fins do século XIX sob influência de Taine, nos intelectuais citados, cuja formação transitou entre autores do oitocentos e primeiras décadas do século XX, se sobrepôs um viés diferente de abordagem da relação homem-meio: a que levava em consideração a capacidade humana de conquista e domínio da natureza possibilitando, dessa forma, uma análise mais propriamente sócio, econômica e cultural do processo de constituição da região.

Matizado os efeitos do meio físico, resultado da tensão entre seu sentido fatalista e a ideia de “livre-arbítrio” e de trabalho humano como transformador da natureza - e que no Brasil teve em nomes como Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu e Gilberto Freyre sua trajetória de inflexão -, a noção de meio foi operacionalizada,

³⁶⁰ FIGUEIREDO FILHO, José de. *Engenhos de... Op. cit.*, p.21. Grifos meus. A citação de Thomaz Pompeu Sobrinho é a mesma que está transcrita na nota 352.

predominantemente, sob a compreensão de que se o homem sofre sua influência, este também atua sobre aquele. Perspectiva abrigada na geografia sob as denominações de antropogeografia ou geografia humana e na história sob a de geo-história.³⁶¹ Ao lado das questões de caráter econômico e social, o meio natural foi, então, tomado como uma mediação a ser considerada nas análises e interpretações socio-históricas sobre o Cariri.

Assim, e seguindo o modelo de construção da narrativa da nação e de seu “check list” identitário, as narrativas da região confeccionadas pelos intelectuais mencionados nesta seção entrelaçaram sociedade e condições ambientais aos eventos, personagens históricos e mitos fundacionais. Embora não tendo a mesma medida de aprofundamento que as preocupações e assuntos que configuraram entre eles uma “história-monumento” de inspiração oitocentista, o Cariri foi inscrito no espaço e instituído historicamente enquanto região também em função de sua natureza e das relações estabelecidas com ela. O que se observa, portanto, é que a geografia foi inserida nas abordagens históricas, e mesmo sociológicas, como percepção das interações do homem com o mundo natural, como indicam os citados acima Pedro Gomes de Matos e José Newton Alves de Sousa. Este último, retomando aqui algumas de suas palavras, não apenas negava ser o homem “um brinquedo das forças de localização” como acreditava ser “na região [...] que se configura, mais nitidamente, a fisionomia de cada povo *como expressão cultural e histórica do meio*”.³⁶²

Em discurso pronunciado na Academia Cearense de Letras para tomar posse da cadeira que pertenceu a José de Figueiredo Filho, o cratense José Alcântara, ao tecer elogiosa biografia a seu conterrâneo e ressaltar o quanto ainda havia a ser feito para se ter um “retrato em corpo inteiro do vale sopedâneo do Araripe”, alinhou-se aos seus colegas associados ao ICC ao afirmar que:

A Geografia é um imperativo que prefigura a História, sem o caráter exclusivista de monocausalismo. Para Heródoto, o Egito era o presente do Nilo. Para Hegel, como para o moderno Pirenne, sem o Mediterrâneo não se compreendia a História. Não se compreende o Cariri sem a Chapada do

³⁶¹ Cf: BARROS, Assunção. *Duas fases de Capistrano de Abreu...* Op. cit.; CUNHA, Maria Soares da. *Pontos de (re)visão e explorações...* Op. cit.; MORAES, Antonio. *Geografia. Pequena história crítica*. São Paulo: Editora Annablume, 21ª ed., 2007; DOSSE, François. O paradigma. A geo-história. In: _____. *A história em migalhas. Dos Annales à Nova História*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992, p.133-143; RICCEUR, Paul. O espaço habitado. In: _____. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007, p.156-162; MURARI, Luciana. *Natureza e cultura no Brasil...* Op. cit.; _____. *Brasil, ficção geográfica. Ciência e nacionalidade no país d'os Sertões*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2007.

³⁶² SOUSA, José Newton Alves de. *Contribuição do Cariri cearense à historiografia...* Op. cit., p.166. Grifos meus.

*Araripe: sua história, sua sociologia e sua economia repousam na ligação do homem com as águas do sopé, plasmando a aglutinação social de um habitat que é a ilha úmida dos sertões.*³⁶³

O ponto de vista exposto por estes intelectuais conduz-nos a ideia de natureza-meio à de natureza-paisagem como parte do movimento demarcatório que me referi anteriormente e que traduziria a ação humana sobre a natureza na construção do que José Newton classificou como “o espaço físico humanizado”³⁶⁴, em que o próprio ambiente natural, cultural e socialmente construído seria depositário de tradição, valores e história. Sobre este aspecto da representação geográfica e identitária caririense me deterei com maior vagar no próximo tópico, por ora gostaria de me manter um pouco mais na primeira noção (natureza como meio).

Tendo em vista a consideração da influência dos fatores naturais na definição de “uma fisionomia particular” para o Cariri, é compreensível que nos trabalhos de pesquisa e síntese publicados por membros do ICC sua descrição física tenha sido recurso recorrente para caracterizar geograficamente a região – prática então comum entre geógrafos, cujo binômio observação-descrição esteve na base de seus métodos de análise.³⁶⁵ Nessa perspectiva, e como um dos aspectos do recurso da descrição³⁶⁶, colocava-se diante de olhos estrangeiros aquilo que lhe era desconhecido ao mesmo tempo em que, para aqueles que nasceram na região ou eram seus “filhos adotivos”, na expressão dos agremiados do ICC, funcionava como estratégia de reconhecimento e identificação. O que não se diferenciava, nesses termos, do modelo de escrita da história empreendida no XIX e princípio do XX pelos institutos históricos.³⁶⁷ Assim, cores, formas e volumes eram ressaltados contribuindo para formar um quadro paisagístico que representaria o que seria o “Cariri propriamente dito”.

Dessa maneira, descrever seu espaço físico destacando e colocando em relação os elementos naturais era uma forma de dar visibilidade e marcar a pujança e

³⁶³ ALCÂNTARA, José Denizard Macedo. A regionalidade de Figueiredo Filho. In: *Itaytera*, 1975, p.86. Grifos meus.

³⁶⁴ SOUSA, José Newton Alves de. *Contribuição do Cariri cearense à historiografia...* *Op. cit.*, p.165.

³⁶⁵ MORAES, Antônio. *Geografia. Pequena história crítica. Op. cit.*

³⁶⁶ Cf: SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui...* *Op. cit.*; MARTINS, Eduardo Vieira. *Imagens da floresta. Auguste de Saint-Hilaire e José de Alencar.* In: MIYOSHI, Alex (org.). *O selvagem e o civilizado nas artes, fotografia e literatura do Brasil.* São Paulo: Editora da UNICAMP, 2010, p.38-56. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/civilizado/livro-selvagem-civilizado.pdf>>. Acesso em: 06/01/2018.

³⁶⁷ Cf: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988; GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e Nação...* *Op. cit.*; OLIVEIRA, Almir Leal de. *O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará...* *Op. cit.*

singularidade de sua natureza em contraposição às “caatingas ressequidas e sertões adustos”³⁶⁸ do Nordeste. Nesse aspecto, por exemplo, é que a quantificação e localização das nascentes de água e rios, informações sobre dados pluviométricos e particularidades do solo adquiriam caráter simbólico.³⁶⁹ Mais que um dado científico, afinal, era mais preciso que se referir às fontes de água como “inúmeras”, “várias” e “dezenas e dezenas”, a informação dava maior consistência à imagem “viridente” que se pretendia (re)conhecida como caririense legitimando, assim, sua representação de oásis.

Apesar das descrições não serem minuciosas, como foram no olhar de naturalistas e em trabalhos como os de Euclides da Cunha e Capistrano de Abreu – referências autorais muito presentes entre os historiadores do ICC -, elas ocuparam importante lugar na composição dos quadros de paisagem que representariam a região. Localizadas no princípio da narrativa, como visto nas citações páginas acima, umas mais outras menos demoradas, cumpriam assim a função de delimitadoras de uma paisagem regional. Enunciados descritivos foram inseridos também em outros momentos do texto sob a forma de parágrafos rápidos e em pequenas frases - em algumas situações, inclusive, sem integração direta com o conteúdo em questão:

Abandonavam [os vaqueiros que vinham da Bahia] a zona sertaneja, subiam a serra do Araripe, atravessavam o *plateau*, caminho reto, *cercado de vegetação exuberante*, às vezes até em plena mata. Desciam divisando o imenso Vale caririense, pontilhado de *idades engastadas em plena verdura*.

A agitação recomeçava com aquela entidade secreta *criada aos pés do ubertoso vale caririense*, em sítio de Barbalha. Em 25 de outubro o major Francisco Xavier Torres [...] é mandado ao Cariri com 100 praças com o fim de perseguir os partidários da COLUNA DO TRONO.

*A muralha tubular da serra do Araripe, as águas rompendo da meia encosta, os brejos, os canaviais, os recôncavos e ladeiras revestidas de matas, a passarada nos balseados davam à paisagem uma doçura bucólica e sedutora. Gonçalves Dias ficou de tal jeito enamorado da terra que projetou comprar um sítio de águas soluçantes e árvores acolhedoras, retiro que lhe permitisse de quando em quando esconder-se do mundo. Não concretizou o seu projeto; sonhou-o apenas.*³⁷⁰

³⁶⁸ Retirado de: PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, José de. *Cidade do Crato. Op. cit.*, p.55.

³⁶⁹ Ver por exemplo: FIGUEIREDO FILHO, José de. *Engenhos de... Op. cit.*, p.34, 35; PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, José de. *Cidade do Crato. Op. cit.*, p.45; PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.21.

³⁷⁰ Respectivamente: FIGUEIREDO FILHO, José de. *Influência civilizadora do São Francisco... Op. cit.*, p.444; _____ . *História do Cariri. Op. cit.*, v.3, p.8; _____ . *História do Cariri. Op. cit.*, v.3, p 141.

Nas passagens em que se é surpreendido com descrições expressas, muitas vezes dispensáveis ao desenrolar da narrativa, como nos exemplos acima, é possível pensá-las tanto como mecanismos de valorização da natureza quanto de recordação e fixação do que foi anteriormente enunciado: que o Cariri é “uma zona à parte no interior do Nordeste”.³⁷¹ Trata-se, nestes casos, de (re)afirmar, sempre que possível, o compromisso com uma paisagem que se reconhecesse própria ao Cariri. Nesse sentido, fosse em pinceladas ‘mais’ ou ‘menos’ intensas, as descrições sobre o meio ambiente nos trabalhos mencionados constituem-se em componentes importantes da temporalização e espacialização do Cariri cearense na medida em que natureza, convocada como agente e, vez ou outra, como cenário, participa de sua origem histórica, delimitação geográfica e da argumentação historiográfica. Afinal, lembrando mais uma vez Irineu Pinheiro, não seria o Cariri um presente da Chapada do Araripe e caririenses os que lhe bebem as águas das nascentes?

As descrições participam, portanto, da composição da representação paisagística da região. De acordo com Ankersmit, embora descrição e representação sejam operações diferentes nas formas de relatar a realidade elas mantêm entre si uma conexão na medida em que é difícil separar *referência* e *predicação*, assumindo cada uma e, ao mesmo tempo, lugar na escrita da história. Ambas as operações são executadas simultaneamente pela representação, instrumento por excelência de ligação entre linguagem e realidade extralinguística nos processos de significação do passado, ou seja, de construção de representação histórica. Na visão do autor, descrição e representação constituem mecanismos do historiador de lidar com aquilo que está ausente. Dessa maneira, ao mesmo instante em que um texto ou livro - como sobre a Renascença ou o Iluminismo, exemplos por ele utilizados - faz referência a alguns aspectos de sua realidade objetiva atribui-lhe certas propriedades.³⁷²

Nessa perspectiva, para Ankersmit são três os níveis de “como a realidade histórica e a linguagem do historiador andam juntas. Há, em primeiro lugar, o próprio passado; em seguida existe o nível das descrições [...]; em terceiro há aquele da representação (histórica)”.³⁷³ A partir desse modelo, e orientando sua discussão em

³⁷¹ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.7.

³⁷² ANKERSMIT, F. R. *The Linguistic Turn: literary... Op. cit.*; ANKERSMIT, F. R. *Representação e referência... Op. cit.*

³⁷³ ANKERSMIT, F. R. *The Linguistic Turn: literary... Op. cit.*, p.57. Tradução da autora. No original: “[...] We should, instead, adopt a three-level model of how historical reality and the historian’s language hang together. There is, first, the past itself; next there is the level of McCullagh’s descriptions; and thirdly of (historical) representation”.

como escrita da história (texto/linguagem) e passado (mundo/realidade) estão relacionados, o historiador e filósofo defende então que a especificidade do texto histórico resultaria justamente da combinação entre o “nível da fala” (verdade empírica/descrição) e o da “fala sobre a fala” (verdade analítica/representação).

Acompanhando Quine em alguns aspectos de seu conceito de “ascensão semântica”, Ankersmit argumenta que a escrita da história contém os níveis referidos acima tanto por descrever o passado em termos de “declarações individuais sobre eventos históricos, assuntos estatais, ligações causais etc.” (nível da fala), passíveis de serem verificadas empiricamente, quanto por organizar de forma coerente, a partir do uso da linguagem, parcelas do passado produzindo nexos entre representado e representação (“fala sobre fala”), como ele exemplifica em relação aos conceitos de “renascimento”, “classe social” e “revolução”. Estas “propostas de definição”, portanto, ligam-se tanto ao que pode ser verificado no passado quanto às formas (linguísticas) como se decide defini-las ao se articular diferentes aspectos do objeto ou período em questão. O que o faz concluir ser a linguagem, não menos que a realidade, também produtora de verdades.³⁷⁴

Apropriando-me de tais considerações sobre a relação entre descrição e representação, creio ser possível pensar os enunciados descritivos presentes nas obras tratadas neste capítulo como partes integrantes da paisagem identitária produzida para o Cariri pelos agentes do ICC. Ou seja, as descrições de seu meio físico (realidade empírica/“nível da fala”) “refere-se” a ele ao mesmo tempo em que lhe atribui certas propriedades (representação/ “nível da fala sobre a fala”), a exemplo de sua representação *como* oásis - imagem síntese das formas de significação declaradas a respeito de suas condições ambientais em contraste com os “sertões” circunvizinhos.

Dessa maneira, as descrições realizadas nas narrativas da região, compostas por adjetivações, metáforas e comparações que teciam relações de semelhança entre o Cariri e o objeto “oásis”, exerciam uma função específica dentro dos textos trabalhados. Situadas estrategicamente em capítulos ou seções que tratam, principalmente, de seu descobrimento, povoamento e desenvolvimento econômico ou como recurso de apresentação e visualização da região (*O Cariri é...*), elas participavam, ao descrever, algumas vezes de forma pictórica, determinadas características de sua realidade física (“vegetação sempre verde”, existência de “centenas de fontes de águas perenes”, “solo

³⁷⁴ ANKERSMIT, F. R. *The Linguistic Turn: literary... Op. cit.*

úbere”, “regime pluviométrico acima da média estadual” etc.), da instituição de quadros da paisagem que conformavam e fixavam uma representação geográfica e identitária para a região. Por estarem integradas a narrativas históricas e sociológicas, adquiriam força de verdade e autenticidade representacional fazendo com que o próprio texto funcione como operador legítimo de demarcação.

Adaptando o modelo de três níveis da relação entre realidade (histórica) e linguagem proposto por Ankersmit, pode-se dizer, então, que existe, em primeiro lugar, uma realidade ambiental (meio); em seguida existe o nível das descrições (fato empírico); em terceiro há aquele da representação (“ser sobre”/“acerca da realidade”). Interligados, esses diferentes níveis transformaram aspectos da natureza em expressão do espaço geográfico regional e de sua identidade. Um dos efeitos da historicização da natureza na construção identitária do Cariri, em que se entrelaçaram tempo (origem) e espaço, foi a fixação da ideia de um “verdadeiro Cariri”³⁷⁵, ou de um “Cariri tradicional”³⁷⁶, que não harmonizava com a divisão praticada pelo IBGE – como visto no capítulo anterior. Adequava-se, isto sim, à configuração geográfica apresentada por Irineu Pinheiro, em seus trabalhos (ver Figura 3), e que foi, com pequenas alterações, repetida por outros autores até meados de 1970. Ao assumir a divisão do IBGE de classificação do “espaço geográfico compreendido pelo Cariri cearense”³⁷⁷ para traçar seu perfil socioeconômico, histórico, cultural e de infraestrutura, os organizadores do livro “Região do Cariri” (1978) afirmaram, por exemplo, que:

*Historicamente, o que se configurou como território Cariri, no extremo sul do Ceará, foi, portanto, a faixa de terra banhada por córregos ou pequenos rios perenes, a exemplo do vale do rio Granjeiro, na missão do Miranda (Crato) e a ribeira do Salgado. As terras secas, em que se estendiam os sertões, ficariam reservadas ao habitat de futuros colonizadores, dos sesmeiros retardatários, na exploração da pecuária e de uma agricultura de subsistência.*³⁷⁸

“Sob o ponto de vista histórico”, portanto, seria a microrregião Cariri onde ficaria “situado o *verdadeiro Cariri*, o vale formado por extensos brejos, participando desse fáceis geográfico os municípios de Barbalha, Crato, Jardim, Juazeiro do Norte e

³⁷⁵ NORÕES, Edilmar; NASCIMENTO, F. S.; SAMPAIO, Dorian. *Região do Cariri... Op. cit.*, p.22-26.

³⁷⁶ BARROS, Haidine da Silva. O Cariri cearense. O quadro agrário e a vida urbana. In: *Revista Brasileira de Geografia*, v.26, n.24, p.549-592, 1964.

³⁷⁷ NORÕES, Edilmar; NASCIMENTO, F. S.; SAMPAIO, Dorian. *Região do Cariri... Op. cit.*, p.22.

³⁷⁸ *Idem*, p.22. Grifos meus.

Missão Velha”³⁷⁹. O livro é um exemplo do enfraquecimento na resistência em reconhecer e assumir outra configuração territorial para o Cariri que não fosse a pautada pelas particularidades ambientais desse núcleo originário da região, em que um conjunto de elementos naturais lhe forneceria certa unidade orgânica e perceptiva. Mas interessa observar, entretanto, que ele também exemplifica o quanto a utilização de marcadores naturais reconhecidamente caririenses, no contexto e em contraste com os sertões do Ceará e estados fronteiriços, predominaram na definição dos marcos temporal e espacial da região tornando possível, assim, falar em “verdadeiro Cariri” ou “Cariri tradicional”. Expressões que, tudo indica, emergiram no processo de expansão de suas fronteiras promovidas pelos governos entre meados dos anos 1940 e 1970, como visto no capítulo anterior, e que não encontrava reconhecimento, inclusive, “no afeto e na lembrança”³⁸⁰ daqueles que nele nasceram, viveram e o narraram.

3.4 – “O engenho não é só de seu proprietário. Tem alguma coisa que pertence a todos nós”³⁸¹

Se o “exercício descritivo-paisagístico” operado pelos associados do ICC a fim de caracterizar o Cariri destacou, inicialmente, os dados do ambiente físico como recurso de valoração de sua natureza, ufanismo patriótico e marca de origem, embora não alcançasse, em detalhes, o aspecto de lista de que fala Sussekind em relação ao narrador de ficção no Brasil do século XIX³⁸², outro movimento demarcatório, indicado ligeiramente, páginas acima, foi, simultaneamente, empreendido a partir da relativização da noção de determinismo ambiental.

Neste caso, incorporou-se às descrições das características naturais que marcariam a singularidade do Cariri traços ou “formas-objeto”³⁸³ resultantes da interferência humana sobre a natureza. Conforme visto no tópico anterior, embora os

³⁷⁹ NORÕES, Edilmar; NASCIMENTO, F. S.; SAMPAIO, Dorian. *Região do Cariri... Op. cit.*, p.25. Grifo meu. As microrregiões definidas pelo IBGE eram: Cariri (Crato, Barbalha, Juazeiro do Norte, Jardim e Missão Velha), Chapada do Araripe (Araripe, Campos Sales, Nova Olinda, Potengi e Santana do Cariri), Sertão do Cariri (Abaiara, Aurora, Barro, Brejo Santo, Jati, Mauriti, Milagres, Penaforte e Porteiras) e Serrana de Caririaçu (Altaneira, Antonina do Norte, Assaré, Caririaçu, Farias Brito, Granjeiro e Várzea Alegre).

³⁸⁰ Retirado de SOUSA, José Newton Alves de. *Álvaro Bomilcar da Cunha. Discurso de posse... Op. cit.*, p.32.

³⁸¹ FIGUEIREDO FILHO, José de. *Engenhos de rapadura... Op. cit.*, p.40.

³⁸² SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui... Op. cit.*

³⁸³ Expressão de SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: EdUSP, 2006.

intelectuais citados reconhecessem a influência do meio sobre o homem, compartilhavam da compreensão de que este modela-o conforme suas necessidades criando, assim, novas formas sobre a superfície terrestre ao plantar, abrir estradas e cursos de água para irrigação, construir barreiros e currais, por exemplo. E seria, justamente, nesse processo de trocas mútuas com a natureza ou, nas palavras de José Newton Alves de Sousa, “no dia-a-dia desse comércio”, que a história se realizaria, não comportando, acrescentou ainda ele, “matéria apenas temporal”.³⁸⁴

Desse “inevitável relacionamento homem-meio”³⁸⁵ é que teria se formado uma paisagem propriamente caririense, constituída tanto do entrelaçamento de seus elementos naturais originários (clima, água, vegetação e solo) quanto das modificações impressas pela ação de seus colonizadores e descendentes. Nesse aspecto, nos trabalhos de maior repercussão dos associados do ICC, a instituição da região Cariri foi operacionalizada, embora em escalas diferenciadas, por uma combinação entre marcadores naturais e humanos. Dessa maneira, se por um lado sua individualidade e unidade foi referenciada em elementos da natureza – numa perspectiva devedora da ideia de região natural -³⁸⁶, por outro, foi ancorada em resultantes das ações humanas sobre seu espaço ou, lembrando mais uma vez José Newton Alves de Sousa, em seu processo de humanização. Neste caso, na cultura e na história.

Nessa perspectiva, enquanto produto histórico, a região expressaria a relação dos caririenses com o meio físico constituindo, dessa maneira, uma unidade espacial por sua paisagem diferenciada das áreas limítrofes. Procuraram, assim, associar o descobrimento, povoamento e organização social do Cariri às condições naturais existentes, às modificações impressas em sua natureza e a elementos socio-históricos considerados característicos e peculiares à sua formação. Postura condizente com a crítica que se realizava ao monocausalismo na história, que a submetia às determinações do ambiente em detrimento de uma multiplicidade de fatores.³⁸⁷ Como expressou José de Figueiredo Filho: “já me deparei com várias pessoas de fora, que vinham estudar o Cariri cearense e muito estranharam as dissemelhanças desta zona com o norte do

³⁸⁴ SOUSA, José Newton Alves de. *Contribuição do Cariri cearense à historiografia...* Op. cit., p.165.

³⁸⁵ *Idem.*

³⁸⁶ A ideia de região natural compreendia uma dimensão territorial dotada de uma unidade estabelecida pelos elementos da natureza observados empiricamente e que a tornava singular em relação à suas áreas limítrofes. Cf: MORAES, Antonio. *Geografia. Pequena história crítica.* Op. cit.; CUNHA, Maria Soares da. *Pontos de (re)visão e explorações...* Op. cit; HAESBAERT, Rogério. *Regional-global. Dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

³⁸⁷ MORAES, Antonio. *Geografia. Pequena história crítica.* Op. cit.

Estado. *É que tivemos influência diversa em nossa formação, aliada a fatores mesológicos diferentes.* No tipo étnico, não.³⁸⁸

E foi, justamente, levando em consideração as relações entre natureza, cultura e história que José de Figueiredo Filho, retomando aqui exemplo citado no capítulo 2, questionou a retirada da cidade de Jardim do “núcleo central da zona carirense” pelo governo federal ao dividir o país em microrregiões, em princípio dos anos 1970. O deslocamento de posição entre este município e o de Várzea Alegre, que passou a ocupar o lugar daquele, causou críticas entre membros do ICC e jardinenses, não obstante o fato de Jardim ter continuado integrado à chamada “grande região do Cariri cearense”. Para o então presidente do Instituto, que disse não saber o critério utilizado para tal substituição, o estranhamento e discordância justificavam-se pelo fato de Jardim ser “integralmente caririense”, pois situado “em zona canavieira, abraçado pela chapada do Araripe e com natureza muito aproximada de Barbalha”.³⁸⁹

Notemos, é o ponto que interessa a este tópico, a referência feita à cana-de-açúcar, à chapada e à natureza de Barbalha, distante cerca de 29km de Jardim, como marcadores de identificação entre as cidades que faziam parte do núcleo central do Cariri. Aos aspectos naturais, o autor vinculou a plantação canavieira à identidade regional indicando, da mesma forma que em relação ao primeiro aspeto, sua função de marcador temporal e ordenador de seu espaço territorial. Entrelaçados, esses elementos compunham, então, uma paisagem caririense historicamente fundada nas relações entre sociedade e natureza, em que a cana-de-açúcar representaria a mais importante transformação sobre o meio físico em benefício da ocupação, riqueza e progresso da região. Ao apresentar o Cariri, em trabalho comunicado no Primeiro Congresso de História da Bahia no ano de 1949, Antônio Gomes de Araújo inseriu em sua descrição da “fisionomia natural da terra” a paisagem dos canaviais:

[...] Correntes apoucadas retalham o vale e vão confluir no Salgado [rio], que nasce no mesmo anfiteatro. Solo ubertoso, irriga-se de inúmeras fontes perenes que brotam no sopé da serra alimentando *canaviais infindos, pontilhados de chaminés, a indicarem a principal indústria dos habitantes, hoje, como há 250 anos passados*, e cuja produção, a rapadura, esvai-se para os sertões deste Estado e do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e,

³⁸⁸ FIGUEIREDO FILHO, José de. *O Cariri no todo cearense. Op. cit.*, p.147. Grifos meus.

³⁸⁹ *Idem*, p.148. Para mais detalhes sobre as microrregiões que compunham a região do Cariri, rever nota 195 desta tese.

ultimamente, depois de construída a rodovia transnordestina, para o nordeste baiano.³⁹⁰

Outros também repetiram o mesmo modelo enunciativo. Ao lado das águas correntes, do verde da vegetação e dos brejos, como pode ser observado em citações feitas anteriormente, acrescentavam às descrições do meio físico da região a existência de canaviais a dominar a paisagem. Aos elementos naturais, incorporaram-se, portanto, traços que o humano, através da produção canavieira, imprimiu ao espaço e à vida regional. É certo que outras culturas foram desenvolvidas, como o plantio da mandioca, do algodão, arroz, feijão, milho, de frutas etc., mas nenhuma alcançou a importância econômica, social e simbólica que a lavoura da cana possuía na composição de representações paisagísticas do Cariri sob orientação dos associados do ICC.

À essa atividade agrícola foram dedicados artigos em revistas e jornais, capítulos, seções de capítulos e um livro publicado pelo Serviço de Informação Agrícola focalizando sua introdução no Cariri, adaptação ao meio, variedade, cadeia produtiva, ascensão, decadência e as formas que marcou a cultura e paisagem rural caririense. A instituição do cultivo dessa espécie de gramínea enquanto marco diferenciador regional, que teve como protagonistas tanto o ser humano quanto o meio, fez parte, portanto, do exercício projetado pelos membros do ICC de valorização da região, embutido, aí, o esforço de (re)traçar sua genealogia e seu acervo de atributos originais definidores de seu território e singularizador de sua gente. Dessa maneira, ela foi tratada tanto sob o prisma econômico quanto cultural, pois que “muito antiga a lavra de cana-de-açúcar no vale caririense, contemporâneo, pode-se dizer, de seu descobrimento”.³⁹¹

A terceira edição do texto “O Cariri”, de Martins Filho (1966), é indicador do lugar e importância que a lavoura da cana adquiriu nas pesquisas e narrativas da região produzidas pelos intelectuais do ICC - além de exemplificar a circulação e impacto dessas publicações entre eles, ou seja, seu caráter intertextual, como parte do esforço orquestrado de invenção da região. Orientado pelas leituras de Irineu Pinheiro e José de Figueiredo Filho, especialmente por este que foi autor de livro e artigos dedicados à temática da cana-de-açúcar na região, o então reitor da Universidade [Federal] do Ceará atualizou o parágrafo sobre a cana indicando, ao mesmo tempo, sua decadência na atualidade, seu passado de glória e sua inscrição numa espacialidade e temporalidade

³⁹⁰ ARAÚJO, Antônio Gomes de. *Concurso da Bahia na formação... Op. cit.*, p.18-19. In: _____ . *Povoamento do Cariri. Op. cit.* Grifos meus.

³⁹¹ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.37.

históricas. Assim, e logo após ressaltar a importância dos recursos naturais água, solo, clima e a própria Chapada do Araripe como importantes potenciais econômicos, afirmou que:

Foi, todavia, nos grandes tratos de terra que circundam o sopé da serra do Araripe e margeiam os afluentes do Salgado que se assentaram as bases da economia caririense. *Por mais de duzentos anos, a cana-de-açúcar constituiu a principal fonte de prestígio e grandeza dos coronéis de pé-de-serra.* Ao lado da cana, como culturas acessórias e imprescindíveis à subsistência do homem caririense, acresciam as lavouras de milho, feijão e arroz, ao mesmo tempo em que se multiplicavam as plantações de algodão.³⁹²

Tanto nas duas citações anteriores quanto nesta, é possível perceber que a cultura da cana-de-açúcar foi inserida nas narrativas como um dos princípios de origem do Cariri enquanto comunidade imaginada. A instituição de um tempo e espaço caririense foi realizada considerando, assim, as interações entre a ação humana e a natureza através desta planta. A referência a uma temporalidade ancestral (“como há 250 anos passados”, “muita antiga a lavra de cana...”, “por mais de duzentos anos”, por exemplo), associando-a à empresa colonizadora realizada no período colonial “com a chegada do conquistador, portador da civilização do branco”³⁹³, e a seu cultivo nos pés de serra e brejos do Cariri originando “extensos canaviais”, funcionaram, então, como demarcadores temporal, espacial e identitário.

Em trechos de trabalhos de José de Figueiredo Filho, intelectual que mais pesquisou e publicou entre as décadas de 1950 e 1970 sobre a introdução da cana-de-açúcar e sua influência na formação da região, o efeito de espacialização do Cariri e

³⁹² MARTINS FILHO, Antônio. O Cariri. In: _____; GIRÃO, Raimundo. *O Ceará*. Op. cit., p.105. Grifos meus. Na primeira edição, lê-se: “No vale é cultivado principalmente a cana-de-açúcar – a maior riqueza do Cariri. Nos municípios de Barbalha, Crato, Juazeiro do Norte e Missão Velha existem cerca de 180 engenhos movidos a vapor ou por tração animal, os quais produzem anualmente uma média de 100.000 cargas de rapaduras, que correspondem mais ou menos a sete mil réis”. MARTINS FILHO, Antônio. O Cariri. In: _____; GIRÃO, Raimundo. *O Ceará*. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1ª ed., 1939, p.244. Infelizmente, não foi possível localizar a segunda edição do livro, publicada no ano de 1945. Mas, suponho que em função dos trabalhos de Irineu Pinheiro e José de Figueiredo Filho terem vindo à lume na década de 1950, não tenha havido mudanças significativas no parágrafo em que o autor se refere à produção dessa gramínea.

³⁹³ FIGUEIREDO FILHO, José de. Influência civilizadora do São Francisco no Cariri cearense. In: *Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. Portos, rotas e comércio*. São Paulo, v.I, 1971, p.440. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S05.23.pdf>>. Acesso em: 17/12/2017. O trabalho foi publicado também na revista Itaytera de 1970 com pouquíssimas alterações com o título: “A civilização que veio pelo São Francisco” (p.7-14). Na referida revista, à página 127, encontra-se uma nota informando que o artigo reproduzido foi publicado, primeiramente, na revista dirigida por Afrânio Coutinho: “Cadernos Brasileiros”, editada no Rio de Janeiro, em seu número 58, de março e abril de 1970.

historicização de sua paisagem referenciada em seu plantio adquiriu maior textura enquanto marcas de identificação e distinção:

A CULTURA canavieira do Cariri cearense, que medrou com os primeiros povoadores vindos da Bahia, no século XVIII, pelo caminho do S. Francisco e seus afluentes, ficou implantada definitivamente na zona. À princípio ganhou os brejos do Batateira, Salgado, Jardim, Salamanca, depois começou a subir pelos pés-de-serra do Araripe.

O Cariri conservou o topônimo da nação silvícola, que o povoava, antes do aparecimento do elemento civilizado.

Descoberto por criadores, cortado de córregos perenes, com inúmeros terrenos de brejos, devido a sua pródiga natureza, foi transformado facilmente em zona de intensa agricultura. Tomou-se logo em região canavieira, importando mudas do recôncavo baiano ou zona da mata pernambucana, já intensamente cultivadora da cana de açúcar, pela importação de sementes das ilhas da Madeira, trazidas pela ação eminentemente colonizadora de Portugal.

A crônica de João Brígido, citada acima, não nos fala da pecuária. Mas, a civilização caririense nasceu com o ciclo do couro. Foi em busca de campos e currais para o gado que o sertanista penetrou no interior, devassando léguas e léguas de terra. *A fertilidade do solo caririnese, com terrenos irrigados e de massapê, forçou o homem a trocar em parte o pastoreio pelo cultivo do solo [...].* As culturas do algodão e da mandioca, herdadas do ameríndio, tinham que abrir caminho para nova plantação, vinda com os povoadores que nos chegavam pelo caminho natural do São Francisco. *Era a cana-de-açúcar que iria tomar conta do Vale Caririense, sem dar-lhe, no entanto, a opulência das zonas canavieiras do recôncavo baiano, de Pernambuco ou do Campo dos Goitacazes, na província do Rio de Janeiro.*

O povoador, ao atravessar sertões inóspitos, deparou-se com terras de rica vegetação, córregos abundantes e várias zonas embrejadas, convidando-o a trocar o laço e a aguilhada pelo machado e pela enxada. Foi o que fez logo, sem esquecer o gado vacum, indispensável à vida agrícola. [...] Quem vinha do recôncavo baiano, ou da mata da Pernambuco, sentia que pisava em terreno de massapê, por demais propício à cultura canavieira. A gramínea, de pouco a pouco, tomou conta dos brejos e dos pés-de-serras do Araripe. Os engenhos de rapadura e aguardente multiplicaram-se. O boi, o cavalo e mais tarde o muar foram atrelados visceralmente à vida cotidiana do engenho de cana. O boi manso tornou-se o motor da engrenagem de retirar o suco daqueles riquíssimos colmos. O senhor de engenho passou a ser também fazendeiro no sertão de Pernambuco, Piauí ou mesmo no Ceará. Muitas vezes, instalava logradouro, lugar de retirada de gado, na serra do Araripe, que divide o Cariri da terra pernambucana. O senhor de engenho caririense, como ainda hoje acontece, completava seu trabalho de cultura de cana e de moagem, empregando três tipos de propriedades: o sítio de plantio com água de rega, a fazenda de criar o gado e o logradouro para a engorda dos animais e para as vacas leiteiras, em determinados meses.³⁹⁴

³⁹⁴ Respectivamente: FIGUEIREDO FILHO, José de. Peculiaridades da zona canavieira caririense. In: [Revista] *Brasil Açucareiro*, Rio de Janeiro, n.4, 1968 [abril], p.24-26. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/002534/per002534_1968_00071.pdf>. Acesso em: 19/01/2018; _____ . *Sobrevivência portuguesa no Cariri...* Op. cit., p.313; _____ . *História do Cariri*. Op. cit., v.III, p.108; _____ . *Influência civilizadora do São Francisco no Cariri...* Op. cit., p.440. Grifos meus.

A monocultura da cana-de-açúcar e seus engenhos representariam, portanto, os alicerces principais da civilização caririense. Desbravada as matas “pelo machado e pelo fogo”³⁹⁵, domesticada a natureza, aos poucos o progresso se estabelecia pelas mãos do colonizador dando contornos regionais ao que de “princípio” era “terra deserta”, retomando mais uma vez a epígrafe que abre este capítulo, numa alusão à ideia de espaço dominado pela natureza como vazio a ser preenchido.³⁹⁶ Se por um lado, a derrubada da floresta em benefício da atividade agrícola açucareira denunciava a precariedade técnica e a ação destruidora do homem sobre o meio natural, com prejuízos ambientais futuros - como também abordaram alguns dos autores citados -, por outro, sua exploração significou de fato a fundação e estabelecimento de uma cultura onde, não obstante a pecuária, praticamente só havia natureza selvagem. Percepção que o pensamento social e a literatura de fins do século XIX e início do século XX, nas narrativas sobre a nação, classificou como o caráter ambíguo do processo de ocupação do território brasileiro na relação do homem com a natureza. Ou seja, ao mesmo tempo em que a devastava, criava as condições de possibilidade para o sucesso do empreendimento colonizador.³⁹⁷

Nesse aspecto, o plantio da cana assumiu, nos escritos dos intelectuais do ICC, uma importante dimensão simbólica: a de traço ancestral e peculiar ao Cariri. Apesar da referência ao algodão, mandioca e ao criatório praticados “naquele esboço da vida, em célula caririense que nascia”³⁹⁸, “a importância do Cariri” teve, “entretanto, como *alicerce principal, e desde os tempos coloniais, o cultivo da cana e seus engenhos*”.³⁹⁹ “Em pouco tempo”, como afirmou José de Figueiredo Filho, “*a nova plantação tomou conta da terra e do homem*”.⁴⁰⁰ Foi, então, em torno de “canaviais luxuriantes” que se “fez uma civilização”, como expressou o literato e sócio correspondente do ICC Eduardo Campos, sugestionado pela leitura de *Engenhos de Rapadura do Cariri*, de José

³⁹⁵ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento...* Op. cit., p.279; SILVA, Otacílio Anselmo e. *Padre Cícero. Mito...* Op. cit., p.108-109; FIGUEIREDO FILHO, José de. *Engenhos de rapadura...* Op. cit., p.52.

³⁹⁶ A respeito dessa ideia em relação ao Brasil, ver: MURARI, Luciana. *Natureza e cultura no Brasil...* Op. cit.; SEVCENKO, Nicolau. O front brasileiro na guerra verde. Vegetais, colonialismo e cultura. In: *Revista USP*, São Paulo, n.30, p.108-119. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25911/27643>>. Acesso em: 26/10/2015; WARREN, Dean. *A ferro e fogo. A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996; PÁDUA, Augusto Pádua. *Um sopro de destruição. Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

³⁹⁷ MURARI, Luciana. *Natureza e cultura no Brasil...* Op. cit.

³⁹⁸ FIGUEIREDO FILHO, José de. *História do Cariri*. Op. cit., v.3, p.107.

³⁹⁹ FIGUEIREDO FILHO, José de. *Engenhos de rapadura...* Op. cit., p.21. Grifos meus.

⁴⁰⁰ FIGUEIREDO FILHO, José de. In: PINHEIRO, Irineu; _____. *Cidade do Crato*. Op. cit., p.47. Grifos meus.

de Figueiredo Filho, e pelas imagens retidas em sua memória dos canaviais carirenses.⁴⁰¹

“O Cariri. Seu descobrimento, povoamento e costumes”, de Irineu Pinheiro, mais especialmente o livro “Engenhos de Rapadura do Cariri”, de José de Figueiredo Filho, e alguns artigos do mesmo autor, publicados na revista Brasil Açucareiro⁴⁰², nos anos 1967 e 1968, foram as obras que maior força tiveram ao tematizar sobre a cana e as formas de domínio, sucesso civilizatório, autenticidade e originalidade que esta imprimiu à vida da região, a exemplo do que fez Gilberto Freyre em seu Nordeste⁴⁰³ na re(a)apresentação do espaço caririense como expressão de sua paisagem. A paisagem de engenho foi incorporada, dessa maneira, como marca de origem e princípio de unidade do sul cearense fazendo repercutir, com grande sucesso, uma visão do que seria seu conjunto geográfico regional:

A cana passou a constituir [...] a base da economia caririense. Produzindo rapadura e aguardente para um mercado que se alargava em direção dos sertões do Ceará, Pernambuco, Paraíba e Piauí, *os engenhos vinham permitir uma longa fase de prosperidade nessa região estabelecendo padrões de vida, hábitos e formando a mais sólida elite rural dessa parte do Ceará.*⁴⁰⁴

⁴⁰¹ Retirado de: CAMPOS, Eduardo. À margem de um livro. In: *Itaytera*, 1970, p.159- 161. O autor mantinha relações de amizade com alguns dos intelectuais do ICC, tendo visitado a região por diversas vezes. Era formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará, atuou como jornalista, radialista, contista, teatrólogo e folclorista. Em função de sua vasta produção literária, foi membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto Histórico do Ceará, dos quais foi também presidente. No Crato, além de sócio correspondente do ICC, foi diretor da Rádio Araripe. Em 1971, recebeu a honraria de Cidadão Honorário da Cidade do Crato. Era chamado por alguns de seus colegas do ICC de filho adotivo do Crato. Cf: <[http://www.eduardocampos.jor.br/ htm/biografia3.htm](http://www.eduardocampos.jor.br/htm/biografia3.htm)>. Acesso em: 02/10/2017; CAMPOS, Eduardo. Filho do Crato. In: *Itaytera*, 1972, p.179-180 (publicação de seu discurso agradecendo a cidadania do Crato).

⁴⁰² A revista, editada no Rio de Janeiro, era uma publicação do Instituto do Açúcar e do Alcool (criado em 1933) – órgão vinculado ao Ministério da Indústria e do Comércio. Circulou de 1934 a 1979.

⁴⁰³ FREYRE, Gilberto. *Nordeste. Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 4ª ed., 1967. A primeira edição, publicada em 1937, é a que consta, por exemplo, nas referências bibliográficas de “Engenhos de Rapadura do Cariri”. No livro “O Cariri. Seu descobrimento...”, o capítulo dedicado especificamente à monocultura da cana-de-açúcar na região intitula-se: “A cana de açúcar, contemporânea dos nossos colonizadores. Quando a plantaram no Cariri. Os engenhos de pau e os de ferro. O primeiro engenho d’água. No Cariri, o primeiro motor de beneficiamento de cana de açúcar no sul do Ceará. A usina do Buriti. A irrigação no Cariri. Variedades de cana. O mosaico. O campo de semente de cana de açúcar do Cariri, em Barbalha.” Sobre Gilberto Freyre: DUARTE, Regina Horta. “Com açúcar, com afeto”: impressões do Brasil em Nordeste de Gilberto Freyre. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, v.10, n.19, 2005, pp.125-147. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v10n19/v10n19a09.pdf>>. Acesso em: 18/11/2017; D’ANDREA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta: o pensamento de Gilberto Freyre... Op. cit.*

⁴⁰⁴ NASCIMENTO, F. S. História. In: NORÕES, Edilmar; NASCIMENTO, F. S.; SAMPAIO, Dorian. *Região do Cariri. Op. cit.*, p.8. Grifos meus. Na mesma página, os autores registram que, em 1858, existiam 308 engenhos no Cariri, assim distribuídos: Crato, 120; Barbalha, 72; Jardim, 66; Missão Velha, 50.

Assumindo a perspectiva freyreana que tomava a monocultura da cana como a principal dinamizadora de valores políticos, sociais, materiais, intelectuais e de cultura que diferenciariam o Nordeste de outras regiões, os intelectuais do ICC trouxeram, então, para o centro de suas investigações as interações entre ação humana e natureza destacando, igualmente, as relações construídas entre a cana e a água, a cana e o solo, a cana e os animais, a cana e a floresta, a cana e o homem. Dessa forma, - partindo do passado ao presente, entre descrição e narração, documentos de arquivo e conversas com moradores, relatos de viajantes e trabalhos de cunho científico, tradição e memória, detalhes sobre cotidiano do trabalho nos engenhos, habitação, alimentação, formas de lazer, folguedos populares, fabrico da rapadura, relações entre o senhor de engenho e os trabalhadores rurais e entre estes, os animais e a mata -, tipos e características dos engenhos caririenses foram apresentados ao leitor com a preocupação de evidenciar suas notas individualizantes em comparação a outras zonas canavieiras – especialmente com a pernambucana pela “voz autorizada de Gilberto Freyre”⁴⁰⁵.

Dessa maneira, por exemplo, o fabrico da rapadura, principal produto resultante do beneficiamento da cana na região, adquiriu relevância. Em José de Figueiredo Filho, lemos que “*a rapadura, alimento secular, e os engenhos estão intimamente ligados à vida caririense. Integram-se intimamente ao folclore. Poetas populares os têm decantado*”. Lê-se também que “no Vale Caririense sempre houve modo especial de se fazer aqueles quadriláteros de açúcar bruto, *desde há séculos*, tudo isto por mãos do MESTRE DE RAPADURA. *Só ele tem esse segredo, com alicerces em arte especial que vem de pais para filhos.*”⁴⁰⁶

Observa-se, portanto, e este é o ponto que interessa aqui mais diretamente, que nas explicações históricas e interpretações sociológicas produzidas pelos intelectuais mencionados à “pródiga natureza”, entendida enquanto meio físico, entrelaça-se o cultivo da cana-de-açúcar como elementos condicionadores da vida, cultura, história e do espaço regional. Bastante representativa disso foi a transposição de tal interpretação

⁴⁰⁵ FIGUEIREDO FILHO, José de. *Engenhos de rapadura... Op. cit.*, p.24. Em seu exercício comparativo, cita ele trecho do livro *Região e Tradição*, de Gilberto Freyre, editado em 1941 pela Editora José Olympio. Ainda em relação às particularidades do cultivo da cana e sua influência na formação social e cultural da região, consultar também: FIGUEIREDO FILHO, José de. *Peculiaridades da zona canavieira caririense... Op. cit.*

⁴⁰⁶ Respectivamente: FIGUEIREDO FILHO, José de. A rapadura vincula-se à tradição do Cariri cearense. In: [Revista] *Brasil Açucareiro*, Rio de Janeiro, n.1, 1968 [janeiro], p.29. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/002534/per002534_1968_00071.pdf>. Acesso em: 19/01/2018; . Decadência atual da rapadura do Cariri cearense. In: [Revista] *Brasil Açucareiro*, Rio de Janeiro, n.6, 1967 [dezembro], p.22. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/002534/per002534_1967_00070.pdf>. Acesso em: 19/01/2018.

histórica e sociológica para a simbologia dos brasões das cidades que, desmembradas de Crato, no século XIX, constituíram-se, juntamente com esta, em principais produtoras desta planta: Jardim, Barbalha e Missão Velha. Criados entre os anos 1950 e 1970, os brasões destes municípios utilizam cores e/ou elementos que simbolizam a natureza e sua fertilidade, a exemplo do sol, quanto hastes de cana como suportes laterais de seus escudos, como pode ser observado no brasão do Crato, reproduzido no primeiro capítulo (ver Figura 1).⁴⁰⁷

Enquanto signos dotados de projeção de valores pátrios, os brasões, da mesma forma que a bandeira e outros símbolos nacionais, remetem seus significados ao que seriam as marcas distintivas de uma comunidade imaginada constituindo-se, dessa forma, em declarações de identidade. Nessa perspectiva, embora combinando elementos que procuram evidenciar a individualidade de cada uma das comunas referidas, o uso de cores e imagens de elementos associados à natureza e à produção da cana-de-açúcar atuam como construções e (re)afirmações de uma formação histórica, cultural e geográfica particular à região denotando o caráter de (com)partilhamento de uma paisagem e ideia de Cariri. Compreende-se, então, o parêntese que José de Figueiredo Filho fez em texto citado páginas atrás questionando a retirada da cidade de Jardim do núcleo original do Cariri, no início de 1970, pelo governo federal ao criar as chamadas microrregiões. A afirmação de que a cidade seria “integralmente caririense” pode ser lida, assim, como reivindicação de pertencimento histórico e territorial a uma unidade de origem.⁴⁰⁸

O enunciado “entre canaviais verdejantes e à sombra da natureza pródiga do Cariri”⁴⁰⁹ sintetiza, expressivamente, o que foi dito nos dois parágrafos acima. Ele possui, da mesma maneira que na pintura, o efeito de moldura, ou seja, indica tanto o ponto de vista de seu autor acerca do objeto representado quanto limita “o espaço de varredura do olhar”⁴¹⁰ do espectador. Isto porque, como diz Cauquelin, “a moldura corta e recorta, vence sozinha o infinito do mundo natural, faz recuar o excedente, a diversidade. O limite que ela impõe é indispensável à constituição de uma paisagem como tal. Sua lei rege a relação de nosso ponto de vista (singular, infinitesimal) com a

⁴⁰⁷ A cidade de Juazeiro do Norte, desmembrado do Crato em 1915, não contém em seu brasão referência à cana-de-açúcar, não obstante ter sido produtora da gramínea.

⁴⁰⁸ FIGUEIREDO FILHO, José de. *O Cariri no todo cearense*. *Op. cit.*, p.147.

⁴⁰⁹ FIGUEIREDO FILHO, José de. *Engenhos de rapadura...* *Op. cit.*, p.27.

⁴¹⁰ Expressão tomada de empréstimo a MAUAD, Ana Maria. O futuro do passado e os desafios da escrita da história para o século XXI. In: MENESES, Sônia; SANTOS, Joaquim dos. *História e contemporaneidades*. Curitiba: CRV, 2016.

‘coisa’ múltipla e monstruosa.”⁴¹¹ A moldura se interpõe, assim, entre a realidade visível e a subjetividade daquele que dela se apropria, sendo ela própria parte instituinte da paisagem. Na tela, seus elementos figurativos e sua sintaxe conferem unidade ao quadro paisagístico.

Nos autores selecionados, as condições ambientais (meio) combinam-se, então, às expressões de seu aproveitamento humano na conformação e representação da região, marcas que testemunhariam os feitos da civilização que progrediu “à sombra dos engenhos e dos canaviais”.⁴¹² Assim, ainda segundo José de Figueiredo Filho, as terras onde as canas mais se desenvolviam eram as dos massapês dos brejos, onde a umidade era constante e as socas duravam mais que as plantadas nos pés de serra, sendo sempre “bem grossas e suculentas”. As nascentes e olhos d’água que brotam dos sopés da Chapada do Araripe asseguravam a irrigação do plantio o ano inteiro, garantindo solo sempre cultivável através da condução da água em levadas abertas pela enxada.⁴¹³

A qualidade do solo, atmosfera, água e situação geográfica em função da presença da chapada são destacados, então, como fatores que favoreceram a implantação da gramínea e como evidência da imagem de terra pródiga, constantemente evocada nas descrições e argumentações históricas acerca da formação do Cariri enquanto região excepcional. Como expressou Eduardo Campos, “vendo-o [canavial] em extensão considerável, como várias vezes o vi em Barbalha ou ao descer a Serra do Araripe, é ter a noção exata de estar presente a um oásis de abençoada messe”.⁴¹⁴ Embora não tenha sido elaborada pelos autores aqui tratados nem por caririense, mas por um sócio correspondente do ICC e colaborador de Itaytera, pode-se considerar, como indicam as fontes trabalhadas, que a proposição acima expressa bem os sentimentos do grupo aqui abordado.

Nos limites da moldura estabelecida pela elite intelectual do ICC em suas narrativas da região, a representação paisagística e identitária do Cariri cearense colocava, então, em relação elementos da natureza – “condições geográficas meta-históricas”⁴¹⁵ - e as marcas impressas pela ação dos homens em seu espaço físico e nos costumes – condições históricas. Dessa forma, os pés-de-serra e brejos, a água, o clima,

⁴¹¹ CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem. Op. cit.*, p.137.

⁴¹² Expressão retirada de: FIGUEIREDO FILHO, José de. *Engenhos de rapadura... Op. cit.*, p.68.

⁴¹³ FIGUEIREDO FILHO, José de. *Engenhos de rapadura... Op. cit.*, p.33-36; PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.57; PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, José de. *Cidade do Crato. Op. cit.*, p.47.

⁴¹⁴ CAMPOS, Eduardo. À margem de um livro. In: *Itaytera, 1970, op. cit.*, p.159.

⁴¹⁵ KOSELLECK, Reinhart. *Espaço e história... Op. cit.*

a chapada, as palmeiras, os pequizeiros, os carros de boi, a bagaceira, as moendas, chaminés e levadas, os burros e bois, as casas de engenho, a cidade e o elemento humano apareciam como elos da paisagem que se inventava. As imagens fotográficas introduzidas ao longo da narrativa participavam também da construção dessas formas de simbolizar e representar o Cariri projetando valores e dando contornos icônicos à sua “identidade geográfica”⁴¹⁶ e cultural, como indicam as Figuras de 1 a 10:

⁴¹⁶ Expressão retirada de SOUZA, José Newton Alves de. Aos concluintes da primeira turma. In: *Cariri, Nordeste... Op. cit.*, p 54. No livro *Engenhos de Rapadura do Cariri* foram reproduzidas 19 fotografias que se misturam com ilustrações de Percy Lau, que não foram aqui destacadas por não representarem aspectos particulares da região. Em *Cidade do Crato* são 22 as imagens fotográficas.

Figura 5

Fonte: FILHO, José de Figueiredo. *Engenhos de rapadura do Cariri. Op. cit.*



Figura 6

Fonte: FILHO, José de Figueiredo. *Engenhos de rapadura do Cariri. Op. cit.*



Figura 7

Fonte: FILHO, José de Figueiredo. *Engenhos de rapadura do Cariri. Op. cit.*



Figura 8

Fonte: PINHEIRO, Irineu; FILHO, José de Figueiredo. *Cidade do Crato. Op. cit.*



Figura 9

Fonte: PINHEIRO, Irineu; FILHO, José de Figueiredo. *Cidade do Crato. Op. cit.*



Figura 10

Fonte: PINHEIRO, Irineu; FILHO, José de Figueiredo. *Cidade do Crato. Op. cit.*



Embora nem sempre haja uma correspondência entre a figura e o texto que, imediatamente, lhe precede ou sucede, indicando a intenção de ilustração e, nesse sentido, sua função de atestar e anuir autenticidade aos marcadores de identificação do que “seria o Cariri propriamente dito”, pode-se considerar que cada uma delas, e em seu conjunto, funciona como uma espécie de síntese da região por conjugar diferentes momentos de sua narrativa, reforçando as formas de ver e dá a ver o Cariri. Em outras palavras, a concepção de paisagem da coletividade ICC: “Cariri, oásis do sertão” e “região dos verdes canaviais”, em que esta constitui coerência àquela. Assim, pode-se considerar que, para além de seu papel original de figuração, as fotografias constituem parte mesma do processo de construção de uma ideia de região.

Retomando o fio da meada, considero que, especialmente com Irineu Pinheiro, José de Figueiredo Filho e Padre Antônio Gomes de Araújo, as percepções sensoriais e dados científicos antes dispersos em textos jornalísticos, literatura, documentos oficiais, discursos políticos, relato de viajantes, relatórios e produções de institutos de pesquisa em relação a aspectos da natureza ganharam tessitura histórica ao serem inseridos em narrativas que articulavam-na a um tempo e espaço determinados. Nessa perspectiva, pode-se considerar que o próprio texto historiográfico funcionou como operação de demarcação. Desse esforço de estabelecer delimitações, prevaleceu o desejo de fixar uma imagem de Cariri-oásis, de colocar sempre sob os olhos do leitor um espaço definido por sua natureza enquanto parte do repertório de origem da região.

Dessa maneira, a percepção da natureza resultou numa concepção do espaço caririense que, por sua vez, resultou na invenção de uma paisagem identitária desse espaço regionalizado em que o ICC assumiu o controle do ordenamento e das qualificações dos elementos que deveriam compor seu quadro paisagístico. Assim, nas narrativas de seu descobrimento, povoamento e formação social operou-se uma representação da região através da historicização de sua identificação com a natureza a partir de duas estratégias: 1- o destaque de aspectos de seu meio físico, utilizando-se do recurso da descrição como forma de apresentar a região ao leitor; 2- o entrelaçamento desses aspectos às marcas visíveis do espaço resultantes de sua apropriação pela ação dos sujeitos – uma “paisagem humana”, na expressão de José Newton Alves de Souza e Martins Filho, ou “paisagem cultural” na de Gilberto Freyre.⁴¹⁷

⁴¹⁷ SOUSA, José Newton Alves de. *Contribuição do Cariri cearense à historiografia... Op. cit.*; MARTINS FILHO, Antônio. O Cariri. In: _____; GIRÃO, Raimundo. *O Ceará. Op. Cit.*; FREYRE, Gilberto. *Nordeste... Op. cit.*

As Figuras reproduzidas, em que, ora enquadram-se aspectos ditos típicos da natureza da região, ora elementos artificiais resultantes de sua transformação pela monocultura da cana-de-açúcar e, ora uma conjunção desses componentes, apontam, da mesma forma que nas narrativas textuais, para a espacialização do tempo e temporalização do espaço, resultando na configuração de uma paisagem em sintonia com o desejo de afirmar uma unidade regional que remontaria a uma tradição cultural e a uma origem através da história:

Em frente daquela *construção secular* [engenho Tupinambá] tive que parar, silenciar e meditar um pouco. *Toquei a devassar o passado* em minha imaginação. Revi o período de cangaceirismo político que dominou o Cariri, em tempos que já se foram. Quantas lutas não se desenrolaram em Barbalha, em Crato, nos brejos e nos pés de serra? Quantos momentos de apreensão não sofreram os habitantes daquele solar com a tempestade a rugir bem perto, exacerbada pelos episódios políticos, rivalidades e ambições? [...] Ao deixar aqueles sítios [Barbalha], *de natureza luxuriante, e aquele casarão senhorial, com seu engenho secular*, mas que está modernizado mais do que muitos outros, *fiquei com a bela paisagem indelevelmente gravada na memória.*⁴¹⁸

A paisagem caririense seria, então, o resultado tanto da percepção visual da natureza, como suas palmeiras, nascentes, sua vegetação sempre verde e a Chapada do Araripe, quanto produto de sua modificação. Ambos articulados estética e historicamente numa continuidade histórica que possibilitava (re)ligar presente e passado, tempo e espaço, indivíduo e coletividade na invenção da “fisionomia particular” do Cariri. Pois, como disse José de Figueiredo Filho, complementando a frase que abre este subitem, “o engenho *não é só* de seu proprietário. Tem alguma coisa que *pertence a todos nós*. O alfenim, a rapadura quente, o caldo de cana *e a beleza estonteante de sua paisagem*”.⁴¹⁹

Dessa forma, se em alguns momentos buscava-se dar corpo às fronteiras da região, listando os nomes dos municípios que comporiam sua unidade territorial, preocupação devedora dos processos de formação dos Estados Nacionais modernos, predominou, no entanto, uma ideia de Cariri que não se prendia a marcos administrativos. Nas obras analisadas, neste capítulo, a uma dimensão física precisa do que seria a região caririense sobrepôs-se uma unidade alicerçada em torno de uma imagem original e coesa da região a partir da combinação entre experiências históricas e

⁴¹⁸ FIGUEIREDO FILHO, José de. *Engenhos de rapadura... Op. cit.*, p.51-53. A formulação é fruto da visita que o autor fez ao engenho Tupinambá, na cidade de Barbalha, a quem ele dedica o capítulo VI de seu livro. Grifos meus.

⁴¹⁹ *Idem*, p.40. Grifos meus.

imagens da natureza aproximando-os, nesse aspecto, do sentido de região como expressão cultural que marcou o regionalismo de Gilberto Freyre.

CAPÍTULO 4

CARIRI CEARENSE: PAISAGEM EDÊNICA E POTENCIALIDADE ECONÔMICA DA NATUREZA

*O vale, sempre fresco e sempre verde, e as fontes de água perene que brotam dos pés de serra são como que a garantia de que o Cariri é um pedaço do paraíso terreal quando o Nordeste inteiro é uma fornalha a crepitar ao contato de um sol abrasador. A configuração geográfica da majestosa Araripe, com a sua linha horizontal dominando a região, é sempre uma esperança de que advirão melhores dias.*⁴²⁰

Caracteriza-se esse Cariri, sobejamente, ainda, por oferecer uma *paisagem paradisíaca* [...], *convidando ao lazer tranquilo do turismo reconfortador.*⁴²¹

Como ressaltado nos capítulos precedentes, o tema da natureza e sua transfiguração em paisagem constituiu-se em importante eixo do programa do ICC na instituição de uma identidade regional. Sua representação como oásis e incorporação à narrativa historiográfica como origem foram duas importantes ações, nesse sentido. Considero que a discussão da natureza enquanto recurso natural a ser explorado e a reedição da ideia de natureza paradisíaca também podem ser tomadas como pontos de recorrência no reordenamento, reforço e marcação da excepcionalidade e singularidade da região em oposição a outros espaços.

Este capítulo divide-se, então, em duas seções. Na primeira, discuto a atualização da ideia de natureza edênica como vetor de representação identitária, enquanto, na segunda, abordo a participação do ICC na discussão sobre o aproveitamento dos recursos naturais como fator de recuperação econômica para a região em que se destacaram as atividades rurais e o turismo. Ambas as situações são tratadas enquanto ações revivificadoras e fixadoras de uma identidade paisagística regional pautadas em aspectos da realidade ambiental.

⁴²⁰ MARTINS FILHO, Antônio. *O Cariri... Op. cit.*, p.102. O autor não alterou ou mesmo suprimiu este parágrafo entre a primeira (1939) e terceira edição (1966) do texto. Grifos meus.

⁴²¹ PINHEIRO, Raimundo Teles. *O Cariri cearense... Op. cit.* Grifos meus.

4.1 – “Dizer que sóis donos do oásis do Ceará é dizer pouco: sóis donos do paraíso”⁴²²

Nas monografias regionais confeccionadas pelos sócios do ICC, como visto, normalmente apresentava-se ao leitor o quadro paisagístico da região, referindo-se, inicialmente, aos dados do ambiente físico para, em seguida, inserindo-os em argumentos históricos, indicar sua condição de agente e testemunha da história. Desta maneira, o uso de marcadores naturais e histórico-culturais tidos como (re)conhecidamente caririenses, tais como o cultivo da cana-de-açúcar, a produção e consumo da rapadura, as palmeiras, os brejos, as levadas, o solo de massapê, o verde da vegetação etc., estabeleciam uma ponte entre passado e presente, operando e fixando legitimidade à sua representação como “oásis do sertão”. Imagem-síntese do que “seria o Cariri propriamente dito”, mas também imagem de uma permanência.

Alguns autores já apontaram como a natureza e sua representação na forma de paisagem constituiu-se em uma das fontes mais férteis da “check-list identitária” elaborada nos processos de formação dos estados nacionais. Poetas, pintores, romancista e historiadores foram alguns dos que à identificaram a uma fisionomia da nação. No Brasil, da literatura romântica ao conhecimento especializado do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro aos ensaios histórico-sociológicos de fins do século XIX e primeira metade do século XX, além das políticas de educação cívica, a natureza tornou-se um dos principais eixos explicativos e ordenadores de uma identidade nacional. Um dos fatores que justificam o sucesso de sua incorporação ao imaginário nacionalista vincula-se, justamente, à imagem de permanência que sobre ela se projeta, tornando-a referência de constância, duração e pertencimento.⁴²³

⁴²² Frase de CAMPOS, Eduardo. Filho do Crato. In: *Itaytera*, 1972, p.180. A publicação refere-se a seu discurso de agradecimento pelo título de cidadania cratense. Como dito, em nota do capítulo anterior, o literato Eduardo Campos era sócio do ICC e considerado filho adotivo do Crato. Citação completa do trecho recortado: “Dizer que sóis donos do oásis do Ceará é dizer pouco: sóis donos do paraíso. Quem percorre o sertão, atravessando a soalheira do verão incandescente, não pode conter a admiração, a inveja – mesmo que não seja sã – de ver vossa paisagem de árvores altaneiras, verdes, plantadas no riscado das levadas que tornam ubérrima a serra, despertando-nos um desejo enorme de ficar, de não mais voltar”.

⁴²³ Cf: BASTOS, Maria Helena Câmara Bastos. Amada pátria idolatrada. Um estudo da obra Porque me ufano de meu país, de Affonso Celso (1900). In: *Educar*, Curitiba, n.20, 2002, p.245-260. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n20/n20a18.pdf>>. Acesso em: 25/07/2017; CHAUI, Marilena. *Brasil. Mito fundador...* Op. cit.; GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Nação e Civilização nos Trópicos...* Op. cit., _____ . GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e Nação...* Op. cit.; MURARI, Luciana. *Natureza e cultura no Brasil...* Op. cit.; NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Cientificismo e sensibilidade romântica...* Op. cit.; OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A conquista do espaço...* Op. cit.; _____ . Natureza e identidade. O caso brasileiro. In: *Diversidade & Desigualdade*, Rio de Janeiro, n.09, 2001, p.123-134. Disponível em: <<http://desigualdadediversidade.soc.puc->

Nesse trajeto, embora a apropriação do mundo natural e seu viés explicativo para o Brasil tenham se diferenciado de acordo com a geração de autores, perspectivas teóricas e circunstâncias políticas e regionais, algumas ideias de natureza e sua representação paisagística contribuíram para promover a unidade territorial e conformar o país enquanto comunidade imaginada. Em seu papel unificador, e ensejado por uma perspectiva ufanista que em maior ou menor grau esteve presente em alguns autores e políticas governamentais, a grandeza da nação Brasil foi estreitamente vinculada à da natureza, resultando em imagens de grande poder simbólico, como a de “gigante pela própria natureza” e de “terra abençoada por Deus”. Nesse aspecto, uma das matrizes geradoras destas representações sobre o Brasil e que perdura fortemente, até hoje, como apontam alguns autores, refere-se à tópica do “paraíso terreal”.

O ponto de vista do Brasil como de natureza paradisíaca foi formulado pelos primeiros europeus que aqui aportaram. A carta de Pero Vaz de Caminha é considerada, nesse sentido, inauguradora da visão edênica sobre as terras recém descobertas por Portugal e foi retomada, ao longo do tempo, como seu mito fundador com ressonância, até os dias de hoje.⁴²⁴ Mesmo sem referência explícita à ideia de Paraíso Terrestre e muito mais atento à descrição da “gente” que aqui habitava do que à sua natureza, ele reuniu em seu documento alguns dos qualificativos edenizadores presentes tanto no texto bíblico quanto em escritos medievais. Assim, em sua descrição da nova terra, informou ao El-Rei ser ela “em tal maneira graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!”. Estas, como disse ele, “são muitas; infinitas”. Caracterizou ainda a nova terra como “de muito bons ares frescos e temperados”, “cheia de grandes arvoredos”, “muito extensa”, “muito chã e muito formosa”.⁴²⁵

rio.br/media/11%20DeD%20%20n.%209%20-%20artigo%206%20-%20LUCIA.pdf. Acesso em: 21/03/2016; THIESSE, Anne-Marie. *Ficções criadoras: as identidades nacionais...* Op. cit.

⁴²⁴ Cf: CARVALHO, José Murilo de. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.13, n.38, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06/11/2017; CHAÚÍ, Marilena. *Brasil. Mito fundador...* Op. cit.; OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Natureza e identidade...* Op. cit.; SILVA, Kelly Cristiane da. Uma análise dos rituais e das ideologias oficiais de comemoração dos “500 anos do Brasil”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.18, n.51, 2003, p.141-194. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092003000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 16.01.2016.

⁴²⁵ Carta de Pero Vaz de Caminha, p.13-14. Disponível em: <<http://docente.ifrn.edu.br/paulomartins/livros-classicos-de-literatura/a-carta-de-pero-vaz-de-caminha-em-pdf>>. Acesso em: 20/06/2016.

O cronista Gandavo, dando continuidade à temática edênica, disse ser a “Província de Santa Cruz” “muito deliciosa e fresca” por ser “revestida de muito alto e espesso arvoredado, regada com águas de muitas e muitas preciosas ribeiras de que abundantemente participa toda a terra, onde permanece sempre a verdura com aquela temperança da primavera [...]”, sendo, portanto, “mui fértil e viçosa”.⁴²⁶ Autores posteriores contribuíram na produção desta imagem mítica inauguradora do Brasil, entre eles Rocha Pita, tido por alguns como o primeiro historiador do Brasil em seu “História da América Portuguesa” publicada em 1730.

Em passagem famosa, Rocha Pita afirmou não haver “outra região” em que o céu seja “mais sereno, nem madrugada mais bela a aurora; o sol em nenhum outro hemisfério tem raios tão dourados, nem os reflexos noturnos tão brilhantes; as estrelas são mais benignas e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros”. Quanto às águas, “ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aquedutos, são as mais puras”. Por essas qualidades, disse ser “enfim *o Brasil Terreal Paraíso descoberto*, onde tem nascimento e curso os maiores rios; domina salutífero clima; influem benignos astros e respiram auras suavíssimas, que o fazem fértil e povoado de inumeráveis habitantes [...]”.⁴²⁷ A obra representa, nas palavras de Murilo de Carvalho, um “modelo da visão do país como natureza” ou, ainda de acordo com o autor, “a formulação clássica de nosso ufanismo edênico, repetido com variações desde a ‘Canção do exílio’ até o hino nacional, passando pelo *Porque me ufano* do conde de Afonso Celso”.⁴²⁸

Nesse percurso, tomando de empréstimo o que nos diz Antônio Candido sobre nossa literatura de meados do século XIX até princípio do século XX, a ideia de pátria vinculou-se, estreitamente, à de natureza gerando o que ele definiu como “contaminação, geralmente eufórica, entre a terra e a pátria – considerando-se que a grandeza da segunda seria uma espécie de desdobramento natural da pujança atribuída à

⁴²⁶ GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil. História da Província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2008, p.58 e 96. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/188899/Tratado%20da%20terra%20do%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 19/12/2017.

⁴²⁷ PITA, Sebastião da Rocha. *História da América Portuguesa desde o anno de mil e quinhentos, do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro*. Lisboa Occidental, Officina de Joseph Antônio da Silva, 1730, p.3. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg1314300/drg1314300.pdf>. Acesso em: 02/01/2018.

⁴²⁸ CARVALHO, José Murilo de. *O motivo edênico... Op. cit.*

primeira”.⁴²⁹ O destaque às “grandiosas condições naturais” do país teria resultado, ainda de acordo com ele, “no mito da ligação causal ‘terra bela-pátria grande’”, espécie de simbologia compensatória face ao atraso social do Brasil e à debilidade de sua cultura em relação aos países desenvolvidos.⁴³⁰

Não obstante a imagem paradisíaca na representação do Brasil ter sofrido seus primeiros reveses ainda no alvorecer da colonização à medida em que se adentrava o território, e mais fortemente em fins do oitocentos com o grupo de letrados conhecido por “geração de 1870”, antirromânticos amparados por princípios positivistas e cientificistas, o motivo edênico atravessou séculos enraizando-se na cultura brasileira, constituindo o que se convencionou chamar de “tradição edênica”, na forma de representar a natureza e de composição da identidade nacional. Persistência que alcançou o tempo presente, embora convivendo com outras visões a seu respeito, indicando sua força na construção de uma tradição paisagística particular ao Brasil.

Entre os letrados do Cariri cearense, a ideia de natureza paradisíaca também fez parte do repertório de composição da identidade regional. A “tópica da visão do paraíso”⁴³¹ como “constitutivo da produção da imagem mítica fundadora do Brasil”⁴³², encontramos, em alguns de seus elementos, nas formas de designar a região pelos membros do ICC. Observou-se, nesse sentido, a ativação de projeções anteriores sobre a natureza do país a partir de um código de convenções literárias e culturais dos motivos edênicos (re)ajustados à realidade ambiental do Cariri.

Em seus esforços de valorização e classificação da região, a imagem de um Cariri-Paraíso Terreal, escala reduzida da de “Brasil-jardim”, nutriu, então, escritos e elogios laudatórios sobre o sul cearense. A persistente força da “tradição edênica” no imaginário social brasileiro, resultando na estreita vinculação entre pátria e natureza de que falou Antônio Cândido⁴³³, foi, então, atualizada de sua dimensão nacional para a regional no Cariri cearense. Nesse aspecto, a associação entre opulência natural e grandeza da região pode ser considerada como um dos efeitos da ressonância dessa representação paisagística que, embora matizada pela literatura regionalista, produção

⁴²⁹ CANDIDO, Antônio. *Literatura e subdesenvolvimento*. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989, p.140-162.

⁴³⁰ *Idem*. Ver também: CHAUI, Marilena. *Brasil. Mito fundador... Op. cit.*; MURARI, Luciana. *Natureza e cultura... Op. cit.*

⁴³¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso... Op. cit.*

⁴³² CHAUI, Marilena. *Brasil. Mito fundador... Op. cit.*, p.63.

⁴³³ CANDIDO, Antônio. *Literatura e subdesenvolvimento. Op. cit.*

científica e “consciência do subdesenvolvimento” do pós-Segunda Guerra Mundial⁴³⁴, alimentava, ainda fortemente, a ideia da natureza como princípio de grandezas.

Dessa forma foi que, por exemplo, os organizadores do livro “Região do Cariri”, confeccionado como um grande painel e com objetivo propagandístico, informaram em sua apresentação ser “o próprio homem desta terra quem fala”:

revelando os aspectos mais significativos de sua história, analisando as suas atividades produtivas, estudando o posicionamento de sua contemporaneidade e olhando otimista para o seu futuro, que será dos mais prósperos, levando-se em conta as amplas opções que a natureza caririense apresenta.⁴³⁵

O destaque às condições naturais como fator singularizador e matriz de representações sobre a região e sentimento de pertencimento, como visto nos capítulos anteriores, inseriu-se numa tradição paisagística que se instituiu desde o oitocentos orientando formas de percepção da natureza e de seu espaço geográfico. O enquadramento de alguns de seus elementos naturais na invenção de uma paisagem particular ao Cariri seguiu, assim, modelos anteriores apreendidos por meio de uma educação do olhar, em grande medida herdada de seus antecessores, que tornava os membros do ICC, como dito antes, testemunhas e doadores do quadro paisagístico que se (re)desenhava.

Assim, o olhar otimista de superação das dificuldades presente e prosperidade futura em função das “amplas opções que a natureza caririense” oferecia, como destacado na citação, pode, então, ser interpretado como traços da repercussão do motivo edênico nas percepções e relações da elite letrada do ICC com o mundo natural. Através de publicações locais que circularam na região, na segunda metade do século XIX, é possível identificar, em maior ou menor grau, aproximações nesse sentido. Em suas “preliminares da história do Cariri”, divulgada, inicialmente, no jornal Araripe, no ano de 1859 e posteriormente no livro intitulado “Apontamentos para a História do Cariri” (1888), seu autor assim se referiu aos índios e à terra antes da chegada dos portugueses:

⁴³⁴ CANDIDO, Antônio. *Literatura e subdesenvolvimento*. Op. cit.; CARVALHO, José Murilo de. *O motivo edênico...* Op. cit.; CHAUÍ, Marilena. *Brasil. Mito fundador...* Op. cit.; OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Natureza e identidade...* Op. cit.; DAMATTA, Roberto. Em torno da representação de natureza no Brasil: pensamentos, fantasias e divagações. In: *Conta de mentiroso. Sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, 2ª ed., p.91-123.

⁴³⁵ NORÕES, Edilmar; NASCIMENTO, F. S.; SAMPAIO, Dorian. *Região do Cariri*. Op. cit., p.3. Grifos meus.

Os Cariris eram uma nação em extremo belicosa, como quase todas as outras que povoavam o Brasil. Vivendo à margem de *belos regatos*, desfrutando um *clima temperado*, dispoindo de *inumeráveis frutos silvestres* que lhes forneciam um alimento rude, mas abundante, *tinham amor ao seu paraíso* e lutavam de contínuo contra outras hordas que o queriam roubar.⁴³⁶

O autor não apenas reúne em suas preliminares sobre a história da região alguns dos elementos que faziam parte do imaginário instituidor de uma natureza paradisíaca, como enquadra-os, nessa perspectiva, ao nomear textualmente a terra ocupada pelos índios Cariris de “paraíso”. Tal identificação encontrava legitimidade no destaque à presença abundante de água, frutos silvestres e no clima temperado, propriedades presentes nas tradicionais descrições do paraíso terrestre. Observa-se, ainda, em função da abundância da terra, a ideia de ociosidade de seus primitivos habitantes por conta dos “inumeráveis frutos silvestres” fornecidos pela natureza.

Esta mesma sugestão paradisíaca do Cariri anterior à sua “descoberta” e ocupação em fins do século XVII e início do século XVIII, encontramos em escritos posteriores, reanimando esta representação edenizadora da região. Se voltarmos à epígrafe que abre o terceiro capítulo deste trabalho, além das águas e frutos silvestres há referência a uma “luxuriante vegetação” e riqueza de caça e mel. O que teria deixado, de acordo com Irineu Pinheiro, seus primeiros povoadores pasmos ante a “imponência” e “beleza da região”. Os mesmos que, segundo José de Figueiredo Filho, “depararam-se com as *paragens paradisíacas* onde campeava livremente o *indômito índio Cariri*”.⁴³⁷

Os sentimentos de admiração e surpresa atribuídos aos primeiros colonizadores teriam sido idênticos aos experimentados pelos índios ao chegarem à região após percorrerem, séculos antes, o mesmo “caminho natural” que aqueles, ou seja, margeando o rio São Francisco. Estabelecidos, e em função da riqueza proporcionada pela natureza, desenvolveram, como afirmou João Brígido, em citação feita na página anterior, “amor ao seu paraíso” – por isso, sempre prontos a defendê-lo.⁴³⁸ Em discurso

⁴³⁶ BRÍGIDO, João. Apontamentos para a História do Cariri. In: *O Araripe*, 19/02/1859, Ano IV, n.177, p.3. Grifos meus. Antes de enfeixado em livro, e como dito em outra nota, os capítulos também foram publicados no Diário de Pernambuco de Recife, no ano de 1861, conforme informou o próprio autor. A obra, já referida neste trabalho, preserva o mesmo título que na publicação dos periódicos. No livro, a citação recortada do jornal *O Araripe* encontra-se à página 5.

⁴³⁷ PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, José de. *Cidade do Crato*. *Op. cit.*, p.29 e p.55 - respectivamente. Grifos meus.

⁴³⁸ BRÍGIDO, João. *Apontamentos para a História do Cariri... Op. cit.* Com pequenas variações em relação à João Brígido, mas mantendo os mesmos elementos identificadores do paraíso terrestre, Martins Filho nos conta que: “Por ser a região de excepcional importância, resultante da existência de *rios e fontes perenes, da feracidade do solo, da abundância de caças e frutos silvestres*, os Cariris lutavam desesperadamente para que tão precioso tesouro não caísse nas mãos dos inimigos.” MARTINS FILHO, Antônio. *O Cariri*. *Op. cit.*, p.101 (edição de 1966); p.240-241 (edição de 1939).

pronunciado no encerramento das comemorações do bicentenário do município do Crato, em junho de 1964⁴³⁹, José de Figueiredo Filho explicava ao seu público ouvinte que:

*Rudes, como todos eram, porém humanos como nós, extasiaram com a região dadivosa e aqui se fixaram. Aldearam-se em derredor dos brejos e dos córregos saltitantes. Para completar o que a natureza lhes oferecia de sua fauna e flora, passaram a enterrar caroços de milho, feijão, manivas de mandioca, que se centuplicavam como por encanto.*⁴⁴⁰

Dessa maneira, como já havia dito no primeiro volume de sua História do Cariri, lançado em fevereiro do mesmo ano, antes da chegada dos primeiros grupos de “homens brancos e mestiços” no Cariri:

*tudo concorria à vida fácil e primitiva, com a natureza a fornecer, em abundância, a macaúba, babaçu, piqui, araçá e outras frutas silvestres, além da caça farta das matas, tudo isso nessa espécie de paraíso terreal, com dezenas e dezenas de córregos, riachos e extensos brejos.*⁴⁴¹

Esse cenário de fertilidade foi, então, cobiçado por esses grupos não indígenas que alcançavam a região:

*Veio depois o conquistador de fora, munido de novas técnicas que a civilização lhe dera. Cresceu logo as vistas para aquela riqueza, no meio de verdadeiro Éden. Áspera foi a sua caminhada pelos sertões bravios. [...] Entre o recém-chegado, aventureiro, afeito a domar tudo e a indiada feroz, dos mais bravos gentios do Brasil, com certeza haveria de surgir o entrechoque inevitável. No Vale Caririense foi o Capuchinho, herdeiro da caridade do Pobrezinho de Assis, que se constituiu no para-choque de embates de raças pela posse desse Paraíso Terreal.*⁴⁴²

Essa visão edênica não fazia parte dos códigos culturais de percepção e relação com a natureza dos índios, obviamente. A forma simbólica de classificação da região

⁴³⁹ As comemorações se referiam à data de instalação do município com a denominação de Vila Real do Crato, que se deu em 21/06/1764. Em 17 de outubro de 1853, como já visto, Crato foi elevado da condição de vila à cidade. Na cerimônia do bicentenário, esteve presente o então presidente da república Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e sua comitiva. Vale ressaltar, embora não faça parte das preocupações desta tese, que a ditadura militar encontrou muitos simpatizantes entre a elite cratense. Alguns dos sócios do ICC, inclusive, foram militares. Para discussão sobre esse período da história do Brasil na região do Cariri consultar: QUEIROZ, Fábio José Cavalcanti de. *Padres, coronéis e ativistas sociais. O Cariri à época da usurpação militarista 1964-1985*. Fortaleza: UFC, Tese de Doutorado em Ciências Sociais, 2010.

⁴⁴⁰ O discurso foi publicado no ano de 1966, no *Cadernos do Cariri*, coleção produzida pela Faculdade de Filosofia do Crato com o título “No bicentenário do município do Crato”. A citação encontra-se na página 36 da referida publicação. Grifos meus.

⁴⁴¹ FILHO FIGUEIREDO, José de. *História do Cariri... Op. cit.*, v.1, p.8. Grifos meus.

⁴⁴² FILHO FIGUEIREDO, José de. *No bicentenário do município do Crato. Op. cit.*, p.34-35. Grifos meus.

como paraíso terreal, dessa maneira, resultava da interiorização e apropriação de um modelo cultural herdado que esteve na base de formulação da própria identidade nacional – com importante função política-ideológica. Por esse motivo, talvez seja possível pensar a transferência cultural de subjetividades e atributos edenizadores na representação da natureza caririense para os índios, presentes tanto em João Brígido quanto em José de Figueiredo Filho e repetida em diferentes narrativas e suportes de divulgação por outros intelectuais do ICC, como estratégia legitimadora de tal quadro paisagístico por sugerir uma universalidade nas formas de apreensão do ambiente natural.

Além da percepção atribuída a índios e conquistadores da natureza como paradisíaca, outro aspecto que somado a este sugere legitimação de tal perspectiva é a localização da chegada dos “primitivos habitantes da selva” em “tempos imemoriais” ou em “séculos pretéritos”. Fato que atestaria o paraíso que sempre foi o Cariri, como demonstraria o êxtase experimentado pelos índios ao darem vistas com “a região dadivosa”, após percorrerem “sertões inóspitos”, pois que “o aspecto da natureza das regiões tipicamente nordestinas do polígono [das secas] foi sempre o mesmo, como nos atestam a história e pré-história”.⁴⁴³

O destaque a elementos do ambiente natural do Cariri como signos paradisíacos indica uma atualização, portanto, do edenismo que alimentou “convenções representativas”⁴⁴⁴ e conduziu o olhar acerca do Brasil de seus primeiros cronistas aos participantes do movimento romântico, atravessando o século XX com significativa vitalidade. Note-se, nas citações acima, o relevo conferido a certas propriedades inteligíveis ao reconhecimento das imagens de uma natureza associada ao paraíso terrestre: fertilidade do solo, amenidade do clima, abundância de água, frutos silvestres e de caça indicando a dadivosidade das terras - o que liberava os índios do trabalho árduo. À estas qualidades acrescentava-se a imagem de uma vegetação luxuriante e sempre verde.

Alguns desses atributos edenizadores foram também mobilizados na representação do Cariri como oásis, imagem menos devedora do mito bíblico da criação

⁴⁴³ FILHO FIGUEIREDO, José de. *No bicentenário do município do Crato. Op. cit.*, p.35.

⁴⁴⁴ Expressão tomada de empréstimo a BAPTISTA, Ana Paola P. O olhar renascentista sobre a paisagem simbólica: uma anunciação à Virgem Maria de Sandro Botticelli. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti Salgueiro. *Paisagem e arte. A invenção da natureza, a evolução do olhar*. São Paulo: CBH, CNPq, FAPESP, 2000, p.77-84.

e dos escritos medievais das chamadas Ilhas Afortunadas ou Ilhas Bem-aventuradas.⁴⁴⁵ Em ambos os casos, entretanto, se cruzavam no cumprimento da função de definição do que seria o “Cariri propriamente dito” ou, retomando mais uma vez as palavras de um dos membros do ICC, sua “identidade geográfica”.⁴⁴⁶

Se compararmos as citações referentes ao Cariri com as de Pero Vaz de Caminha, Gandavo e Rocha Pita, feitas no início deste capítulo sobre a terra brasílica, identificamos sem dificuldade a recorrência aos mesmos enunciados evocados no processo de constituição de uma paisagem edênica para o Brasil. A partir de elementos secularmente tomados como identificadores de uma natureza paradisíaca, e com pequenas variações estilísticas, as metáforas representacionais sobre a excelência das águas, da fauna e flora, do clima e solo também compuseram as narrativas sobre a região, permitindo pensar, dessa maneira, na invenção de uma tradição edênica também para o Cariri - alimentando, por sua vez, a instituição de uma “tradição paisagística particular” à região que, como qualquer outra, fora construída a partir de um inventário de mitos, lembranças, convenções e exaustivas repetições.⁴⁴⁷

Nesse aspecto, e da mesma forma que em relação ao Brasil, a edenização da natureza participou do processo de constituição da identidade regional. Se, como visto no capítulo anterior, buscou-se construir uma origem histórica para o sul cearense a partir da ocupação do espaço e das relações estabelecidas com o meio natural pelos primeiros grupos de povoadores, promotores da civilização na região, o vínculo com o passado como origem também foi realizado fora do tempo. Ou seja, a partir da projeção mítica de uma natureza transcendente à história⁴⁴⁸ no imaginário social que foi sendo atualizada ao longo dos séculos XIX e XX pelos letrados da região.

A grande fecundidade da terra, anterior ao esforço humano para fazê-la produzir, foi considerada, assim, uma dádiva de Deus. O que fazia com que tudo concorresse à “vida fácil e primitiva”, de acordo com José de Figueiredo Filho referindo-se à presença indígena antes da chegada dos conquistadores.⁴⁴⁹ Em projeto apresentado pelo senador

⁴⁴⁵ CHAÚÍ, Marilena. *Brasil. Mito fundador... Op. cit.*; HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso... Op. cit.*

⁴⁴⁶ SOUZA, José Newton Alves de. Aos concluintes da primeira turma. In: *Cariri, Nordeste... Op. cit.*, p. 54.

⁴⁴⁷ COUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem. Op. cit.*; SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória. Op. cit.*

⁴⁴⁸ ARAÚJO, Hermetes Reis de. Da mecânica ao motor. A ideia de natureza no Brasil no final do século XIX. In: *Projeto História*, São Paulo, n.23, nov. 2001, p.151-167; CHAÚÍ, Marilena. *Brasil. Mito fundador... Op. cit.*; HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso... Op. cit.*

⁴⁴⁹ FILHO FIGUEIREDO, José de. *História do Cariri... Op. cit.*, v.1, p.8.

José Martiniano de Alencar ao Senado do Império, no ano de 1839, propondo a criação da Província do Cariri Novo, os argumentos utilizados com vistas à sua aprovação destacou da seguinte forma as características ambientais da região para demonstrar a viabilidade de seu progresso econômico:

*O Cariri, esse país ameno e belo que, colocado no centro dos sertões secos da Província do Norte, podia-se muito bem chamar um paraíso terreal pela fertilidade de seu solo, pela imensidade de regatos perenes de que é banhado, fica quase formando o ponto central dos territórios que vão formar a nova Província; e a vila do Crato, que se destina para a capital, fica no centro do Cariri. Só este país é povoado por mais de quarenta mil almas, e quase tudo gente livre, tem uma comarca, cinco freguesias e duas vilas; é ali que todos esses sertões, que ficam formando a nova Província, vão buscar os gêneros de primeira necessidade de que muito abunda, ao mesmo tempo que os sertões circunvizinhos só são próprios para a criação dos gados [...].*⁴⁵⁰

Note-se, na primeira frase da citação, que o particípio passado do verbo ‘colocar’, associado à imagem de paraíso terreal como atribuição de sentido a toda a beleza e excelência ambiental da região, insinua a ideia de sua existência e localização como fruto da ação divina. Décadas mais tarde, nas páginas do jornal O Araripe e no livro “Apontamentos para a história do Cariri”, encontramos registros que, com maior ou menor grau descritivo propagava esta imagem edênica, indicando o caráter longo e compartilhado de tal construção representacional. No primeiro número do jornal O Araripe, por exemplo, os motivos apontados para a ascendente importância e influência da região sobre as terras vizinhas estavam em sua fertilidade, posição geográfica e, “mais que tudo”, em suas “águas nativas e perenes *que a providência criou* para abrigo dos sertões por ocasião das secas”.⁴⁵¹ Anos depois, em artigo sobre divisão territorial e defesa pela criação da Província do Cariri que relembra, inclusive, o projeto do senador José Martiniano de Alencar, lemos semelhante afirmativa:

*[...] Sua posição no meio dos sertões desabrigados, tanta fertilidade e belezas naturais: essas águas que destilam perenes e que, parece, nos foram dadas como uma providência contra os horrores das secas, dão ao Cariri uma influência sempre crescente sobre os territórios que lhe ficam cem léguas em redor.*⁴⁵²

⁴⁵⁰ O documento encontra-se nos *Annaes do Senado do Império do Brazil. Segunda Sessão da Primeira Legislatura de 29 de Julho a 06 de Setembro de 1839*. Rio de Janeiro, 1913, Tomo Terceiro, p.204-207. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/Anais_Imperio/1839/1839%20Livro%203.pdf>.

Acesso em: 12/09/2017. Grifos meus. Como visto no primeiro capítulo, o desejo de criação da referida província externava as queixas de abandono da região por parte dos governos provinciais.

⁴⁵¹ A Província do Cariri. In: *O Araripe*, 14 de julho de 1855, p.2. Grifos meus.

⁴⁵² Divisão territorial. In: *O Araripe*, 26 de junho de 1858, p.2. Grifos meus.

Percebe-se, portanto, a recorrência à ideia de que a mão divina proveu a região de todas as suas qualidades naturais. Sua existência e fertilidade, nesse aspecto, seriam obra da vontade e bondade de Deus. Perspectiva que mais tarde alimentaria, da mesma forma que na tradição edênica que se instituiu em relação ao Brasil, a imagem de “terra abençoada por Deus”. O poeta cratense José Carvalho, por exemplo, que teve seus sentimentos em relação à Chapada do Araripe publicados em 1919, em periódico local e transcrito para o primeiro número de Itaytera, em sua ausência da região, rememorou e definiu o altiplano como:

Serra azul do Crato, Araripe imortal, eu de ti me lembro com saudade e, de longe, embora, te saúdo e proclamo *bendita*.
Bendita, sim! Porque abres os teus seios fecundos, desabrochados em fontes de águas cristalinas e perenes que descem cantando entre os seixos das ravinas e vão regar e fecundar as terras abençoadas dos teus pendores. [...].
E que Deus – a Providência Suprema – te conserve sempre fecunda, não permitindo, jamais, - oh! Nunca – que se tornem estéreis as tuas *entranhas abençoadas*, fazendo estancar as águas de tuas fontes benfazejas!⁴⁵³

O longo poema em prosa de José de Carvalho, cujo trecho acima é apenas uma pequena parte, foi apresentado em Itaytera como “Páginas escolhidas de um escritor cratense”. A escolha, claro, não foi por acaso. Além do capital simbólico que seu autor representava como intelectual cratense e da região, a reprodução de seu saudosismo serviu ao propósito de marcar a diferença da região a partir de sua singularidade natural. Em se tratando da primeira edição do periódico, cuja explicação do significado de seu nome, como visto no capítulo 2, reuniu formas-objeto e metáforas da natureza, é plausível considerar que o escrito de Carvalho, somado a alguns poemas presentes no mesmo número que destacavam aspectos da natureza, exerceu função estratégica no esforço de particularizar e dar visibilidade à região a partir da “pujança da natureza caririense”, cujo rio Itaytera, como explicado pelo então presidente do ICC, seria seu símbolo.

As composições em verso publicadas nas páginas do periódico, não raro, traziam a mesma reunião de elementos naturais - águas cristalinas, o verde da vegetação, a amenidade do clima, a terra fértil e, em algumas delas, o canto dos pássaros - ,

⁴⁵³ CARVALHO, José. Ao Araripe. In: *Itaytera*, 1955, p.97-99. Grifos meus. José Carvalho Brito nasceu no Crato em 1872 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1933, tendo se destacado literariamente como poeta, folclorista e historiador. Foi um dos membros da Padaria Espiritual, agremiação literária fundada em fins do século XIX em Fortaleza. Entre suas publicações estão “Perfis sertanejos”, “O matuto cearense e o caboclo do Pará” e “A primeira insurreição acreana”. Do Instituto Cultural do Cariri recebeu a homenagem de ter seu nome como patrono de uma de suas cadeiras. Cf: BORGES, Raimundo de Oliveira. *O Crato intelectual... Op. cit.*, p.22.

ordenados numa visão edênica da natureza para se referir à região como um todo ou a alguma de suas partes. Lígia Aires de Alencar, por exemplo, em poesia dedicada à cidade de Jardim, realçou:

“[...] Vê que a paisagem viva e graciosa/*De verde-negro e claro matizada/Nas manhãs estivais, esplendorosa [...]/O artista supremo ao esboçá-la/Com desvelo esmerou-se por torná-la/Dentre todas, prendada, mais e mais/ Deu-lhe prados e matas e colinas/Deu-lhe fontes de águas cristalinas/Deu cor mais bela aos seus canaviais*”.⁴⁵⁴

A poesia de Maria Arnaldina de Alencar, escrita no ano de 1900, após sua mudança do Sítio Bebida Nova, localizado em um dos sopés da Chapada do Araripe, para a cidade pernambucana de Exu, enquadrava esses mesmos atributos na representação da natureza caririense como paradisíaca:

Eu tenho imensa saudade
De todo o meu Cariri
Das serras, montes e vales
Onde canta a juriti
Das belas inspirações
Que sempre senti ali
Quantas vezes delirante
Procuro e não acho aqui

Tenho saudade do rio
De seu murmúrio queixoso
*Das águas limpas e puras
Como cristal primoroso
Fertilizando o solo
De um manto luxuoso
Vegetação encantada* que torna um povo ditoso

*Da brisa entre os coqueiros
Provocando a poesia
Murmura quanta beleza
Junto a doce harmonia
Trinada pelo canário ao primeiro albor do dia
Que saudade sinto agora
Dessas horas de alegria*

Saudade da Bebida Nova
De tão lindo palmeiral!
*Do ar da brisa da tarde
Do banheiro do quintal
Do jardim bem cultivado
Por meio de fada mortal
Tanta beleza parece*

⁴⁵⁴ ALENCAR, Lígia Aires de. Jardim. In: *Itaytera*, 1978, p.130. Grifos meus.

Esta e as demais poesias e poemas reproduzidos em Itaytera não apenas atendiam aos objetivos dos intelectuais do ICC, ou seja, o de incentivo e divulgação das artes, como previsto em seus estatutos, como contribuía para a regulação e circulação de uma representação identitária e intrinsecamente relacionada às condições do meio ambiente como atributo divino - alimentando e suscitando “sentimentos quentes”⁴⁵⁶ de pertencimento. As citações acima, como pode ser observado, se não identificam diretamente o Cariri ao paraíso terreal, a ele se referem como criação do “artista supremo” e/ou região abençoada por sua “natureza privilegiada”.

Assim, se o Cariri seria um presente da Chapada do Araripe, como disse Irineu Pinheiro⁴⁵⁷, ele era antes de tudo uma dádiva de Deus por sua “natural abundância” – na expressão de José de Figueiredo Filho⁴⁵⁸ -, sendo, por este motivo, “patrimônio que Deus lhe concedeu [ao homem caririense] com carinho preciso”.⁴⁵⁹ Convicção compartilhada por seu colega Lindemberg de Aquino, que encerrou artigo impresso no jornal *A Ação* de 1969, afirmando ser a “serra do Araripe”, como comumente também se denominava o altiplano, “o motivo maior do nosso entranhado amor a esse trecho da natureza, tão característico e invulgar no interior do Brasil, que Deus, na sua infinita bondade, jogou no Cariri um rico presente embrulhado em papel celofane.”⁴⁶⁰

Percebe-se em algumas das citações até aqui transcritas, e como desdobramento da crença de que o Cariri seria uma oferta de Deus, a sugestão de que se Ele, na sua “infinita bondade”, o proveu de tantas excelências, não o teria feito sem um propósito. Tal entendimento operava, alimentado pela tradição edênica que se instituiu no Brasil, tanto uma realização mítica do passado caririense, originário de uma natureza transcendente à história, quanto a certeza da predestinação da região ao progresso. Dessa maneira, e semelhantemente ao que acreditava Pero Vaz de Caminha de que “Nosso Senhor não nos trouxe aqui sem causa”⁴⁶¹, compreensível seria, porque verosímil na lógica do imaginário edênico, que a existência de uma natureza exuberante

⁴⁵⁵ ALENCAR, Maria Arnaldina de. Saudades do Cariri. In: *Itaytera*, 1959, p.195-197. Grifos meus. A composição também foi transcrita para o livro *O Folclore no Cariri* (1962, p.66-67), de José de Figueiredo Filho.

⁴⁵⁶ CATROGA, Fernando. *Pátria, nação... Op. cit.*

⁴⁵⁷ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.21.

⁴⁵⁸ FILHO FIGUEIREDO, José de. 1ª Exposição Agro-pecuária. In: *A Ação*, 22/07/1972, p.6. O artigo foi publicado, inicialmente, em 05/12/1944, no mesmo periódico.

⁴⁵⁹ *Idem.*

⁴⁶⁰ AQUINO, J. Lindemberg de. Serra do Araripe II. In: *A Ação*, 18/01/1969, p.6. Grifos meus.

⁴⁶¹ *Carta de Pero Vaz de Caminha... Op. cit.*, p.12.

e fértil no meio do “sertão adusto” só poderia ter sido criada por Deus por algum motivo: o de ser “refrigério” dos sertões por ocasião da seca e celeiro do Ceará.

A fertilidade do Cariri em função de seus “regatos perenes” e sua localização estratégica, pois que “colocado no centro dos sertões secos” ou “dos sertões desabrigados”, alimentou longamente sua imagem de celeiro e, conseqüentemente, de “vocação agrária”. Ponto de vista que serviu, inclusive, de argumento nas discussões travadas entre pecuaristas e agricultores, na segunda metade do século XIX. Dessa forma, foi que, em artigo publicado no jornal O Araripe, alegou-se que a “Providência, que tudo criou”, destinou para o manejo do gado alguns dos “sertões” da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Pernambuco:

[...] *Tendo, igualmente criado, no centro destes sertões, como coração deste grande corpo, dando vida e alimentação a todas as suas partes, o Cariri, coberto de montanhas e vales, duma vegetação prodigiosa, intercortado de ribeiros e regatos perenes que levam a frescura e amenidade aonde o calor queima as plantas, não tinha também precisão de dizer-nos: ‘plantai aqui as vossas lavouras, fazei delas a fonte de vossas riquezas; permutai seus produtos com vossos vizinhos, e mais favorecidos do que eles, socorrei-os nos tempos que me aprouver castigar-vos com secas; estabelecendo assim uma íntima reciprocidade de relações e fraternidade, que é o que me apraz’. Vê-se, pois, que a Providência, negando a este terreno o que prodigalizou àqueles, não quis que se confundissem os dois ramos de indústria agrícola.*⁴⁶²

Embora matizada com o passar do tempo em função do progresso técnico-científico, do aumento populacional que demandava cada vez mais alimentos, da erosão por conta da derrubada da floresta e esgotamento do solo por técnicas agrícolas tradicionais, como as queimadas, a evocação de uma fecundidade divina da terra e sua destinação a ser celeiro das regiões circunvizinhas não foi de todo abandonada pela elite intelectual do ICC, subsistindo entre argumentos econômicos, estatísticos e históricos sobre as potencialidades da região e em descrições ufanistas acerca do que seria “o Cariri propriamente dito” - como indicam as citações feitas páginas atrás de José de Figueiredo Filho e Lindemberg de Aquino quando se referiram à natureza caririense como “patrimônio” e “rico presente” de Deus, e as considerações de Martins Filho ao afirmar que “após a proclamação da República, o *Cariri tem sido entregue ao seu próprio destino* – abastecer várias populações, nos tempos de fartura, ou amparar milhares de flagelados, nos anos tormentosos de calamidade climática”.⁴⁶³

⁴⁶² *O Araripe*, 17/11/1855, p.13. Sem autoria. Grifos meus.

⁴⁶³ FILHO FIGUEIREDO, José de. 1ª Exposição Agro-pecuária... *Op. cit.*; AQUINO, J. Lindemberg de. Serra do Araripe II... *Op. cit.* MARTINS FILHO, Antônio. *O Cariri... Op. cit.*, p.103. Grifos meus.

Enquanto dádiva de Deus e, portanto, terra abençoada, o horizonte que se vislumbrava para a região era, então, de prosperidade. Driblados alguns dos problemas que estagnavam seu progresso por culpa dos homens, cumpriria, assim, seu destino de ser sempre celeiro dos sertões. Perspectiva que não diferia, em suas linhas principais, de formulação elaborada por Afonso Celso, que inserido numa “cadeia ininterrupta de tradição edênica”⁴⁶⁴ em relação ao Brasil, escreveu haver “uma lógica imanente: de tantas premissas de grandeza só sairá grandiosa conclusão. Confiemos em nós próprios, confiemos no porvir, confiemos, sobretudo, em Deus que não nos outorgaria dádivas tão preciosas para que as desperdiçássemos tão esterilmente”. Pois se Ele “aquinhoou o Brasil de modo especialmente magnânimo, é porque lhe reserva alevantados destinos.”⁴⁶⁵

Crença que estaria na origem, como dito no início desta seção, do que Antônio Candido conceituou, pensando em termos de Brasil-nação, de “mito da ligação causal ‘terra bela-pátria grande’”⁴⁶⁶, associação realizada entre fins do século XIX e princípio do século XX e que, pelo exposto até aqui, ecoou entre a elite letrada do sul cearense. Embora sofrendo atenuações ao longo do tempo, a vinculação terra/natureza-pátria grande permitia, ainda, elaborar e sustentar, nesse sentido, a ideia de que o futuro do Cariri seria “dos mais prósperos”, como disseram os organizadores do livro *Região do Cariri*, cujo trecho foi transcrito páginas acima, ao se considerar “as amplas opções que a natureza caririense apresenta”.⁴⁶⁷

Embora seja possível identificar traços de uma “visão do paraíso” na instituição de uma identidade paisagística e mesmo geográfica do Cariri, no âmbito do ICC, é necessário ressaltar, como indicado em alguns momentos, que as formas de uma natureza paradisíaca chegaram matizadas às narrativas de seus associados sobre a região. Atenuações que se processaram ao longo da colonização brasileira com o desenvolvimento científico-intelectual que se acentuou e foi ampliado, especialmente, a partir da segunda metade do século XIX. Dessa forma, por exemplo, é que se a região, com sua natureza prodigiosa, era uma doação divina, para fazê-la progredir, no entanto, seria necessário o esforço humano.

Convém ressaltar que Martins Filho manteve o mesmo ponto de vista entre a primeira (1939) e terceira edição do texto (1966).

⁴⁶⁴ CARVALHO, José Murilo de. *O motivo edênico... Op. cit.*

⁴⁶⁵ CELSO, Afonso. *Porque me ufano do meu país*. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/ufano.html>>, p 199. Acesso em: 15/05/2018.

⁴⁶⁶ CANDIDO, Antônio. *Literatura e subdesenvolvimento... Op. cit.*

⁴⁶⁷ NORÕES, Edilmar; NASCIMENTO, F. S.; SAMPAIO, Dorian. *Região do Cariri. Op. cit.*, p.3.

Nas narrativas históricas, e mesmo sociológicas produzidas pelos principais intelectuais do ICC, a transformação da natureza com a derrubada da floresta para a cultura agrícola constituiu-se em um dos pilares da implantação da civilização e do progresso no Cariri. Perspectiva que orientou outras formas de representação, análise e suporte de divulgação sobre o Cariri, durante o período aqui abordado. Suas potencialidades paradisíacas, portanto, revertiam-se em benefício do trabalho humano, não diferentemente do que avaliou Pero Vaz de Caminha em relação às terras brasílicas, como citado no início desta seção, ao comunicar ao rei de Portugal que “querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem”.⁴⁶⁸

Reelaborada por outros cronistas ao longo de séculos, reencontramos esta mesma imagem de fertilidade e potencial produtivo transposta para o Cariri orientando o olhar de sua elite letrada e funcionando como marco diferenciador da região em relação às terras circundantes. Inserido na tradição edênica que guiava e alimentava as atribuições de sentido à natureza e uma representação geográfica-paisagística para o Cariri, Irineu Pinheiro registrou em suas efemérides, destoando, inclusive, do conjunto de acontecimentos político-administrativos selecionados, o envio de ofício ao presidente do Ceará pelo padre Rolim, em 1868, solicitando sementes de trigo para plantio em seu sítio. O documento, como que para atestar a uberdade do solo e suas possibilidades econômicas, foi transcrito na íntegra. Em sua justificativa, o eclesiástico escreveu que:

Este maravilhoso Cariri, atravessado de noroeste a sueste por uma ramificação da grande serra que aqui tem o nome de Araripe, é em muitas partes regado por águas cristalinas que, em torrentes mais ou menos abundantes, arrebentam de fundos vales nas encostas da serra e formam arroios, donde os habitantes industriosamente extraem córregos, ou levadas de água, para as suas lavouras durante a seca. As faldas da serra constando de terra ora arenosas, ora argilosas e sempre boas para toda sorte de vegetação, têm a vantagem de poder ser favorecidas d'água na estação seca; e é para lamentar que tais terras não estejam cobertas de videiras, árvore de pão, oliveiras, figueiras, árvores de leite, chá da índia, cacau, tâmara, sagu, as quais aqui se alimentam mui bem, como tem sucedido às outras árvores exóticas que aqui vemos e que vegetam tão bem como as indígenas do Cariri. [...] O solo produz bem toda a qualidade de cereais que aqui se têm plantado.⁴⁶⁹

Embora não tenha classificado textualmente a região como paraíso terreal, o sacerdote insinuou a analogia ao utilizar de alguns marcadores identificadores de tal representação da natureza, especialmente, como se lê, a abundância de águas cristalinas

⁴⁶⁸ Carta de Pero Vaz de Caminha... Op. cit., p.14.

⁴⁶⁹ PINHEIRO, Irineu. Efemérides... Op. cit., p.155 e 426. Grifos meus.

e a feracidade do solo. Mas frisou, por outro lado, a necessidade de sua transformação pela atividade humana como forma de gerenciar sua capacidade produtiva, lembrando o fisiocratismo que caracterizou o Brasil, naquele período.⁴⁷⁰ Em sua lamentação pelas terras não estarem cobertas de diversas árvores frutíferas e outros gêneros de cereais, deixou implícito o desinteresse dos fazendeiros ao afirmar que “decerto a indústria europeia teria melhorado muito bem uma tal terra, onde ao tempo da seca correm regatos de boa água em tal abundância que chegam para regar extensas campinas”.⁴⁷¹ Apesar de a iniciativa do padre Rolim não ter sido exitosa, Irineu Pinheiro, assumindo a posição de testemunha da potência das condições naturais da região, capaz de desenvolver várias espécies de plantas, disse ter visto no início do século XX tamareiras e figueiras no Crato, além de citar a plantação de parreiras de uva – “iguais às melhores da Europa” - ao tempo em que escrevia seu livro.⁴⁷²

A mesma ideia de uma terra que tudo produz com trabalho humano, dessa vez com citação textual a Pero Vaz de Caminha, foi impressa por padre Antônio Gomes de Araújo ao brasão do Crato (Figura 1) pela simbologia do sol - que além de representar o “sentimento de liberdade” também significaria a fecundidade da terra “em que *‘plantando tudo dá’*” -, e do verde - que faz referência à “paisagem que emoldura a cidade” e à “*fertilidade do nosso solo, enriquecido pelo trabalho com o mourejar constante do homem do campo, em arrancar da terra benfazeja a riqueza que extravasa para outros municípios e estados do país*”.⁴⁷³

Longe se vai, portanto, aquele paraíso descrito por João Brígido e José de Figueiredo Filho, como citados páginas acima, anterior ao povoamento e civilização da

⁴⁷⁰ ARAÚJO, Hermetes Reis de. *Da mecânica ao motor: a ideia de natureza...* Op. cit.

⁴⁷¹ PINHEIRO, Irineu. *Efemérides...* Op. cit., p.426.

⁴⁷² *Idem*, p.427 e 428. Além do trigo, o padre Rolim solicitou também sementes ou pés de uva e de oliveira e um moinho inglês. Desejava ele, segundo o que expôs ao Presidente da Província, induzir os fazendeiros ao cultivo de tais gêneros de planta – especialmente o trigo. O desinteresse dos fazendeiros em dedicar-se ao cultivo destas ou outras culturas devia-se, muito provavelmente, ao domínio da cana-de-açúcar. Além de bons lucros, a plantação não exigia grandes investimentos em seu plantio. George Gardner, durante os meses que permaneceu na região, registrou em sua visita à cidade de Jardim que: “[...] Aqui, como em volta de Crato, a cana-de-açúcar é a principal cultura, havendo, porém, nas vizinhanças da Vila duas ou três minúsculas plantações de café, a cujo cultivo o solo bem se adapta, a julgar pelo viço aparente das árvores e pela farta colheita que dizem produzir [...]. Perguntei a vários donos de plantações de cana por que não preferiam o plantio do café, sem dúvida muito mais rendoso; responderam-me todos que, *acostumados a fazer rapadura, não gostavam dos riscos de um sistema de cultura com que se achavam pouco familiarizados. Mas, em minha opinião, a causa principal são seus hábitos de ócio e indolência e o horror que sentem a tudo que inove os costumes de seus antepassados. Estivesse esta zona em mãos de gente industriosa e seria, sem dúvida, uma das mais ricas do norte do Brasil*”. GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil...* Op. cit., p.101. Grifos meus.

⁴⁷³ Lei Nº 349, de 15 de setembro de 1955, cria as Armas do Município do Crato... Op. cit., p.42. Grifos meus.

região em que os índios se fartavam com o que a natureza, abundantemente, lhes fornecia de sua fauna e flora. Nas análises que se seguem à inserção do Cariri no processo de colonização e influência civilizadora dos portugueses com a chegada dos primeiros povoadores, em que o trabalho agrícola sistemático seria um de seus resultados, a representação do ambiente natural continuará mantendo elementos identificadores à vertente edenizadora da natureza, mas amortecida pela ideia de que, embora pródiga, ela precisava ser transformada pelo homem. Perspectiva que, em suas linhas principais, faz lembrar o que Sérgio Buarque de Holanda denominou de “atenuações plausíveis” dos “velhos motivos edênicos” que caracterizou o olhar lusitano, em contraste com o espanhol, sobre o Novo Mundo.⁴⁷⁴

Em Gandavo e Ambrósio Brandão, por exemplo, podemos observar essas suavizações da edenização, pois, se no primeiro, de acordo com Laura de Mello e Souza, “são poucos os trechos em que a natureza é dissociada dos homens”, em Brandão a “natureza exuberante [...] se alia ao trabalho sistemático [...]. O feliz casamento entre natureza e trabalho, encetado pela colonização, tornava o Brasil superior à Europa, Ásia e África.” Dessa forma, “à natureza já edênica da terra descoberta, que revive no imaginário europeu as imagens do Paraíso Terrestre, superpõe-se o processo colonizatório, reedenizador”.⁴⁷⁵ Perspectiva que ecoou em Afonso Celso quando afirmou que as “facilidades naturais do Brasil”, que o credenciava a “se tornar o celeiro do mundo”, só são riquezas se o trabalho as aproveitar e valorizar.⁴⁷⁶

O brasão do Crato, entre outras declarações de identidade construídas entre os anos 1950 e 1970, é um exemplo de incorporação de tal ponto de vista. Criado no contexto de comemorações do centenário do município e de luta por seu engrandecimento e da região, como visto no primeiro capítulo, percebe-se o uso da

⁴⁷⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso... Op. cit.* Como observou o autor, após citar a carta de Nóbrega: “seja como for, o quadro que a Nóbrega inspirou o primeiro contato com o Novo Mundo parece corresponder à sedução que exerciam, em toda parte, ainda em sua época, os velhos motivos edênicos. Mas, é mister notar que também corresponde a uma tendência geral, entre seus conterrâneos, ao menos no século XVI, e no Brasil, para reduzi-los, constantemente, às dimensões do verossímil. Em outras palavras, não se pode afirmar que participassem, então, os portugueses, menos do que outros povos, daquela sedução universal. O provável, no entanto, é que os motivos edênicos facilmente se refrangiam entre eles, privando-se da primeira intensidade para chegarem ao que se pode chamar de sua atenuação plausível”. *Idem*, p.245-246.

⁴⁷⁵ SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz... Op. cit.*, p.40-41. A autora cita o seguinte trecho de Ambrósio Brandão: “a terra é disposta para se haver de fazer nela todas as agriculturas do mundo pela sua muita fertilidade, excelente clima, bons céus, disposição do seu temperamento, salutíferos ares, e outros mil atributos que se lhe ajuntam”. *Idem*, p.41.

⁴⁷⁶ CELSO, Afonso. *Por que me ufano... Op. cit.*, p.51 e 54.

mesma estratégia de valorização da riqueza do ambiente natural, presente no projeto do Brasil-nação em tornar a natureza um dos principais suportes de orgulho regional. A insígnia, no que diz respeito ao seu “simbolismo naturalista”⁴⁷⁷, expressava e reforçava a confusão entre representação (paisagem edênica) e objeto representado (natureza), ao mesmo tempo em que reeditava a tradição edênica em sua representação identitária da região e provocava sentimentos de afeição e de luta pela terra, como os flagrados em artigo de Zuleika Pequeno de Figueiredo sobre as férias que passou com sua família no “paraíso que é o Grangeiro”, ao escrever que:

Daqui do Grangeiro, olhando a serra azul mais longe, o vale imenso, superpovoado, cidades, de dia enfeitando a paisagem, à noite pontilhando de luz o horizonte; os canaviais, os leques dos coqueiros, as setas das macabeiras apontando para o céu, levadas a correr vindas diretas dos mananciais do Araripe e, atrás da casa, a muralha verde da chapada, *para os que por aqui nascem e se criam faz-nos compreender o apego à terra. É por tudo isso, o desejo de engrandecimento do Cariri, da melhoria da população pobre que vive a mourejar em solo fértil e rico.*⁴⁷⁸

Apesar do contraste entre riquezas naturais e pobreza - tão denunciado em discursos políticos e periódicos que circulavam na região por membros do próprio ICC, como exemplificado no primeiro capítulo -, a imagem de uma natureza paradisíaca persistiu durante o período abordado neste trabalho. A epígrafe que abre este capítulo, inalterada por seu autor da primeira (1939) à última edição (1966) do texto que a abriga, também indica a ressonância dos motivos edênicos na instituição de uma paisagem identitária caririense, não obstante os problemas econômicos e sociais apontados pelo próprio Martins Filho. Em seu discurso de saudação a José de Figueiredo Filho na Academia Cearense de Letras, quando este tomava posse como membro da agremiação, realizou novamente o mesmo enquadramento dos elementos naturais numa visão idílica da região:

A fecundidade do solo, a beleza da terra, a luxuriante vegetação, o verde incansável, o canto das águas dos rios e das fontes, todo aquele conjunto de marcante encanto bíblico, a música da natureza juntando-se à palavra e à força do homem, versos de cantadores e vozes másculas de reivindicação e de protestos [...] tudo isso, repito, encontrou sempre grave e profunda

⁴⁷⁷ Expressão tomada de empréstimo a DAMATTA, Roberto. *Conta de mentiroso... Op. cit.*

⁴⁷⁸ FIGUEIREDO, Zuleika Pequeno de. Encantos da vida bucólica. In: *Itayera*, 1973, p.60-61. A autora era sócia do ICC e esposa de José de Figueiredo Filho. Grifos meus. O Grangeiro a que se refere a autora, hoje é bairro do Crato.

ressonância na inteligência e na obra de José de Figueiredo Filho, porta-voz e intérprete da alma e das aspirações da sua comunidade.⁴⁷⁹

A atualização dos motivos edênicos na representação do que seria o Cariri legitimava-se, como visto também em relação à sua imagem de oásis, no flagrante contraste entre suas condições ambientais e as do semiárido. Se no que diz respeito ao Brasil, o imaginário edênico teve como seu “exterior constitutivo” a Europa, com seus longos outonos, invernos rigorosos e natureza regrada, sua transposição para o Cariri moldou-se à realidade do semiárido, com suas estiagens, solo árido, clima seco e vegetação requeimada, fazendo distinguir “Cariri” (paraíso) e “sertão” (deserto, purgatório ou mesmo inferno). O forte imaginário cristão e as condições naturais da região durante a estação seca e os períodos de calamidade climática, atraindo muitos sertanejos em busca de sobrevivência, alimentou, fortemente, sua visão paradisíaca, cujos ecos encontram-se, por exemplo, nas palavras de Martins Filho, para quem o “Cariri é um pedaço do paraíso terreal, quando o Nordeste inteiro é uma fornalha a crepitar ao contato de um sol abrasador”.⁴⁸⁰

Água, “natureza pródiga” e “terra fértil” em meio a “caatingas ressequidas e sertões adustos”⁴⁸¹ foram, portanto, os principais motivos ativadores de um código de convenções marcadamente cristão na figuração do Cariri como paraíso. O paralelo estabelecido entre sertão e deserto, como visto no terceiro capítulo e acionado, por exemplo, na literatura de viagem e no romance regionalista, fez com que se reconhecesse na natureza da região uma paisagem paradisíaca. Dessa maneira, num jogo de analogias e comparações, o Cariri fazia lembrar a “terra da promessa entre os desertos da palestina”.⁴⁸² A travessia do semiárido nordestino até o Cariri, com todas as suas provações nos anos de seca – que a partir da simbologia religiosa cristã era comumente interpretada como castigo de Deus –, fazia lembrar a saga dos judeus até a “terra proverbial da fartura”⁴⁸³, onde encontrariam, ao final, a redenção. Não foi outra a percepção de Joaquim Pimenta, registrada em Itaytera, ao deixar sua cidade em 1909 e atravessar “rios e terras ressequidas” e avistar do “alto da montanha” do Araripe o

⁴⁷⁹ Respectivamente: MARTINS FILHO, Antônio. *O Cariri... Op. cit.*; _____. Discurso de saudação a José de Figueiredo Filho, na sessão de sua posse, na “Academia Cearense de Letras”. In: *Itaytera*, 1968, p.158. Grifos meus.

⁴⁸⁰ MARTINS FILHO, Antônio. *O Cariri... Op. cit.*, p.102.

⁴⁸¹ PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, José de. *Cidade do Crato. Op. cit.*, p.55.

⁴⁸² ARAÚJO, Bernardino Gomes de. História. Das Missões no Cariri Novo nos anos de 1864 e 1868. In: *Jornal A voz da religião no Cariri*, 21/02/1869, Cap.2, p.2.

⁴⁸³ Retirada de: PINHEIRO, Raimundo Teles. Movimentos político-militares (do Crato). In: *Itaytera*, 1968, p.49.

“imenso tapete de verdura” que era o “vale do Cariri”, lhe ocorrendo “compará-lo a Canaan, a terra prometida que Moisés não conseguiu alcançar”.⁴⁸⁴

“Canaã dos tempos bíblicos”, “Canaã cearense”, “Canaã do Nordeste”, “terra da promessa” e “terra proverbial” constituem, portanto, algumas das variações utilizadas para nomear o Cariri enquanto paraíso terreal na produção dos associados do ICC. Embora sofrendo contínuos processos de matizações ao longo dos séculos XIX e XX em função, inclusive, dos problemas que a região enfrentava, alguns dos quais recorrentes desde a primeira metade do oitocentos, a sobrevivência de uma visão edênica encontrava na imagem do “país de Canaã” sua força de verdade e ressonância, ainda entre as décadas de 1950 e 1970. Apesar do paraíso primitivo – espécie de “tempos edênicos perdidos”⁴⁸⁵ – ter sido desfeito com a ação do colonizador, em que a “foice, o fogo e o machado” teriam iniciado o processo de “empobrecimento do Cariri”⁴⁸⁶, a experiência da seca e a continuidade de algumas de suas condições

⁴⁸⁴ PIMENTA, Joaquim. *Canaan em terra seca*. *Op. cit.*, p.97. A referência à visão do vale caririense do alto da chapada, após sua longa travessia por “terras ressequidas”, traz para seu relato o simbolismo da montanha presente na Bíblia: “El simbolismo de la montaña es múltiple: contiene el de la altura y el del centro. Em cuanto alta, vertical, elevada y próxima al cielo, participa del simbolismo de la transcendência; em cuanto centro de las hierofanias atmosféricas y de numerosas teofanias, participa del simbolismo de la manifestación.” Na tradição bíblica, pois, “son numerosos los montes que se revestem de valor sagrado y simbolizan además una hierofania [...]” CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (Orgs.). *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1986. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/katecon2006/diccionario-de-los-simbolos-jean-chevalier>>. Acesso em: 04/09/2017. Sérgio Buarque de Holanda, ao discutir o papel da montanha na constituição da imagem do paraíso terreal, afirmou que por “seus ares puros e amenos” e por não poder ficar em terreno baixo, “exposto assim às águas do dilúvio universal”, “e ainda porque o motivo da montanha se associava a várias e antigas tradições do povo de Israel, pôde conhecer uma larga popularidade a noção de que a barreira mais compatível com o caráter do Paraíso se deveria apresentar melhor sob o aspecto de uma altíssima e invencível escarpa”. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso...* *Op. cit.*, p.161.

⁴⁸⁵ FIGUEIREDO FILHO, José de. Lendas do Crato. Lenda da imagem de Nossa Senhora do Belo Amor. In: *Itaytera*, 1979, p.94.

⁴⁸⁶ SILVA, Otacílio Anselmo e. *A história do Padre Cícero*. *Op. cit.*, p.108-109. _____, *Padre Cícero. Mito e realidade*. *Op. cit.*, p.5. Em ambas publicações o autor também mantém trecho de poema de José Alves de Figueiredo (pai de José de Figueiredo Filho), que considerou ser exato na descrição do desmatamento da Chapada do Araripe: “O fogo, a foice e o machado/Andando sempre à porfia/Num esforço conjugado/Vararam-lhe a mataria/Na floresta rarefeita/A magia está desfeita/E de um passado opulento/Restam-lhe poucos visgueiros/Ramalhudos piquizeiros/Dando frutos suculentos”. O poema em questão, intitulado “Serra do Araripe”, encontra-se transcrito na íntegra no livro: PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, José de. *Cidade do Crato*. *Op. cit.*, p.93-96. Em outra composição poética, dessa vez dedicada ao rio Itaytera, José Alves de Figueiredo também estabeleceu o mesmo corte entre passado e presente, no que se refere à ideia de uma espécie de paraíso em sua perfeição originária: “Era aqui tudo amorável/Oh, primavera sem fim!/Beijavam-se aves voando/Tudo livre, livre assim!/Cariri Pajé um dia/Trouxe aqui um branco audaz/E bem ali ao pé da fonte/Quebrou a flecha da paz!/Desde então tudo mudou/Ficou tudo desolado!/Caiu a virgem floresta/Aos golpes vil do machado!/Mas o branco guiando as águas/Em regos, cheios de curvas/Subindo ou descendo aclives/Tornou-as assim mais turvas/Mas por onde elas passaram/Brotaram hortas viçosas/Jardins, herdades, pomares/À sua ação generosa!/Surgiram canaviais/Que desfraldando o pendão/Proclamam grande opulência/Neste famoso rincão![...]. FIGUEIREDO, José Alves de. *Itaytera*. In: *Itaytera*, 1955, p.100-102. As datas de produção dos poemas não são informadas, é possível apenas presumir que tenham sido feitos entre os anos 1920 e 1940.

ambientais como promessa de futuro melhor certamente contribuíram para que o modelo edênico da natureza ainda fosse um valor plausível para representar a região.

Não obstante houvessem moderações e mesmo rejeições quanto à adequação da imagem de “terra prometida” para classificar o Cariri, que apesar de manter-se “ainda na posição de zona privilegiada no polígono das secas” por causa da Chapada do Araripe e não chegasse a ser, de acordo com Otacílio Anselmo e Silva, “a Canaã louvada por alguns ufanistas”⁴⁸⁷, o modelo edênico ainda mantinha certa vitalidade na ordenação de representações sobre a região:

Caracteriza-se esse Cariri, sobejamente, ainda, por oferecer uma paisagem paradisíaca com cantar murmurante de suas águas perenes, jorrando abundantemente das fontes do sopé da majestosa Chapada do Araripe; com a vegetação gritantemente verdejante dos inúmeros e férteis sítios e pomares; seus perdulariamente aristocráticos e elegantes babaçus e buritis, buscando a placidez azul do firmamento [...].⁴⁸⁸

Além, portanto, da ideia de oásis, ilha úmida em meio ao deserto, mais própria a uma visão geográfica-científica das características naturais da região, a invenção de uma paisagem edênica para o Cariri também participou da constituição de uma tradição paisagística particular ao sul cearense, provocada por e suscitando sentimentos e manifestações de louvor e afeto ao “torrão natal” - lugar originário em relação ao qual se procurava (re)estabelecer uma noção de pertencimento. Incorporada na produção do ICC, enquanto elemento central na organização de representações sobre a região, a natureza assumiu, assim, importante papel político na constituição do discurso identitário da agremiação. Em sua vertente edenizadora, do mesmo modo que na de paisagem-oásis, ela contribuiu para recortar e fixar uma representação geográfica do sul cearense em que pensá-lo como espaço geográfico seria figura-lo como uma terra em que a água é abundante, a vegetação é sempre verde, o clima ameno e o solo fértil; recorrentes sinalizadores de sua diferença em relação às terras circunvizinhas.

⁴⁸⁷ SILVA, Otacílio Anselmo e. *A história do Padre Cícero. Op. cit.*, p.110. _____ . *Padre Cícero. Mito e realidade. Op. cit.*, p.6. Entre as negações do modelo edênico, chama atenção o texto de Martins Filho que, ao mesmo tempo em que acionou a imagem de paraíso terreal para representar a região - como expressa a epígrafe que abre este capítulo -, disse não pretender “assegurar, no entanto, que o Cariri seja uma Terra da Promissão, ou mesmo um oásis [...]”. MARTINS FILHO, Antônio. *O Cariri. Op. cit.*, p.109 (edição de 1966); p. 246 (edição de 1939). Interessa observar que a parte em que ele também pondera em relação à ideia de oásis foi acrescentada à edição de 1966, não tendo sido possível, entretanto, verificar se tal acréscimo foi feito na segunda edição (1945) ou se apenas na última.

⁴⁸⁸ PINHEIRO, Raimundo Teles. *O Cariri cearense. Op. cit.*, p.171. Grifos meus.

4.2 – “A terra não nega recursos ao homem que a trata com carinho e com trabalho”⁴⁸⁹: potencialidades econômicas do sul cearense

A imagem do meio físico ubérrimo e de vegetação luxuriante esteve presente, em maior ou menor grau, nas produções dos autores citados que contribuíram, orientados pelo programa político-cultural do ICC e por uma realidade sensível herdada de seus antecessores, para a incorporação da natureza na invenção da região Cariri. Nesse sentido, a ideia de oásis e paraíso terreal foram norteadores culturais constantes em seu enquadramento, assumindo funções diversas nos discursos desses autores, entre elas: a de capital simbólico nas negociações com os governos para obtenção de recursos financeiros e investimentos para a região, conforme referido no segundo capítulo; a de elemento contrastivo e denunciativo do abandono historicamente sofrido pelas administrações centrais, resultando na antítese entre “pujança da natureza”, estagnação econômica e precariedade das condições de vida de grande parte da população ⁴⁹⁰; e a de horizonte de expectativa, ou seja, esperança de redenção futura da região através do aproveitamento racional de seus recursos naturais.

A superação do atraso econômico do sul cearense, como dito no primeiro capítulo, esteve na pauta das preocupações e ações dos agentes do ICC. O envolvimento na luta e discussão pela industrialização, mecanização e diversificação da agricultura caririense e criação de infraestrutura que viabilizasse sua recuperação econômica, como a eletrificação, ampliação e melhoria das estradas da região, exemplificam o engajamento político de seus membros no espaço público. Em “seu exercício intelectual como atitude política”⁴⁹¹, eles tanto retomavam demandas e soluções antigas quanto incorporavam ao projeto de modernização do Cariri outras possibilidades que contribuíssem para seu “alevramento material” ou, em outras palavras, seu progresso.

Entre as propostas defendidas nos anos 1950 a 1970 e que ancoravam-se na política desenvolvimentista e de integração nacional dos governos federal e estadual, as que envolviam o melhoramento e exploração das condições naturais da região e de sua paisagem ocuparam posição de destaque nos investimentos políticos dos sócios do ICC. Nesse aspecto, o sentido edênico conferido à natureza e paisagem caririense vinculava-

⁴⁸⁹ FIGUEIREDO FILHO, José de. Da terra nos vem a riqueza. In: *Ação*, 18/07/1970, p.7.

⁴⁹⁰ Expressivamente sintetizado na frase “o Cariri é uma região suntuosamente protegida pela natureza e miseravelmente abandonada pelos homens”, que com pequenas variações ressurgia de vez em quando nas décadas pesquisadas. *Ecoss da Semana*, 07/09/1948...*Op. cit.* Como observado em outro capítulo, a frase foi publicada em letras garrafais numa edição especial em que se discutia os problemas da região.

⁴⁹¹ Frase tomada de empréstimo a SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão... Op. cit.*, p.78.

se à utopia da redenção do homem na terra prometida, em que o mundo natural, incorporado ao racionalismo científico-tecnológico, convertia-se em sonho de soerguimento da região. Afinal, como disse José de Figueiredo Filho, “o homem é assim. Para ele, há um Éden no passado e outro Canaã nos tempos porvindouros. Tivemos idade de ouro no pretérito, vivemos mal no presente e esperamos sempre a redenção terrena no futuro”.⁴⁹²

Era necessário, portanto, fazer a terra progredir aliando esforço humano e avanço técnico. Assim, além do tema da industrialização, que ganhou fôlego com a eletrificação da região via hidrelétrica de Paulo Afonso e com o Projeto Morris Asimow, implantado em princípios dos anos 1960 - fruto de um acordo entre a Universidade [Federal] do Ceará, na figura de seu reitor, o cratense e sócio do ICC Antônio Martins Filho, e a Universidade da Califórnia ⁴⁹³ -, a discussão em torno da racionalização da atividade agrícola também ocupou amplo espaço nos periódicos locais.

É bem verdade que este debate era anterior à criação do ICC, como pode ser observado em alguns periódicos de fins dos anos 1940, em que a modernização das técnicas de plantio e a mecanização da agricultura eram defendidas como saída para as dificuldades no aumento da produção de alimentos e como fator de desenvolvimento econômico. Em um passeio, aparentemente inocente, pela Chapada do Araripe para conhecer suas belezas naturais durante as férias escolares, por exemplo, uma aluna enfatizou as possibilidades econômicas vislumbradas caso se processasse no altiplano a substituição dos tradicionais métodos agrícolas e a “industrialização da agricultura”:

[...] A exuberante riqueza natural da Serra Araripe transmudou rápido à nossa vista de meras passeantes em olhos de observadores que mais viam os aspectos econômicos do que a beleza panorâmica do chapadão. A vastidão, a planície, a configuração geográfica, a rica composição geológica daquele solo, tudo parece um convite desafiante às máquinas para a industrialização da agricultura que ali ainda se pratica sob os mais rudimentares princípios obsoletos. Se se lhe substituísse o método empírico e rotineiro pela moderna técnica fabril para o aproveitamento do óleo de pequi, para o fabrico da

⁴⁹² FIGUEIREDO FILHO, José de. *Lendas do Crato...* Op. cit., p.93.

⁴⁹³ O projeto, que levava o nome de seu idealizador, propunha desenvolver a região a partir da implantação de pequenas indústrias. Para maiores informações sobre a transferência da energia de Paulo Afonso para o Cariri e a instalação do Projeto Morris Asimow – as indústrias implantadas e os motivos de seu insucesso, causando grande decepção e prejuízo financeiro entre a elite caririense, especialmente das cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha onde o projeto se concentrou inicialmente -, consultar: GOMES, Assis Daniel. “Faça-se luz”. *A eletrificação urbana no Cariri cearense (1949-1972)*. Fortaleza: UFCeará, Dissertação de Mestrado em História, 2016; QUEIROZ, Fábio José Cavalcanti de. *Padres, coronéis e ativistas sociais. O Cariri à época da usurpação militarista – 1964-1985*. Fortaleza: UFC, Tese de Doutorado em Ciências Sociais, 2010, p.41-53.

farinha de mandioca e para o preparo de suas madeiras de lei (massaranduba, jatobá-bravo, “amarelo”, ali abundantes), a serra Araripe converter-se-ia no mais ponderável fator de prosperidade e desenvolvimento econômico desta região.⁴⁹⁴

No mesmo periódico, foram publicadas matérias com o mesmo teor. Em artigo divulgado na primeira página de *A Classe*, intitulado “A Agricultura no Cariri”, seu autor, mais tarde sócio do ICC, argumentava que este era um “problema por resolver”, pois o “sistema rudimentar da lavoura, já condenada há anos por Euclides da Cunha, não mais produz o suficiente para a manutenção do povo[...]”. Atribuía, então, essa situação, que ele classificou como “fase negra de nossa lavoura”, à ignorância dos agricultores e à falta de recursos para melhorar os métodos de plantio afirmando, em seguida, que “só a lavoura mecanizada pode solucionar o problema do braço preguiçoso e do solo já por demais explorado”. Ao final, e em tom profético, dizia não ser “bem pensado” que se condenasse “ao empobrecimento completo uma zona tão fértil e propícia à agricultura. Não se mecanizem os métodos de laborar o solo no Cariri que inevitável será a catástrofe de nossa agricultura e o desfalecimento de nossas condições sociais e econômicas”.⁴⁹⁵

Não é possível mapear em que momento exato essa solução pautou as preocupações e reivindicações dos caririenses junto aos governos centrais, haja vista a descontinuidade e, em alguns casos, o não arquivamento dos impressos que circularam na região, na primeira década do século XX. Mas, é possível presumir que o anúncio da construção da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), em 1945, medida considerada como a “redenção do nordeste brasileiro”, e os próprios problemas enfrentados na produção agrícola da região colocaram em pauta a discussão sobre a importância da modernização deste setor econômico. O fato é que esta questão atravessou as décadas seguintes indicando a dificuldade de superação dos problemas econômicos do Cariri, estimulando a permanência das elites na arena pública em busca de soluções para a promoção do desenvolvimento regional que, em grande medida, dizia respeito aos seus próprios interesses.

⁴⁹⁴ FELÍCIO, Naylé Gonçalves. Um passeio à serra (Trabalho de classe). In: *A Classe*, Crato, 26/06/1949, p.2. A informação que aparece ao final do artigo é que a garota era aluna do “1º ano Técnico”, o que significa que ela frequentava a Escola Técnica de Comércio do Crato, onde seu pai, Pedro Felício Cavalcanti, foi fundador, professor e diretor por cerca de 50 anos. Foi ele também sócio do ICC, Fundador da Faculdade de Ciências Econômicas - da qual foi diretor -, da Exposição Agropecuária do Crato e prefeito por duas vezes da cidade (1963 a 1966 e 1973 a 1976). Cf: BORGES, Raimundo de Oliveira. *O Crato intelectual... Op. cit.*, p.108-112. A estudante teve outros textos, com temáticas diversificadas, publicados no jornal.

⁴⁹⁵ F. S. Nascimento. A Agricultura no Cariri. In: *A Classe*, Crato, 09/10/1949, p.1.

Algumas iniciativas ganharam forte repercussão, nesse sentido, como os seminários “para o desenvolvimento do sul do Ceará” e os de “Estudos Caririenses”, mencionados no segundo capítulo, e que tiveram entre seus organizadores o ICC. Nestes eventos, a abordagem da “realidade caririense” e o enfrentamento dos obstáculos que atravancavam o progresso da região foram as razões para suas realizações. Dessa forma, por exemplo, se no “I Seminário para o Desenvolvimento do Sul do Ceará” (1961), o objetivo era “preparar a comunidade para a chegada da energia de Paulo Afonso que viria trazer possibilidades de industrialização”, no II Seminário (1976), a intenção era “examinar, com a orientação dos diversos órgãos de desenvolvimento, a viabilidade de novas oportunidades industriais e agrícolas”.⁴⁹⁶

Em todos estes seminários, e com o agravamento da “crise canavieira”, o principal entrave ao crescimento econômico da região a ser resolvido era o agrícola. Aspecto central do artigo de Antônio Alencar Araripe, em balanço sobre os resultados do primeiro seminário para o desenvolvimento do Cariri, em que perguntou: “No tocante à agricultura, por exemplo, ainda estamos a indagar: onde se acham as medidas atinentes ao aumento da produção agrícola, defesa sanitária, vegetal, ensino, extensão e pesquisa agrícola, cartografia, conservação, adubação e mecanização da lavoura?”.⁴⁹⁷ O fracasso do Projeto Morris Asimow, em que se apontou como um de seus motivos o fato de ter sido implantado um modelo de indústria que não levou em consideração as particularidades locais⁴⁹⁸, frustração que repercutiu por vários anos, fortaleceu a ideia de que da “terra nos vem a riqueza”.⁴⁹⁹ Nesse aspecto, ganhou robustez a imagem da região como sendo tradicionalmente agrícola e de sua natureza como a grande potencialidade econômica do Cariri:

⁴⁹⁶ *II Seminário para o Desenvolvimento... Op. cit.*, respectivamente p.30 e p.39. O II Seminário pôs em discussão os seguintes temas, todos divididos em subtemas: 1- Potencialidades da agricultura; 2- Potencialidades da pecuária; 3- Potencialidade industrial; 4- Sistemas educacionais para programas integrados de desenvolvimento. Consultar também o jornal *A Ação* de 08/05/1976, p. 5. Entre o que foi publicado no jornal e o relatório divulgado na revista *Itaytera*, existem algumas diferenças em relação aos subtemas do temário. O documento final do seminário foi entregue ao então governador do Ceará Adauto Bezerra. Não foi encontrado registro do temário do I Seminário. No que se refere aos seminários de “Estudos Caririenses”, realizados também com o apoio da Faculdade de Filosofia do Crato, seus “objetivos culturais” eram: “1- estudar a realidade caririense nos seguintes aspectos: a) cultural; b) administrativo; c) econômico; 2- despertar e formar nos estudiosos uma consciência mais viva e operante com relação aos problemas sul-cearenses; 3- estimular a pesquisa regional; contribuir para a fundação do Instituto de Estudos Caririenses”. Consultar: “Primeiro Seminário de Estudos Caririenses”. In: *A Ação*, 15/05/1965, p.6; “Coroados de êxito o II Seminário de Estudos Caririenses”. In: *A Ação*, 28/11/1965, p.3.

⁴⁹⁷ Araripe, Antônio de Alencar. Desenvolvimento econômico do sul do Ceará. In: *A Ação*, 08/05/1976, p. 5. Na data do I Seminário, ele se encontrava na presidência do Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

⁴⁹⁸ Cf: GOMES, Assis Daniel. “*Faça-se luz*”... *Op. cit.*

⁴⁹⁹ Expressão tomada de empréstimo a FIGUEIREDO FILHO, José de. Da terra nos vem a riqueza. In: *A Ação*, 18/07/1970, p.7. O texto também foi publicado na revista *Itaytera* de 1970, p.126-127.

*Estudos têm evidenciado ser o Cariri uma das mais ricas parcelas do território cearense, senão de todo o interior nordestino. Apresenta a região características bem definidas, favorecidas por uma pluviometria das mais regulares, alcançando a média anual de 1.000mm em Crato e Barbalha. Em face de tão privilegiada dádiva da natureza, a diminuição das colheitas por falta de chuvas no tempo oportuno reduz-se, em Crato, a 12% contra 32% em outros municípios do sertão circundante. Para suprir a eventualidade de possíveis irregularidades climáticas, dispõe ainda a região, afora o recurso da açudagem, de um lençol freático abundante e superficial. Grande área de terras planas, de aluvião profundo e facilmente irrigáveis, completam o quadro promissor da potencialidade econômica desta parte do Ceará.*⁵⁰⁰

Como pode ser observado, Jósio Alencar Araripe iniciou seu texto assegurando-lhe respaldo científico ao deixar claro, e a estatística pluviométrica apresentada é exemplo direto disso, que pautou seus argumentos em estudos sobre a região. Nesse contexto, o autor reúne os elementos água e solo, com suas características de abundância e fertilidade, em defesa da agricultura como a essência da economia do Cariri. Além dessas condições ambientais, citou o “clima ameno” como “indicado para a exploração agrícola de frutas” e verduras “as mais variadas”, acrescentando ainda que “até mesmo o café ali viceja em muitos sítios, frutificando há dezenas de anos”. Em função destas particularidades, afirmou serem as terras caririenses “apropriadas a irrigação e cultivo intensivo”, reclamando dos poderes públicos medidas nesse sentido. A esses indicativos naturais das potencialidades agrícolas do Cariri, o autor incluiu outro de caráter cultural e histórico: “a tradição dos moradores da região, dedicados em sua grande parte ao trabalho agrícola e vocacionada para essa atividade.”⁵⁰¹

As discussões e propostas de ação no âmbito econômico priorizaram, portanto, a recuperação do setor agrícola a partir da sugestão de duas medidas principais: mecanização da agricultura e abandono da monocultura da cana-de-açúcar. Aos poucos avançou também, embora com algumas resistências, a defesa da diversificação da produção rural com incentivos à pecuária.⁵⁰²

⁵⁰⁰ ARARIPE, Jósio de Alencar. Potencialidade econômica do Cariri. In: *Itaytera*, 1974, p.175-176. A matéria foi publicada também no jornal *A Ação* de 20/07/1974, p.2. Grifos meus.

⁵⁰¹ *Idem*. Grifos meus.

⁵⁰² A resistência parecia girar em torno do lugar que deveria ocupar a pecuária na economia local, pois, se para alguns, ela poderia suplantiar a agricultura, para outros, esta não deveria perder sua posição de liderança na economia regional. De acordo com Lindemberg de Aquino, por exemplo, “somos uma zona eminentemente agrícola. Ou pelo menos pensamos que somos uma zona eminentemente agrícola. Mas praticamos uma agricultura deficitária, [ilegível] de recursos e de técnicas [...]. A agroindústria canaveira, que pode ter tido a sua época de esplendor em nosso meio, hoje quando todos os processos e formas econômicas mudam aos saltos, revela-se inoperante, deficitária, um verdadeiro cancro a entrarav o desenvolvimento. Punhados de heróis, os pecuaristas aos poucos vão ganhando terreno, e os campos sendo devolvidos às pastagens e forrageiras, numa iniciativa mais rentável – a pecuária – que se adapta melhor, ao nosso ver, às condições ecológicas do Cariri, onde se pratica uma agricultura que raia pelo empirismo [...]. *A pecuária, sim, deve ser estimulada, como fator preponderante que pode ser, para*

A semana que passou foi pródiga em movimentos em torno da remodelação da lavoura nestas plagas sul-cearense. O assunto mais ventilado em todas as rodas foi a agricultura [...]. No Instituto Cultura do Cariri realizou-se uma mesa redonda presidida pelo prof. Francisco Alves de Andrade, na qual foram discutidas todas as questões básicas da região em termos bem realistas. A cultura canavieira, sua substituição, a Escola Agrotécnica do Crato e Centro de Tratoristas, o Colégio Agrícola do Crato, a conservação da Floresta Nacional do Araripe, a mudança do Dia da Árvore para o mês chuvoso de março e a educação agropecuária foram, naquela ocasião, focalizados com maestria incomparável. A Rádio Educadora do Cariri, que está na vanguarda de todos os acontecimentos úteis, transmitiu aquela reunião para o público no dia 2 de dezembro.⁵⁰³

Reafirmava-se, portanto, a importância das atividades agrárias, em especial a agricultura, como o caminho para a recuperação e crescimento econômico da região. Mas um agrário, claro, que deveria ser transformado pelas técnicas modernas de produção. Acreditava-se, dessa maneira, que o Cariri retomaria um período de prosperidade outrora perdido, em que a Chapada do Araripe e os vales que se estendem ao seu sopé se tornariam, com financiamento e orientação técnica adequada, em fatores seguros de desenvolvimento econômico, fazendo a região manter-se em sua “função natural” de “celeiro” ou “empório do sertão”.

Nesse aspecto, buscava-se junto aos governos, a construção de reservatórios para armazenar água e de um sistema de canais de irrigação que a levaria às plantações, substituindo, assim, as “tradicionais levadas” - que faziam o líquido ser muito desperdiçado ao longo do trajeto entre as nascentes e o plantio. No que se refere ao altiplano, a construção de barreiros em seu topo para reter água das chuvas era a principal reivindicação, pois como acentuou J. Lindemberg de Aquino, ele se constituía num “imenso manancial, digno de melhor aproveitamento, para produzir, na parte agrícola e na pecuária, bens de consumo e aumentar a arrecadação do estado.

salvar a nossa região, redimir a nossa economia, colocar o Cariri nos devidos termos econômicos, para realce de sua posição no cenário do estado”. Para José de Figueiredo Filho, entretanto: “Não é preciso repetir que a monocultura é um dos piores males que corroem o organismo econômico do Brasil. No meio dela sobressai-se a cultura canavieira, que está a fracassar, mesmo na zona da mata pernambucana. [...] *As plantações variadas, com assistência bem orientada, aproveitando-se o solo para a lavoura mais adaptável ao meio e com melhor mercado de consumo, é a única salvação atual do Cariri. [...] A pecuária não seria a terapêutica aplicável ao Cariri atual, a não ser na qualidade de economia auxiliar. É riqueza que sempre fica em mãos de pouca gente [...]*.” Respectivamente: AQUINO, J. Lindemberg de. Exposição Centro-Nordestina. In: *A Ação*, 03/05/1969, p.6; FIGUEIREDO FILHO, José de. *A rapadura vincula-se à tradição do...* Op. cit., p.28. Grifos meus.

⁵⁰³ FIGUEIREDO FILHO, José de. O Cariri quer mudar sua estrutura agrícola. In: *A Ação*, 12/12/1965, p.2.

Entretanto, para o planalto araripano jamais se voltaram as vistas das autoridades, num abandono significativo e de profunda e negativa ressonância.”⁵⁰⁴

Todas essas demandas eram renovadas a cada chegada de novo governo ao poder e sustentadas, inclusive, pelo argumento de que tais investimentos serviriam não apenas ao Cariri, mas beneficiariam também as regiões circunvizinhas. Nesse caso, acionava-se as tradicionais imagens de “celeiro”, “refrigério” contra a seca e sua posição geográfica, “coração do Nordeste”, como estratégia política de persuasão atualizando, ao final das contas, as representações de “oásis” e “Canaã cearense” – em algumas situações, até mesmo quando eram recusadas, a exemplo de Martins Filho que ao longo de seu texto utilizou-se das imagens de oásis e paraíso terreal para representar o Cariri mas que, ao concluí-lo, contraditoriamente disse que:

No ligeiro estudo aqui esboçado, em que tentamos descrever a região sul-cearense, tivemos a preocupação única de salientar os seus aspectos mais atraentes e positivos *sem pretendermos assegurar, no entanto, que o Cariri seja uma Terra da Promissão, ou mesmo um oásis*, tal como, por volta de 1861, procurou definir Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, em seu “Dicionário Topográfico e Estatístico da Província do Ceará”. Naturalmente, existem ali inúmeros problemas que se apresentam sob as mais variadas modalidades e que continuam a reclamar as atenções dos poderes públicos. [...] Lembremos de que o Cariri - *um dos rincões mais férteis do Brasil* – é o nosso potencial por excelência, de cujo aproveitamento dependerá, em grande parte, a consolidação da economia do Ceará.⁵⁰⁵

⁵⁰⁴ AQUINO, J. Lindemberg de. Cariri sob diversos aspectos. In: *Itaytera*, 1971, p.89. Consultar também: COELHO, Antônio C. Possibilidades econômicas da região. In: *Itaytera*, 1958, p.95-98; NASCIMENTO, F. S. Um capítulo do devassamento do Cariri. In: *Itaytera*, 1959, p.31-33; ARARIPE, Antônio de Alencar. *Possibilidades econômicas do Cariri. Op. cit.*; _____. Vales do sul do estado e a Serra do Araripe. Plano de ação para seu aproveitamento. In: *Itaytera*, 1971, p.185-194; _____. Revolução agrícola no Cariri. In: *A Ação*, 17/03/1973, p.6; _____. Desenvolvimento econômico do Sul do Ceará. In: *A Ação*, 05/05/1976, p.5; ARARIPE, Jósio de Alencar. *Potencialidade econômica... Op. cit.*; Deputado Kleber Callou está interessado pelo desenvolvimento da Serra do Araripe. In: *A Ação*, 27/06/1970, p.6 (sem autoria). Em função da porosidade de seu solo, como observado no primeiro capítulo, a escassez de água no topo da Chapada do Araripe era o principal problema a ser resolvido.

⁵⁰⁵ MARTINS FILHO, Antônio. *O Cariri. Op. cit.*, p.109 (3ª ed.). Grifos meus. Embora atualizado com as demandas vigentes na década de 1960, em linhas gerais, a relação dos problemas a serem resolvidos pelos poderes públicos era praticamente a mesma entre a primeira e última edição de seu texto: “Construam-se boas estradas de rodagens; difunda-se, por meio de um cooperativismo eficiente e bem orientado, o crédito agrícola entre os proprietários rurais; fomentem-se a agricultura, aumentando-lhe a produtividade por meio da cultura racionalizada; melhorem-se as condições de vida dos trabalhadores do campo, possibilitando-lhes rendas que correspondam à satisfação das suas necessidades existenciais; facilite-se a canalização dos produtos para o mercado de Fortaleza, por intermédio de um melhor e maior intercâmbio comercial; adotem-se, em resumo, novos processos de política econômica, compatíveis com o espírito dos novos tempos, e teremos a certeza de que, dentre em breve, os principais problemas que afetam aquela zona estarão completamente resolvidos”. *Idem*. Para a primeira edição, consultar p.246.

Tal cautela, ou aparente negativa na utilização destas imagens⁵⁰⁶, pode ser entendida como recurso para convencer os órgãos do governo encarregados das políticas desenvolvimentistas e de combate contra as secas da necessidade de atendimento às reivindicações da região. Antes indiretamente acometida pelos efeitos das estiagens, o que já constituía motivo para pleitear investimentos para o sul cearense, a constante elasticidade de suas fronteiras física-administrativas entre os anos 1950 e 1970, trazendo o sertão para dentro do Cariri⁵⁰⁷, fortaleceu os discursos e ações nesse sentido, provocando, ao mesmo tempo, a situação conflitante de representar o Cariri como verde e fértil e assumir sua condição de pertencer ao “coração do polígono das secas”:⁵⁰⁸

O Cariri esteve sempre excluído das providências relativas ao combate aos efeitos das secas. Não foi incluído no programa rodoviário, manteve-se fora das cogitações em matéria de açudagem, nunca se cuidou do racional aproveitamento das fontes perenes, das terras úmidas, dos extensos e fertilíssimos baixios que possui. A serra do Araripe, com a sua manifesta capacidade de grande centro de produção agrícola e pastoril, continua desafiando as atividades oficiais para atingir os objetivos a que se presta. Se a região em parte tem a sua produção garantida, mesmo quando ocorrem as secas, logo concluíam os técnicos da administração pública que deveria ser excluída da área onde seriam empregados os recursos destinados às obras e serviços do respectivo combate. As terras beneficiadas com a irrigação das águas das fontes – mesmo porque aquela se realiza, como vimos, por processo rotineiro -, representam parcela reduzida do território da região. Fora do raio de ação das ditas águas, isto é, dos pés-de-serra e brejos, o

⁵⁰⁶ Ver também o primeiro capítulo de Otacílio Anselmo e Silva sobre a história do Padre Cícero, já referido neste trabalho, publicado inicialmente na revista *Itaytera* de 1959 (p.107-115) e, posteriormente, no livro *A história do Padre Cícero. Mito e realidade* (1968).

⁵⁰⁷ A ampliação das fronteiras administrativas da região gerou, inclusive, situações inusitadas como a registrada pelo jornal *A Ação*: “A Rua Sagrada Família, ao sopé do Morro do Seminário [Crato], foi vítima de grande calamidade provocadas pelas chuvas desta semana, num verdadeiro contraste, quando estamos em plena seca. Muros caídos, casas soterradas e famílias em desespero foi o saldo deixado pelas águas que desceram do Bairro do Seminário [...]” *Contrastes da vida: em plena seca, chuva provoca calamidades!* In: *A Ação*, 10/10/1970, p.1. Grifos meus. Na mesma edição, o jornal publica matéria com a seguinte manchete: “Gravidade da seca aumenta êxodo de caririenses em demanda do Sul”. *Idem*, p.6 e 7. Enquanto isso, algumas das cidades sul cearenses buscavam junto ao governo a abertura de frentes de trabalho para minimizar os efeitos da seca. Consultar: “Engenheiros e técnicos da SUDENE estudam possibilidades de novas frentes de trabalho. In: *A Ação*, 25/07/1970, p.7. No “I Seminário para o Desenvolvimento do Sul do Ceará”, ocorrido em 1961, seus organizadores, entre eles o ICC, trabalharam com uma relação de 25 municípios caririenses distribuídos por zonas. Consultar: *O que foi o I Seminário para o desenvolvimento... Op. cit.*, p.31. Não foi encontrado registro dos municípios participantes do II Seminário, realizado em 1976. O documento elaborado pela “Comissão Técnica de Planejamento Urbano” indica apenas que a área de abrangência do II Seminário era de 25 municípios, a mesma quantidade, e provavelmente as mesmas cidades, relacionadas no I Seminário. Consultar: “II Seminário para o Desenvolvimento do Sul do Ceará. Trabalho da Comissão Técnica de Planejamento Urbano”. Crato, 1976.

⁵⁰⁸ FIGUERIEDO FILHO, José de. Cariri, Nordeste e Universidade. In: *Itaytera*, 1970, p.198.

território caririense sofre os efeitos da calamidade climatérica em todo o seu rigor.⁵⁰⁹

À medida que a região tinha seus limites físicos ampliados em direção ao norte e oeste do estado, distanciando-se gradativamente dos sopés da Chapada do Araripe e de seus vales, as consequências diretas da seca passaram a fazer parte da realidade caririense e incorporadas, com maior intensidade nas décadas de 1960 e 1970, aos esforços políticos por recursos governamentais destinados às áreas castigadas pelas estiagens. A queixa de Antônio de Alencar Araripe, reproduzida acima, foi então repetida e reforçada por outros membros do ICC, como o fez José de Figueiredo Filho ao ressaltar que:

No Cariri não há somente zona irrigável. E trechos de terras enormes necessitam de açudagem, poços profundos, barragens subterrâneas e outros meios de fixação do homem ao solo através da água permanente. Entretanto, a região é quase totalmente isolada de trabalhos do Departamento Federal de Obras Contra a Seca. O flagelo nos veio dos tempos imemoriais. Só a técnica moderna conseguirá dominá-lo ou atenuá-lo [...].⁵¹⁰

E no jornal *A Ação*, ao rebater o comentário que teria feito o governador do Ceará de que o Crato não precisava de auxílio por ter ele desembarcado “debaixo de copiosa chuva”, afirmou que:

O inverno foi tão ruim no Ceará e Cariri que tudo que é normalmente produzido em seu solo está sendo importado de São Paulo. Arroz, frutas, feijão chegam do Sul, desfalcando-nos as poucas economias. A própria classe média debilita-se dia-a-dia. No Cariri, como asseverei em crônica anterior, a pobreza sente fome [...]. Ao comércio e à agricultura cortaram-lhe o crédito na hora mais amarga [...].⁵¹¹

⁵⁰⁹ ARARIPE, Antônio de Alencar. *Possibilidades econômicas...* *Op. cit.*, p.156. Do mesmo autor, ver também: *O Vale do Cariri e as secas do Nordeste*. In: *Itaytera*, 1970, p.195-196. De acordo também com Antônio C. Coelho: “Vivemos numa região que progrediu e vem progredindo sem uma assistência governamental à altura de seus recursos, de suas possibilidades. Crescemos graças às nossas próprias iniciativas e à nossa própria capacidade de trabalho. Como zona privilegiada pela natureza, julga o Governo que prescindimos de seus benefícios, quando é patente que a boa política administrativa deve ser conduzida no sentido de incrementar a economia nos meios onde se ofereçam condições mais favoráveis”. COELHO, Antônio C. *Possibilidades Econômicas da Região*. In: *Itaytera*, 1958, p.95.

⁵¹⁰ FIGUEIREDO FILHO, José de. *História do Cariri*. *Op. cit.*, v.3 [1966], p.121.

⁵¹¹ FIGUEIREDO FILHO, José de. Fome no Cariri e no sertão. In: *A Ação*, 27/06/1970, p.3. Aquele ano foi marcado por mais uma seca no Ceará. Outra autoridade política a ressaltar a excepcionalidade do Crato e Cariri em relação às áreas atingidas pela seca foi Café Filho, ocupante do cargo de vice-presidente do Brasil e presença ilustre no encerramento dos festejos do centenário do Crato. De acordo com o registrado em Ata: “Disse Sua Excia. que ficara profundamente impressionado com a nossa terra, notadamente depois de três longos anos de crise climatérica [...]. *Repetiu o que dissera anteriormente: escondam o Crato dos homens do Sul ou senão eles não acreditam em seca.*” Ata da Sessão Magna comemorativa do “Primeiro Centenário do Crato”, realizada no dia 17 de outubro de 1953. In: *A Província*, 1954, p.32. Grifos meus.

Ante um quadro de crise econômica, como ressaltado no primeiro capítulo, representantes da elite intelectual, política e econômica da região, reunidos no ICC, procuravam encontrar lugar para o Cariri nos programas governamentais voltados ao combate contra o subdesenvolvimento e a seca no Nordeste. Nesse sentido, apresentar e sugeri-lo enquanto região prioritária tornou-se recurso importante na luta pela recuperação econômica da região e de suas elites, como exemplificam as citações de Antônio de Alencar Araripe e José de Figueiredo Filho páginas acima. Tarefa dificultada por sua própria condição ambiental, motivo de orgulho e de atitudes ufanistas e identitárias, como indicam também os excertos destes autores.⁵¹²

Assumir a ideia do Cariri como pertencente à zona do polígono das secas, portanto, candidato aos recursos dos poderes públicos para dinamizar sua vida econômica e social, se processou, entretanto, justamente em função de suas potencialidades naturais. À apresentação e discussão dos problemas enfrentados por conta das estiagens, em que se agregou os relacionados à precariedade de sua infraestrutura, ao arcaísmo das técnicas de plantio e da crise canavieira, contrastava-se a exuberância da natureza e a fertilidade do solo carirense - fazendo sempre lembrar a frase mencionada no primeiro capítulo de ser o Cariri uma “região suntuosamente protegida pela natureza”, mas “miseravelmente abandona pelos homens”.⁵¹³ O realce de suas peculiaridades ambientais, no contexto das políticas de “combate ao secular flagelo”, dessa forma, provocou a revalorização da região a partir, especialmente, do acionamento e ressignificação de imagens e percepções herdadas acerca de sua natureza. O que constituiu, tomando de empréstimos as palavras de Cunha, “ingrediente importante para a reapresentação e reposição do Cariri como oásis, região prioritária –

⁵¹² O “Plano Integrado para o Combate Preventivo contra as Secas” de 1973, por exemplo, incluiu os sertões do Centro Norte, Central, Sudeste, Salgado e Alto Jaguaribe, Baixo Jaguaribe e Médio Jaguaribe e Pereiro como áreas prioritárias para atuação preventiva no Ceará. Tanto para este como para outros estados, recomendou “[...] *levar em conta o papel que, complementarmente, podem desempenhar certas áreas que a circundam*, como é o caso das serras úmidas, de um modo geral incrustadas na Zona Semi-Árida do Nordeste (serras da Ibiapaba, de Baturité e *Chapada do Araripe*, no Ceará; chapada do Apodi, no Rio Grande do Norte; serra de Triunfo, em Pernambuco; e zona do Sertão Alto, na Paraíba. Essas áreas, estudadas mais sistematicamente no sentido de se conhecerem melhor os seus recursos naturais, podem desempenhar um importante papel na produção de alimentos e de frutas tropicais, estas últimas com largo aproveitamento na indústria de alimentos. Os trabalhos, neste sentido, estariam voltados para o incentivo à agroindústria da Zona Semi-Árida do Nordeste. As serras podem ainda ser muito bem aproveitadas em atividades de reflorestamento, na exploração da cultura do café e no desenvolvimento da pecuária leiteira intensiva; esta última atividade, juntamente com as atividades de fruticultura e horticultura, ainda é favorecida pelas proximidades de grandes mercados como Fortaleza, Terezina e João Pessoa. CARVALHO, Otamar de (*et all*). *Plano Integrado para o Combate Preventivo aos Efeitos das Secas no Nordeste*. Brasília: MINTER, Série Desenvolvimento Regional, n.1, 1973.

⁵¹³ Ecos da Semana, 07/09/1948...*Op. cit.*

não periférica, detentora de vantagens e potencialidades diferentes de outros espaços do Ceará e do Nordeste.”⁵¹⁴

O documento elaborado pela Comissão Técnica de Planejamento Urbano para o “II Seminário para o Desenvolvimento do Sul do Ceará”, em ponto sobre a “vocaçãõ urbana e polarizadora” do Cariri, exemplifica bem o predomíõ de determinadas formas de apreensãõ da regiãõ como capital simbólico para requisiçãõ de recursos e implantaçãõ de projetos destinados ao combate das crises climáticas na áreã do polígono das secas:

*A prevalência do Cariri em relação à vasta zona semiárida que o circunda para reter e suportar maior concentração demográfica reside no fato de possuir “solos profundos” retentores de grandes reservatórios subterrâneos de água potável, que o sertão periférico, mais árido e mais desnudo e mais vulnerável aos efeitos climáticos das secas periódicas não possui. Por isso, o Cariri tem sido cognominado o oásis da zona semiárida do Nordeste. Nos tempos remotos, quando os sertões circunvizinhos eram totalmente destituídos de barragens e açudes, nos períodos de seca para aqui vinham seus habitantes. Muitos ficavam e se estabeleciam, daí ter formado aqui um maior contingente humano e uma maior concentração de capital e a região, aos poucos, foi-se tornando um polo de atração comercial de expressivo raio de ação.*⁵¹⁵

O item “COMO VER”, do mesmo relatório, mais que sintetizar as seções anteriores, é expressivo da forma como imaginavam e representavam a região e de como desejavam que ela fosse (re)conhecida enquanto potencial para manter-se, como desde “tempos remotos”, “refrigério” e “redenção dos sertões” semiáridos:

*Como vimos, o Cariri pelas suas terras agricultáveis, pelo seu clima, por sua posição geográfica, por sua ação urbano-polarizadora secularmente definida na expressiva área nordestina, enfim, por todo um cotejo que envolve grandes potencialidades, poderá se transformar num expressivo polo de crescimento ou de desenvolvimento, dependendo da ação dos seus filhos, habitantes, lutando sempre pelo melhor aproveitamento dos seus recursos, da ação do Governo através do planejamento adequado às suas realidades, voltado não para uma ação acanhada, medíocre e imediatista, mas para um largo plano de realizações inspirado na previsão e na visão amplificada do futuro.*⁵¹⁶

As “grandes potencialidades” que assegurariam o futuro promissor do sul cearense estariam, especialmente, na exploração de seus recursos naturais. Entre eles seu solo, clima e presença de água favoráveis às atividades do setor primário –

⁵¹⁴ CUNHA, Maria Soares da. *Pontos de (re)visão e explorações...* Op. cit., p.206.

⁵¹⁵ “II Seminário para o Desenvolvimento do Sul do Ceará. Trabalho da Comissão Técnica de Planejamento Urbano”. Op. cit., p.4. Grifos meus.

⁵¹⁶ *Idem*, p.6. Grifos meus.

predominantemente, a agricultura. Por isso, e através de diversos mecanismos de participação nos debates sobre os “problemas do Cariri”, reafirmava-se fortemente que o soerguimento deste “pedaço dadivoso da terra nordestina”⁵¹⁷ seria possível a partir da modificação e dinamização de sua estrutura agrícola. Preconizava-se mesmo a necessidade de uma “revolução agrícola no Cariri”.⁵¹⁸ Com o fracasso do Plano Asimow, os esforços voltaram-se, primordialmente, para a recuperação das atividades consideradas histórica e tradicionalmente características da região, fazendo alguns defenderem, inclusive, a ideia de “vocação agrícola” do Cariri⁵¹⁹, ou de “região essencialmente agrícola”, inscrita em sua “natureza exuberante e pródiga” - qualificativos costumeiramente repetidos.⁵²⁰ Vale ressaltar, nesse aspecto, que a confec o de artigos, inventários, relatórios, projetos econômicos e políticos produzidos com esse fim costumavam ser orientados por referências históricas   tradi o e ao desenvolvimento da cultura agrícola – base importante, como diziam os historiadores do ICC, da civiliza o caririense.

O levantamento das “potencialidades econômicas” do Cariri e as reivindica es junto aos governos por recursos destinados às áreas do polígono das secas, nesse sentido, propunham um conjunto de medidas que priorizavam a reestrutura o

⁵¹⁷ FIGUEIREDO FILHO, José de. A cidade de CRATO, Ceará, no desenvolvimento da Zona Caririense. In: *Itaytera*, 1974, p.96. Com pequenas varia es, o enunciado foi repetido em outros textos - como o escrito para a Revista de História da USP: “Pouca gente tem escrito tanto quanto eu em jornais, revistas e livros em torno deste *dadivoso pedaço de terra do sul cearense* [...]”. _____ . *História regional como parte integrante... Op. cit.*, p.1.; e para o livro *Engenhos de Rapadura do Cariri: Op. cit.*, p.17.

⁵¹⁸ “Em trabalho divulgado nos últimos dias de dezembro de [19]69, pela imprensa do Sul do país, consta a afirmativa do titular da pasta da fazenda sobre o fato de o Presidente da República nutrir a profunda convic o de que   necessário realizar a revolu o agrícola para incorporar os dois terços da popula o brasileira que vive no campo. Localizando-se no sul do Ceará, suas melhores terras planas, profundas e de aluvião – providas   farta de água das fontes e vasto lençol freático, está visto ser naquela zona que entre nós se encontra a área prioritária destinada ao revolucionamento das atividades agrícolas, como suporte e demanda da indústria, por que em boa hora propugna o chefe da Na o”. Embora fosse uma “ rea tão privilegiada de recursos naturais”, a utiliza o de técnicas agrícolas seculares fazia decrescer a produ o. Por isso, “o natural centro abastecedor de cereais, frutas e verduras dos sertões circunvizinhos passou a ser mero consumidor, entre outros artigos, do arroz do Maranhão, das laranjas da Bahia e de Sergipe, do abacate e outras frutas e verduras de S. Paulo e Caruaru, em Pernambuco.   medida que ali se eleva o consumo, com o aumento vertiginoso do número de habitantes, decresce a produ o. Como se pôr termo a esse manifesto empobrecimento da região?” A resposta era a que se repetia anos seguidos: açudagem e implanta o de modernas técnicas agrícolas. ARARIPE, Antônio de Alencar. *Revolu o Agrícola no Cariri*. In: *A o*, 17/03/1973, p.6. O texto foi publicado primeiramente no jornal O Povo de Fortaleza em 20/02/1973, conforme informa o presente ao final do artigo.

⁵¹⁹ Ver, por exemplo: ARARIPE, J sio de Alencar. *Potencialidade Econômica do Cariri*. *Op. cit.*; ARARIPE, Antônio de Alencar. *Desenvolvimento econômico do Sul do Ceará*. *Op. cit.*

⁵²⁰ Vale trazer para c  a frase de abertura do sétimo capítulo do livro *O Cariri*, transcrita no terceiro capítulo deste trabalho, que com algumas varia es foi repetida por outros autores: “A fertilidade do solo do Cariri e suas águas perenes o fadaram   agricultura”. PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.45.

econômica das atividades rurais⁵²¹ e novas relações com a natureza. Com isso é possível pensar que, no horizonte de expectativas dos membros do ICC, a correspondência estabelecida entre reorganização da vida agrária, especialmente a agrícola, com o destino da região indica a predominância que os valores e códigos do mundo rural ainda exerciam sobre eles. Da mesma forma, e para o que interessa mais diretamente a este trabalho, que o contexto político de reflexões sobre a estagnação econômica da região, em que se projetava o futuro alicerçado em sua natureza, destacando-a sempre como potencialidade econômica, criou condições favoráveis para a invenção e fixação de uma paisagem-oásis e paraíso terreal enquanto representação identitária do Cariri.

Em relação à última imagem, faz-se necessário deixar claro que, apesar do discurso de terra abençoada e de dádiva de Deus, o progresso científico-tecnológico que alterou o olhar face à natureza entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX no Brasil, atenuando, significativamente no meio intelectual, a ideia de natureza edênica, orientou também a ressignificação desta representação acerca do Cariri. Ou seja, da imagem de uma natureza exuberante e paradisíaca e, por isso, de fecundidade inesgotável porque doada e orquestrada por Deus, para uma natureza ainda exuberante, paradisíaca e presente divino, mas que precisava ser gerida pela ciência através da técnica e da indústria para a promoção do progresso.⁵²² Como disse Murari, em sua análise sobre aquele período, “não mais se pensava no ‘paraíso terreal’ dos primeiros entusiastas das riquezas naturais do Brasil, mas em um éden construído pela mão do homem, capaz de mesclar natureza e técnica na composição de uma só paisagem”.⁵²³

Foge às preocupações deste trabalho precisar essa transição no Cariri, mas a indicar pela primeira edição do texto *O Cariri*, de Martins Filho, e do livro *Renovação*, de José de Figueiredo Filho, o primeiro, publicado em 1939, e, o segundo, em 1937, o apelo para a mediação entre homem e natureza “por meio da cultura racionalizada” indica que deslocamentos nessa direção alcançavam membros da intelectualidade local. Aos “processos primitivos empregados” nas atividades agropastoris, como o uso do ferro e fogo, havia a necessidade do emprego de métodos racionais no desenvolvimento

⁵²¹ Algumas já foram citadas: superação da monocultura canavieira, implementação de técnicas agrícolas modernas, construção de açudes e barreiros, instalação de campos experimentais de novas culturas agrícolas e de Escola Agrotécnica, incentivo à pecuária leiteira etc.

⁵²² Cf. ARAÚJO, Hermetes Reis de. *Da mecânica ao motor: A ideia de natureza... Op. cit.*, ARRUDA, Gilmar. Representações da natureza: história, identidade e memória. In: ROLIM, Rivail C.; PELEGRINI, Sandra A.; DIAS, Reginaldo. *História, Espaço e Meio Ambiente*. Maringá: ANPUH-PR, 2000, p. 43-65; MURARI, Luciana. *Natureza e cultura ... Op. cit.*; SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão... Op. cit.*

⁵²³ MURARI, Luciana. *Natureza e cultura ... Op. cit.*

destas atividades.⁵²⁴ O que seria possível, por exemplo, e de acordo com José de Figueiredo Filho, com a educação do povo e a orientação dos agrônomos do Estado - representantes da racionalidade científica.

Como visto páginas atrás, em fins da década de 1940, a discussão sobre a modernização das práticas agrícolas, que incluía a mecanização e industrialização da agricultura, parecia ser pauta frequente nos jornais que circulavam. Dessa maneira, além do valor e prazer estético e sensorial que a exuberância e prodigalidade da natureza cariense proporcionava, sua descrição também foi realizada a partir de um olhar exploratório de suas riquezas naturais com fins à sua adequada apropriação e consumo. Como o fez Naylêe Gonçalves e suas amigas, em suposto passeio pela Chapada do Araripe, mencionado folhas acima, que ante a “exuberante riqueza natural” do altiplano seus olhos mais viam as possibilidades econômicas do que “a beleza panorâmica do chapadão”.⁵²⁵ Além da chapada, os brejos e vales caririenses também foram submetidos a esse olhar pragmático, em função do qual a agricultura, pelas características do solo, da abundância de água e do clima ameno, era encarada como a principal base de sustentação econômica da região. Modernizá-la abriria espaço, inclusive, para a industrialização da própria produção agrícola e para o desenvolvimento de outras atividades rurais:

Com uma agricultura próspera e desenvolvida teremos fortalecida nossa principal indústria e outros empreendimentos surgirão como uma decorrência natural, como a usina de açúcar, fábrica de doces e sucos de frutas e tantas outras que na região se implantarão depois de fortalecida sua infraestrutura econômica. [...] A indústria de pasteurização de leite, em fase de implantação, encontrará campo propício, e condições temos para desenvolver no Cariri a criação de gado leiteiro [...]. O gado de corte representa também

⁵²⁴ MARTINS FILHO, Antônio. *O Cariri. Op. cit.*; FIGUEIREDO FILHO, José de. *Renovação*. São Paulo: Livraria Editora Odeon, 1937. As primeiras aspas do parágrafo correspondem a trecho retirado do texto de Martins Filho, p.246, as segundas, ao livro de Figueiredo Filho, p.79. Em capítulo que tem por cenário a Chapada do Araripe, Figueiredo Filho ressaltou em “Renovação” que: “*Todos os métodos agrícolas são os mais rudimentares possíveis. A terra é esgotada – à maneira brasileira. O sistema é passar para a frente. Fica o carrasco quase improdutivo, mal dando para criar o pasto. A terra é a mãe carinhosa, porém, só recebe em paga desleixos e maltratos.* As matas foram quase todas devastadas pelas coivaras e pelo machado [...]. Antigamente, o chapadão era uma floresta só. O homem lentamente o devastou em proveito próprio e em troca nunca deixou qualquer benefício. *As fontes naturais da riqueza, se fossem cuidadosamente aproveitadas, dariam resultados surpreendentes.* *Idem*, p.79-80. Grifos meus. O livro “Renovação”, prefaciado por Gustavo Barroso, foi publicado como “romance de aspectos sociais do Nordeste brasileiro”. Sua narrativa tem como fio condutor o tema da seca e imigração contada a partir da saga de uma família que deixa sua casa em direção ao Cariri fugindo das consequências da estiagem. O livro combina ficção com, nas palavras do próprio autor, “observação exata” da realidade sertaneja e cariense – especialmente das cidade de Juazeiro do Norte e Crato.

⁵²⁵ FELÍCIO, Naylêe Gonçalves. *Um passeio à serra... Op. cit.*

um forte baluarte na economia regional, e poderá motivar de futuro a instalação de um frigorífico [...].⁵²⁶

Muito embora fosse atribuída ao mundo agrário a centralidade nos projetos de reestruturação econômica da região, a natureza, enquanto fonte de riqueza, ofereceria outras potencialidades econômicas:

Da terra brotam todas as riquezas principais dos homens. Dela chega-nos o minério. Nutre a lavoura e a pecuária. A grandeza de Deus doou-nos o solo, âmago do globo e o ar que o envolve [...]. A sabedoria do homem, dádiva também do criador, precisa domar a natureza a fim de regularizar suas riquezas. Há outros recursos que são ofertados do engenho humano, em zonas privilegiadas. No Cariri existe trecho de terra que é dos mananciais mais poderosos de argila para cerâmica industrializada de todo o norte brasileiro. Já começou a despertar a atenção dos industriais. [...] A terra não nega recursos ao homem que a trata com carinho e com trabalho. Mesmo quando não recebe água dos céus para a lavoura, pode ser trabalhada com fogo e pressão e oferecer das mais preciosas peças de cerâmica do Brasil. [...] O homem, após tanto sofrimento, não pode abandonar a terra que lhe dá tudo de uma forma ou de outra.⁵²⁷

Não se tratava, portanto, apenas de realizar um inventário ufanista da variedade e da opulência da natureza caririense. Tratava-se também de sua incorporação aos projetos de “alevramento material” da região, como propugnava os estatutos do ICC. Tratava-se, nesse sentido, da transformação de uma realidade econômica e social a partir de sua submissão ao racionalismo científico-tecnológico, em que se esperava tanto o revigoramento de sua principal atividade agrária quanto sua conversão em outras fontes de riqueza. Mas, esse olhar racional, mediado pela perspectiva pragmática da natureza, não era menos determinado por formas simbólicas, pois, como nos fala Cauquelin, “os dados do ambiente físico mantêm [sempre] um contato estreito com os dados perceptuais formados pela paisagem”.⁵²⁸ Assim, a re(a)presentação do Cariri como uma “área tão privilegiada de recursos naturais” carregava tanto um sentido econômico quanto simbólico, como pode também ser apreendido em outra potencialidade econômica vislumbrada pelos membros do Instituto: o turismo.

Entre os membros do ICC, pode-se considerar que J. Lindemberg de Aquino foi o primeiro dos entusiastas e incentivadores do desenvolvimento da “indústria do

⁵²⁶ ARARIPE, Jósio de Alencar. *Potencialidade econômica do Cariri. Op. cit.*

⁵²⁷ FIGUEIREDO FILHO, José de. Da terra nos vem a riqueza. In: *A Ação*, 18/07/1970, p.7. O mesmo texto encontra-se na revista Itaytera de 1970, p.126-127. Grifos meus. Além da argila, outros recursos minerais foram apontados como passíveis de exploração, como a gipsita, o xisto betuminoso e o cobre. Ver, por exemplo: ARARIPE, Antônio de Alencar. *Desenvolvimento econômico do Sul do Ceará. Op. cit.*; sem autoria: O Cariri é rico: falta explorar recursos. In: *A Ação*, 16/09/1967, p.7.

⁵²⁸ CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem... Op. cit.*, p.11.

turismo” no Cariri, especialmente no município do Crato, a ele juntando-se mais tarde nomes como o de Jósio de Alencar Araripe e Jurandy Temóteo. Num momento em que ainda não fazia parte dos projetos do poder público e da elite caririense o investimento neste setor, J. Lindemberg de Aquino publicou um texto na revista Itaytera apontando as vantagens e possibilidades econômicas de exploração turística da região e a necessidade de se criar uma “mentalidade”, em toda a sociedade, favorável à construção de “um plano de aproveitamento turístico” para o Cariri. Embora reconhecesse que “tudo está por fazer ainda”, acreditava que nada se perderia por sugerir “e mesmo por repisar o assunto, a ponto de introduzirmos aos poucos, na mentalidade do nosso povo, dos nossos governantes e líderes, a perfeita consciência do valor e da significação de um plano turístico regional.”⁵²⁹ De acordo com ele:

Evidentemente que reina sobre o turismo na região do Cariri a mais crassa ignorância, o que é, realmente, de se lamentar. *Hoje em dia precisamos lançar mão de todos os recursos de que dispusermos para vencermos na longa caminhada pelo nosso desenvolvimento social e econômico.* A meta do turismo jamais poderia ou deveria ser desprezada, tanto e tão confortadores são os resultados que ela nos poderia ensejar. [...] O turismo é um dos fatores de progresso de cidades e de zonas inteiras, atraindo dinheiro, visitantes e propaganda. Aumenta o intercâmbio, dinamiza o comércio, enriquece uma terra, torna-a conhecida... *O Cariri, a nosso ver, apresenta ponderáveis possibilidades de exploração turística se os recursos de que dispomos forem devidamente aproveitados nesse sentido.*⁵³⁰

No número seguinte de Itaytera, o autor retomava o assunto animado com a repercussão positiva de sua “modesta ideia” entre os colegas do Instituto e na imprensa local. Diante disso, não apenas agradeceu as palavras de incentivo recebidas como fundamentou melhor seus argumentos utilizando-se de exemplos de cidades que praticavam um “turismo organizado e racionalmente explorado”. Acreditava ele que

⁵²⁹ AQUINO, J. Lindemberg de. Turismo no Cariri. In: *Itaytera*, 1959, p.87-92. Grifos meus. Para ele, pois, o turismo deveria ser um importante elemento no combate pelo soerguimento da região: “Hoje em dia o Cariri inteiro se empenha numa luta das mais renhidas em prol de sua valorização, luta que já consubstanciou em realizações variadas e multiformes, traduzindo o esforço dos filhos da zona para que tenhamos um lugar de destaque no mapa da Pátria. Se há os que lutam pela eletrificação da zona, como meio de obter por seu intermédio e de modo mais prático o desenvolvimento regional, há os que se esforçam, como o dinâmico Deputado Alencar Araripe e o nosso Bispo Auxiliar, Dom Vicente Matos, pelo aproveitamento dos vales secos e baixios do Cariri por meio de barragens submersas, açudagem em alta escala, irrigação e policultura, garantindo um regime de safras perenes e abastecimento regular do mercado consumidor. Há os que se esforçam no setor cultural - e aí seria uma injustiça esquecer o nome de J de Figueiredo Filho, ansiando melhor repercussão do nível intelectual do Cariri. Em todos os setores temos líderes, alguns de extrema dedicação, amantíssimos filhos do Cariri. Mas no setor do desenvolvimento turístico da zona, o que vemos? Um vácuo enorme, que ninguém ainda se apercebeu, que não se cuidou, tão pouco, de preencher por não se haver olhado os detalhes e as magníficas oportunidades que oferecemos no sentido da incrementação turística da região”. *Idem*, p.87.

⁵³⁰ AQUINO, J. Lindemberg de. *Turismo no Cariri... Op. cit.*

solucionado alguns problemas estruturais, o Cariri teria “excelentes condições para formar aqui o melhor turismo no interior nordestino”. Anunciou, então, sua contribuição e a do ICC para inserir a região no chamado “turismo interno” que, aos poucos, vinha sendo praticado no Brasil: a fundação do “Grupo de Trabalho para o Turismo na Região”. Informou que o grupo mantinha estreita ligação com o “Touring Club do Brasil”, através de um dos sócios correspondentes do ICC no Rio de Janeiro, e que estava sendo articulada uma campanha para a fundação de “Clubes de Turismo no Cariri”. Tais ações eram entendidas como “uma obra patriótica” a que se devotariam, “certos de estarmos prestando um grande serviço ao Cariri e à sua gente”.⁵³¹

A construção da imagem de um Cariri com potencial turístico inseriu-se no contexto de discussão internacional e nacional de uma política de turismo como fator de desenvolvimento econômico. Vale ressaltar que as “Nações Unidas, na Conferência de 1963 sobre viagens e turismo internacional, chegaram a recomendar explicitamente que países mais pobres atentassem para o valor do turismo como meio de desenvolvimento”.⁵³² A criação da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), em 1966, com o duplo objetivo de regulamentar o setor turístico no Brasil e promover o país como destino turístico no exterior, representou importante medida estatal nesta direção.⁵³³ Para o Nordeste, tal política foi trabalhada pelo Estado como uma alternativa capaz de contribuir para o seu progresso socioeconômico promovendo, dessa maneira, a diminuição das disparidades econômicas e sociais entre esta região e o sul do país – e

⁵³¹ AQUINO, J. Lindemberg de. Fomento ao turismo no Cariri. In: *Itaytera*, 1961, p.79-82. Em função de problemas financeiros, a revista *Itaytera* de número VI – que corresponde ao ano de 1960 – só pode ser impressa em 1961. Assim, neste ano foi publicada tanto a que estava no prelo quanto a revista de número VII – referente, de fato, ao ano de 1961. Em relação, especificamente, ao grupo de trabalho a que se referiu, Lindemberg ressaltou que: “*Esse Grupo de Trabalho é o desdobramento das atividades do Instituto Cultural do Cariri, atividades de todos já bastante conhecidas e que colocam o ICC como vanguardeiro das grandes iniciativas. Tudo o que sai do ICC é vitorioso. Vejam a luta pela implantação do Ensino Superior no Cariri, já plenamente vitoriosa com o funcionamento das duas primeiras Faculdades em Crato!*”. *Idem*, p.82. Grifos meus. Não foi possível saber nada mais além do que ele próprio informou na matéria sobre o “Grupo de Trabalho para o Turismo na Região”, o que indica que provavelmente tenha arrefecido logo após os primeiros meses de trabalho. Por sua atuação em favor da implementação de uma política voltada para o turismo na região, atestada pelos inúmeros textos publicados em revistas e jornais sobre o assunto, ele foi convidado para ser o representante do Ceará na “Revista Turismo em Foco” – editada no então Estado da Guanabara. A carta convite foi reproduzida no jornal *A Ação*: “Revista de turismo convida jornalista cratense a representa-la no Ceará!”. In: *A Ação*, 04/07/1970, p.6.

⁵³² MEDEIROS, Bianca Freire; CASTRO, Celso. Destino: Cidade Maravilhosa. In: CASTRO, Celso; GUIMARÃES, Valéria Lima; MAGALHÃES, Aline Montenegro (Orgs.). *História do turismo no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2013, p.19.

⁵³³ *Idem*; AGUIAR, Leila Bianchi. Estado, turismo, cultura e desenvolvimento: organização empresarial e a construção do consenso sobre a importância do turismo para o Brasil (1966-1988). In: *Anais do VI Simpósio Nacional Estado e Poder: Cultura*. Sergipe: UFS, 2010, p.1-12. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT1/GT1-LEILA.pdf>>. Acesso em: 13/05/2018.

que teve na atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) as representações maiores desse compromisso.

Investido de espírito patriótico e de visão utilitária, J. Lindemberg de Aquino prosseguiu ao longo das décadas de 1960 e 1970 na luta pela sensibilização e despertar “da consciência dos nossos homens públicos regionais”⁵³⁴ de que a adoção e organização do turismo poderia proporcionar “riqueza e progresso”⁵³⁵ para o sul cearense. No final dos anos 1960, uma matéria por ele publicada no jornal *A Ação* em que reclamava do Crato ainda não ter compreendido e sentido “em toda a sua plenitude” o que tinha de “potencialidade para estimular o turismo” e as vantagens que ele poderia trazer à cidade, indica bem a dificuldade de planificação e execução de uma estrutura turística para a região.⁵³⁶

Tendo sido uma voz quase solitária ao longo da década de sessenta, não obstante ter recebido apoio de alguns colegas nessa empreitada, outros integrantes do ICC a ele se juntaram, nos anos 1970, fazendo coro à necessidade de promoção desta “fonte de renda” no Cariri. No início daquele decênio, a campanha pelo turismo ganhou mais força com o anúncio do governo César Cals (1971-1975) de que sua política desenvolvimentista incluiria o incentivo ao desenvolvimento do turismo na capital e interior do Ceará.⁵³⁷ Dessa forma, observa-se na imprensa cratense avolumar-se

⁵³⁴ AQUINO, J. Lindemberg de. *Fomento ao turismo... Op. cit.*, p.81.

⁵³⁵ *Idem*.

⁵³⁶ Para J. Lindemberg de Aquino: “O Crato ainda não compreendeu, o Crato ainda não sentiu, em toda a sua plenitude, o que tem de potencialidade para estimular o turismo. E, pior ainda, não aprendeu as vantagens que o turismo pode trazer à terra, trazendo visitantes que aqui gastam dinheiro, que aqui movimentam os hotéis e movimentam o comércio e que, acima de tudo, fazem novas amizades, fazem o entrelaçamento e fazem a boa propaganda da terra [...]. *O Crato precisa se cientificar de que o turismo hoje é uma indústria*, que pode e deve ser explorado, que dá dinheiro, que movimenta, que faz crescer a cidade, torna-a conhecida, faz relações públicas e humanas. *No dia em que o Crato compreender isso – e com a potencialidade que tem – então o Crato terá descoberto uma de suas grandes fontes de renda.*” AQUINO, J. Lindemberg de. Incentivo ao turismo no Crato. In: *A Ação*, 01/11/1969, p. 07. Grifos meus. É possível que o sonho de industrialização do Cariri com a chegada da energia vinda de Paulo Afonso, a dominância das atividades rurais e os altos custos que demandariam em propaganda e montagem de uma infraestrutura para receber turistas, possam explicar, em parte, o que ele chamou de falta de uma “mentalidade de turismo” para que esta atividade pudesse ser desenvolvida na região.

⁵³⁷ OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de. Turismo, cultura e natureza: a produção de uma imagem sobre o Ceará nos anos 1970. In: CASTRO, Celso; GUIMARÃES, Valéria Lima; MAGALHÃES, Aline Montenegro (Orgs.). *História do turismo no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2013, p.229-241. Para a autora, os anos 1970 teriam marcado o início da planificação do turismo no Ceará - antes restrito à capital e exercido de forma muito tímida. No mandato de César Cals foi criada a Empresa Cearense de Turismo (EMCETUR - 1973) e construído o “Plano de Incentivo ao Turismo”. Consultar também: VIANA, José Ítalo Bezerra. *As muitas artes do Cariri. Relações entre turismo e patrimônio cultural no século XXI*. Fortaleza: UFC, Tese de Doutorado em História, 2017. A notícia de que o governo do Ceará incentivaria o turismo no estado foi comemorada por Lindemberg de Aquino, que aproveitou a oportunidade para fazer propaganda das potencialidades turísticas do Crato e pedir para que a cidade não fosse “marginalizada e esquecida” pelo governador César Cals. AQUINO, J. Lindemberg de. Turismo para o Crato. In: *A Ação*, 13/03/1971, p.2. Ver também: “O Cariri e o Turismo”. In: *A Ação*, 06/11/1971, p.3

matérias sobre as potencialidades turísticas das principais cidades da região, Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, especialmente relativas à primeira, e sugestões do que deveria ser realizado para que de fato esta atividade se transformasse em alternativa rentável para a economia caririense.

Nesse sentido, tanto as carências a serem solucionadas quanto a oferta de atrações repetiam-se entre os autores fazendo eco às muitas questões e temáticas discutidas na década anterior. No quesito infraestrutura, por exemplo, reclamava-se das estradas que davam acesso à região, da necessidade de transporte e hospedagem adequados e melhoria das cidades (limpeza, pavimentação de ruas, clubes de recreio etc.). No que se refere aos atrativos que poderiam ser ofertados, e não diferentemente do que ocorria em nível nacional, elegeram-se manifestações ligadas ao folclore, artesanato, à história, eventos culturais – como festas religiosas e outras a serem inventadas – e à natureza. Pode-se afirmar, portanto, que a construção de um Cariri turístico a partir da recolha e invenção de elementos associados a essas categorias, expressos como “potencialidades turísticas” e exaltados sob a ótica do típico, autêntico, peculiar, tradicional ou pitoresco instituía, no mesmo movimento, a imagem de região vocacionada também para o turismo.⁵³⁸

Do repertório estabelecido, a natureza foi apropriada como o principal produto turístico da região. Sua percepção enquanto recurso natural permitiu vislumbrar as características do meio ambiente, enquadradas em uma paisagem oásis e idílica, e seu contraste com os sertões vizinhos como “potencialidade econômica-turística”⁵³⁹ a ser explorada. A Chapada do Araripe e os vales ao seu sopé foram, então, convertidos em importante apelo simbólico e sensorial. Na documentação consultada, se não foram os primeiros elementos a serem ressaltados, foram os únicos. A matéria de J. Lindemberg de Aquino, publicada na revista *Itaytera* de 1959, mencionada páginas atrás, iniciava o inventário de “ponderáveis possibilidades de exploração turística” justamente destacando que:

(sem autoria). No Crato, especificamente, antes da administração de César Cals o prefeito Humberto Macário de Brito (1967-1970) incluiu em seu plano administrativo o incentivo ao turismo e criou a SOCIETUR (Sociedade de Turismo do Município do Crato). Consultar: AQUINO, J. Lindemberg de. Crato reencontra o caminho do turismo. In: *A Ação*, 30/05/1970, p.2; “Plano de Ação Administrativa do dinâmico prefeito Humberto Macário de Brito. In: *IC Revista*, 1967, p.2-7. Outro prefeito que também deu destaque ao setor em seu plano de ação para a administração do Crato foi Pedro Felício Cavalcanti: “Plano de Ação. Prefeitura Municipal do Crato. Administração Pedro Felício Cavalcanti (1973-1977)”. Crato: Serviços Técnicos de Assessoria Municipal (SETAM); Comissão Micro-regional de Desenvolvimento do Cariri (COMDECA), [197(3)?], p.36-37.

⁵³⁸ VIANA, José Ítalo Bezerra. *As muitas artes do Cariri. Relações entre turismo e patrimônio... Op. cit.*

⁵³⁹ Expressão retirada de: AQUINO, J. Lindemberg de. Serra do Araripe II. In: *A Ação*, 18/01/1969, p.6.

*Dispomos, em primeiro lugar, da Serra do Araripe, de clima maravilhoso, saudável, temperado o ano todo. Manancial imenso de belezas, os seus contrafortes se apresentam cheios de matas exuberantes, os seus sopês cheios de fontes perenes, o seu cenário de beleza luxuriante. No entanto, o que se fez até hoje para aproveitar tudo isso? Nada. [...] Na serra temos locais magníficos para hotéis de primeira classe, hotéis de veraneio, como no Alto da Ladeira das Guaribas, para quem vai rumo a Santana do Cariri. Outro local maravilhoso: trecho da fonte Caldas, no município de Barbalha. Também temos as proximidades do aeroporto do Crato, temos o Belmonte, temos muitos trechos no município de Jardim e outros ainda em Barbalha.*⁵⁴⁰

Ainda para o autor, além do “cenário de beleza luxuriante” proporcionada pela Chapada do Araripe, atrações festivas em torno das culturas da mandioca e do abacaxi, balneários em algumas de suas nascentes e “zonas de caçadas” poderiam ser criadas, especificamente, para fins turísticos. E nos vales caririenses, os açudes reivindicados para a irrigação poderiam ser utilizados também para “incentivar o esporte de regatas e as pescarias”.⁵⁴¹ Tais sugestões, em seus princípios importadas da experiência de lugares com turismo organizado e adaptadas à realidade local, foram recorrentes nos escritos deste e de outros autores sobre as potencialidades desta atividade no Cariri ajudando, assim, a construir e difundir a ideia de sua vocação turística:

Outro dia vimos num conceituado jornal da terra: “Outro fator parecem desconhecer as autoridades cearenses, é que somos, de certa forma, privilegiados pela natureza, que nos deu de mão beijada uma terra promissora, cheia de quanta potencialidade existe, para desenvolver sistematicamente o turismo”.⁵⁴²

Impõe-se o Cariri como uma zona eminentemente turística, seja pela regularidade e amenidade de seu clima, seja pela fartura da água, seja pelo conjunto de belezas naturais que lhe adornam a paisagem. Já se chegou a afirmar – o conhecido jornalista J. de Figueiredo Filho – que “o Cariri é zona vocacionada para o turismo, notadamente a cidade do Crato”. Com efeito, tal afirmação não contém excesso nem jacobinismo exagerado porque, conhecedor profundo do fáceis geográfico e humano do Cariri, o consagrado escritor e jornalista tinha a vantagem de ser um homem experiente e viajado

⁵⁴⁰ AQUINO, J. Lindemberg de. *Turismo no Cariri. Op. cit.*, p.88. Grifos meus.

⁵⁴¹ *Idem*, p.88-89.

⁵⁴² *Diagnóstico das potencialidades turísticas do Crato*. Crato: Faculdade de Ciências Econômicas do Crato; Instituto Cultural do Cariri: Coleção Itaytera, v.7, 1975, p.10. O diagnóstico, que também teve a colaboração do Clube dos Amigos do Folclore, foi elaborado pelos alunos do 4º ano da Faculdade de Ciências Econômicas do Crato para a disciplina “Elaboração e Avaliação de Projetos”. O intuito era “identificar o potencial turístico do Crato” e despertar particulares e autoridades públicas para o turismo, “indústria da mais alta rentabilidade”. *Idem*, p.77-11. A publicação é um bom exemplo da recorrência das sugestões elencadas por Lindemberg de Aquino – que esteve na equipe de “Revisão Redacional” do trabalho – para o aproveitamento turístico dos recursos da natureza (ver item “5. RECURSOS NATURAIS”, p.47-52). Ele próprio as retomou em outros momentos, como por exemplo: AQUINO, J. Lindemberg de. *Serra do Araripe II. Op. cit.*; _____. *Incentivo ao turismo... Op. cit.*; _____. *Turismo para o Crato. Op. cit.*; _____. A serra do Araripe: turismo. In: *O Leão do Cariri*. Órgão do Lions Clube de Crato, ano VI, n.19, 08/09/1970, p.13; _____. Crato e o turismo. In: *Região*, n.1, 1971, p.10. Com o passar do tempo, outras sugestões foram acrescentadas.

por todo o país e até pelo exterior, tendo oportunidade de fazer aferições e análise de outras regiões com a nossa. Acresce salientar que ao lado dessas condições básicas para o turismo, paisagem, clima e água, o Cariri dispõe de um elenco de outros fatores positivos que tornam a região verdadeiramente privilegiada nesse setor, se comparada a outras regiões fisiográficas do estado.⁵⁴³

Tratando, especificamente, da conversão da natureza em fonte de riqueza através da destinação do Cariri como ponto turístico, outro membro do ICC, Jósio de Alencar Araripe, utilizou-se dos mesmos elementos naturais e qualificativos que nomeavam e representavam metaforicamente a região como excepcionalidade em oposição ao sertão e que constituíam, assim, uma natureza e paisagem turística para o Cariri:

Somente quem conhece os focos principais de atração turística do interior do Nordeste [Caruaru e Feira de Santana] poderá avaliar os imensos recursos que oferece o Cariri cearense nesse setor [...]. No nosso Cariri é bem diferente e vale a pena a gente ver. Verdes as encostas da serra [do Araripe] que emolduram o Vale, os baixios e brejos, tudo verde o ano todo, até onde alcança a vista. Fontes perenes por toda a parte, bicas, cascatas, em meio a vegetação mais luxuriante. O clima também é bom. Pode-se andar à vontade, léguas seguidas, e enche-se a vista com as mais belas paisagens que se pode ver em qualquer parte do Brasil. Nada ficamos a dever às cidades serranas do Estado do Rio [de Janeiro]. [...] Basta ajeitar um pouco o que a natureza nos deu prodigamente. Mesmo percorrendo estradas ruins e poeirentas, vale à pena andar por aí, nos caminhos sombreados na Chapada do Araripe, e descer para o Caldas, em Barbalha, em Porteiras, onde se aprecia uma das mais belas vistas da região, em Jardim, cujo nome bem define essa cidade encantadora. Pelo asfalto atinge-se a Cachoeira do Salgado, em Missão Velha, em belo espetáculo da natureza, o rio precipitando-se em sucessivas quedas e correndo veloz num profundo canyion, que lembra o São Francisco, em Paulo Afonso. Assim é o Cariri que poucos cearenses conhecem e que poderíamos orgulhosamente mostrar a todo mundo se os governos nos dessem a mão para dotar a região de uma infraestrutura turística eficiente [...]. Somos um oásis em meio ao sertão escaldante. [...] Não faltarão argumentos para quem desejar fugir ao calor de 38 graus acima, muito comum por aí a fora depois de agosto ou setembro, para gozar no Cariri, nos pés de serra do Araripe, de um clima e natureza primaveris. Como em tudo o mais, também no turismo o Cariri ajudará o Ceará a faturar muito mais. Desde que nos ajudem, a região poderá se transformar na Meca do turismo nordestino.⁵⁴⁴

⁵⁴³ TEMÓTEO, Jurandy. Crato: polo turístico do Cariri. In: *Hyhyté*, 1977, p.84. Após citar algumas características da “Serra do Araripe”, o autor escreveu que: “[...] É um enorme platô de grande beleza panorâmica e clima semelhante às serras fluminenses. Do seu alto avistam-se quase todas as cidades do Vale. Das faldas da Serra Araripe jorram inumeráveis fontes, que na sua descida para o Vale Caririense, ao seu sopé, irrigam sítios, chácaras e pomares, espalhando-se, enfim, pelos imensos canaviais que adornam a região, principalmente nos municípios de Crato, Barbalha e Missão Velha, perenizando o seu verde a ponto de chamar a atenção de todos os visitantes que encontram essa singular paisagem de paz, beleza e conforto com a natureza pródiga em pleno centro dos rincões adustos do Nordeste”. *Idem*, p.85. Jornalista, cronista e professor, Jurandy Temóteo de Sousa passou a compor o quadro da diretoria do ICC, em fins dos anos 1970, como secretário., cargo que ocupou também durante quase toda década de 1980 e 1990. Reeditou a Revista *Província*, lançada durante os festejos do centenário do Crato, duas décadas depois de encerrada sua circulação, em 1955.

⁵⁴⁴ ARARIPE, Jósio de Alencar. Turismo no Cariri. In: *A Ação*, 01/09/1973, p.2. Grifos meus.

Considerada como “zona eminentemente agrícola” em função de suas características ambientais, construía-se também para a região a imagem de “zona eminentemente turística” - bastando apenas que se ajeitasse “um pouco o que a natureza nos deu prodigamente”. Os mesmos qualificativos e imagens que representavam a região como paisagem peculiar eram associados, individualmente, às cidades que faziam parte do chamado Vale do Cariri que, como já foi dito, correspondia ao denominado “Cariri tradicional” ou “verdadeiro Cariri” por ter sido o núcleo originário da região e pela influência da Chapada do Araripe – como, por exemplo, a predominância do verde. Assim, para J. Lindemberg de Aquino, no Crato, a natureza “se revelou pródiga e exuberante, restando ao homem complementar a obra de Deus [...]. A Serra do Araripe, sozinha, é, em si, uma imensa reserva para o turismo [...]. Há milhares de ideias. O Crato nasceu com vocação turística.”⁵⁴⁵

A partir da combinação entre obra divina e obra humana, seria possível, então, integrar as “belezas naturais” caririenses e seus “perfis perspectivistas”⁵⁴⁶ à política de “alevramento material” do Cariri, projetada pelos membros do ICC sob a ótica desenvolvimentista e de integração nacional. De forma expressa ou demorada, em linguagem e suporte diferentes, como no documento produzido pela Comissão Técnica de Planejamento Urbano do II Seminário para o Desenvolvimento do Sul do Ceará, que teve como um de seus organizadores o ICC, natureza, turismo e paisagem foram combinados ressaltando-se sempre as possibilidade de progresso que poderia proporcionar ao Cariri sendo, por isso, necessário “planejar pensando no futuro”:⁵⁴⁷

Quem demanda do litoral ao sertão e atravessa a faixa da mata litorânea nordestina, penetra em vasta zona de terras áridas. Prosseguindo depara-se com esta “ilha verde”, cujo marco mais expressivo e primeiro visível ao longe é a Chapada do Araripe, “singular montanha de formação arenítica” (que por isso deve ser protegida a fim de controlar sua erosão), “de cuja base brotam fontes perenes que irrigam os sítios adjacentes e que outrora banhavam os vales”, e de onde provém todas as composições físicas e biológicas que caracterizam os fácies morfo-fisiográficos da região. Esta Chapada empresta a amenidade do clima, a altitude de suas encostas, a paisagem lindíssima de onde se deslumbra o grande verde vale, a leveza e o encanto da pureza de suas águas. Prestando-se, pois, para um audacioso plano turístico que envolva todo este potencial complexo, adormecido, capaz de carrear para a região uma série de indústrias sem chaminés. Nesse particular, já se poderia pensar numa chamada estrada do turismo [...].⁵⁴⁸

⁵⁴⁵ AQUINO, J. Lindemberg de. Imensas as potencialidades turísticas do Crato. In: *Região*, n.6, 1974, p.18.

⁵⁴⁶ Expressão tomada de empréstimo a CAUQUELINE, Anne. *A invenção da paisagem*. Op. cit., p.29.

⁵⁴⁷ FIGUEIREDO, Zuleika Pequeno de. Planejamento e turismo. In: *Ação*, 31/07/1971, p.3.

⁵⁴⁸ *II Seminário para o Desenvolvimento do Sul do Ceará. Trabalho da Comissão Técnica... Op. cit.*, p.5 (Item: “5. A natureza e o turismo”).

Embora o turismo não tenha se tornado, de fato, uma alternativa de renda para a região naquele período, pode-se considerar que da mesma forma que em relação à discussão sobre a necessidade de se fazer uma “revolução agrícola”, a conversão dos recursos e belezas naturais em potencialidade turística tornou-se mais um importante ponto de recorrência na instituição de uma paisagem identitária para o Cariri. Como pôde ser percebido, em ambos os casos, repetiam-se e combinavam-se os mesmos elementos naturais (fontes perenes, vegetação/natureza luxuriante, clima ameno, verde das matas e fertilidade do solo) na ordenação de representações sobre sua natureza e que definiria o que seria o Cariri cearense para os sócios do ICC: “um *oásis* em meio ao sertão escaldante”⁵⁴⁹ e “[...] terra abençoada, onde deveria ser *paraíso* contínuo dadas as bênçãos que recebeu de Deus”.⁵⁵⁰

A modernização do campo, especialmente da agricultura, e a implementação da atividade turística exigiam, por outro lado, o estabelecimento de novas relações com a natureza para que fosse possível sua preservação e, conseqüentemente, a contínua exploração de seus recursos naturais e de suas “belas paisagens”. Nesse aspecto, podem ser lidas matérias e até reproduções de poemas que denunciavam a devastação da flora e da fauna da Chapada do Araripe pelo fogo, machado e pela caça, artigos que abordavam a importância da conservação da Floresta Nacional Araripe-Apodí (FLONA) e advertências sobre a necessidade de políticas de reflorestamento para a preservação das nascentes e combate às erosões. Falava-se, inclusive, na ameaça de “saarização” ou “desertificação” da região em futuro próximo devido ao contínuo “desflorestamento” da Chapada do Araripe. Nesse sentido, alguns perguntavam mesmo até quando o Cariri seria o “oásis do Ceará”.⁵⁵¹

⁵⁴⁹ ARARIPE, Jósio de Alencar. *Turismo no Cariri*. *Op. cit.* Grifo meu.

⁵⁵⁰ FIGUEIREDO FILHO, J. de. Lembrança do Cariri. In: *Itaytera*, 1972, p.69. O autor elogiou a região, mas falou em mazelas, por esse motivo não seria “paraíso contínuo”. Grifo meu.

⁵⁵¹ NEVES, Napoleão Tavares. Desolação na Chapada do Araripe. In: *A Ação*, 01/04/1978. Consultar também: ARARIPE, Jósio Alencar. *Potencialidade econômica do Cariri*. *Op. cit.*; AQUINO, J. Lindemberg de. Fogo na Serra. In: *A Ação*, 25/10/1980; MATOS, Celso Gomes de. Em defesa da Serra do Araripe. In: *A Província*, 1955, p.31-34; SAMPAIO, Fabiano Livônio. A flora e a fauna estão morrendo. In: *A Ação*, 01/04/1978; SILVA, Otacílio Anselmo e. *A história do Padre Cícero*. *Op. cit.*, QUEIROZ, Antônio Alves. Em defesa das florestas. In: *Itaytera*, 1955, p.159; ESMERALDO, Pedro. Em defesa da Serra do Araripe e adjacências. In: *Região*, n.5, 1973, p.7. Sobre Napoleão Tavares Neves: nasceu em Jardim em 1930, formou-se em medicina em 1958. Foi ocupante da Cadeira n.1 do ICC da Seção de Ciências e tem vários artigos publicados em *Itaytera* e outros periódicos da região. Cf: BORGES, Raimundo de. *O Crato intelectual... Op. cit.*, p.181-184.

A preocupação com a destruição das matas caririenses e suas consequências para a região, manifestada, inclusive, por Irineu Pinheiro⁵⁵², ensejou o processo de compreensão do altiplano como patrimônio natural dos caririenses.⁵⁵³ A citação abaixo, que mais uma vez expõe a percepção da natureza como recurso natural a ser explorado, fosse para dela extrair riquezas minerais, produzir alimentos ou para o desenvolvimento do turismo, relaciona potencial econômico, necessidade de preservação e ideia de patrimônio comum:

Riquezas minerais incalculáveis dominam o panorama da Serra [do Araripe]. Riquezas minerais que poderiam servir à economia cearense. Riquezas vegetais que na parte da *Floresta sofrem impiedosa, criminoso e devastadora destruição* [...]. A Serra com um microclima espetacular, que favorece a indústria do turismo, das caçadas, dos velódromos e autódromos, dos aeroportos sem fim, dos mirantes espetaculares [...]. *A Serra que é um patrimônio vivo – esperança e redenção do Cariri e do Ceará* aguarda, tranquilamente, a criação de um Grupo de Trabalho, de técnicos variados, de diversas especialidades, para preparar um estudo completo sobre suas potencialidades. *A Serra que é a riqueza, o patrimônio maior do Cariri* – que jaz esquecida da tecnologia e da ciência, *como se zelosa se resguardasse para o futuro, para no futuro dar tudo o que pode em benefício do seu povo!*⁵⁵⁴

A concepção de que o progresso dependia da natureza e por isso era preciso sua preservação, sendo urgente a educação da geração presente e das vindouras nesse propósito, indicava uma mudança de sensibilidade em relação à natureza. As propostas de exploração de alguns minérios, de ampliação das áreas de plantio no topo da Chapada, construção de hotéis, aeroporto, clubes de caça, casas de repouso, autódromos e velódromos, entre outras, apontam, entretanto, para a forte coexistência entre atitudes preservacionistas e depredatória da natureza. O que caracterizava, pode-se considerar, o que Keith Thomas chamou de “sensibilidade cindida”⁵⁵⁵ entre a exploração econômica e a conservação da natureza engendrada no período moderno e que alcança o tempo presente – tornando incompatível, em grande medida, preservação da natureza e progresso material proporcionado pela técnica e ciência.

⁵⁵² PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento...* Op. cit., p.18-20; p.278. Vale destacar que o autor se referiu à Chapada do Araripe como “patrimônio florestal”. *Idem*, p.19.

⁵⁵³ VIANA, José Ítalo Bezerra. *As muitas artes do Cariri. Relações entre turismo e patrimônio...* Op. cit., p.37-41.

⁵⁵⁴ AQUINO, J. Lindemberg de Aquino. A potencialidade da Serra do Araripe. In: *Ação*, 11/11/1972, p. 2. A citação foi retirada de VIANA, José Ítalo Bezerra. *As muitas artes do Cariri. Relações entre turismo e patrimônio...* Op. cit., p.38-39.

⁵⁵⁵ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.405.

De qualquer maneira, a discussão e elaboração de propostas realizadas por membros do ICC com o objetivo de contribuir para a superação da crise, desenvolvimento e valorização da região tornaram as ações, nesse sentido, importantes vetores político, pedagógico e de fixação de representações paisagísticas para o Cariri. A luta por recursos de órgãos públicos para dinamizar a economia regional, em que a recuperação agrícola e a implementação do turismo centralizaram grande parte dos esforços daqueles agentes, provocaram uma (re)valorização da natureza e de suas “belas paisagens” garantindo, com isso, a transmissão de valores representacionais herdados de gerações anteriores a partir do reordenamento de algumas de suas características ambientais.

Ao mesmo tempo, portanto, que buscava-se garantir a continuidade de exploração dos recursos naturais ofertados por uma natureza “dádiosa” e “pródiga”, garantidora de um futuro promissor, bastando apenas que os carirenses, com auxílio dos governos, os explorassem de forma racional, prosseguia-se na invenção de sua identidade regional ao adequar e enquadrar alguns de seus elementos às imagens de natureza edênica e de oásis. Ao combinar, então, a ideia de oásis e imaginário edênico na constituição de uma paisagem particular ao Cariri, região de “clima e natureza primaveris” e “oásis em meio ao sertão escaldante”, o olhar sobre os problemas e soluções para sua recuperação econômica não era menos ornado de representações designadoras de uma paisagem identitária caririense.

CONCLUSÃO

Em uma de minhas viagens entre o Rio Grande do Sul e o Ceará, em 2014, deparei-me com um exemplar de revista ofertado por conhecida companhia aérea que tinha entre suas principais matérias uma reportagem sobre a cidade de Juazeiro do Norte, importante centro urbano do Cariri e do chamado triângulo CRAJUBAR (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha). Para além do foco na “cidade que cresceu em torno da fé” e da proposta de roteiro turístico, o que chamou atenção foi o parágrafo que principia a apresentação do município ao leitor: “*No meio do sertão nordestino, conhecido pelo seu clima quente e seco, um oásis insiste em existir. Destoando da caatinga, a região do Cariri, localizada no Sul do Estado do Ceará, tem mata verde, nascentes, cachoeiras e uma rica biodiversidade. Lá está Juazeiro do Norte [...].*”⁵⁵⁶

Como se vê, a posição geográfica do Cariri, o seu contraste com o semiárido e algumas de suas características ambientais expressas em uma paisagem oásis permanecem como aspectos definidores do que seria o Cariri. O olhar estrangeiro da autora cruza-se com tantos outros que, desde os primeiros escritos sobre a região e em oposição à caatinga, recortam e combinam elementos de sua natureza na invenção de uma “paisagem típica” ao Cariri. Muito provavelmente, e da mesma forma que ocorreu e ainda ocorre em relação a outros visitantes, a seleção e enquadramento daqueles elementos em uma representação paisagística identitária foram orientadas por constantes ajustes dos modelos culturais “oásis” e “paraíso terreal” à realidade ambiental da região que, em contextos históricos e suportes linguísticos diversos, foram realizados por diferentes sujeitos – especialmente, claro, pelos caririenses.

A frase título “Cariri. Um oásis no sertão” estampada em artigo de uma revista regional, em 2016, exemplifica bem a constante reedição desta imagem e, portanto, sua força para definir e marcar a diferença do sul cearense. Transcrevo aqui trechos de seu conteúdo em que determinadas marcas da natureza traduziriam esta ideia: “Na parte sul do Estado do Ceará [...] situa-se região com características geográficas e culturais peculiares, formada sob a influência típica da Chapada do Araripe [...], composto de solos, clima e vegetação diferentes do semiárido [...]”. Não faltou, claro, referência aos

⁵⁵⁶ ANGEL, Rozze. A fé do sertão. Conheça Juazeiro do Norte e região, onde religiosidade, ciência e ecologia se encontram. In: *Avianca em Revista*. São Paulo: Editora Drops, dezembro de 2013, p.52. Grifos meus.

vales e às fontes d'água que, “calculadas em 265, bem caracterizam a riqueza hídrica regional”.⁵⁵⁷

Este conjunto de elementos naturais, tornados lugares-comuns na repetição dos enunciados oásis e paraíso terreal, também foram mobilizados por vários dos entrevistados de Jörn Seemann ao serem perguntados sobre como definiriam o Cariri. A menção às metáforas oásis e paraíso terreal realizaria o que o autor denominou de “mental map” da região, em que seu desenho não coincidiria com qualquer delimitação geográfica oficial, mas sim, com linhas imaginárias traçadas por aspectos relacionados ao clima, vegetação, qualidade do solo e abundância de água proporcionados pela presença da Chapada do Araripe.⁵⁵⁸ Classificações como ilha úmida, Cariri como presente da Chapada do Araripe (lembrando Irineu Pinheiro), região úbere, dádiva divina, terra da promessa (para os que se refugiavam da seca), entre outras, foram por eles acionadas vitalizando e dando continuidade a uma tradição paisagística particular ao Cariri que teve na natureza um de seus principais vetores identitários.

Nessa trajetória, inseriu-se o ICC. Como visto, a instituição foi fundada com o intuito de engrandecer a região e contribuir para seu progresso material. Sua emergência e atuação política e cultural foram marcadas por disputas internas e externas pela manutenção da “tradição” e por sua modernização, ancorada pelo discurso desenvolvimentista e de integração nacional propagado pelos governos federal e estadual. Nesse contexto, seus membros trabalharam para a construção de uma mentalidade e sentimento regionalistas, capitaneados por Crato, que fosse capaz (desejava-se, ao menos) de criar laços de solidariedade em benefício do Cariri. Embora as ações do ICC tenham se centralizado, predominantemente, em seu município sede e as disputas internas mantidas em grande medida, a agremiação tornou-se importante porta-voz e *locus* de combate pelo desenvolvimento e valorização do sul cearense.

Dessa forma, e motivados pelo histórico ressentimento de esquecimento por parte dos governos centrais, pela perda de posição política no cenário estadual e pelo empobrecimento econômico, atuaram em diversas especialidades produzindo,

⁵⁵⁷ “Cariri. Um oásis no sertão”. In: *Revista Acontece*, ano 1, n.2, 2016, p.3. Autoria difícil de definir, pois existe apenas uma referência autoral gravada nas imagens presentes na matéria. Disponível em: <<http://oacontece.com.br/revista-acontece-2a-edicao/>> Acesso em: 29/04/2017.

⁵⁵⁸ SEEMAMN, Jörn. *Regional narratives, hidden maps, and storied places: cultural cartographies of the Cariri region, northeast Brazil*. U.S.A: Faculty of the Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College, The Department of Geography & Anthropology, 2010. O autor solicitou inicialmente aos entrevistados que dissessem palavras chaves que, em suas concepções, traduziriam a região. Observou Seemann que eles colocavam em evidência primeiramente a “paisagem natural” e em segundo lugar a cultura.

embalados pela perspectiva do “porque me ufano”, representações acerca da região que educaram olhares e percepções das gerações posteriores e dos que visitavam o Cariri.⁵⁵⁹ Tendo sido suas próprias apropriações sensoriais e estéticas da natureza e do espaço caririense herdadas de enquadramentos realizados por seus antecessores, agiram tanto como testemunhos quanto doadores e, dessa maneira, como agentes inventores de uma paisagem identitária que ainda hoje tem na natureza um de seus grandes marcadores de diferença.

Nesse sentido, como procurei demonstrar, atualizaram às demandas de seu tempo presente formas representacionais elaboradas a partir do ordenamento dos elementos água, clima, verde da vegetação e solo realizado desde o XIX mantendo, embora com atenuações, o mesmo efeito de moldura praticado anteriormente: o reconhecimento do Cariri como “oásis do sertão” e de “paisagem paradisíaca”. Ambas representações, construídas e perpetuadas a partir da “experiência de contraste”⁵⁶⁰ entre Cariri X “Sertão”, encontrada desde as primeiras narrativas sobre a região e que lhe conferiam força e legitimidade, foram convertidas, no mesmo movimento, em representações do espaço caririense como sendo partição entre este e aquele. O que gerava demonstrações de orgulho entre os membros do ICC em serem filhos “dos terrenos de verdura perene e de água regadia”, como escrito na epígrafe de abertura do segundo capítulo e no registro de Douracy Soares (1969):

A região caririense corresponde àquele **Cariri** enfaticamente pronunciado pelos filhos da terra com um sorriso largo, demonstrando um orgulho irradiante, querendo dizer com isto ao forasteiro que a sua terra é diferente das outras vizinhas, secas, pobres, catingentas, sem a fartura do seu Cariri. É a sua **Região** diferente de outras áreas onde os esforços dos homens para estabelecerem novos espaços, novas paisagens, redundam em fracasso, em desolação. O Cariri, para o cearense, é a terra privilegiada, onde primeiro chove, é a sua última esperança quando o sol castiga, mata e impõe suas leis.⁵⁶¹

Tal sentimento e representações instituidoras de caracterizações do que seria o Cariri espacialmente - devedoras da ideia de que caririenses eram os que lhe bebiam as

⁵⁵⁹ O ICC tornou-se uma espécie de sala de visita para os que chegavam na região para desenvolver alguma atividade intelectual, política, econômica, artística ou simplesmente conhecê-la. Seus membros e a produção desenvolvida por eles costumavam ser recomendados aos forasteiros antes mesmo de aportarem no Cariri – fato propagandeado por eles em formato de notas e relatórios nas páginas de Itaytera, bem como na publicação de trabalhos realizados por pesquisadores de fora em que é nítida a influência deles nas formas de definir a região.

⁵⁶⁰ Expressão tomada de empréstimo a SAID, Edward W. *O Orientalismo...* *Op. cit.*, p.14.

⁵⁶¹ SOARES, Douracy. *O Cariri...* *Op. cit.*, p.10. Ver também PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento...* *Op. cit.*, p.7.

águas das nascentes, de sua imagem de celeiro e de “vegetação sempre verde” sem que correspondesse, até princípios dos anos 1950, a limites geográficos exatos, como escreveu Irineu Pinheiro⁵⁶², converteram-se também em uma representação geográfica do Cariri. A ação dos membros do ICC para concretização de seu projeto político e cultural, entre os anos 1950 e 1970, contribuiu, dessa forma, para garantir durabilidade à distinção e (re)conhecimento da região enquanto possuidora de uma natureza e paisagem que a particularizariam em relação ao restante do Ceará, e mesmo do Nordeste, ao apropriar e repetir em suportes, contextos e linguagens diversas um conjunto de metáforas da paisagem que circulava e educava olhares acerca do Cariri cearense, desde meados do século XIX.

Nesse sentido, o elemento constante que permitiu a repetibilidade das representações do Cariri como possuidora de uma paisagem oásis e paradisíaca e, portanto, sua eficácia como elemento identitário, foi o espaço do semiárido. Em seus mais diversos campos de atuação, como investigação histórica, jornalismo, política, sala de aula, pesquisadores do folclore, economia etc., sustentaram, generalizaram e fixaram um repertório de imagens que traduziriam a região e a representariam como unidade a despeito de qualquer correspondência aos limites físicos recortados administrativamente pelos governos e de seu pertencimento ao polígono das secas. O que para alguns críticos gerava uma inadequação representacional, e até mesmo algumas recusas em fins dos anos 1970, face a elasticidade de suas fronteiras em direção ao “sertão” e aguçamento dos problemas sociais e econômicos decorrentes do aumento demográfico:

Enganam-se os que pensam que o Cariri não sofre com os problemas de estiagens que atingem o Ceará e o Nordeste. *Durante séculos, fomos alimentados pela ilusão de que aqui era um oásis do Ceará e que as secas aqui não faziam efeito.* Essa *ilusória mentalidade* muito contribuiu para que na região não fossem realizadas as obras essenciais à reserva de água ou à sua metódica distribuição, nos tempos em que as chuvas escasseiam. O que na realidade temos no Cariri é uma pequenina faixa úmida nos municípios ao sopé da Serra do Araripe, beneficiados por fontes perenes. Esses municípios – Crato, Barbalha, Jardim, Santana [do Cariri], Missão Velha, Porteiras e Brejo Santo – têm apenas faixas úmidas, as fontes que descem para formar os brejais onde, geralmente, só se cultiva a cana. Os demais territórios, dentro mesmo desses municípios, e a totalidade da área dos demais ficam virtualmente secos. E quando há inclemência do clima, quando há ausência ou má distribuição das chuvas, o sul do Estado sofre, igualmente às demais regiões do Estado, os efeitos negativos da calamidade climática. E é nessas horas que o Cariri se mostra despreparado para enfrentar a difícil situação. Situação mais difícil quando tem a região a fama de ser região “celeiro” e

⁵⁶² PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento... Op. cit.*, p.7.

região “oásis” e para ela acorrem os sertanejos tangidos pelas secas, vindos de outras áreas mais dramaticamente atingidas [...].⁵⁶³

Apesar disso, o que se observou foi que o quê se buscou reter e consolidar foi justamente o que o autor do artigo qualificou como “ilusória mentalidade” - não obstante o fato de as “peculiaridades” ambientais destacadas se restringissem cada vez mais, como ele mesmo observou, ao núcleo originário do Cariri que passou a ser chamado de “Cariri tradicional” ou “Cariri verdadeiro”. Nesse aspecto, à instabilidade das fronteiras políticas impôs-se a estabilidade de uma paisagem naturalizada como típica ao Cariri alimentando, assim, os sentimentos de pertencimento e de relação afetiva com a região. Estabilidade certificada, inclusive, pela fórmula “o Cariri é...”, cujo uso do verbo “ser”, em sua condição de “eterno intemporal”⁵⁶⁴, passava a ideia de repetição e força. A utilização indiscriminada dos termos “Cariri” e “Vale do Cariri”, predominantemente associada aos mesmos qualificativos, também indicava duração no tempo garantindo, em ambas as situações, a continuidade das próprias formas de sentir e instituir um olhar paisagístico que ultrapassava a esfera da vida do indivíduo e criava formas de identificação coletiva.

A “paisagem típica” do Cariri a que se referia o ICC, e não diferentemente do que ocorreu em relação à instituição de uma paisagem nacional, resultou da transformação da natureza em referência de duração, constância e pertencimento⁵⁶⁵ - adequando a invenção de imagens da natureza, ou sua representação na forma de paisagem, à identificação com a fisionomia da região ou de como o Cariri deveria ser visto e (re)conhecido. Pelo lugar que ocupou de principal propagandista das “coisas da região”, pela concentração de intelectuais herdeiros de uma tradição paisagística que se construía desde o século XIX, pela atuação de seus membros nos espaços públicos, pela manutenção de redes de comunicação e solidariedade com intelectuais de outras regiões e por realizar uma ligação fixa e duradoura de aspectos da natureza com a história, costumes da região e seu progresso econômico no passado e futuro o ICC constituiu-se em importante elo na (re)inserção de uma paisagem oásis e paradisíaca nos projetos e representações identitárias do Cariri cearense entre as décadas de 1950 e 1970.

⁵⁶³ ARARIPE, Cláudio. Cariri e problemas das estiagens. In: *A Ação*, 08/07/1976, p.3. Grifos meus. Infelizmente não localizei informações sobre quem era o autor.

⁵⁶⁴ Expressão tomada de empréstimo a SAID, Edward W. *Orientalismo...* *Op. cit.*, p.81.

⁵⁶⁵ Ver, por exemplo: MURARI, Luciana. *Natureza e cultura no Brasil...* *Op. cit.*; THIESSE, Anne-Marie. *Ficções criadoras: as identidades nacionais....* *Op. cit.*; HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva e o espaço. In: _____ . *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p.131-160.

Embora exista sempre uma indeterminação entre representados e sua representação, já que o link entre linguagem e realidade não é fixo em função da presença de outras representações⁵⁶⁶, como a de Cláudio Araripe acima transcrita e que incorporava outros elementos naturais desconstruindo, com isso, a ideia de região-oásis, o empreendimento cultural e político do ICC na produção de uma distinção paisagística e geográfica da região pode ser considerada como elemento ressignificador e de continuidade de uma imagem do Cariri cearense como terra privilegiada por sua natureza.

⁵⁶⁶ ANKERSMIT, F. R. *The linguist turn... Op. cit.*

FONTES

Livros e artigos

ALEMÃO, Francisco Freire. *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão. Fortaleza-Crato (1859)*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

_____. *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão. Crato-Rio de Janeiro (1859-1860)*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2007.

ALVES, Joaquim. A divisão do Ceará em regiões naturais. In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*. Fortaleza, Tomo 65, p.134-138, 1951.

_____. O Vale do Cariri. In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*. Fortaleza, 1945, p.94-133.

_____. O Vale do Cariri. Seu povoamento e desenvolvimento. In: *Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, vol. III, 1952, p.390-424.

ARAÚJO, Antonio Gomes de. *A cidade de Frei Carlos*. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato. Coleção Estudos e Pesquisas, v.1, 1971.

_____. *Povoamento do Cariri*. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, coleção Estudos e Pesquisas, v.2, 1973.

BRÍGIDO, João. *Apontamentos para a história do Cariri*. Typografia da Gazeta do Norte, 1888.

FIGUEIREDO FILHO, José de. *Engenhos de rapadura no Cariri*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. [fac-símile da edição de 1958].

_____. *Renovação*. São Paulo: Livraria Odeon, 1937.

_____. *O folclore no Cariri*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

_____. *História do Cariri*. Fortaleza: Edições UFC, v.1, 2010 [fac-símile da edição de 1964].

_____. *História do Cariri*. Fortaleza: Edições UFC, v.2, 2010 [fac-símile da edição de 1964].

_____. *História do Cariri*. Fortaleza: Edições UFC, v.3, 2010 [fac-símile da edição de 1966].

_____. *História do Cariri*. Fortaleza: Edições UFC, v.4, 2010 [fac-símile da edição de 1968].

_____. Sobrevivência portuguesa no Cariri cearense. In: *Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. Colonização e migração*. São Paulo: [FFCL]-USP, 1969, p.311-343. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S04.12.pdf>>. Acesso em: 19/09/2016.

_____. História regional como parte integrante do ensino universitário. In: *Revista de História*. São Paulo: USP, v.36, n.74, 1968, p.463-473. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/127399/124570>>. Acesso em: 14.04.2017.

_____. Euclides da Cunha, um civilizador do sertão. In: *Revista de História*. São Paulo: USP, v.41, n.83, 1970, p.179-188. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/129088/125724>>. Acesso em: 15/09/2016.

_____. Decadência atual da rapadura do Cariri cearense. In: [Revista] *Brasil Açucareiro*, Rio de Janeiro, n.6, 1967 [dezembro], p.19-22. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/002534/per002534_1967_00070.pdf>. Acesso em: 19/01/2018.

_____. A rapadura vincula-se à tradição do Cariri cearense. In: [Revista] *Brasil Açucareiro*, Rio de Janeiro, n.1, 1968 [janeiro], p.27-30. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/002534/per002534_1968_00071.pdf>. Acesso em: 19/01/2018.

_____. Peculiaridades da zona canavieira caririense. In: [Revista] *Brasil Açucareiro*, Rio de Janeiro, n.4, 1968 [abril], p.24-26. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/002534/per002534_1968_00071.pdf>. Acesso em: 19/01/2018.

_____. A cultura canavieira caririense e o Colégio Agrícola do Crato. In: [Revista] *Brasil Açucareiro*, Rio de Janeiro, n.6, 1968 [junho], p.27-30. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/002534/per002534_1968_00071.pdf>. Acesso em: 19/01/2018.

_____. Influência civilizadora do São Francisco no Cariri cearense. In: *Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. Portos, rotas e comércio*. São Paulo, v.1, 1971, p.439-448. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S05.23.pdf>>. Acesso em: 17/12/2017.

MARTINS FILHO, Antônio. O Cariri. In: _____; GIRÃO, Raimundo: *O Ceará*. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1ª ed., p.240-246, 1939.

_____. O Cariri. In: _____; GIRÃO, Raimundo. *O Ceará*. Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará, 3ª ed., p.101-109, 1966.

NORÕES, Edilmar; NASCIMENTO, F. S.; SAMPAIO, Dorian. *Região do Cariri*. Fortaleza: BEL Publicações, 1978.

PARENTE, Filipe Alberto Patroni Martins Maciel. *A viagem de Patroni pelas Províncias Brasileiras. De Ceará, Rio de S. Francisco, Bahia, Minas Geraes e Rio de Janeiro: nos anos de 1829 e 1930*. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de Brito, 1836, Parte I. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/01424600#page/78/mode/1up>>. Acesso em: 11/08/2016.

PINHEIRO, Irineu. *O Cariri. Seu descobrimento, povoamento, costumes*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009. [fac-símile da edição de 1950].

PINHEIRO, Irineu. *Efemérides do Cariri*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. [fac-símile da edição de 1963].

PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, José de. *A cidade do Crato*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. [fac-símile da edição de 1955].

SOARES, Douracy. *O Cariri-Crato-Juazeiro do Norte. Estudo de Geografia Regional*. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, 1967.

SILVA, Otacílio Anselmo e. *Padre Cícero. Mito e realidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, Coleção Retratos do Brasil, v.66, 1968.

SOUSA, José Newton Alves de. *Cariri, Nordeste e Universidade*. Crato: Publicação da Faculdade de Filosofia do Crato, 1970.

Periódicos

Revistas

A Província (1953-1955)

HYHYTÉ (Revista Oficial da Faculdade de Filosofia do Crato, 1977, n.4)

IC Revista (1967)

ITAYTERA (1955-1980)

O Leão do Cariri (Órgão do Lions Clube de Crato, 08/09/1970, Ano IV, n.19)

Região (1971, n.1; 1973, n.5; 1974, n.6)

Jornais

A Ação (17/11/1940; 1965-1980)

A Classe (1949-1950)

O Araripe (1855, 1858, 1859)

Correio do Cariry (26/06/1892)

Ecos da Semana (1948-1949)

Folha da Semana (17/10/1953)

O Município (1949-1950)

O Povo (Setembro-Outubro de 1953)

Vanguarda (19/05/1887)

Atas e Estatutos

Livro de Atas do Instituto Cultural do Cariri (V.I, 1953-1957)

Estatutos do Instituto Cultural do Cariri (1953)

Estatutos do Instituto Cultural do Cariri (1976). Disponível em: <<http://icccrato.blogspot.com.br/search?q=estatuto>>. Acesso em: 02/03/2016.

Ata da Sessão Magna Comemorativa do “Primeiro Centenário do Crato”, realizada no dia 17 de outubro de 1953.

Outras

- Província dos Cariris-Novos. Representação da Assembléa Legislativa Provincial do Ceará ao Senado e Camara dos Deputados. In: *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará*. Fortaleza, 1892, p.222-226. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1892/1892-PropovinciadosCaririsNovos.pdf>. Acesso em: 15/12/2016.

- Projeto de criação da Província do Cariri Novo apresentado por José Martiniano de Alencar ao Senado do Império no ano de 1839. In: *Annaes do Senado do Império do Brazil. Segunda Sessão da Primeira Legislatura de 29 de Julho a 06 de Setembro de 1839*. Rio de Janeiro, 1913, Tomo Terceiro, p.204-207. Disponível em:

<https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/Anais_Imperio/1839/1839%20Livro%203.pdf>. Acesso em: 12/09/2017.

- ALBUQUERQUE, Soriano. O Cariry. In: *Almanache Administrativo, Estatístico, Mercantil, industrial e literário do Estado do Ceará para o ano de 1905*. Fortaleza: Empreza Typographica, 1904, p.167-168.
- Estado do Cariri. Crato: Tipografia Imperial, Separata da Revista Itaytera, 1957.
- No Bicentenário do Município do Crato. Discursos. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, Coleção Cadernos do Cariri, 1966.
- Diagnóstico das potencialidades turísticas do Crato. Crato: Faculdade de Ciências Econômicas do Crato; Instituto Cultural do Cariri: Coleção Itaytera, v.7, 1975.
- II Seminário para o Desenvolvimento do Sul do Ceará. Trabalho da Comissão Técnica de Planejamento Urbano. Crato, 1976.
- SOARES, Douracy. *O Cariri. Crato-Juazeiro do Norte. Estudo de Geografia Regional*. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, 1966.
- “Plano de Ação. Prefeitura Municipal do Crato. Administração Pedro Felício Cavalcanti (1973-1977)”. Crato: Serviços Técnicos de Assessoria Municipal (SETAM); Comissão Micro-regional de Desenvolvimento do Cariri (COMDECA), [197(3)?].

SITES CONSULTADOS

<http://www.ibge.gov.br/>

<http://icccrato.blogspot.com.br/>

<http://www.ipece.ce.gov.br/>

<http://rotaryclubcrato.blogspot.com.br/>

<https://www.juazeiro.ce.gov.br/>

<http://barbalha.ce.gov.br/>

<http://crato.ce.gov.br/>

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Capistrano. *Capítulos de história colonial (1500-1800)*. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, Coleção Biblioteca Básica Brasileira, 1998. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1022/201089.pdf>>. Acesso em 22/05/2017.

AGUIAR, Leila Bianchi. Estado, turismo, cultura e desenvolvimento: organização empresarial e a construção do consenso sobre a importância do turismo para o Brasil (1966-1988). In: *Anais do VI Simpósio Nacional Estado e Poder: Cultura*, Sergipe: UFS, 2010, p.1-12. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT1/GT1-LEILA.pdf>>. Acesso em: 13/05/2018.

ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. Notícias do Crato: política, sociedade e imprensa em meados do século XIX. In: *Quando o “anjo do extermínio” se aproxima de nós. Representações sobre o cólera no semanário cratense O Araripe (1855-1864)*. João Pessoa: UFPB, Dissertação de Mestrado em História, 2010, p.67-117.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 4ª ed., 2009.

ALVES, Hildebrando Maciel. *A face historiadora de J. de Figueiredo Filho e a construção do Cariri cearense*. Porto Alegre: UFRGS, Dissertação de Mestrado em História, 2017.

ALVES, Joaquim. *História das secas. Séculos XVII a XIX*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2003 [fac-símile da edição de 1953].

ALVES, Maria Daniele. *Desejos de civilização: representações liberais no jornal O Araripe (1855-1864)*. Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado em História, 2010.

AMADO, Janáina. Região, sertão, nação. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8, n.15, 1995, p.145-151.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste. Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.

ANKERSMIT, Franklin Rudolf. *Historical representation*. Stanford (California). Stanford University Press, 2001.

_____. *A escrita da história. A natureza da representação histórica*. Londrina: Eduel, 2012.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. João Ribeiro, filólogo e historiador. In: RIBEIRO, João. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, Coleção Biblioteca Básica Brasileira, n.36, 2013, p.13. Disponível em: <<http://www.fundar.org.br/bbb/index.php/project/historia-do-brasil-joao-ribeiro/>>.

Acesso em: 14.08.2017.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. Da mecânica ao motor: A ideia de natureza no Brasil no final do século XIX. In: *Projeto História*, São Paulo, n.23, nov. 2001, p.151-167.

ARRIOLA, Arturo Taracena. Propuesta de definición histórica para región. In: *Estudios de História Moderna y Contemporánea de México*, n. 35, enero-junio, 2008, p. 181-204.

BANCO DO NORDESTE. *Documento referencial do polo de desenvolvimento integrado Cariri cearense*. Fortaleza: BNB, 2001.

BAPTISTA, Ana Paola P. O olhar renascentista sobre a paisagem simbólica: uma anúncio à Virgem Maria de Sandro Botticelli. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti Salgueiro. *Paisagem e arte. A invenção da natureza, a evolução do olhar*. São Paulo: CBH, CNPq, FAPESP, 2000, p.77-84.

BARROS, Assunção. Duas fases de Capistrano de Abreu. Notas em torno de uma produção historiográfica. In: *Projeto História*, São Paulo, n.41, 2010, p.455-489. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6549/4748>>.

Acesso em 17/11/2017.

BARROS, Haidine da Silva. O Cariri cearense. O quadro agrário e a vida urbana. In: *Revista Brasileira de Geografia*, v.26, n.24, p.549-592, 1964.

BARROSO, Gustavo. Vida e história da palavra sertão. In: _____. *À margem da história do Ceará*. Rio de Janeiro; São Paulo; Fortaleza: ABC Editora, 2004, p.9-12.

BASTOS, Maria Helena Câmara Bastos. Amada pátria idolatrada. Um estudo da obra *Porque me ufano de meu país*, de Affonso Celso (1900). In: *Educar*, Curitiba, n.20, 2002, p.245-260. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n20/n20a18.pdf>>.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p.84-91.

BOBBIO, Norberto. “Elites, teoria das”. In: BOBBIO; MATEUCCI; PASQUINO. *Dicionário de política*. Brasília: UNB, 1993, 5ª ed., p.385-391.

BONATO, Tiago. Construindo a paisagem da América Portuguesa. In: SALES, Jean Rodrigues *et al.* *Região: espaço; linguagem e poder*. São Paulo: Alameda, 2010, pp.219-233.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: _____. *O poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1996.

_____. A representação política: elementos para uma teoria do campo político. In: _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/DIFEL, 1989, p.163-207.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 6ª ed., 2013.

BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. *Ensaio estatístico da província do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, tomo I, p.141 [Edição fac-símile de 1863].

BRASIL SOBRINHO, Thomaz Pompeu de Sousa. O Nordeste e suas feições gerais mais características. In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*. Fortaleza, 1938, p.57-141. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1938/1938-O_Nordeste_e_as_suas_faicoes_geograficas_mais_caracteristicas.pdf>. Acesso em: 30/09/2016.

CAMARGO, Alexandre de Paiva Rio. Municipalismo e ruralismo: o IBGE e a “organização nacional” na Era Vargas. In: *O IBGE na história do municipalismo e sua atuação nos municípios: o pensamento de Teixeira de Freitas e de Rafael Xavier*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008, p.37-48.

CANDIDO, Antônio. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989, p.140-162.

CARLOS, Lilian Beatriz. *Uma relação a dois. A história e a geografia nos primeiros anos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Dissertação de Mestrado em História, 2008.

CARVALHO, Otamar de (*et all*). *Plano Integrado para o Combate Preventivo aos Efeitos das Secas no Nordeste*. Brasília: MINTER, Série Desenvolvimento Regional, n.1, 1973.

CARVALHO, José Murilo de. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.13, n.38, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300004>. Acesso em: 01/06/2016.

CASTRO, Iná Elias de. Natureza, imaginário e a reinvenção do Nordeste. In: ROSENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 103-133.

CATROGA, Fernando. *Nação, Mito e Rito. Religião civil e comemoração*. Fortaleza: Edições NUDOC, Museu do Ceará, 2005.

_____. Pátria, Nação, Nacionalismo. In: TORGAL, Luís Reis; PIMENTA, Fernando Tavares; SOUSA, Julião Soares (coords.). *Comunidades Imaginadas. Nação e nacionalismos em África*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, p.9-39.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CELSO, Afonso. *Porque me ufano do meu país*. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/ufano.html>> Acesso em: 15/05/2018.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CORADINI, Odaci Luiz. *As missões da "cultura" e da "política": confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960)*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 32, p. 125-144, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 5ª ed., 2011.

CORTEZ, Ana Sara Ribeiro Parente. *Cabras, caboclos, negros e mulatos. A família escrava no Cariri cearense (1850-1884)*. Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado em História, 2008.

CORTEZ, Antonia Otonite de Oliveira. *A construção da "cidade da cultura": Crato (1889-1960)*. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado em História, 2000.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p.92-123.

- CHARLE, Christophe. O nascimento dos intelectuais contemporâneos (1860-1898). *História da Educação*, v.7, n.14, 2003, p. 141-156.
- CHARTIER, Roger. *História cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.
- _____. A ordem dos livros. *Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UNB, 1998.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (Orgs.). *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1986. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/katecon2006/diccionario-de-los-simbolos-jean-chevalier>>. Acesso em: 04/09/2017.
- CUNHA, Euclides. Os Sertões. In: *Euclides da Cunha. Obras completas*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, v.2, 1966.
- CUNHA, Maria Soares da. *Pontos de (re)visão e explorações historiográficas da abordagem regional: exercício a partir do Cariri cearense (séculos XIX e XX)*. Fortaleza: UFC, Tese de Doutorado em Geografia, 2012.
- CRISTOVÃO, Fernando. A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito (A Divina Comédia do Sertão). In: *Revista USP*, São Paulo, n.20, 1994, p.42-53. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26899/28679>>. Acesso em: 04/06/2017.
- DAMATTA, Roberto. Em torno da representação de natureza no Brasil: pensamentos, fantasias e divagações. In: *Conta de mentiroso. Sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 2ª ed., 1994, p.93-123.
- D'ANDREA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta: o pensamento de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e literárias nordestinas*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2ª ed., 2010.
- DIAS, Audísio Santos. *Região caririense: turismo religioso e manifestações culturais na festa do pau sagrado de Santo Antônio de Barbalha*. Fortaleza: UECE, Dissertação de Mestrado em Geografia, 2012.
- DIAS, Carlos Rafael. *Da flor da terra aos guerreiros cariris: representações e identidades do Cariri cearense (1855-1980)*. Campina Grande: UFCG, Dissertação de Mestrado em História, 2014.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação e Cultura, 1960.

DOSSE, François. O paradigma. A geo-história. In: _____ . *A história em migalhas. Dos Annales à Nova História*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992, p.133-143.

DUARTE, Regina Horta. *História e Natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. “Com açúcar, com afeto”: impressões do Brasil em Nordeste de Gilberto Freyre. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, v.10, n.19, 2005, pp.125-147. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v10n19/v10n19a09.pdf>>. Acesso em: 18/11/2017.

DUNCAN, James. A paisagem como sistema de criação de signos. In: ROSENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.91-132.

DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República. História e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1904)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: 2001, vol.4, n.8, 177-197. Disponível em: <http://www.moodle.ufba.br/file.php/11646/Hist_ria_ambiental.pdf>. Acesso em: 01/05/2013.

FAISSOL, Speridião; Galvão, Marília Velloso. Divisão regional do Brasil. In: *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 1969, v.31, n.4, p.179-220. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1969_v31_n4.pdf>.

Acesso em: 26/11/2016.

FEIJÓ, João da Silva. Memória sobre as antigas lavras de ouro da mangabeira da Capitania do Siará. In: *Memória sobre a capitania do Ceará e outros ensaios*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, p.363-371 [Edição fac-símile de separatas da Revista do Instituto do Ceará].

FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. *Historiografia e a identidade fluminense. A escrita da história e usos do passado no Estado do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1950*. Rio de Janeiro: PUC, Tese de Doutorado em História, 2009.

_____. Entre História e Folclore: reflexões sobre a (re)construção da identidade fluminense nas décadas de 1940-1950. In: *XXIII Simpósio Nacional de História*, 2005, Londrina-Paraná. Anais... Londrina: ANPUH, 2005, p.1-8.

Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0919.pdf>>. Acesso em: 04/06/2017.

FIGUEIREDO, José Nilton de. *A (con)sagração da vida. Formação das comunidades de pequenos agricultores da Chapada do Araripe*. Crato: Província, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 7ª ed., 1996.

_____. *Nordeste. Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 4ª ed., 1967.

_____. *Região e tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil. História da Província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2008, p.58 e 96.

Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/188899/Tratado%20da%20terra%20do%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 19/12/2017.

GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio... Os intelectuais cariocas e o modernismo*. Rio de Janeiro, Revista Estudos Históricos, v.6, n.11, 1993, p.62-77.

Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1954/1093>>. Acesso em: 11/08/2016.

GOMES, Assis Daniel. *Da “Terra do Padre Cícero” à “Cidade do Progresso”. Intervenções urbanas em Juazeiro do Norte (1950-1980)*. Salvador: Editora Pontocom, 2015.

GOMES, Assis Daniel. O anseio pela modernização: os discursos sobre a seca no Cariri e a sua eletrificação (1949-1961). In: *Anais do II Seminário Nacional de História e Contemporaneidades*. Crato: LABIHM-URCA, UFCA, 2015, p.1-12.

GOMES, Assis Daniel. “Faça-se luz”. *A eletrificação urbana no Cariri cearense (1949-1972)*. Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado em História, 2016.

GOMES, Assis Daniel. O “Rio Civilizador” e o “Vale do Cariri”. A eletrificação urbana do Sul do Ceará (1949-1961). In: *Revista Espacialidades*, 2014, v.7, p.172-195.

Disponível em < http://cchla.ufrn.br/espacialidades/v7n1/Espacialidades_v7n1_09.pdf>. Acesso em: 11/01/2016.

- GOMES, Edvânia Torres Aguiar. In: ROSENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p.49-70.
- GOMES, Renato Pereira. Tradicional-regionalismo freyreano. A trajetória intelectual do autor antes de “Casa Grande e Senzala” (1918-1926). In: *Revista de Teoria da História*, Universidade Federal de Goiás, Ano 5, Nº 10, 2013, p.73-93. Disponível em <http://www.revistadeteoria.historia.ufg.br/up/114/o/03_-_Renato_Gomes.pdf>. Acesso em: 16/02/2016.
- GONÇALVES, Naudney de Castro. “O fogo não está morto”. *Engenhos de rapadura do Cariri cearense como uma referência cultural na perspectiva das políticas públicas do último quartel do século XX*. Belo Horizonte: UFMG, Dissertação de Mestrado em História, 2011.
- Governo do Estado do Ceará. *Geopark Araripe: história da terra, do meio ambiente e da cultura*. Secretaria das Cidades; Projeto Cidades do Ceará Cariri Central; Universidade Regional do Cariri, 2012.
- GUIMARÃES, Fábio de Macedo Soares. *Divisão Regional do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1942. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/divisaoregionalbrasil.pdf>>. Acesso em: 21/08/2016.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e Nação no Brasil (1838-1857)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- _____. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva e o espaço. In: _____. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p.131-160.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- _____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 15ª ed., 2014, p.103-133.
- HEINZ, Flavio M. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: _____. *Por outra história das elites. Ensaios de prosopografia e política*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.7-15.
- HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 6ª ed., 2004.

IBGE. *Censo Demográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, Série Regional, volume XIV, tomo 1, Estado do Ceará, 1955. Disponível em: <<https://archive.org/details/censo1950vol14t1ce>>. Acesso em: 01/10/2016.

IBGE. *Censo demográfico de 1960. Ceará*. Rio de Janeiro: IBGE, Série Regional, volume I, tomo IV. Disponível em: <<https://archive.org/details/censodem1960rvol1t4>>. Acesso em: 10/10/2016.

IBGE. *Sinopse preliminar do censo demográfico. VIII recenseamento Geral – 1970. Ceará*. Rio de Janeiro: IBGE, 1971. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/311/cd_1970_sinopse_preliminar_ce.pdf>. Acesso em: 26/11/2016.

KOSELLECK, Reinhart. Espaço e história. In: *Estratos do tempo. Estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014, p.73-89.

KONSTAN, David. Ressentimento. História de uma emoção. In: BRESCIANE, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004, p.59-81.

LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em geografia cultural. Algumas concepções contemporâneas. In: ROSENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.157-179.

LECLERC, Gérard. *Sociologia dos intelectuais*. Rio Grande do Sul: Editora UNISINOS, 2005.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, 2001, pp.167-182.

LIMA JÚNIOR, Francisco de O' de. A SUDENE originária: circunstâncias de criação e formas de operação. In: _____. *SUDENE e forças sociais nordestinas. Papel institucional face ao novo marco regulatório de intervenção estatal e de desenvolvimento nos anos 2000*. Minas Gerais: UFU, Dissertação de Mestrado em Economia, 2000, p.12-53.

LIMA, Nívia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2ª.ed., 2013.

LIMAVERDE, Rosiane. Os registros rupestres da Chapada do Araripe, Ceará, Brasil. In: *I Congresso Internacional da SAB e III Encontro do IPHAN e Arqueólogos*, 2007. Disponível em <<http://www.fundacaocasagrande.org.br/pdf/artigo.pdf>>. Acesso em: 15/02/2012.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p.09-28.

MCNEILL, John R. *Naturaleza y cultura de La historia ambiental*. In: *Nômadas*. Colômbia: 2005, n.22, p.12-25. Disponível em: <http://www.ucentral.edu.co/movil/images/stories/iesco/revista_nomadas/22/nomadas_22_1_john-observaciones.pdf>. Acesso em: 04/05/2013.

MAGALHÃES, Alexandra de Oliveira. *Análise ambiental do alto curso da microbacia do Rio da Batateira no município do Crato/Ce: subsídios ao zoneamento ecológico-econômico*. Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado em Geografia, 2006.

MAGNANO, Angélica Alves. A divisão regional brasileira. Uma revisão bibliográfica. In: *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v.57, n.4, p.65-92, 1995.

MARQUES, Roberto. *Contracultura, tradição e oralidade. (Re)inventando o sertão nordestino na década de 70*. São Paulo: Annablume, 2004.

MARTINEZ, Paulo Henrique. *História ambiental no Brasil. Pesquisa e ensino*. São Paulo: Cortez, 2006.

MARTINS, Eduardo Vieira. *Imagens da floresta. Auguste de Saint-Hilaire e José de Alencar*. In: MIYOSHI, Alex (org.). *O selvagem e o civilizado nas artes, fotografia e literatura do Brasil*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2010, p.38-56. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/civilizado/livro-selvagem-civilizado.pdf>>. Acesso em: 06/01/2018.

MAUAD, Ana Maria. O futuro do passado e os desafios da escrita da história para o século XXI. In: MENESES, Sônia; SANTOS, Joaquim dos. *História e contemporaneidades*. Curitiba: CRV, 2016.

MEDEIROS, Bianca Freire; CASTRO, Celso. Destino: Cidade Maravilhosa. In: CASTRO, Celso; GUIMARÃES, Valéria Lima; MAGALHÃES, Aline Montenegro (Orgs.). *História do turismo no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2013, p.13-36.

MELO, Marcos André B. C. de. *Municipalismo, nation building e a modernização do Estado no Brasil*. In: *O IBGE na história do municipalismo e sua atuação nos municípios: o pensamento de Teixeira de Freitas e de Rafael Xavier*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008, p.49-66.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002, p.29-64.

- MENEZES, Luiz Barba Alardo de. Memória sobre a capitania independente do Ceará. In: *Documentação primordial sobre a capitania autônoma do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997 [Edição fac-símile de separatas da Revista do Instituto do Ceará].
- MENEZES, Edith Oliveira de. O Cariri cearense. In: SILVA, José Borzachiello da; CAVALCANTE, Tércia Correia Dantas... *et all* (Orgs.). *Ceará: um novo olhar geográfico*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, 2ª ed., p.339-363.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- MONBEIG, Pierre. Observações relativas à distribuição das densidades de população no estado do Ceará. In: *Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia*, Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro: IBGE, v.3, 1952, p.318-322.
- MORAES, ANTONIO C.R. *Geografia. Pequena história crítica*. São Paulo: Editora Annablume, 20ª ed., 2003.
- MOUTOUKIAS, Zacarías. Narración y analisis en la observación de vínculos y dinámicas sociales: el concepto de red personal en la historia social y económica. In: BJERG, María & OTERO, Hernán. *Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna*. Tandil: CEMLA –IEHS, 1995. pp. 221-241.
- MURARI, Luciana. *Natureza e cultura no Brasil (1870-1922)*. São Paulo: Alameda, 2009.
- MCNEILL, John R. Natureza y cultura de La historia ambiental. In: *Nômadas*. Colômbia: 2005, n.22, p.12-25. Disponível em: <http://www.ucentral.edu.co/movil/images/stories/iesco/revista_nomadas/22/nomadas_22_1_john-observaciones.pdf>. Acesso em: 04/05/2013.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Cientificismo e sensibilidade romântica. Em busca de um sentido explicativo para o Brasil do século XIX*. Brasília: Editora UNB, 2004
- NEDEL, Leticia Borges. *Um passado novo para uma história em crise. Regionalismo e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*. Brasília: UNB, Tese de Doutorado em História, 2005.
- NEVES, Frederico de Castro. O Nordeste e a historiografia brasileira. In: *Ponta de Lança*, São Cristóvão, v.5, n.10, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/viewFile/3318/2926>>. Acesso em: 09/02/2015.
- NOBRE, Geraldo. A História das secas no Ceará. In: ALVES, Joaquim. *História das secas. Séculos XVII a XIX*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2003 [fac-símile

da edição de 1953).

OLIVEIRA, Almir Leal de. O Cariri na cultura histórica do XIX. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia et al. *História da educação – vitrais da memória. Lugares, imagens e práticas culturais*. Fortaleza: Ed. UFC, 2008, p.418-431.

_____. *O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Memória, representações e pensamento social (1887-1914)*. São Paulo: PUC, Tese de Doutorado em História, 2001.

OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de. Turismo, cultura e natureza: a produção de uma imagem sobre o Ceará nos anos 1970. In: CASTRO, Celso; GUIMARÃES, Valéria Lima; MAGALHÃES, Aline Montenegro (Orgs.). *História do turismo no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2013, p.229-241.

OLIVEIRA, Antônio José de. “*Engenhos de rapadura no Cariri*”: trabalho e cotidiano (1790-1850). Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado em História, 2003.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. Imaginário histórico e poder cultural: as comemorações do descobrimento. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.14, n.26, 2000, p.183-202.

_____. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. In: *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.5, 1998, p.195-215.

_____. Natureza e identidade. O caso brasileiro. In: *Diversidade & Desigualdade*, Rio de Janeiro, n.09, 2001, p.123-134. Disponível em: <<http://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/media/11%20DeD%20%20n.%209%20-%20artigo%206%20-%20LUCIA.pdf>>.

Acesso em: 21/03/2016.

OLIVEIRA, Raimundo Borges de. *O Crato intelectual (Dados Bio-bliográficos)*. Crato: Coleção Itaytera, 1995.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo. A diversidade cultural no Brasil-nação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2ª ed., 2006.

_____. *O nacional e o regional na construção da identidade brasileira*. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_02/rbcs02_07.htm>. Acesso em 18/06/2015>. Acesso em: 16/03/2016.

PÁDUA, Augusto Pádua. *Um sopro de destruição. Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

PAIVA, Audir de Araújo. *História do Rotary Club do Crato*. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/17MqBsLyNAdzVv7LrtmiIRoRIf7FcZrI0QjVziBKc50E/edit?hl=pt_BR>. Acesso em: 28/01/2015.

PANITZ, Lucas Manassi. O estudo das paisagens e suas representações a partir de produtos culturais. In: VERDUM, Roberto Porto (Org.) *et al. Paisagem. Leituras, significados, transformações*. Alegre: Editora da UFRGS, 2012, p.149-167.

PAULET, Antônio Jozé da Silva. Descrição geográfica abreviada da Capitania do Ceará. In: *Documentação primordial sobre a Capitania do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997 [Edição fac-símile de separatas da Revista do Instituto do Ceará].

PETRONE, Pasquale. Crato, “capital” da região do Cariri. In: *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n.20, 1955, p.31-55.

_____. Contribuição ao estudo da Região do Cariri, no Ceará. In: *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n.20, 1955, p.3-29.

PEIXOTO, Renato Amado. *A máscara da Medusa. A construção do espaço nacional brasileiro através das corografias e da cartografia no século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, Tese de Doutorado em História, 2005.

PONTES, Lana Mary Veloso de. *Formação do território e evolução política-administrativa do Ceará. A questão dos limites municipais*. Fortaleza: IPECE, 2010.

PITA, Sebastião da Rocha. *História da América Portuguesa desde o anno de mil e quinhentos, do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro*. Lisboa Occidental, Officina de Joseph Antônio da Silva, 1730, p.3. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg1314300/drg1314300.pdf>. Acesso em: 02/01/2018.

PUNTEL, Geovane Aparecida. A paisagem na geografia. In: VERDUM, Roberto (Org.) *et al. Paisagem. Leituras, significados, transformações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012, p.23-33.

QUEIROZ, Fábio José Cavalcanti de. *Padres, coronéis e ativistas sociais. O Cariri à época da usurpação militarista – 1964-1985*. Fortaleza: UFC, Tese de Doutorado em Ciências Sociais, 2010.

REIS, Carlos. Anos 1900: Capistrano de Abreu. O surgimento de um povo novo: o brasileiro. In: _____. *As identidades do Brasil. De Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 5ª ed., 2002, p.85-114.

REIS JÚNIOR, Darlan de Oliveira. *Senhores e trabalhadores no Cariri cearense: terra, trabalho e conflitos na segunda metade do século XIX*. Fortaleza: UFC, Tese de Doutorado em História, 2014.

RICCEUR, Paul. O espaço habitado. In: _____. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007, p.156-162.

RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. Crise de identidade nacional e a festa da comemoração nos anos 90 em Portugal. In: *Anos 90 – Revista do programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, n.13, julho de 2000, p.63-84. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art5.pdf>>. Acesso em 05/01/2016.

RIOS, Kênia Sousa. *Engenhos da memória. Narrativas da seca no Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10325/1/2014_liv_ksrios.pdf>. Acesso em: 04/11/2017.

RODRIGUES, Marly. *A década de 50. Populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 4ª ed., 2003.

ROZZE, Angel. A fé do sertão. Conheça Juazeiro do Norte e região, onde religiosidade, ciência e ecologia se encontram. In: *Avianca em Revista*. São Paulo: Editora Drops, Dezembro de 2013, p.50-56.

SÁ, Maria Yacê Carleial Feijó de. *Os homens que faziam o Tupinambá moer. Experiência e trabalho em engenhos de rapadura no Cariri (1945-1980)*. Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado em História, 2007.

SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997. _____. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: EdUSP, 2006.

SEEMAMN, Jörn. *Regional narratives, hidden maps, and storied places: cultural cartographies of the Cariri region, northeast Brazil*. U.S.A: Faculty of the Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College, The Department of Geography & Anthropology, 2010.

SEMEÃO, Jane. Os intelectuais do Instituto Cultural do Cariri e sua atuação na (re)invenção do Cariri cearense (1953-1970). In: *História, Verdade e Ética. Anais do XII Encontro Estadual de História*. Porto Alegre: ANPUH/RS, 2014. Disponível em: <http://www.eeh2014.anpuh-rs.org.br/resources/anais/30/1405458996_ARQUIVO_artigoparaanpuh-rs.pdf>.

_____. Revista “Itayera”, natureza e Cariri cearense: a (re)invenção de uma identidade (1955-1980). In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: 2011, p.1-14. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308143016_ARQUIVO_textocompletoanpuh2011-textomodificado.pdf>. Acesso em: 14/09/2011.

_____; GOMES, Assis Daniel. Folclore: patrimônio e memória identitária cariense. In: *XIII Encontro Estadual de História do Ceará, 2012*, Sobral-Ceará. Anais... Ceará: INTA, 2012, p.1-12. Disponível em: <http://www.ce.anpuh.org/1341755672_ARQUIVO_textocompletoparaanpuh-pibic-14.pdf>. Acesso em: 03/06/2013.

SENA, Custódia Selma. *Interpretações dualistas do Brasil*. Goiânia: Editora UFG, 2003.

SENA, Custódia Selma; SUAREZ, Mireya. Apresentação. In: *Sentidos do sertão*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011, p.7-22.

SENA, Custódia Selma. Uma narrativa mítica do sertão. In: *Sentidos do sertão*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011, p.101-122.

SERAINÉ, Florival. A morte de Joaquim Alves. In: *Revista do Instituto Histórico do Ceará*. Fortaleza, 1952, p.30-35.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 3ª ed., 1989.

_____. O front brasileiro na guerra verde. Vegetais, colonialismo e cultura. In: *Revista USP*, São Paulo, n.30, p.108-119. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25911/27643>>. Acesso em: 26/10/2015.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. *Entre o fio e a rede: a energia elétrica no cotidiano de Fortaleza (1945-1965)*. São Paulo, 2008, Tese de Doutorado em História.

SILVA, Kelly Cristiane da. Uma análise dos rituais e das ideologias oficiais de comemoração dos “500 anos do Brasil”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.18, n.51, 2003, p.141-194. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092003000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 16/01/2016.

SILVA NETO, Basílio. *Perda da vegetação natural na Chapada do Araripe (1975-2007) no estado do Ceará*. São Paulo: UNESP, Tese de Doutorado em Geografia, 2013.

SILVA, Ricardo. História intelectual e teoria política. In: *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, v. 17, n. 34, 2009, p.301-318.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O regionalismo nordestino. Existência e consciência da desigualdade*. São Paulo: Editora Moderna, 1984.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 15ª ed., 2014, p.73-102.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p.231-270.

SOUZA, Candice Vidal e. A pátria geográfica: o espaço vazio e a nacionalidade. In: *Sentidos do sertão*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011, p.211-238.

SOUZA, Susana Bleil de. O pincel e a pena na construção da nação: pintando e narrando um mito político fundacional. In: *Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM* [En línea], 15/2008, Publicado el 30 junio 2009. Disponível em: <<http://alhim.revues.org/2911>>. Acesso em 13/10/2014.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Paisagem e identidade. A construção de um modelo de nacionalidade herdado do período joanino. In: *Acervo*. Rio de Janeiro: 2009, v.22, n.1, p.19-52.

SMITH, Anthony D. Identidades nacionais e outras. In: _____. *Identidade Nacional*. Lisboa: Gradiva, 1997, p.13-33.

TOGASHI, Henrique Fürstenau. Interpretação da paisagem: uma tarefa interdisciplinar. In: *Cuadernos de Geografía*. Bogotá, Colombia, nº 18, 2009, p.71-81. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=281822001007>>. Acesso em 28/09/2013.

THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. In: *Anos 90*, Porto Alegre, n.15, 2001/2002, p.7-23. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6609/3932>>. Acesso em 10/09/2014.

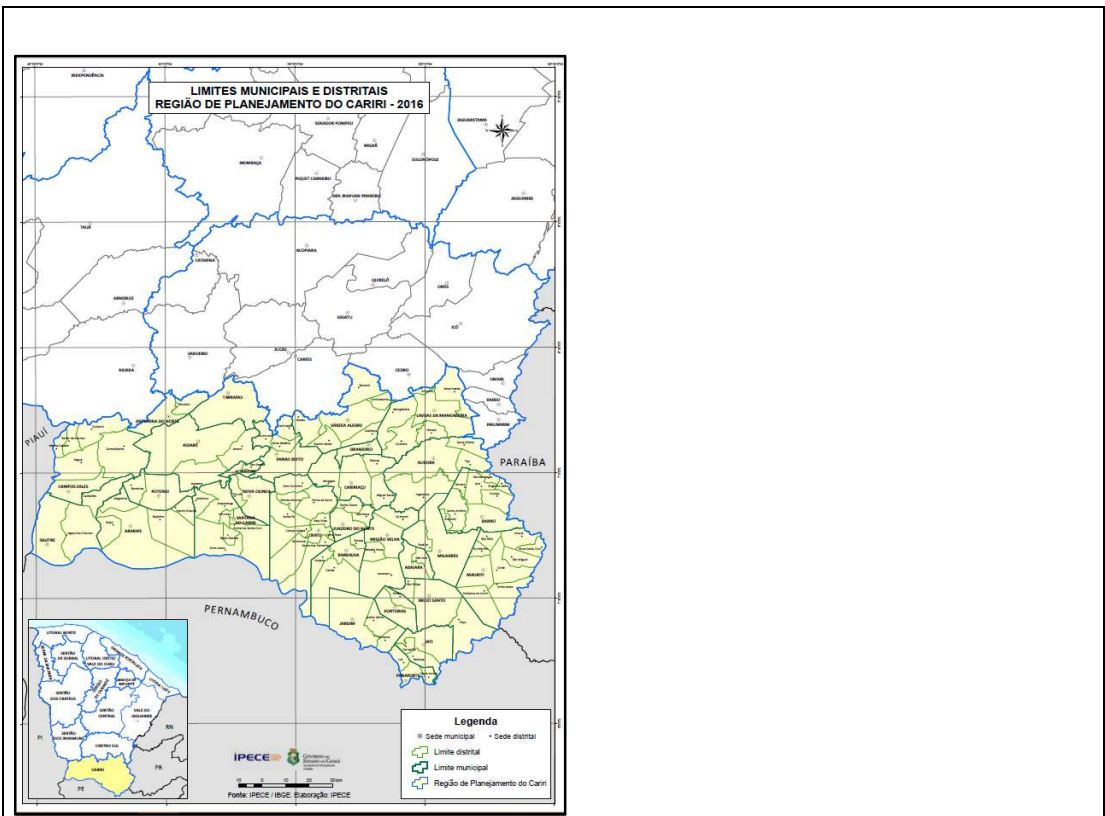
THIESSE, Anne-Marie. “La Petite Patrie enclose dans la grande”: regionalismo e identidade nacional na França durante a Terceira República (1870-1940). In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.08, n.15, 1995, p.3-16.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

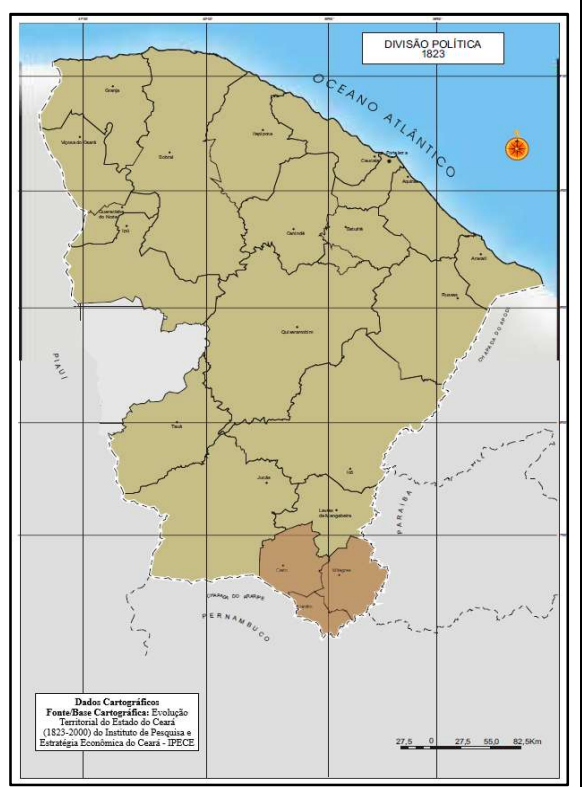
VAINFAS, Ronaldo. Capistrano de Abreu. Capítulos de história colonial. In: MOTA, Lourenço Dantas. *Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico*. São Paulo: Editora SENAC, v.1, 3ª ed., 2001, p.171-189.

- VERDUM, Roberto. Perceber e conceber paisagem. In: _____ (Org.) *et al. Paisagem. Leituras, significado, transformação*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012, p.15-22.
- VIANA, José Italo Bezerra. *O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato: memória, escrita da história e representações da cidade*. Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado em História, 2011.
- VIANA, José Ítalo Bezerra. Natureza, identidade, cultura e turismo: questões e tensões constitutivas do patrimônio cultural e natural no Geopark Araripe. In: *II Seminário Nacional de História e Contemporaneidades*, Crato, 2015, p. 626-641.
- _____. *As muitas artes do Cariri. Relações entre turismo e patrimônio cultural no século XXI*. Fortaleza: UFC, Tese de Doutorado em História, 2017.
- VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e missão. O movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro: FUNARTE/FGV, 1997.
- WARREN, Dean. *A ferro e fogo. A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- WEINSTEIN, Barbara. Racializando as diferenças regionais. São Paulo X Brasil, 1932. In: *Revista Esboços*, nº16, UFSC, p.281-303. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/133>>. Acesso em: 23/02/2016.
- WELING, Arno. Capistrano de Abreu e a História do Brasil. In: *Trajetos*, Fortaleza, v.3, n.5, 2004, p.49-63.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da diferença*. In: *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 15ª ed., 2014, p.7-72.
- WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: 1991, vol.4, n.8, p.198-215. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2324/1463>>. Acesso em: 01/05/2013.

ANEXOS



Região de Planejamento do Cariri. Fonte: IPECE.



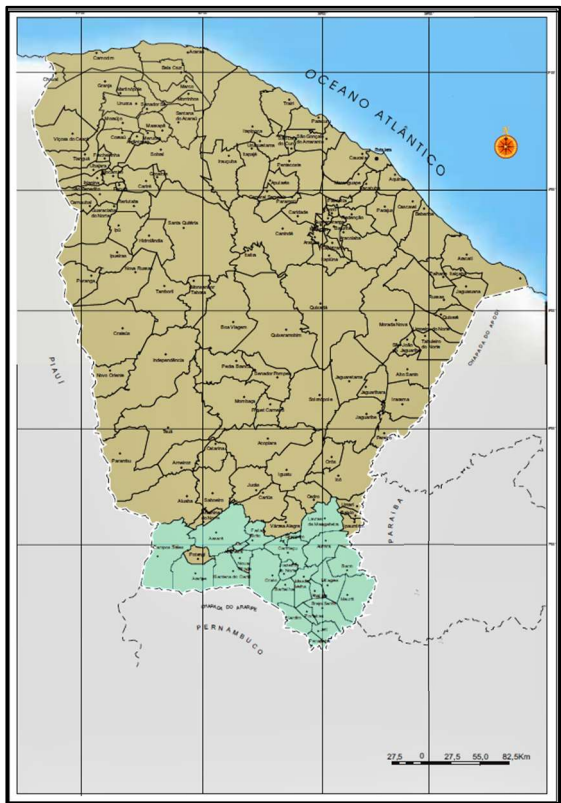
Cariri cearense em 1823. Fonte: IPECE. Elaborado pela autora.



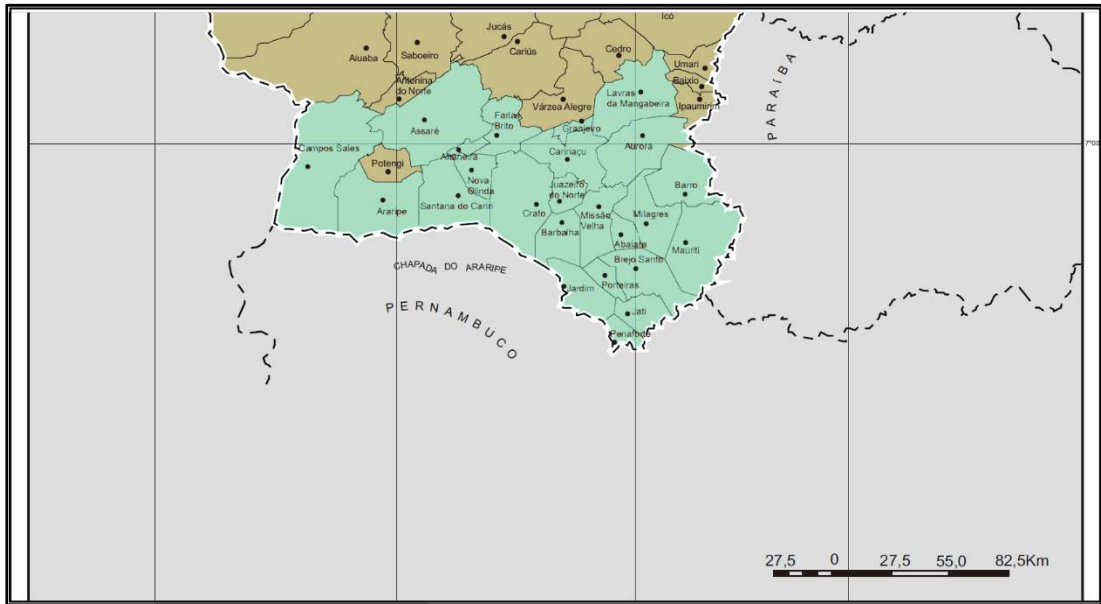
Capa do primeiro número da revista *Itaytera* (1955)

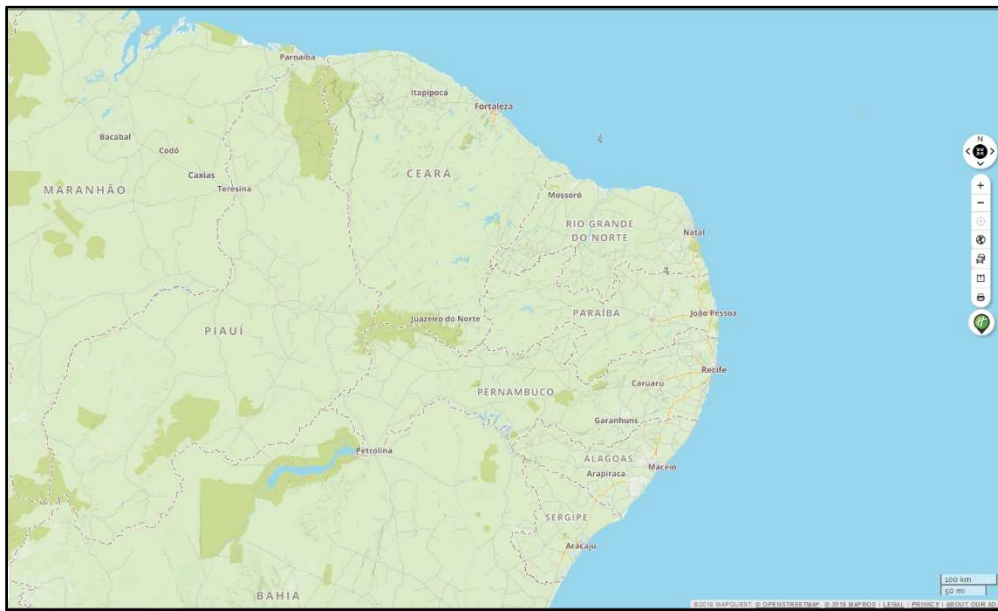


Separata (capa) da Revista *Itaytera* (1957)



Cariri cearense de acordo com a reformulação dos Estatutos do ICC realizada em 1976. A cidade de Potengi não recebeu destaque porque não foi relacionada entre os municípios que compoariam a região, não tendo sido possível saber a razão de sua não inclusão – já que desmembrado de Araripe e tornado município em 1957. Fonte/Base Cartográfica: Evolução Territorial do Estado do Ceará (1823-2000) do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE. Elaborado pela autora.





Panorama do Estado do Ceará com destaque para a Chapada do Araripe.
 Fonte: NASA/MAP QUEST. Elaborado pela autora.

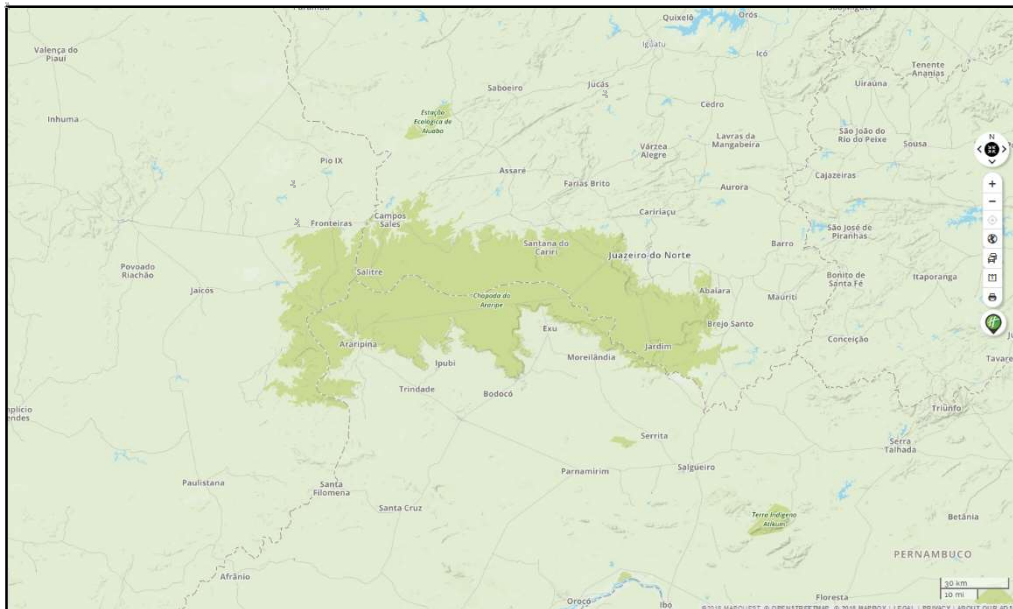
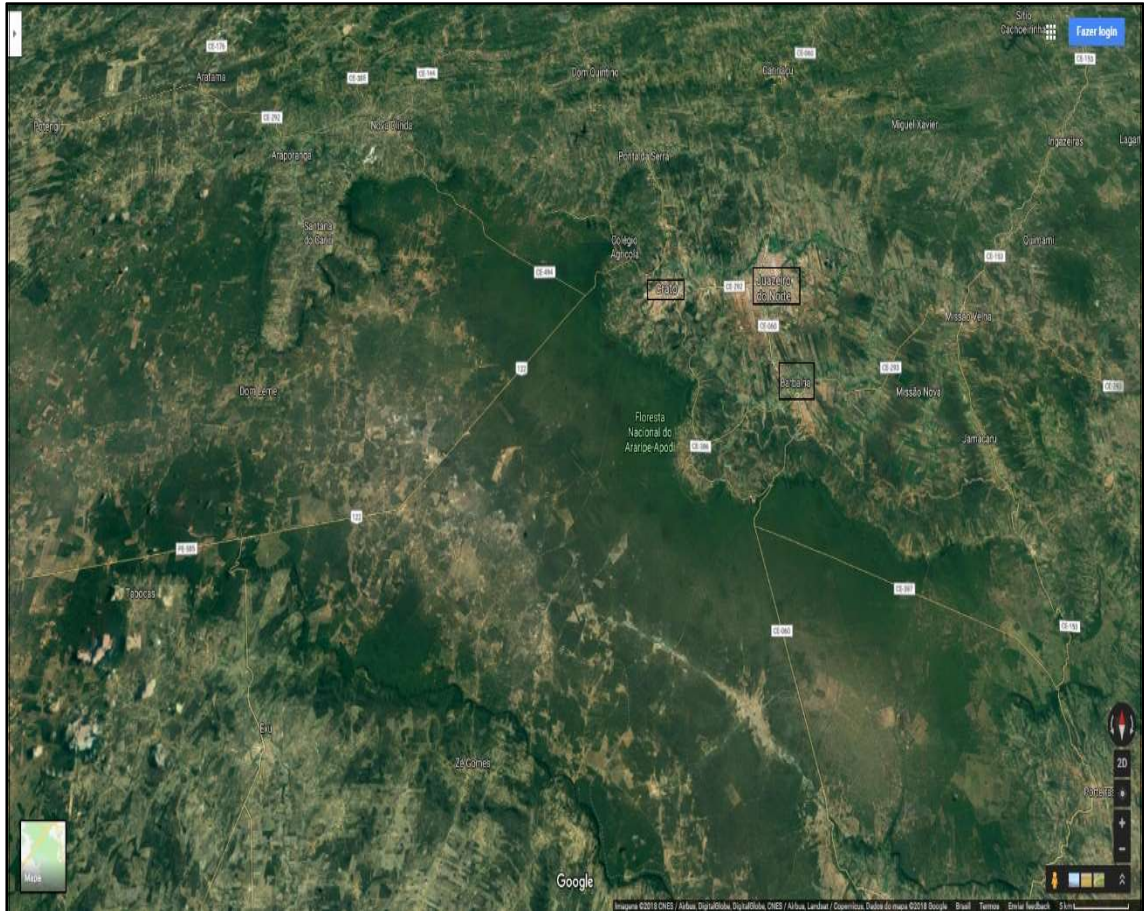


Imagem realçando os contornos da Chapada do Araripe no sul do Ceará.
 Fonte: NASA/MAP QUEST. Elaborado pela autora.



Panorama da Chapada do Araripe com destaque para as três principais cidades do Cariri (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha). Fonte: Google Maps. Elaborado pela autora.